

AS COLÔNIAS ESPIRITUAIS

e à codificação

*Edição
Revisada e
ampliada*

PAULO NETO


ETHOS
EDITORA

As Colônias Espirituais e a Codificação

(Versão 20)

“Tudo deve estar em harmonia, no mundo espiritual, como no mundo material; aos homens corpóreos, são necessários objetos materiais; aos Espíritos, cujo corpo é fluídico, são necessários objetos fluídicos, os objetos materiais não lhes serviriam, não mais do que os objetos fluídicos não serviriam aos homens corpóreos.” (ALLAN KARDEC)

Paulo Neto

Copyright 2015 by

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa:

Kartuno Design Studio

Revisão:

Prof. Antonio Luiz Dallaqua

Hugo Alvarenga Novaes

João Frazão de Medeiros Lima

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, maio/2015.

Índice

Considerações iniciais sobre a obra.....	5
Apresentação.....	9
1. Prefácio.....	11
2. Introdução.....	16
3. O mundo visível que nos é invisível.....	25
4. O mundo invisível.....	41
5. As colônias espirituais e a Codificação Espírita.....	55
6. Estudiosos como outras fontes.....	124
7. Autores espirituais que mencionam construções diversas no mundo espiritual.....	189
8. Na prática mediúnica, os relatos e experiências dos médiuns as confirmam.....	268
9. Em estados de emancipação da alma.....	331
9.1 Nas EQMs encontramos referências a essas construções.....	331
9.2 Nas EFCs as construções são também mencionadas.....	346
10. Conclusão.....	349
Referências bibliográficas.....	382
Dados biográficos do autor.....	391

Resumo

Estudo desenvolvido para confirmar a realidade das colônias espirituais mencionadas por André Luiz. Na Codificação, os mundos transitórios ou intermediários, destinado a Espíritos errantes, designados também com o nome de mundo espiritual, cuja superfície é estéril, têm características bem semelhantes às que se veem nas descrições das colônias referidas por André Luiz. Listaremos aqui, uma série de pontos coincidentes provindos de autores de reputação ilibada, de médiuns renomados e de vários Espíritos:

Estudiosos/Pesquisadores: Admir Serrano, Arthur Conan Doyle, Bill e Judy Guggenheim, Cairbar Schutel, Eben Alexander III, Dr., Edward C. Randall, Ernesto Bozzano, François Brune, Pe., James Arthur Findlay, James Hervey Hyslop, Jeffrey Long, Dr., José Herculano Pires, Léon Denis, Oliver Lodge, Sir, Raymond A. Moody, Richard Simonetti, Robert Dale Owen e Víctor e Wandy Zammit; **b) Médiuns:** Andrew Jackson Davis, Chico Xavier E. B. Duffey, Emanuel Swedenborg, G. Vale Owen, Rev., Gladys O. Leonard Heigorina Cunha, James Van Praagh Joy Snell, Sadhu Sundar Singh, Sylvia Browne Vânia Arantes Damo e Yvonne A. Pereira; **c) Médiuns/Espíritos:** Abel Glaser (Caibar Schutel), Anna Wickland (Dezessete Espíritos), Anthony Borgia (Mons. Robert Benson), Chico Xavier (Maria João de Deus) Divaldo Franco (Joanna de Ângelis), Elizabeth Singer Rowe (vários), Elza Barker ("X"), Emanuel Cristiano (Nora), Francisco Lorenz (Roberto Stern), Gilson Freire (Adamastor), Helen Greaves (Roger), Hester Travers Smith (Johannes), João Nunes Maia (Miramez), José Araújo (Luís Felipe), José dos Santos Junior (Eurípedes Barsanulfo), Jozef Rulof (Alcar), Lilian Walbrook (Lester Coltman), Nelson Moraes (Zílio), Orlando Noronha Carneiro (Abelha), Rafael de Figueiredo (Frei Felipe), Ruth Montgomery (Arthur Ford), Wagner da Paixão (João Lúcio) e Wanda Canutti (Eça de Queirós).

Agradecimentos

Aos amigos

Ademir Xavier, Antonio Luiz Dallaqua, Ari Campos Vilela, Astolfo Olegário de Oliveira Filho, Elio Mollo, Felipe Lúcio da Silva Neto, Felipe Fagundes, Fred Cornélio, Hugo Alvarenga Novaes, João Frazão de Medeiros Lima, Jorge Luiz Hessen, Jomar Teodoro Gontijo; José Antônio Sola Gomes, Luis Sérgio Marotta, Maria Cibele Moreira Pinto, Moisés de Cerqueira Pereira, Márcio Rogério Horii, Richard Simonetti e Ricardo Malta, agradecemos a todos pelo apoio e incentivo à presente pesquisa.

Não poderíamos de forma alguma, deixar de agradecer aos Amigos Espirituais que, além da inspiração para a montagem do texto e escolha das obras pesquisadas sobre o assunto, a nós, nos cabe reconhecer o estímulo e o apoio para a confecção do mesmo.

Que Jesus, o nosso irmão e Mestre amado possa encontrar nos cristãos de boa vontade, o coração e a mente abertos à verdade e à divulgação dos seus ensinamentos.

Considerações iniciais sobre a obra

A busca do conhecimento do “real”, perpassa toda a história da humanidade. Inicialmente pelas respostas mágicas das religiões primitivas, pelo raciocínio simbólico da mitologia, aprimorado na Filosofia e finalmente pelas Ciências.

Protágoras de Abdera, já intuía “*que o homem é a medida de todas as coisas*” e que a busca pelo “real”, passaria por dificuldades inerentes a capacidade de entendimento do próprio homem, observador da realidade e de si próprio.

No entanto, a ciência persistia na busca do “real”, da “*phisis*”, da natureza que era “independente” do homem e que deveria se mostrar tal como era. Embasados no “método” cartesiano e no empirismo baconiano, criou-se o positivismo, que acreditava fielmente na possibilidade de um conhecimento do “real” totalmente objetivo, sem nenhuma subjetividade.

Vivendo no auge do positivismo europeu,

Kardec procurou fundamentar a ciência espírita, buscando eliminar toda subjetividade dela. Os fenômenos materiais poderiam ser observados de forma direta, e poderia medi-los conforme metodologia da ciência materialista, porém as conclusões seriam restritas as explicações mecânicas e comprobatórias da existência de uma força desconhecida e inteligente.

Era necessário avançar bem mais. Como fazer ciência do Espírito, ser imaterial que não se submete a redes empíricas da ciência tradicional? Como fazer uma ciência positiva se a fonte de informações para ela vem de espíritos por meio de médiuns, em que a subjetividade é enorme e proporcional a cultura, inteligência e moral, enfim, pela evolução deles?

O gênio kardeciano propõe então o controle universal dos espíritos como metodologia de se diminuir os erros sobre as informações advindas das revelações mediúnicas, somado, é claro, ao bom senso e racionalidade, que é nosso maior instrumento de buscar o “real”.

O esforço de nosso irmão Paulo Neto, vai ao encontro desta orientação, buscando pesquisar

espíritos e médiuns, espíritas ou não, principalmente anteriores e contemporâneos das revelações da geografia espiritual feita pelo espírito de André Luiz, pela mediunidade de Francisco C. Xavier, de forma que se diminuam os efeitos de subjetividade inerentes a opinião de um único espírito.

Entretanto, alertamos os leitores, que mesmo a ciência, após as descobertas do mundo quântico e da física relativística, bem como os avanços recentes de como é o funcionamento das percepções e sentidos tais como a memória, lógica e moral, abandonou a possibilidade de um conhecimento do “real” totalmente objetivo, como queriam os positivistas. Todo ponto de vista, é a vista de um ponto ou de um observador. Não devemos generalizar o ponto de vista como se fosse a única visão da realidade.

Mesmo a realidade física que observamos no universo material, que para os encarnados é “real”, palpável, sólida e de existência inegável é em verdade uma realidade consciencial, isto é, depende da consciência do observador, individual e autoconsciente, para percebê-la e significá-la, tal

como pode alcançar por suas percepções e inteligência, em seu estágio evolutivo.

Congratulamos nosso irmão Paulo, pelo esforço desta pesquisa, que sustenta a fé dos irmãos mergulhados na carne, pois a alia a razão, demonstrando que não é um sonho, ou delírio de um único médium e espírito quando descreve as paisagens e “materialidade” de um reino que no imaginário coletivo deveria ser “imaterial”.

Pedro (Espírito)

Divinópolis – MG, 21/04/2015.

Apresentação

----- Mensagem original -----

Assunto: RES: As Colônias espirituais e a Codificação

Data: Fri, 23 May 2014 12:46:25 - 0300

De: José Sola <xx >

Para: <paulosnetos@gmail.com>

Amigo Paulo Neto;

Tirando a máxima apresentada por você, elaborada pelos caboclos mineiros, todas as demais máximas, tanto quanto as questões de *O Livro dos Espíritos*, e também as informações transmitidas pela Yvonne Pereira, eu já as conhecia meu grande amigo.

Mas devo confessar-lhe que seu texto está maravilhoso, e não afirmo que está maravilhoso pelas palavras nele apresentadas, mas pela lógica, pela racionalidade, e pelo bom senso, por você apresentado.

Para que eu lhe respondesse esse texto de forma detalhada, me obrigaria a escrever um livro.

Você me conhece a sinceridade, e sabe que se não tivesse sustentação lógica, eu te informaria, embora lhe respeitando o imenso conhecimento que possui, pois eu me questiono a mim mesmo em tudo o que digo, ou escrevo, e não iria poupá-lo de minha crítica.

Amigo Paulo Neto, seu texto está ótimo, meus parabéns.

Continuemos trabalhando sempre, estou com você, na defesa de um espiritismo lógico e racional.

Um forte abraço, meu amigo.

José Sola (1)

1. Prefácio

O último quartel do Século XV viveu um momento ímpar na história da Humanidade. Falava-se, na Europa, da existência de outras terras, de outros povos, além do Atlântico e uma rota alternativa para as Índias era procurada, um caminho que não estivesse na posse de povos claramente hostis aos negócios europeus. Como decidir quanto investir e quando investir na busca por novas terras, se não havia meios de se positivamente saber onde e como seriam esses novos continentes? Vivia-se um momento de expectativa e corriam soltas as estórias de viagens fantásticas, de encontros com animais terríveis no oceano, de tempestades que dizimavam frotas inteiras de navios. E sobre as terras, havia boatos dos mais variados tipos, de terras com palácios construídos em ouro, de seres que devoravam homens, de criaturas estranhas e povos muito diferentes dos europeus...

Passa o tempo e eis que, agora, no último

quartel do século XIX, novos exploradores descobrem um novo mundo, tão perto e ao mesmo tempo tão distante da mesma humanidade carnal que um dia se aventurou em busca de outras terras mais além. Separado pelo espesso e não menos temível oceano da morte, a busca e estudo sistemático de um mundo além da vida se inicia com Allan Kardec em outras bases. Nesse novo mundo, como seriam seus habitantes? Como se vestem e como moram? Haveria casas, palácios, materiais nunca vistos na Terra? Como se organizariam as coletividades desencarnadas, qual seria a base de sua organização? Almas afins e com os mesmos interesses, como elas se reúnem para realizar suas tarefas e quais são essas tarefas? Questões que se colocam como as mesmas dos antigos exploradores navais, agora surgem naturalmente com a constatação inequívoca da continuidade da vida após a morte.

Nas conversas e debates que surgem em torno dessas expectativas, surge o grupo dos céticos que se escoram na falta de evidências diretas e que contestam relatos esparsos e evidências colhidas muitas vezes privadamente sob condições especiais. O mundo sempre viu a atuação de grupos céticos e

também, no Espiritismo, eles provocariam um debate em torno dos informes trazidos por mais variados grupos de estudos.

Nesse contexto se coloca o tema desta obra de Paulo Neto, *“As Colônias Espirituais e a Codificação”*. Fazendo um paralelo com as estórias dos navegadores que colhiam relatos de terras distantes, Paulo Neto faz uso de diversos informes, tantos da bibliografia mediúnica nacional como espiritualista, para traçar este quadro. Tal imagem converge para a realidade das estruturas palpáveis do Mundo Espiritual e para a realidade da existência das “colônias espirituais”.

Nesse estudo, nada do que foi explorado por Kardec, tanto nas diversas obras da codificação como na sua *“Revista Espírita”* se coloca contra essa conclusão. Porém, isso não impede que céticos continuem a exigir mais provas ou se escorem em retórica erguida em torno de interpretações equivocadas do “critério da concordância universal”. Os relatos reunidos aqui por Paulo Neto contribuem para formar uma imagem que vai na direção dessa conclusão, demonstrando que o critério da concordância – que poderia ter sido aplicado pelos

antigos navegadores também na caracterização das novas terras – pode ser aplicado em outro nível.

Trata-se de uma tarefa de busca meticulosa, de exploração de mensagens que já chegaram a nós por diversos veículos mediúnicos, em diferentes culturas desde então. Embora não esteja dito nos textos kardequianos *explicitamente nos termos dessas descrições*, a existência de cidades e aglomerações estruturadas no mundo espiritual pode ser admitida como garantida.

Mas, também estão ausentes da codificação outros fenômenos psíquicos que foram descobertos a posteriori, demonstrando que a previsão por Kardec do caráter progressivo do Espiritismo está plenamente em curso. Deixando extremismos de lado, isso aumenta ainda mais a importância da obra de Kardec, porque demonstra sua excelência como método de exploração, além de obra pioneira.

Diante desses relatos e convergência de opiniões, como se posicionar diante da realidade da morte? Nós que ainda nos fixamos demasiado em aspectos externos, não devemos também nos levar pelas aparências. O que ocorrerá fora de nós depende exclusivamente de como somos dentro de

nós. Diferente do mundo material, onde sofremos com imposições externas, no Mundo Maior a condição em que estaremos, dependerá *de como temos aprendido a ser e pensar dentro de nós.*

Assim, em vez de se desprezar os relatos detalhados sobre o Mundo Espiritual, devemos neles ver as obras e criações dos próprios Espíritos a refletir ou exteriorizar no espaço e no fluido universal as suas próprias criações mentais.

Nesse sentido, a Lei Maior que nos guia não nos obrigará a nada. Nenhum tormento aguarda o criminoso além de sua própria consciência já incendiada pela culpa. Da mesma forma, nenhum descanso prêmio seguirá a morte do justo, que já aprendeu a cultivar a paz dentro de si mesmo.

Essa é, assim, a diferença capital que existe entre as descrições da vida futura no Espiritismo e as antigas crenças no céu e inferno de então. Nunca houve prova mais garantida da indefectível justiça Divina.

Ademir Xavier
PhD em Física

2. Introdução

A iniciativa de pesquisar o tema surgiu durante a busca de fontes para o estudo do dia 29 de junho de 2014 no Grupo Scheilla de Belo Horizonte, sobre “A vida no mundo espiritual”, a convite dos coordenadores do Ciclo de Estudos – Módulo I, das quartas-feiras às 15 horas, Carlos Bernardo de Freitas e Jacqueline Bergo Gonçalves Pinto, aos quais reconhecidamente agradecemos pela oportunidade que nos foi concedida.

Foi aí que percebemos que alguns companheiros nossos, estudiosos da Doutrina dos Espíritos, afirmam que as colônias espirituais mencionadas por André Luiz, via psicografia de Francisco Cândido Xavier (1910-2002), não existem.

Diante disso ficamos a pensar se não seríamos nós que estamos equivocados ao aceitar a existência de colônias espirituais. Tal fato que nos preocupou sobremaneira, visto ser nosso objetivo, o de não fugir dos conceitos emanados das obras da Codificação Espírita. Outra preocupação nossa diz

respeito aos estudos que fazemos nas tribunas das casas espíritas, sobre temas evangélicos ou doutrinários, pois ouvintes podem tomar o tudo que falamos como ponto doutrinário, uma vez que não sabem que apenas agimos como intérprete de seus postulados.

Na **Revista Espírita 1861**, mês de agosto, há uma mensagem de Erasto na qual ele dá uma orientação que procuramos seguir o mais fielmente possível, a fim de não correremos o risco de repudiarmos alguma nova ideia.

Na dúvida, abstém-te, diz um de vossos antigos provérbios; não admitais, pois, senão o que vos é de uma evidência certa. **Desde que uma opinião nova surge, por pouco que ela vos pareça duvidosa, passai-a pelo crivo da razão e da lógica; o que a razão e o bom senso reprovam, rejeitai-o ousadamente; mais vale repelir dez verdades, do que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa.** Com efeito, sobre essa teoria, poderíeis edificar todo um sistema que desabaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre uma areia movediça; ao passo que, se rejeitais hoje certas verdades, porque elas não vos são demonstradas lógica e claramente, logo um fato brutal, ou uma demonstração irrefutável, virá vos afirmar a sua autenticidade. ⁽²⁾ (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos.

Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

Devemos, então, estar de mente aberta para o novo, passando-o pelo crivo da lógica e da razão, a fim de não sermos facilmente enganados por ideias estapafúrdias. É importante, também, abdicarmos da prevenção gratuita que, às vezes, nutrimos por informações que julgamos fora ou discordantes da Codificação e que, na verdade, podem estar lá e ainda não as termos percebido.

E para os que não se deram ao trabalho de aprofundar no assunto e, mesmo assim, são de opinião contrária, fazemos nossas as seguintes palavras de Allan Kardec (1804-1869): *“Apelo para todos os adversários de boa-fé e os adjuro a que digam se se deram ao trabalho de estudar o que criticam.”* (3)

Merecem reflexão, também, por todos nós, essas oportunas observações do Espírito Frei Felipe, em ***O Testemunho dos Sábios***:

As renovações e alterações de ponto de vista são um fenômeno perfeitamente natural e que inevitavelmente faz parte do progresso de nossa sociedade. Realizadas com bom senso são sempre bem-vindas. Exagerar em interpretações

rigorosas e permeadas de preconceito é manter-se muito distante do ideal espírita, assim como abraçar questões irracionais e pouco coerentes sem uma investigação criteriosa pautada pela ética. **O Espiritismo está de maneira invariável entrelaçado ao progresso**; caso contrário perde sua coerência, acabando por perpetuar os mesmos erros das religiões do passado. (4)

É imperioso mesmo que deixemos de lado qualquer tipo de ideia preconcebida, porquanto, na **Revista Espírita 1863**, bem nos lembra o Codificador de que:

[...] **O preconceito, num sentido qualquer, é a pior condição para um observador**, porque, então, tudo vê e tudo refere do seu ponto de vista, negligenciando o que pode haver de contrário. **Certamente não é o meio de chegar à verdade**. [...]. (5)

É preciso ter o *“cuidado para não se jogar a água da bacia fora, com a criança dentro”*. Dito popular do interior das Minas Gerais.

De **Obras Póstumas**, destacamos o seguinte trecho de uma fala de Allan Kardec:

[...] **Não nos apressemos, todavia, em rejeitar**

a priori tudo o que não compreendemos, porque muito distante estamos de conhecer todas as leis e porque a natureza ainda nos não patenteou todos os seus segredos. **O mundo invisível é um campo ainda novo de observações e seríamos presunçosos se pretendêssemos haver sondado todas as suas profundezas**, quando incessantemente novas maravilhas se ostentam aos nossos olhos. [...]. ⁽⁶⁾

Se “*o mundo invisível é um campo ainda novo de observações*” por qual motivo alguns confrades o tratam como totalmente conhecido para dizer que isso existe ou aquilo não...?

Oportuno transcrevemos da obra **Visões do Mundo Espiritual** (1926), que traz uma breve descrição da vida espiritual por Sadhu Sundar Singh (1889-1929?) ⁽⁷⁾:

A alma de um filósofo alemão entrou no mundo dos espíritos e viu de longe a incomparável glória do mundo espiritual e a ilimitada felicidade de seu povo. **Ele ficou encantado com o que viu, mas seu intelectualismo teimoso ficou no caminho de sua entrada nele e desfrutar de sua felicidade.** Em vez de admitir que aquilo era real, ele argumentou assim consigo mesmo: “**Não há dúvida alguma de que eu vejo tudo isso, mas que prova há de que isso tenha existência objetiva, e não é alguma ilusão invocada pela minha mente? De ponta a ponta de toda essa**

cena eu irei aplicar os testes de lógica, filosofia e ciência, e só então eu vou ser convencido de que isso tem uma realidade própria e não é ilusão.” Então os anjos lhe responderam: “É evidente em seu discurso que seu intelectualismo tem distorcido toda a sua natureza, pois como olhos espirituais e não corporais são necessários para ver o mundo espiritual, assim também entendimento espiritual é necessário para compreender essa realidade, e não exercícios mentais nos fundamentos da lógica e da filosofia. Sua ciência que lida com fatos materiais foi deixada para trás com seu crânio e cérebro físicos no mundo. **Aqui, apenas aquela sabedoria espiritual é útil;** cuja qual se origina do temor e amor de Deus. [...]. (8)

A nosso ver, é exatamente o “*intelectualismo teimoso*” que impede a muitos confrades aceitarem a existência de construções no mundo espiritual.

O amigo Alexandre Caroli Rocha indicou-nos um poema da obra ***A Criação do Mundo***, que prazerosamente transcrevemos, pois trata-se de uma prova incontestável de que as informações que hoje temos do mundo espiritual não são um produto puramente cultural de gente “civilizada”:

Canto fúnebre kaingang

Passa com cuidado pela ponte.

Viva bem com os outros que partiram,

Assim como eles estão vivendo bem.

Você pode viver bem da mesma maneira...

**Lá você verá muita coisa que já viu aqui na
Terra,**

Assim como o gavião.

Teus parentes virão encontrá-lo na ponte

E te levarão para sua morada.

Kaingang, Século XIX. (9)

Os organizadores dessa obra, Emerson Guarani e Benedito Prezias, informam em nota: “Texto recolhido entre os *kaingang* do Tibagi (PR) por Telêmaco Borba. In: *Actualidade Indígena*. Curitiba: Typographia e Lytographia Paranaense, 1908, p. 34.” (10).

Os índios kaingang “*chegaram ao sul e sudeste do Brasil há 3.000 anos*” (11) e o início do contato...

[...] entre os Kaingang e os colonizadores europeus teve início ainda no século XVI, quando alguns grupos que viviam mais próximos ao litoral atlântico tiveram contatos com os primeiros portugueses. (12).

O neurocirurgião, Dr. Eben Alexander III, em

Mapa do Céu, diz algo interessante:

Os mitos e as lendas dos povos indígenas de todo o mundo, desde o outback australiano até as florestas tropicais do Brasil, **descrevem reinos além da morte em que a dança, assim como outras atividades que realizamos aqui na Terra, duram para sempre.** [...]. ⁽¹³⁾

Por isso, cada vez mais ficamos convencidos de que os mitos e as lendas, muitas vezes, escondem verdades sob uma forma alegórica; quanto mais universal, maior a possibilidade de representarem fatos verdadeiros.

Allan Kardec, bem o disse: *“Os contos de fadas estão cheios de coisas absurdas, mas quem sabe se não contém, de alguma sorte e em parte, algo do que se passa no mundo dos Espíritos? [...].”* ⁽¹⁴⁾

No caso dos kaingang vemos duas hipóteses pelas quais eles tomaram conhecimento das coisas do mundo espiritual, ambas pela emancipação da alma: por via onírica (sonhos) e ou por via mediúnica.

No decorrer dessa pesquisa, transcreveremos vários trechos de diversas obras que podem conter um certo simbolismo ou mesmo um viés místico,

razão pela qual solicitamos a você, caro leitor, que relativize isso, porquanto, acreditamos que é de seu conhecimento que nós espíritas temos linguagem e conceitos bem próprios.

3. O mundo visível que nos é invisível

À primeira vista o que trataremos aqui, nesse item, nada tem a ver com o tema; entretanto, acreditamos que sim, razão pela qual o estamos incluindo, e esperamos nos fazer entender de forma clara.

Na *Revista Espírita 1858*, no mês de março, encontramos um artigo de Allan Kardec intitulado “A pluralidade dos mundos”, em que o Codificador aceita as informações dos Espíritos de que *“Tudo é povoado no Universo, a vida e a inteligência estão por toda parte; sobre os globos sólidos, no ar, nas entranhas da Terra, e até nas profundezas etéreas”* ⁽¹⁵⁾.

Na ***Revista Espírita 1858***, Allan Kardec desenvolve seus argumentos mostrando a lógica de se crer na habitabilidade dos outros mundos:

[...] se não temos a prova material e visual da presença de seres vivos em outros mundos, nada prova que não possam existir, cujo organismo seja apropriado a um meio ou a um clima qualquer. O simples bom senso nos diz, ao contrário, que

assim deve ser, porque repugna à razão crer que esses inumeráveis globos que circulam no espaço não são senão massas inertes e improdutivas. A observação nos mostra, deles, superfícies acidentadas por montanhas, vales, barrancos, vulcões extintos ou em atividade; por que, não haveriam seres orgânicos? Seja, dir-se-á; que haja plantas, mesmo animais, isso pode ser, mas seres humanos, homens civilizados como nós, conhecendo Deus, cultivando as artes, as ciências, isso será possível?

[...] Por que a Terra, pequeno globo imperceptível na imensidão do Universo, que não se distingue dos outros planetas nem pela sua posição, nem pelo seu volume, nem, pela sua estrutura, porque não é nem o menor nem o maior, nem está no centro e nem na extremidade, por que, digo, seria, entre tantas outras, a única residência de seres racionais e pensantes? Que homem sensato poderia crer que esses milhões de astros, que brilham sobre as nossas cabeças, tenham sido feitos para recrear a nossa visão? Qual seria, então, a utilidade desses outros milhões de globos imperceptíveis a olho nu, e que não servem nem mesmo para nos clarear? Não haveria, ao mesmo tempo, orgulho e impiedade em pensar que assim deve ser? Àqueles que a impiedade pouco toca, diremos que é ilógico. ⁽¹⁶⁾

Na sequência, temos o artigo “Júpiter e alguns outros mundos”, onde Allan Kardec apresenta as revelações dos Espíritos, citando, como habitados os planetas do nosso Sistema Solar: Mercúrio, Vênus,

Marte, Júpiter, Saturno, Urano e a Lua da Terra. Netuno, descoberto em 26/09/1846, pelos astrônomos John Couch Adams e Urbain Le Verrier, não foi mencionado.

Antes de mencionar algo desse artigo, é bom lembrarmos algumas características de Júpiter, tomadas do site *InfoEscola* ⁽¹⁷⁾, do artigo de Carolina Faria sobre esse planeta:

- O maior planeta do sistema solar, **Júpiter é um gigante gasoso** que libera três vezes mais energia para o espaço do que aquela que ele recebe do sol.
- **O gigante de gás** não é famoso como Saturno, que tem muitos anéis, mas ele também tem seu anel de poeira. [...].
- **A pressão dentro deste gigante é tão grande que todo o hidrogênio dentro dele se encontra na forma metálica:** eles são quebrados de forma que seus elétrons ficam todos livres e os átomos resultantes constituem-se apenas de prótons.
- Devido à **sua composição gasosa, Júpiter** possui uma atmosfera muito profunda e diversos fenômenos interessantes. Um deles é a chamada “Mancha Vermelha de Júpiter”. Uma tempestade complexa que abriga diversas outras tempestades menores e que gira em sentido anti-horário. ⁽¹⁸⁾

Muito bem, então o que temos é Allan Kardec

aceitando, sem qualquer dificuldade, que Júpiter, **um planeta totalmente gasoso**, é habitado, não se espantando com a descrição da moradia de Mozart, que logo a frente será mencionada.

Voltando ao artigo “Júpiter e alguns outros mundos”, publicado na **Revista Espírita 1858**, do qual transcrevemos:

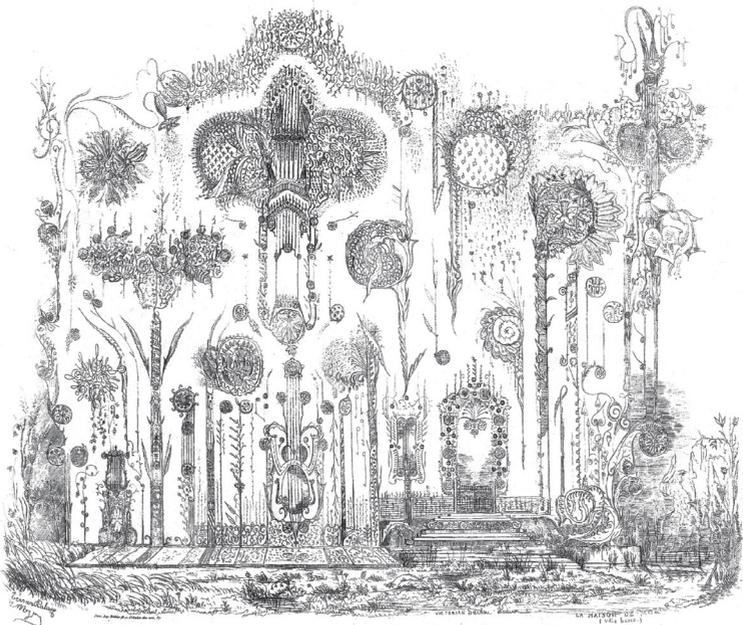
De todos os planetas, o mais avançado, sob todos os aspectos, é Júpiter. Ali, é o reino exclusivo do bem e da justiça, porque não há senão bons *Espíritos*. Pode-se fazer uma ideia do feliz estado dos seus habitantes pelo quadro que demos do mundo habitado sem a participação dos *Espíritos* da segunda ordem.

A superioridade de Júpiter não está somente no estado moral dos seus habitantes; está, também, na sua constituição física. Eis a descrição que nos foi dada, desse mundo privilegiado, onde encontramos a maioria dos homens de bem que honraram nossa Terra pelas suas virtudes e seus talentos.

A conformação dos corpos é quase a mesma desse mundo, mas é menos material, menos denso e de uma maior leveza específica. Ao passo que rastejamos penosamente na Terra, o habitante de Júpiter se transporta, de um lugar para outro, roçando a superfície do solo, quase sem fadiga, como o pássaro no ar ou o peixe na água. Sendo a matéria, da qual o corpo está formado, mais depurada, ela se dissipa, depois da morte, sem ser

submetida à decomposição pútrida. Ali não existe a maioria das enfermidades que nos afligem, sobretudo aquelas que têm sua fonte nos excessos de todos os gêneros e na desordem causada pelas paixões. A alimentação está em relação com essa organização etérea; não seria bastante substanciosa para os nossos estômagos grosseiros, e a nossa seria muito pesada para eles; ela se compõe de frutas e plantas, e, aliás, haurem, de algum modo, a maior parte do meio ambiente do qual aspiram as emanações nutritivas. A duração da vida é, proporcionalmente, muito maior que sobre a Terra; a média equivale a cinco dos nossos séculos. O desenvolvimento também é muito mais rápido, e a infância dura apenas alguns de nossos meses. ⁽¹⁹⁾

Júpiter é o que se obteve mais informações, inclusive, o médium Victorien Sardou (1831-1908) recebeu pelo Espírito Bernard Pallissy um desenho da casa de Mozart, notável compositor austríaco do período clássico; o detalhe interessante da história é que Sardou nada sabia da arte de desenhar.



Pallissy, numa comunicação em 09/03/1858, publicada na **Revista Espírita 1858**, mês de abril, com o título de “Descrição de Júpiter”, responde a várias perguntas, das quais Allan Kardec disse:

[...]. **As respostas seguintes confirmam, em todos os pontos, o que nos foi dito, sobre esse planeta, em diversas épocas, por outros Espíritos, e por intermédio de diferentes médiuns.** Pensamos que serão lidas com interesse, como complemento do quadro que traçamos em nosso último número. **A identidade que elas apresentam com as descrições anteriores, é um fato notável que é, pelo menos, uma presunção de exatidão.** ⁽²⁰⁾

Observamos que no início dessa transcrição Allan Kardec reporta que as informações sobre o planeta Júpiter passaram pelo Controle Universal. Isso é importante porquanto alguns confrades, mal-informados diga-se de passagem, não as aceitarem como verídicas.

Das 82 perguntas, destacamos estas três:

35. Sendo os corpos dos habitantes de Júpiter menos densos do que os nossos, **são formados de matéria compactada e condensada ou vaporosa?** – R. **Compacta para nós; mas para vós ela não o seria;** é menos condensada.

36. O corpo, considerado como forma de matéria, é impenetrável? – R. Sim.

57. As casas, das quais nos deste uma amostra por seus desenhos, estão reunidas em cidades, como aqui? – R. Sim; os que se amam se reúnem; só as paixões fazem solidão ao redor do homem. Se o homem, ainda que mau, procura seu semelhante, que não é para ele senão um instrumento de dor, por que o homem puro e virtuoso fugiria do seu irmão? ⁽²¹⁾

Em 24 de junho de 1858, o Sr. Marius M..., de Bordeaux, escreve uma carta a Allan Kardec contando o que lhe tinha sido revelado pelos Espíritos a respeito de Júpiter, transcrita na **Revista**

Espírita 1858, mês de julho, da qual destacamos estes dois parágrafos, por serem eles os mais importantes ao nosso estudo:

Eu vos direi, a esse respeito, meu caro Senhor, que há quase dezoito meses evocamos, em nosso pequeno círculo íntimo, um antigo magistrado, parente nosso, **falecido em 1756**, que foi durante sua vida um modelo de todas as virtudes, e um **Espírito muito superior**, embora não tendo lugar na história. **Disse-nos estar encarnado em Júpiter, e nos deu um ensinamento moral de uma sabedoria admirável**, e em todos os pontos de conformidade com aquele que encerra vosso tão precioso *O Livro dos Espíritos*. Naturalmente, tivemos a curiosidade de lhe pedir algumas notícias sobre o estado do mundo que ele habita, o que fez com extrema complacência. Ora, julgai a nossa surpresa e a nossa alegria, quando lemos, na vossa Revista, uma descrição inteiramente idêntica desse planeta, pelo menos nas generalidades, porque não colocamos as questões tão longe quanto vós: tudo nela está conforme, no físico e no moral, e até nas condições dos animais. **Mencionou até habitações aéreas, das quais não falais.**

Como havia certas coisas que tínhamos dificuldade em compreender, nosso parente acrescentou estas palavras notáveis: “Não há de espantoso senão que não compreendeis as coisas para as quais os vossos sentidos não foram feitos; mas, à medida que avançardes na ciência, compreendê-las-eis melhor pelo pensamento, e cessarão de vos parecer extraordinárias. Não está

longe o tempo no qual recebereis, sobre esse ponto, os esclarecimentos mais completos. Os Espíritos estão encarregados de vos instruir nisso, a fim de vos dar um objetivo, e vos impelir ao bem.” Lendo vossa descrição e o anúncio dos desenhos dos quais falais, dissemos naturalmente que esse tempo está chegado. ⁽²²⁾

A condição elevada do Espírito autor das informações é clara, delas destacamos: “*Mencionou até habitações aéreas, das quais não falais*”.

Essa missiva do Sr. Marius M... mereceu um comentário de Allan Kardec, do qual destacamos o seguinte trecho:

Estamos felizes com a comunicação que consentiu nos fazer com respeito a Júpiter. **A coincidência que nos assinala não é única, como se pôde ver no artigo sobre o assunto.** Ora, qualquer que seja a opinião que se possa dele formar, não deixa de ser um assunto digno de observação. **O mundo espírita está cheio de mistérios que não se saberia estudar com muito cuidado.** As consequências morais que dele deduz nosso correspondente estão marcadas ao lado de uma lógica que não escapará a ninguém. ⁽²³⁾

Boa conclusão do Codificador: “*O mundo espírita está cheio de mistérios.*”

Na **Revista Espírita 1858**, mês de agosto, do artigo “Observações a propósito dos desenhos de Júpiter”, transcrevemos este trecho:

Damos, com este número de nossa *Revista*, assim como anunciamos, um desenho de uma habitação de Júpiter, executada e gravada pelo senhor Victorien Sardou, como médium, e a ele acrescentamos o artigo descritivo que consentiu nos dar sobre o assunto. **Qualquer que possa ser, sobre a autenticidade dessas descrições, a opinião daqueles que poderiam nos acusar de nos ocuparmos com o que se passa nos mundos desconhecidos**, ao passo que há tanto a fazer na Terra, pedimos aos nossos leitores não perderem de vista que nosso objetivo, assim como o anuncia nosso título, é, antes de tudo, o estudo dos fenômenos, e que nesse ponto de vista nada deve ser negligenciado. Ora, **como fato de manifestações, esses desenhos são, incontestavelmente, os mais notáveis, considerando-se que o autor não sabe nem desenhar, nem gravar, e que o desenho que nos ofereceu foi gravado por ele à água-forte, sem modelo e sem ensaio preliminar, em nove horas. Supondo mesmo que esse desenho seja uma fantasia do Espírito** que o traçou, só o fato de sua execução não seria um fenômeno de menor atenção, e, a esse título, cabe a nossa coletânea dar a conhecê-lo, assim como a descrição que, sobre ele, foi dada pelos Espíritos, não para satisfazer a vã curiosidade de pessoas fúteis, mas como assunto de estudo para pessoas sérias, que querem aprofundar todos os mistérios da ciência

espírita. [...]. (24)

A nossa impressão, pelo que Allan Kardec fala, é a de que tinha o desenho da casa de Mozart como autêntico.

A própria questão de outros mundos habitados, é, para muitos de nós, algo fantástico; por isso, vale a pena transcrever os dois parágrafos que iniciam o artigo “As habitações do planeta Júpiter” assinado pelo médium Victorien Sardou, publicado na **Revista Espírita 1858**, mês de agosto, sobre o qual Allan Kardec teceu comentários elogiosos:

Um grande motivo de espanto para certas pessoas, convencidas aliás da existência dos Espíritos (não vou aqui me ocupar das outras), é que tenham, como nós, suas habitações e suas cidades. Não me pouparam as críticas: “Casas de Espíritos em Júpiter!... Que gracejo”... – Gracejo, se assim se o deseja; nada tenho com isso. Se o leitor não encontra aqui, na verossimilhança de explicações, uma prova suficiente de sua verdade; se não está surpreso, como nós, quanto ao perfeito acordo dessas revelações espíritas com os dados mais positivos da ciência astronômica; se não vê, numa palavra, senão uma hábil mistificação nos detalhes que seguem e nos desenhos que os acompanham, convido-o a se explicar com os Espíritos, dos quais não sou senão um instrumento e o eco fiel. Que ele

evoque Palissy ou Mozart ou um outro habitante dessa morada bem-aventurada, que o interrogue, que controle minhas afirmações pelas suas, enfim, que discuta com ele: porque, por mim, não faço senão apresentar aqui o que me foi dado, senão repetir o que me foi dito; e para esse papel absolutamente passivo, creio-me ao abrigo tanto da censura como também do elogio.

Feita essa reserva, e uma vez admitida a confiança nos Espíritos, aceita como verdade a única doutrina verdadeiramente bela e sábia que a evocação dos mortos nos revelou até hoje, quer dizer, a migração das almas de planetas em planetas, suas encarnações sucessivas e seu progresso incessante pelo trabalho, **as habitações de Júpiter não terão mais motivo para nos espantar.** Desde o momento em que um Espírito se encarna em um mundo submetido, como o nosso, a uma dupla revolução, quer dizer, à alternativa de dias e de noites e ao retorno periódico das estações, do momento em que ele possui um corpo, esse envoltório material, tão frágil que seja, não pede senão uma alimentação e roupas, mas também um abrigo ou, pelo menos, um lugar de repouso, conseqüentemente uma moradia. Com efeito, é bem o que nos foi dito. Como nós, e melhor do que nós, os habitantes de Júpiter têm seus lares comuns e suas famílias, grupos harmônicos de Espíritos simpáticos, unidos no triunfo depois de sê-lo na luta: **daí as habitações tão espaçosas,** as quais se pode aplicar, com justiça, o nome de palácios. **Ainda como nós, esses Espíritos têm suas festas, suas cerimônias, suas reuniões públicas: daí certos edifícios especialmente destinados a esses usos.** É preciso prever, enfim, encontrar

nessas regiões superiores toda uma Humanidade ativa e laboriosa, como a nossa, submetida como nós às suas leis, às suas necessidades, aos seus deveres; mas com essa diferença de que o progresso, rebelde aos nossos esforços, torna-se uma conquista fácil para os Espíritos desligados, como eles o são, de nossos vícios terrestres. ⁽²⁵⁾

Tudo isso que colocamos foi para ressaltar que os planetas do nosso Sistema Solar, segundo as revelações dos Espíritos, com as quais Allan Kardec concordou, são habitados. Ora, a Ciência humana ainda não confirmou nada disso; estaremos então alimentando ideias falsas?

Como a informação da habitabilidade dos planetas é confirmada por várias fontes, disso, nós, os espíritas, não temos como duvidar; então, por que ainda não se provou cientificamente tal coisa?

Um pouco mais à frente, explica Victorin Sardou:

[...] Os corpos de todos esses Espíritos, e, aliás, de todos os Espíritos que habitam Júpiter, é de uma densidade tão leve que não se pode lhe encontrar termo de comparação senão nos fluidos imponderáveis; um pouco maior do que o nosso, do qual reproduz exatamente a forma, porém mais pura e mais bela, se nos oferece sob a

aparência de um vapor (emprego com pesar essa palavra que designa uma substância ainda muito grosseira), de um vapor, digo, imperceptível e luminoso, luminoso sobretudo nos contornos do rosto e da cabeça; porque aqui a inteligência e a vida irradiam como um foco ardente; e é bem esse clarão magnético entrevisto pelos visionários cristãos e que nossos pintores traduziram pelo nimbo e pela auréola dos santos. ⁽²⁶⁾

E, por fim, destacamos:

É sobre a margem direita desse rio, “**cuja água, disse o Espírito, te ofereceria a consistência de um leve vapor** (1),” que está construída a casa de Mozart, que Palissy consentiu fazer-me desenhar sobre cobre. Não dou aqui senão a fachada sul. A grande entrada está à esquerda, sobre a planície; à direita está o rio; ao norte e ao sul estão os jardins. [...].

(1) A densidade de Júpiter sendo de 0,23, quer dizer, um pouco menos de um quarto da Terra, o Espírito nada disse aqui senão de muito verossímil. **Concebe-se que tudo é relativo, e que sobre esse globo etéreo tudo seja etéreo como ele.** ⁽²⁷⁾

O nosso grande problema ainda reside em querer analisar tudo sob a ótica daquilo que conhecemos. Em ***O Livro dos Espíritos***, questão 22, os Espíritos disseram que:

“[...] **a matéria existe em estados que ignorais**. Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que nenhuma impressão vos cause aos sentidos. Contudo, é sempre matéria. Para vós, porém, não o seria.” (28)

A questão que colocamos é: se não vemos nem as cidades e nem as construções que existem nos planetas habitados do nosso Sistema Solar, como alimentar a pretensão de se ver as que existem nas colônias espirituais, que são todas construídas de matéria do mundo espiritual? Até mesmo os habitantes desses mundos nós não vemos, ainda que encarnados em corpos físicos.

Outra questão de **O Livro dos Espíritos**, que não temos como citar é a de número 36:

36. *O vácuo absoluto existe em alguma parte no Espaço universal?*

“Não, nada é vácuo. **O que te parece vazio está ocupado por uma matéria que escapa aos teus sentidos e aos teus instrumentos.**” ()

Ora, se há *“uma matéria que escapa aos teus sentidos e aos teus instrumentos”*, é ilógico negarmos algo que não possuímos sentidos e nem

instrumentos para comprovar. E aí aparecem os Espíritos, através de inúmeros médiuns e de várias partes do mundo, dando notícias de construções no mundo espiritual, que são sistematicamente negadas por muitos confrades. Haja incoerência!

4. O mundo invisível

A primeira das fontes que tomamos para preparar o tema foi a obra *Devassando o Invisível*, autoria de Yvonne do Amaral Pereira (1900-1984), cuja Introdução é datada de dez/1962, onde a autora, no capítulo “I – Nada de novo...”, apresenta vários argumentos para defender a realidade das colônias espirituais, contrapondo-se, ao que se deduz do teor do texto, aos que, na sua época, não as aceitavam como realidade.

Devassando o Invisível não é uma obra mediúnica; no entanto, reflete a opinião pessoal da médium, calcada nas suas experiências provindas do exercício de sua mediunidade, notadamente a de emancipação consciente de sua alma.

O que achamos fantástico nesta defesa é a menção que nossa admirável Yvonne Pereira faz sobre as personalidades renomadas que comungaram a mesma ideia. Entre elas, e de um modo especial, cita, nada mais, nada menos, que Léon Denis (1846-1927), o ilustre continuador de

Allan Kardec.

Yvonne A. Pereira tece várias considerações, quanto à possibilidade de existirem colônias no mundo espiritual. Dentre elas destacamos:

Desde o advento da Doutrina Espírita, os nobres habitantes do mundo espiritual que se têm comunicado com os homens, através de grande variedade de médiuns, afirmam ser a Terra um pálido reflexo do Espaço. “O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec, no belo capítulo VIII – “Do Laboratório do Mundo Invisível” – é fecundo em explicações que oferecem base para estudos e conclusões muito profundas quanto à vertiginosa intensidade do plano invisível, a possibilidade de realizações, ali, por assim dizer, “materiais”, que as entidades desencarnadas sempre afirmaram e que nos últimos tempos vêm confirmando com insistência e pormenores dignos de atenção. E no precioso compêndio “A Gênese”, também de Allan Kardec, lemos o seguinte, no capítulo XIV, sob o título – **Ação dos Espíritos sobre os fluidos – Criações fluídicas – Fotografias do pensamento:**

“Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, a bem-dizer, a atmosfera dos seres espirituais; o elemento donde eles tiram os materiais sobre que operam; o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente à matéria tangível; o meio onde se forma a luz

peculiar ao mundo espiritual, diferente, pela causa e pelos efeitos, da luz ordinária; finalmente, o veículo do pensamento, como o ar o é do som.

“Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não manipulando-os como os homens manipulam os gases, **mas empregando o pensamento e a vontade**. (O grifo é nosso) Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinada; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou de outros corpos combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual”. (Parágrafos 13 e 14.)

E, no parágrafo 3, desse mesmo capítulo, encontraremos:

“No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme: sem deixar de ser etéreo, sofre modificações tão variadas em gênero e mais numerosas talvez do que no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedentes do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão lugar aos fenômenos peculiares ao mundo invisível. Dentro da relatividade de tudo, esses fluidos têm para os Espíritos, que também são fluídicos, uma aparência tão material, quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados, e são, para eles, o que são para

nós as substâncias do mundo terrestre. Eles os elaboram e combinam para produzirem determinados efeitos, como fazem os homens com os seus materiais, ainda que por processos diferentes”.

Os próprios Espíritos ditos sofredores, até mesmo os criminosos, que se costumam apresentar em bem dirigidas sessões práticas, narram acontecimentos reais, positivos, que no Invisível se sucedem, um modo de viver e de agir, no Espaço, muito distanciado daquele estado vago, indefinível, inexpressivo, que muitos entendem seja o único verdadeiro, quando a Revelação propala, desde o início, **um mundo de vida intensa, mundo real e de realidades**, onde o trabalho se desdobra ao infinito e as realizações não conhecem ocasos. Nas entrelinhas de grandes e conceituadas obras doutrinárias, existem claras alusões a sociedades, ou “colônias”, organizadas no Além-Túmulo, onde avultam **idades, casas, palácios, jardins, etc.**, etc. [...]. ⁽²⁹⁾ (grifo do original)

Esses argumentos são pertinentes e, s.m.j., condizem com o que se poderia esperar de um estudioso em defesa de seu ponto de vista, ou seja, basear-se nas obras da Codificação.

A surpresa maior veio na sequência, quando Yvonne cita Léon Denis:

Na erudita e encantadora obra “Depois da Morte”, do eminente colaborador de Allan Kardec, Léon Denis, o qual, como sabemos, além de primoroso escritor foi um grande inspirado pelos Espíritos de escol, à página 235 da 7ª edição (FEB), Cap. XXXV, a exposição dessa tese não somente é fecunda e expressiva, como também mesclada de grande beleza, como tudo o que passou por aquele cérebro e aquela pena. Diz Léon Denis, na citada obra:

“O Espírito, pelo poder da sua vontade, opera sobre os fluidos do Espaço, combina-os e os dispõe a seu gosto, dá-lhes as cores e as formas que convêm ao seu fim. É por meio desses fluidos que se executam obras que desafiam toda comparação e toda análise. **Construções aéreas, de cores brilhantes, de zimbórios resplandecentes: circos imensos onde se reúnem em conselho os delegados do Universo; templos de vastas proporções, donde se elevam acordes de uma harmonia divina; quadros variados, luminosos: reproduções de vidas humanas, vidas de fé e de sacrifício, apostolados dolorosos, dramas do Infinito** ⁽³⁰⁾. Como descrever magnificências que os próprios Espíritos se declaram impotentes para exprimir no vocabulário humano? **É nessas moradas fluídicas que se ostentam as pompas das festas espirituais.** Os Espíritos puros, ofuscantes de luz, se agrupam em famílias. Seu brilho e as cores variadas de seus invólucros permitem medir a sua elevação, determinar os seus atributos”.

E ainda outros trechos desse belo volume trazem informações a respeito do assunto,

bastando que o leiamos com a devida atenção, bem assim vários capítulos de outra obra sua – “O Problema do Ser, do Destino e da Dor”.

Em outro magnífico livro do grande Denis – “No Invisível” –, à página 470, no cap. XXVI, da 3ª edição (FEB), há também este pequeno trecho, profundo complexo, sugestivo, descortinando afirmações grandiosas:

“Dante Alighieri é médium incomparável. Sua ‘Divina Comédia’ é uma peregrinação **através dos mundos invisíveis**. Ozanã, o principal autor católico que já analisou essa obra genial, reconhece que **o seu plano é calcado nas grandes linhas da iniciação nos mistérios antigos, cujo princípio, como é sabido, era a comunhão com o oculto**”.

Assim se expressa o grande inspirado Léon Denis, em suas obras, e, se mais não transcrevemos aqui, será por economia de espaço, que precisaremos atender. Do exposto, no entanto, deduziremos que a “Divina Comédia” não apresenta tão somente fantasias, como imaginaram os próprios eruditos, mas ocorrências reais do Além-Túmulo, que o poeta visionário mesclou de divagações, talvez propositadamente, numa época de incompreensões e preconceitos ainda mais intransigentes que os verificados em nossos dias ⁽³¹⁾. ⁽³²⁾ (grifo do original, exceto os mencionados como nosso)

Apresentar Léon Denis como defensor da causa, foi algo como que um tiro certo no alvo,

porquanto não há o que se falar de serem antidoutrinárias suas colocações e, muito menos, que tenha dito um absurdo, produto de sua imaginação.

Mas Yvonne Pereira, ao apresentar argumentos filosóficos, baseada em Denis, não para por aí. Com outro personagem, ela busca a vertente científica, ao trazer as considerações do sábio italiano Ernesto Bozzano (1862-1943):

Os preciosos volumes escritos pelo sábio psiquista italiano Ernesto Bozzano, produto de severa análise científica, são férteis em apontar esses mesmos locais do Invisível, revelados por Espíritos desencarnados de adiantamento moral-espiritual normal, cujas comunicações, psicografadas por vários médiuns desconhecidos uns dos outros, alguns até completamente alheios ao Espiritismo, foram examinadas e cientificamente analisadas por aquele ilustre autor. Ser-nos-á impossível transcrever, aqui, muitos trechos de Bozzano a respeito, visto que em suas obras encontramos fartas observações em torno da tese em apreço. Limitar-nos-emos a citar alguns trechos do interessante livro “A Crise da Morte”, onde substancioso noticiário encontraremos sobre o assunto, além de alguns “detalhes fundamentais” da sua análise sobre comunicações com Espíritos desencarnados. Assim é que, no “Décimo-quarto caso”, analisando uma das comunicações inseridas no mesmo volume, Bozzano observa que – a

paisagem “astral” se compõe de duas séries de objetivações do pensamento, bem distinta uma da outra. **A primeira é permanente e imutável, por ser a objetivação do pensamento e da vontade de entidades espirituais muito elevadas, prepostas ao governo das esferas espirituais inferiores**; a outra é, ao contrário, transitória e muito mutável; seria a objetivação do pensamento e da vontade de cada entidade desencarnada, criadora do seu próprio meio imediato”. (33)

Bom, o apoio de Bozzano é importante, porquanto foi um dos cientistas que, nos primórdios da Codificação, estudou as manifestações dos Espíritos. Mais à frente, no tópico próprio, citaremos alguns casos de sua obra *A Crise da Morte*.

Pensa que a respeitável Yvonne Pereira parou por aí?! Em seu trabalho de argumentação, ainda apresenta um novo personagem; trata-se do rev. George Vale Owen (1869-1931), religioso e médium inglês:

Um livro ainda mais antigo do que as obras de Bozzano - “A Vida Além do Véu” – obtido também mediunicamente pelo pastor protestante Rev. G. Vale Owen, tornou-se célebre no assunto, pois que o Espírito da genitora do próprio médium narra ao filho, em comunicações periódicas, as mesmas construções fluídicas do mundo espiritual, isto é, jardins, estradas pitorescas, habitações, cidades,

etc. Semelhante médium é, certamente, insuspeito, visto que, como protestante, seriam bem outras as ideias que alimentaria quanto à vida espiritual. Tais comunicações, em sua maioria, datam do ano de 1913. Convém deliciarmos, ainda, as nossas almas com alguns pequenos trechos de tão interessante livro:

– “Pode agora fazer-me o favor de descrever sua casa, paisagens, etc.?” – Pergunta o Rev. Vale Owen ao Espírito de sua mãe.

E este responde:

– “É a Terra aperfeiçoada. Certo, o que chamais quarta dimensão, até certo ponto existe aqui, mas não podemos descrevê-la claramente. Nós temos montes, rios, belas florestas, e muitas casas; tudo foi preparado pelos que nos precederam. Trabalhamos, atualmente, por nossa vez, construindo e regulando tudo para os que, ainda durante algum tempo, têm que continuar a sua luta na Terra. Quando eles vierem, encontrarão tudo pronto e preparado para recebê-los”.

– “**O tecido e a cor do nosso vestuário** tomam a sua qualidade do estado espiritual e do caráter de quem o usa. (O grifo é nosso.) O nosso ambiente é parte de nós mesmos e a luz é um importante componente do nosso ambiente. Entretanto, é de poderosa aplicação, debaixo de certas condições, como poderemos ver naqueles salões”.

– “Não teriam de ser demolidas (as edificações), para aproveitar-se depois o material em nova construção. Seria ele aproveitado com o prédio em pé. O tempo não tem ação de espécie alguma sobre as nossas edificações. Elas não se

desfazem nem se arruínam. Sua durabilidade depende apenas da vontade dos donos, e, enquanto eles quiserem, o edifício ficará de pé, podendo ser alterado ou modificado consoante seus desejos.

– **“...porque estas esferas são espirituais e não materiais”.**

E o livro todo assim prossegue, em revelações belas e simples, lógicas e edificantes, o que confirma o noticiário de muitos médiuns, que também chegam a verificar tais realidades do mundo invisível durante seus desdobramentos em espírito. ⁽³⁴⁾ (grifo do original, exceto os mencionados como nosso)

Através dos três autores citados, a médium Yvonne A. Pereira conseguiu nos convencer da realidade das colônias espirituais, ou construções diversas no mundo espiritual. Com as provas apresentadas, a autora venceu o nosso “achismo”.

Seus argumentos vêm, judiciosamente, confirmar revelações citadas nas obras inspiradas por André Luiz, que, ultimamente, têm sido questionadas por vários companheiros, que, talvez, não tenham atentado para o que Léon Denis, Ernesto Bozzano e George Vale Owen apresentam em suas respectivas obras, conforme exposto, nos apontamentos de Yvonne.

A bem da verdade, segundo nos alertou um amigo, a primeira obra de Chico Xavier que traz algo sobre a vida no mundo espiritual não é *Nosso Lar*, mas a obra ***Cartas de Uma Morta***, ditada pelo Espírito Maria João de Deus, sua mãe, publicada no ano de 1935.

Por oportuno, dela transcreveremos alguns trechos nos quais veremos muito do que se encontra nas obras de André Luiz e em algumas das obras mencionadas neste estudo:

Muitos encarnados, que têm ouvido as diversas explicações quanto à vida dos espíritos nos planos da erraticidade, fazem uma falsa concepção do vocábulo, imaginando que a existência errática das entidades se processa por jornadas intermináveis, sem um objetivo definido, sem uma organização que regule o fenômeno das suas atividades nos espaços.

Essa maneira de encarar a questão não é verdadeira, pois, **a vida no Além, decorre em um ambiente que, pelas suas características fluídicas, escapa à vossa compreensão, já que, dentro do vosso meio de matéria muito condensada, vos faltam as leis da analogia para que possais estabelecer uma comparação.** ⁽³⁵⁾

Para que possas ter ideia do local em que me encontrava, direi que **era igual aos dos majestosos edifícios daí, divididos em**

confortáveis apartamentos. Era, como se pode dizer, **uma grande casa de socorros espirituais**, num ninho acolhedor de almas errantes e enfraquecidas. ⁽³⁶⁾

Alguns seres, aí aportando, necessitam, por força dos arraigados hábitos, de alimentos análogos aos da Terra, o que obtêm por algum tempo, mas apenas na aparência de realidade, ilusão esta que é consentânea com as superficialidades do corpo somático, até que se acostumem com as novas modalidades de sua existência. ⁽³⁷⁾

A vegetação é extremamente interessante e bizarra, em comparação com a da Terra.

Imaginai um craveiro florescendo com suas raízes entrelaçadas na própria atmosfera do mundo, para fazerdes uma ideia do que estou escrevendo.

Poucas flores são mais ou menos semelhantes às dos vossos jardins e a maioria delas vos pareciam extravagantes à primeira contemplação; caracterizam-se, porém, por sua indescritível e invulgar delicadeza. ⁽³⁸⁾

Nos planos adjacentes ao mundo, contudo, a vida espiritual transcorre em ambientes semelhantes ao da vida terrena.

Suas construções, à base de uma substância para vós desconhecida, têm, mais ou menos, as disposições que aí se observam; todavia, nas menores coisas, há um caráter de transição, obrigando o espírito a elevar suas aspirações e seus interesses para o Alto.

Nos locais em que me encontrava temporariamente, muitos departamentos haviam que se preparavam às pressas. Decorações, ornamentos, objetos, tudo ali se achava e se confundia, dando perfeita ideia de grandes estabelecimentos hospitalares cuidadosamente organizados. ⁽³⁹⁾

A Terra é o centro, isto é, a sede de grande número de esferas espirituais que a rodeiam de maneira concêntrica. Não posso precisar o número dessas esferas, porque elas se alongam até um limite que a minha compreensão, por enquanto, não pode alcançar. ⁽⁴⁰⁾

Aqui, filho, sinto-me surpreendida, porque vejo uma espécie de continuação do planeta que deixamos. **Imagina a Terra, cheia de suas belezas naturais, porém, moralmente mais aperfeiçoada e terá a imagem dessa segunda esfera que me serve de habitação.**

Temos casas, pássaros, animais, reuniões, institutos como os das famílias terrenas, onde se agrupam os espíritos através das mais santas afinidades.

A arte aqui é mais linda e mais perfeita e, como o culto a Deus, faz parte integrante de todas as coisas de nossa nova vida, há muita alegria entre nós. [...]. ⁽⁴¹⁾

[...] Toda a atividade do distrito espiritual sob a administração de Aulus **se compõe de núcleos destinados a socorros e auxílios** a quantos se debatem entre as incertezas e as lágrimas da Terra. ⁽⁴²⁾

Da esfera em que me encontro percebo perfeitamente que existe uma escada de luz atravessando os abismos ligando as esferas umas às outras. **A região imediatamente vizinha da Terra abriga muitos sofrendores e muitos desesperados.** Aí, frequentemente, descemos para buscar irmãos nossos que suplicam e choram, implorando o socorro e o auxílio de Deus.

Nessa região há organizações perfeitas e inúmeras de muitos espíritos do mal, que, reunindo-se uns aos outros, formam congregações nefastas e terríveis. Nosso combate é contínuo para pôr os encarnados a saldo de suas traições e sevícias. ⁽⁴³⁾

Há entidades, aqui, que só cuidam da confecção dos trajes de seus companheiros, há músicas e instrumentos mais perfeitos e mais adaptáveis à harmonia que os conhecidos na Terra. Temos festas e assembleias seletas, meios de comunicação, visões à distância, através de processos que os homens estão ainda muito longe de entender. Todos os nossos trabalhos e atividades são regulados por leis de vibrações daí desconhecidas. A nossa matéria é mais delicada, o mundo vegetal muito mais soberano e mais rico, minerais também os há, mais complexos e mais formosos nas suas estranhas colorações. [...] ⁽⁴⁴⁾

Iremos, a partir de agora, ver se na Codificação podemos encontrar “espaço” para defender essa ideia.

5. As colônias espirituais e a Codificação Espírita

Alguns companheiros têm as obras de Allan Kardec, como se nelas a Doutrina Espírita estivesse completa e acabada; porém, parece-nos, não ser bem esse o pensamento do próprio Codificador:

a) *Revista Espírita 1865:*

Mas, dir-se-á, ao lado destes fatos [referindo-se às manifestações espíritas] tendes uma teoria, uma doutrina; **quem vos diz que essa teoria não sofrerá variações**; que a de hoje será a mesma em alguns anos?

Sem dúvida, ela pode sofrer modificações em seus detalhes, em consequência de novas observações. Mas estando o princípio doravante adquirido, não pode variar e ainda menos ser anulado; aí está o essencial. Desde Copérnico e Galileu, calculou-se melhor o movimento da Terra e dos astros, mas o fato do movimento permaneceu com o princípio. ⁽⁴⁵⁾

[...] As lacunas que a teoria atual pode ainda encerrar se encherão do mesmo modo. **O Espiritismo está longe de ter dito a última palavra, quanto às suas consequências, mas é inabalável em sua base, porque esta base se assenta sobre os fatos.** ⁽⁴⁶⁾

b) *Revista Espírita 1867*:

[...] **O Espiritismo não disse ainda a sua última palavra**, muito longe disto, não mais sobre as coisas físicas do que sobre as coisas espirituais. Muitas das descobertas serão o fruto de observações ulteriores. O Espiritismo **não fez, de alguma sorte, até o presente, senão colocar os primeiros degraus** de uma ciência cuja importância é desconhecida. **Com a ajuda do que já descobriu, ele abre àqueles que virão depois de nós o caminho das investigações numa ordem especial de ideias**. Não procede senão por observações e deduções. Se um fato é constatado, se diz que ele deve ter uma causa, e que esta causa não pode ser senão natural, e então ele a procura. Na falta de uma demonstração categórica, pode dar uma hipótese, mas até a confirmação, não a dá senão como hipótese, e não como verdade absoluta. [...]. ⁽⁴⁷⁾

c) *Revista Espírita 1868*:

O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. ⁽⁴⁸⁾

Se bem que o Espiritismo não haja dito ainda a sua última palavra sobre todos os pontos, ele se aproxima de seu complemento, e o momento não está longe em que lhe será necessário dar uma base forte e durável, **suscetível, no entanto, de receber todos os desenvolvimentos que as circunstâncias ulteriores comportarem**, e dando toda segurança àqueles que se perguntam quem

Ihe tomará as rédeas depois de nós. ⁽⁴⁹⁾

O programa da Doutrina não será, pois, invariável senão sobre os princípios passados ao estado de verdades constatadas; para os outros, ela não os admitirá, como sempre o fez, senão a título de hipóteses até a confirmação. Se Ihe for demonstrado que ela está no erro sobre um ponto, ela se modificará sobre esse ponto. ⁽⁵⁰⁾

d) **A Gênese:**

Além disso, convém notar que **em parte alguma o ensino espírita foi dado integralmente;** ele diz respeito a tão grande número de observações, a assuntos tão diferentes, exigindo conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que impossível era acharem-se reunidas num mesmo ponto todas as condições necessárias. [...].

A revelação faz-se assim parcialmente em diversos lugares e por uma multidão de intermediários e **é dessa maneira que prossegue ainda, pois que nem tudo foi revelado.** ⁽⁵¹⁾

[...] **Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas Ihe demonstrarem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificará nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.** ⁽⁵²⁾

Encontramos, ainda, outras considerações de Allan Kardec; mas julgamos que, essas aqui citadas,

sejam suficientes para esclarecer que o Espiritismo não é uma Doutrina acabada e nem fechada. Entretanto não podemos deixar de mencionar mais uma que consta em manuscritos de Allan Kardec, não publicado em suas obras.

O **Projeto Allan Kardec** é fruto de um convênio entre a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e a Fundação Espírita André Luiz (FEAL), cujo objetivo é disponibilizar ao público centenas de manuscritos originais de Allan Kardec, que não haviam sido divulgados. A coleção de manuscritos tem como fonte: a) Acervo AKOL, b) Acervo Anônimo, c) Acervo Canuto Abreu e d) Acervo Forestier.

Em 02 de outubro de 2022, publicou-se o manuscrito intitulado “Projeto Concernente ao Espiritismo”, originado do Museu AKOL, administrado por Adair Ribeiro. Infelizmente o documento não foi datado, porém, tudo nos leva a crer que foi o mês de dezembro de 1868, dele destacamos o primeiro parágrafo da página 2 do manuscrito:

As bases do Espiritismo estão, sem dúvida, estabelecidas, mas ele precisa ser completado por muitos trabalhos que não podem ser a obra de um só homem. Para evitar, no futuro, as

falsas interpretações, as aplicações errôneas, numa palavra, as dissidências, **é necessário que todos os princípios sejam elucidados de maneira a não deixar nenhum equívoco, a não dar, tanto quanto possível, margem a controvérsia**; é necessário que os trabalhos complementares sejam feitos em um mesmo espírito e visando a concorrer a um único fim. Suponhamos, então, para cumprir essa obra, uma reunião de homens capazes, laboriosos e animados pelo zelo de uma fé viva, trabalhando juntos, cada um na sua especialidade; submetendo seus trabalhos à sanção de todos e os discutindo, eles chegariam incontestavelmente ao coroamento do edifício que se eleva. A autoridade dos princípios cresceria devido à autoridade do número, à gravidade do seu caráter e à consideração de que eles seriam capazes de se conciliar. ⁽⁵³⁾

Infelizmente nada disso foi feito, não deslumbramos que venha ser realizado, porquanto o movimento espírita brasileiro está contaminado de sérias e incontáveis divergências de opiniões.

Em **A Gênese**, capítulo I, Fundamentos da Revelação Espírita, encontramos estes dois trechos que julgamos importantes:

[...] enfim, porque a Doutrina *não foi ditada completa, nem imposta à crença cega*; porque ela **é deduzida, pelo trabalho dos homens, a partir**

da observação dos fatos que os Espíritos colocam sob os seus olhos, e das instruções que dão a eles, instruções que os homens estudam, comentam, comparam e das quais tiram suas próprias conclusões e aplicações. [...]. ⁽⁵⁴⁾

15. – Citemos um exemplo; no mundo dos espíritos ocorre um fato muito singular, do qual ninguém seguramente suspeitara, é o de existirem espíritos que não se julgam mortos. Pois bem, **os espíritos superiores, que conhecem perfeitamente esse fato, não vieram antecipadamente dizer: “Há espíritos que creem ainda viver a vida terrestre, que conservam seus gostos, hábitos e instintos,” mas eles provocaram a manifestação de espíritos dessa categoria para que os observássemos.** Vendo-se espíritos em dúvida quanto à sua situação, ou afirmando que ainda eram deste mundo, julgando-se envolvidos com suas ocupações ordinárias, do exemplo deduziu-se a regra. A repetição de fatos análogos demonstrou que isso não era uma exceção, mas uma das fases da vida espírita. Ela permitiu estudar todas as variedades e as causas dessa singular ilusão; reconhecer que tal situação é sobretudo própria de espíritos pouco adiantados moralmente, e que é particular a certos gêneros de morte; que ela é temporária, mas pode durar semanas, meses e até anos. Foi assim que a teoria nasceu da observação. **O mesmo ocorreu com relação a todos os outros princípios da doutrina.** ⁽⁵⁵⁾

Fica, portanto, claro que haverá de nossa parte uma dose de dedicação e esforço para pesquisar

novos pontos, já que os Espíritos Superiores apenas nos mostram ou indicam o caminho que devemos tomar para encontrá-los, nada de uma coisa pronta como se fosse um bolo servido no café matinal.

Não temos dúvidas de que o Espiritismo suporta incorporar pontos que não foram definidos no início da Codificação e, se for o caso, até modificar-se naquilo em que a Ciência provar ser um equívoco.

Por outro lado, pensar que somente os Espíritos Superiores é que nos trazem alguma revelação é não levar em conta as seguintes considerações de Allan Kardec, publicada em **[A Gênese](#)**:

58. Não só os espíritos superiores se manifestam, mas também os de todas as categorias, e isto era necessário para nos iniciar na verdadeira natureza do mundo espiritual e mostrá-lo sob todos os seus aspectos. Dessa maneira as relações entre o mundo visível e o mundo invisível são mais íntimas, a conexidade entre os dois é mais evidente, vemos mais claramente de onde viemos e para onde vamos; esse é o objeto essencial das manifestações. Assim, **todos os espíritos nos ensinam alguma coisa, em qualquer grau de elevação que tenham alcançado**, mas, como eles não são mais ou menos esclarecido, cabe a nós

discernir o que há neles de bom ou de mau, e tirar proveito que o seu ensino contenha. Ora, todos, quaisquer que sejam, podem nos ensinar ou revelar coisas que ignoramos e que sem eles não saberíamos. ⁽⁵⁶⁾

Fora isso, ainda devemos considerar que o ensino dos Espíritos também é progressivo, conforme Allan Kardec disse, em ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***:

O Espiritismo, hoje, projeta luz sobre uma imensidade de pontos obscuros; não a lança, porém, inconsideradamente. Com admirável prudência se conduzem **os Espíritos, ao darem suas instruções. Só gradual e sucessivamente consideraram as diversas partes** já conhecidas da Doutrina, **deixando as outras partes para serem reveladas à medida que se for tornando oportuno fazê-las sair da obscuridade.** Se a houvessem apresentado completa desde o primeiro momento, somente a reduzido número de pessoas se teria ela mostrado acessível; houvera mesmo assustado as que não se achassem preparadas para recebê-la, do que resultaria ficar prejudicada a sua propagação. **Se, pois, os Espíritos ainda não dizem tudo ostensivamente,** não é porque haja na Doutrina mistérios em que só alguns privilegiados possam penetrar, nem porque eles coloquem a lâmpada debaixo do alqueire; **é porque cada coisa tem de vir no momento oportuno.** Eles dão a cada ideia tempo para amadurecer e propagar-se, antes que apresentem

outra, e aos acontecimentos o de preparar a aceitação dessa outra. ⁽⁵⁷⁾

“Tenho ainda muito a vos dizer, mas não podeis suportar agora” (João 16,12); ora, se o Mestre, com toda a sua capacidade de se fazer entender, sentiu que não o conseguiria com seus discípulos, é de se esperar que todos os Espíritos que estavam envolvidos na Codificação, sob a coordenação do Espírito de Verdade, também não iriam se fazer entender, face as suas imperfeições humanas.

Ademais, devemos separar o que é contrário aos assuntos doutrinários daquilo que não faz parte da Codificação, por um motivo ou outro, quer respeitando o momento evolutivo do conhecimento humano, quer por não ter sido validado pelos Espíritos da Codificação, já que são situações completamente diferentes.

Resta-nos, ainda, apresentar mais um ponto; trata-se do pensamento equivocado de alguns confrades, de que a codificação foi, desde o início, um trabalho pronto e que Allan Kardec não modificou alguns pontos ao longo dela, o que não é verdade, conforme comprovaremos com três exemplos da

comparação entre a 1ª e a 2ª edição de ***O Livro dos Espíritos***.

1º) Momento da ligação do Espírito com o corpo

Na 1ª edição, de 18 de abril de 1857, lemos:

86 – Em que momento a alma se une ao corpo?

“Ao nascimento.”

– Antes do nascimento a criança tem uma alma?

“Não.”

– Como vive então?

“Como as plantas.” (58)

Enquanto que na 2ª edição, de 18 de março de 1860, já temos:

344. *Em que momento a alma se une ao corpo?*

“A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ela se conta no número dos vivos e dos servos de Deus.” (59)

2º) Sobre a origem da alma humana

Quando da primeira edição os Espíritos disseram:

127 – *A alma do homem, não teria sido ela antes o princípio da vida dos últimos seres vivos da criação para chegar, por meio de uma lei progressiva, até ao homem, em percorrendo os diversos degraus da escala orgânica?*

“Não! Não! Homens nós somos desde natos”.

“Cada coisa progride na sua espécie e em sua essência; **o homem jamais foi outra coisa que não um homem**”. (60)

Os comentários de Allan Kardec:

127 – Qualquer que seja a diversidade das existências pelas quais passa nosso espírito ou nossa alma, elas pertencem todas à Humanidade; **seria um erro acreditar que, por uma lei progressiva, o homem passou pelos diferentes degraus da escala orgânica para chegar ao seu estado atual.** Assim, sua alma não pode ter sido antes o princípio da vida dos últimos seres animados da criação para chegar sucessivamente ao degrau superior: ao homem. (61)

Na segunda edição, Allan Kardec novamente questiona os Espíritos a respeito disso, já obtendo novas informações, que são contrárias às primeiras:

607. *Dissestes (190) que o estado da alma do homem, na sua origem, corresponde ao estado da infância na vida corporal, que sua inteligência apenas desabrocha e se ensaia para a vida. Onde passa o Espírito essa primeira fase do seu desenvolvimento?*

“Numa série de existências que precedem o período a que chamais Humanidade.”

607. a) – *Parece que, assim, se pode considerar a alma como tendo sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação, não?*

“Já não dissemos que tudo em a Natureza se encadeia e tende para a unidade? Nesses seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida, conforme acabamos de dizer. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna *Espírito*. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos. Assim, à fase da infância se segue a da adolescência, vindo depois a da juventude e a da maturidade.

Nessa origem, coisa alguma há de humilhante para o homem. Sentir-se-ão humilhados os grandes gênios por terem sido fetos informes nas entranhas que os geraram? Se alguma coisa há que lhe seja humilhante, é a sua inferioridade perante Deus e sua impotência para lhe sondar a profundidade dos desígnios e para

apreciar a sabedoria das leis que regem a harmonia do Universo. Reconhecei a grandeza de Deus nessa admirável harmonia, mediante a qual tudo é solidário na Natureza. **Acreditar que Deus haja feito, seja o que for, sem um fim, e criado seres inteligentes sem futuro, fora blasfemar da Sua bondade, que se estende por sobre todas as suas criaturas.**”

607. b) *Esse período de humanização principia na Terra?*

“A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. **O período da humanização começa, geralmente, em mundos ainda inferiores à Terra.** Isto, entretanto, não constitui regra absoluta, pois pode suceder que um **Espírito, desde o seu início humano,** esteja apto a viver na Terra. Não é frequente o caso; constitui antes uma exceção”. (62)

A mudança de pensamento é evidente; se antes, na primeira edição, não se admitia a evolução do princípio inteligente pelos reinos inferiores, na segunda isso fica bem claro. Cabe-nos, aqui, perguntar: se houve uma mudança de conhecimento em apenas três anos, entre uma edição e outra, por que o conhecimento não mudaria ao longo de décadas?

Caso ainda reste alguma dúvida, em relação ao que estamos dizendo, recomendamos nosso livro

Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?, onde o assunto evolução do princípio inteligente é tratado com maiores detalhes.

3º) Possessão física

Em ambas as edições mantém-se a ideia de que não há posse física; inclusive, isso também é afirmado em *O Livro dos Médiuns*; entretanto, houve mudança de entendimento, por parte de Allan Kardec, diante de um caso que cita na **Revista Espírita 1863**, mês de dezembro: “Um caso de possessão - Senhorita Julie”, sobre o qual inicia suas considerações dessa forma:

Dissemos que não havia possessos no sentido vulgar da palavra, mas subjugados; **retornamos sobre esta afirmação muito absoluta, porque nos está demonstrado agora que pode ali haver possessão verdadeira, quer dizer, substituição, parcial no entanto, de um Espírito errante ao Espírito encarnado.** Eis um primeiro fato que é a prova disto, e que apresenta o fenômeno em toda a sua simplicidade. [...]. ⁽⁶³⁾

Esse novo entendimento é registrado em *A Gênese*, capítulo XIV, item 47 a 49.

O que fica bem claro, para nós, é que Allan Kardec era adepto do “*contra fatos não há*

argumentos”, razão pela qual bastou um caso real para que mudasse de entendimento, e, conseqüentemente, as informações que, anteriormente, os Espíritos Superiores deram. Não temos dúvidas de que Allan Kardec, de posse dos elementos que aqui apresentamos, caso estivesse vivendo fisicamente entre nós, faria com que deixasse bem clara a existência das colônias espirituais.

Supondo-se, como querem alguns, que as colônias espirituais não estejam na Codificação, isso, necessariamente, não significa que elas não existam; isso é algo que conseguimos compreender, já que tudo o que acabamos de transcrever dá sustentação doutrinária para que possamos aceitá-las, desde que, obviamente, as informações sobre elas passem pelo controle da razão e lógica e também o da Universalidade.

A resposta à pergunta 87 de **O Livro dos Espíritos** tem sido, por alguns, interpretada erroneamente, como sendo uma negação à existência das colônias espirituais, do umbral, e de outros temas correlatos. Vejamos a pergunta e a resposta na íntegra:

87. *Ocupam os Espíritos uma região determinada e circunscrita no espaço?*

“Estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Tendes muitos deles de contínuo a vosso lado, observando-vos e sobre vós atuando, sem o perceberdes, pois que os Espíritos são uma das potências da Natureza e os instrumentos de que Deus se serve para execução de Seus desígnios providenciais. Nem todos, porém, vão a toda parte, por isso que há regiões interditas aos menos adiantados.” (64)

A afirmação de não haver região determinada e circunscrita no espaço nada tem a ver com a existência ou não das colônias espirituais, uma vez que a questão proposta por Allan Kardec se prende ao conceito, então vigente à época, de “céu” e “inferno” localizados, ou seja, como locais circunscritos, como sendo um espaço físico delimitado; tanto é assim que se afirma que *“há regiões interditas aos menos adiantados”*. É fácil perceber essa sutileza, devido ao que os Espíritos disseram em resposta à pergunta 1012:

1012. *Haverá no Universo lugares circunscritos para as penas e gozos dos Espíritos segundo seus merecimentos?*

“Já respondemos a esta pergunta. As penas e os gozos são inerentes ao grau de perfeição dos

Espíritos. Cada um tira de si mesmo o princípio de sua felicidade ou de sua desgraça. E como eles estão por toda parte, **nenhum lugar circunscrito ou fechado existe especialmente destinado a uma ou outra coisa**. Quanto aos encarnados, esses são mais ou menos felizes ou desgraçados, conforme é mais ou menos adiantado o mundo em que habitam.”

– *De acordo, então, com o que vindes de dizer, o inferno e o paraíso não existem, tais como o homem os imagina?*

“São simples alegorias: por toda parte há Espíritos ditosos e inditosos. Entretanto, conforme também já dissemos, **os Espíritos de uma mesma ordem se reúnem por simpatia; mas podem reunir-se onde queiram, quando são perfeitos.**” ⁽⁶⁵⁾

Ao que comenta Allan Kardec:

A localização absoluta das regiões das penas e das recompensas só na imaginação do homem existe. Provém da sua tendência a materializar e circunscrever as coisas, cuja essência infinita não lhe é possível compreender. ⁽⁶⁶⁾

Vê-se, portanto, que o foco é a ideia de “céu” e “inferno” como locais “circunscritos e fechados” de gozo e pena eternos. Aliás, em *O Céu e o Inferno*, Allan Kardec disse: “*O que ele [Espiritismo] destrói é*

o inferno localizado com suas fornalhas e penas irremissíveis.” (67)

Podemos acrescentar algo bem objetivo que Allan Kardec disse em **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, capítulo “III – Há muitas moradas na casa de meu Pai”, no tópico “Diferentes estados da alma na erraticidade”; vejamos:

2. A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no Espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, estações apropriadas ao seu adiantamento.

Independente da diversidade dos mundos, essas palavras também podem ser entendidas como se referindo ao estado feliz ou infeliz do Espírito na erraticidade. **Conforme se ache este mais ou menos depurado e desprendido dos laços materiais, o meio em que ele se encontre, o aspecto das coisas e as sensações que experimente variarão ao infinito.** Enquanto uns não podem afastar-se da esfera onde viveram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos; enquanto alguns Espíritos culpados vagueiam nas trevas, os bem-aventurados gozam de resplendente claridade e do espetáculo sublime do infinito; finalmente, enquanto o mau, atormentado de remorsos e pesares, muitas vezes isolado, sem consolação, separado dos objetos de sua afeição, geme sob a opressão dos sofrimentos morais, o justo, em convívio com aqueles a quem ama, frui as delícias de uma felicidade indizível.

Essas, também, são outras tantas moradas, embora não circunscritas nem localizadas. ⁽⁶⁸⁾

Portanto, há moradas no plano espiritual, embora não circunscritas nem localizadas, fato que os opositores da ideia ainda não se deram conta.

Os Espíritos da Codificação ao afirmarem que *“Já respondemos a esta pergunta”*, estão se referindo à resposta da pergunta 87, que não deve ser tomada como algo contrário às informações vindas de várias fontes, sobre a possibilidade da existência de colônias espirituais.

Destacamos o seguinte trecho de uma fala de Allan Kardec, inserido no artigo “Morte de um espírita”, publicado na ***Revista Espírita 1859***, mês de agosto:

[...] Deve ocorrer o mesmo no mundo dos Espíritos, do qual não podemos compreender todas as maravilhas, porque há coisas que ultrapassam o nosso entendimento. ⁽⁶⁹⁾

Eis o ponto: é muito difícil a nós compreendermos *“todas as maravilhas”* do mundo dos Espíritos, porquanto *“há coisas que ultrapassam o nosso entendimento”*. Então, por que motivo

ficamos limitando as descrições dos que lá vivem como se todas elas estivessem “fora da realidade”?

Na **Revista Espírita 1860**, mês de julho, foi publicado o “Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, sexta-feira, 1º de junho de 1860 – Sessão Particular”; dele transcrevemos:

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 25 de maio:

[...].

Estudos. 1º Evocação da grande Françoise, uma das principais convulsionárias de Saint-Médard, da qual uma primeira evocação foi publicada no número de maio último. Esse Espírito foi chamado novamente a seu pedido, [...].

São Luís completa a comunicação com informes sobre os mundos destinados ao castigo dos Espíritos culpados. ⁽⁷⁰⁾

Essas comunicações do protetor da Sociedade Espírita de Paris a respeito do tema, infelizmente, não logramos êxito em encontrá-las em nenhum dos fascículos da *Revista Espírita*.

Entretanto, é importante ressaltar que se existem “*mundos destinados ao castigo dos Espíritos culpados*”, esses, por óbvio, não deixam de ser locais circunscritos.

No tópico “Espíritos Errantes”, em *O Livro dos Espíritos*, capítulo VI – Vida Espírita, Allan Kardec pergunta se o tempo de permanência na erraticidade depende da vontade do Espírito (questão 224b); em resposta é apresentada, entre outras, a seguinte possibilidade: *“Outros pedem que ela se prolongue, a fim de continuarem estudos que só na condição de Espírito livre podem efetuar-se com proveito”*. ⁽⁷¹⁾

Embora não se tenha dado maiores explicações, presumimos que, para se continuar estudando no mundo espiritual é preciso existir, no mínimo, aquilo que estamos acostumados a ter, ou seja, bons livros, um local adequado e competentes instrutores, já que há semelhança entre os dois planos, como disse Allan Kardec: *“Consideramos, pois, o mundo dos Espíritos como o duplo do mundo corpóreo, como uma fração da Humanidade.”* ⁽⁷²⁾

Do comentário do Codificador à questão 266, de *O Livro dos Espíritos*, destacamos esta frase que inicia o último parágrafo: *“Dizem todos os Espíritos que, na erraticidade, eles se aplicam a pesquisar, estudar, observar, a fim de fazerem a sua escolha.”* ⁽⁷³⁾ Como fazem isso tudo, vagando pelo espaço que provavelmente não é, porém, em algum lugar, não

temos nenhuma dúvida disso.

Na **Revista Espírita 1863**, mês de maio, inserida em “Os Espíritos incrédulos e materialistas” há uma explicação de Erasto, da qual destacamos o seguinte trecho:

Pergunta. – Compreende-se a incredulidade em certos Espíritos, mas não se compreende o **materialismo**, uma vez que seu estado é um protesto contra o reino absoluto da matéria e o nada após a morte.

Resposta (médium, Sr. d'Ambel). – Uma palavra somente: **todos os corpos sólidos ou fluídicos pertencem à substância material**; isto está bem demonstrado. Ora, aqueles que, durante sua vida, não admitiam senão um princípio na Natureza, a matéria, não percebem, frequentemente, ainda depois da sua morte senão esse princípio único, e absoluto. **Se refletísseis nos pensamentos que os dominaram toda a sua vida, os encontrareis certamente, ainda hoje, sob a inteira subjugação desses mesmos pensamentos.** [...]. De tal sorte que não veem, em seu novo estado, senão uma transformação de seu ser na qual não tinham pensado; mas ficam convencidos de que é uma progressão para o fim ao qual chegarão quando estiverem suficientemente libertos, para se apagarem no grande todo universal. Não há nada de tão renitente do que um sábio, e eles persistem em pensar que esse fim, por ser retardado, por isso não é menos inevitável.

Uma das condições de sua cegueira moral é de

encerrá-los mais violentamente nos laços da materialidade e, conseqüentemente, de impedi-los de se **afastarem das regiões terrestres ou similares à Terra**; e do mesmo modo que a grande maioria dos encarnados, aprisionados na carne, não podem perceber as formas vaporosas dos Espíritos que o cercam, do mesmo modo a opacidade do envoltório dos materialistas lhes interdita contemplar as entidades espirituais que se movem tão belas e tão radiosas, nas altas esferas do império celeste. ⁽⁷⁴⁾

O que seriam as regiões similares à Terra, não foi especificada, mas poderemos supor que sua localização se encontra no espaço próximo à Terra ou em algum dos mundos intermediários. No *Dicionário Priberam* veremos que a palavra similar significa: “*que é da mesma natureza; semelhante*”, é importante lembrarmos.

Chamamos a sua atenção, caro leitor, para a resposta à questão 278 e a fala do Espírito Mesmer que um pouco mais à frente citaremos, pois ambas corroboram o que aqui foi dito por Erasto.

Na ***Revista Espírita 1865***, mês de abril, temos o artigo “Resposta do irmão morto ao irmão vivo”, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

Minha morte, que vos aflige era o fim do

cativeiro de minha alma; vosso amor, vossa solicitude, vossa ternura haviam tornado doce meu exílio sobre a Terra; mas, nos meus mais belos momentos de inspiração musical, **voltei meus olhares para as regiões luminosas onde tudo é harmonia**, e me esquecia a escutar os acordes longínquos da melodia celeste que me inundava com suas doces vibrações. Quantas vezes me esqueci nesses sonhos extáticos, aos quais devia o sucesso de **meus estudos musicais, que continuo aqui!** Seria um estranho erro crer que a aptidão individual se perde no mundo espírita; ali ela se aperfeiçoa, ao contrário, para trazer, em seguida esse aperfeiçoamento sobre os planetas onde esses Espíritos são chamados a viver. ⁽⁷⁵⁾

Comentando essa comunicação do além-túmulo, em que o Espírito disse continuar os estudos musicais, Allan Kardec afirmou que:

Um outro fato ressalta igualmente da comunicação acima: **é a confirmação do princípio de que os Espíritos inteligentes prosseguem na vida espiritual os trabalhos e os estudos que empreenderam na vida corpórea.** ⁽⁷⁶⁾

Entendemos que as colônias estão em completa semelhança com as características dos mundos transitórios, referidos nas questões 234 a 236 de **O Livro dos Espíritos**, e que são estes

apenas acampamentos temporários.

234. *Há, de fato, como já foi dito, mundos que servem de estações ou pontos de repouso aos Espíritos errantes?*

“Sim, há mundos particularmente destinados aos seres errantes, mundos que lhes podem servir de habitação temporária, espécies de bivaques, de campos onde descansem de uma demasiada longa erraticidade, estado este sempre um tanto penoso. São, entre os outros mundos, posições intermédias, graduadas de acordo com a natureza dos Espíritos que a elas podem ter acesso e onde eles gozam de maior ou menor bem-estar.”

a) - *Os Espíritos que habitam esses mundos podem deixá-los livremente?*

“Sim, os Espíritos que se encontram nesses mundos podem deixá-los, a fim de irem para onde devam ir. Figurai-os como bandos de aves que pousam numa ilha, para aí aguardarem que se lhes refaçam as forças, a fim de seguirem seu destino.”

235. *Enquanto permanecem nos mundos transitórios, os Espíritos progridem?*

“Certamente. Os que vão a tais mundos levam o objetivo de se instruírem e de poderem mais facilmente obter permissão para passar a outros lugares melhores e chegar à perfeição que os eleitos atingem.”

236. *Pela sua natureza especial, os mundos transitórios se conservam perpetuamente destinados aos Espíritos errantes?*

“Não, a condição deles é meramente temporária.”

a) – *Esses mundos são ao mesmo tempo habitados por seres corpóreos?*

“Não; estéril é neles a superfície. Os que os habitam de nada precisam.”

b) – *É permanente essa esterilidade e decorre da natureza especial que apresentam?*

“Não; são estéreis transitoriamente.”

c) – *Os mundos dessa categoria carecem então de belezas naturais?*

“A Natureza reflete as belezas da imensidade, que não são menos admiráveis do que aquilo a que dais o nome de belezas naturais.”

d) – *Sendo transitório o estado de semelhantes mundos, a Terra pertencerá algum dia ao número deles?*

“Já pertenceu.”

e) – *Em que época?*

“Durante a sua formação.” (77)

Conforme exposto, os mundos transitórios são planetas estéreis, onde Espíritos errantes vivem temporariamente, sendo que neles não existem Espíritos encarnados.

Entendemos que, por serem habitações temporárias, hão de ser construções compatíveis

com a matéria do mundo espiritual, para as diversas necessidades dos Espíritos “errantes”, onde possam desenvolver-se intelectual e moralmente.

Tais construções, fluídicas, serão para nós, imperceptíveis aos sentidos físicos; no entanto, para os Espíritos na erraticidade, enquanto aguardam a sua vez de reencarnar, essas são construções palpáveis. (78) O fato de não conseguirmos compreender isso, devemos reconhecer nossa limitação intelectual diante da criação de Deus, não implica dizer que não existam.

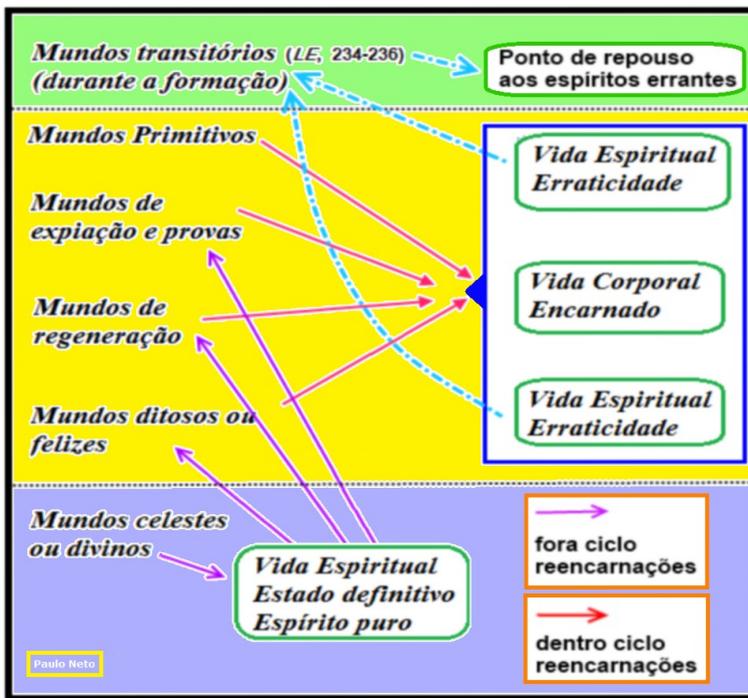
Vale a pena mencionar o comentário de Allan Kardec após a questão 236e:

Nada é inútil em a Natureza; tudo tem um fim, uma destinação. **Em lugar algum há o vazio; tudo é habitado, há vida em toda parte.** Assim, durante a dilatada sucessão dos séculos que passaram antes do aparecimento do homem na Terra, durante os lentos períodos de transição que as camadas geológicas atestam, **antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos,** naquela massa informe, **naquele árido caos,** onde os elementos se achavam em confusão, **não havia ausência de vida. Seres isentos das nossas necessidades, das nossas sensações físicas, lá encontravam refúgio. Quis Deus que, mesmo assim, ainda imperfeita, a Terra servisse para alguma coisa.** [...] Ninguém contestará que, **nesta**

ideia da existência de mundos ainda impróprios para a vida material e, não obstante, já povoados de seres vivos apropriados a tal meio, há qualquer coisa de grande e sublime, em que talvez se encontre a solução de mais de um problema. (79)

Portanto, fica claro que a Terra antes de se tornar própria para a vida orgânica, foi habitação de “*seres isentos de nossas necessidades*”.

Com base nas questões 234 a 236 de *O Livro dos Espíritos* e as diferentes categorias dos mundos habitados, citados no capítulo “III - Há muitas moradas na casa de meu Pai”, do *Evangelho Segundo o Espiritismo*, idealizamos o seguinte quadro:



Na **Revista Espírita 1862**, mês de julho, também encontramos, numa fala do Espírito São Luís, algo a respeito destes mundos:

[...] Os mundos intermediários são povoados de Espíritos esperando a prova da encarnação, ou aí se preparando de novo, segundo seu grau de adiantamento. Os Espíritos, **nesses viveiros da vida eterna, estão agrupados e divididos em grandes tribos**, uns adiante, outros em atraso no progresso, e **cada um escolhe, entre os grupos humanos, aqueles que correspondem simpaticamente às suas faculdades adquiridas**, os quais progredem e não podem retrogradar. [...].

(⁸⁰)

Então, fica claro que nos mundos transitórios, os que lá se encontram vivendo, o estão na condição de Espíritos errantes, não havendo, em tais mundos, Espíritos encarnados e, sendo estéreis esses mundos, certamente, que as construções, que por lá existam, serão de matéria etérea, ou, em algum estado que nós não compreendemos, por absoluta falta de parâmetro.

Em ***O Livro dos Espíritos***, há uma informação interessante sem a qual não se pode ver que as coisas são mais complexas do que aparentam, é que

[...] **O Sol** não seria mundo habitado por seres corpóreos, mas **simplesmente um lugar de reunião dos Espíritos superiores, os quais de lá irradiam seus pensamentos para os outros mundos**, que eles dirigem por intermédio de Espíritos menos elevados, transmitindo-os a estes por meio do fluido universal. [...]. (⁸¹)

Tomemos as questões 245 e 246 de ***O Livro dos Espíritos***:

245. *O Espírito tem circunscrita a visão como os seres corpóreos?*

“Não, ela reside em todo ele.”

246. *Precisam da luz para ver?*

“Veem por si mesmos, sem precisarem de luz exterior. **Para os Espíritos não há trevas, salvo as em que pode acharem por expiação.**” (82)

Veremos, mais à frente, depoimentos de Espíritos dando conta de que estão nas trevas.

Na ***Revista Espírita 1861***, mês de maio, foi publicada esta mensagem, com o título “Festas dos bons Espíritos”:

A chegada de um irmão entre eles

(Envio da Sra. Cazemajoux, médium de
Bordeaux.)

Também temos as nossas festas, e isso nos ocorre frequentemente, porque os bons Espíritos da Terra, nossos irmãos bem-amados, em se despojando de seu envoltório material, nos estendem os braços, e **nós vamos, em grupo inumerável, recebê-los à entrada da morada onde vão doravante habitar conosco**; e nessas festas não se agitam, como nas vossas, as paixões humanas que, sob os rostos graciosos, e as fronteiras coroadas de flores, escondem a inveja, o orgulho, o ciúme, a vaidade, o desejo de agradar e de preponderar sobre os seus rivais nesses prazeres factícios que não o são mais. Aqui reinam a alegria, a paz, a concórdia; cada um está contente com a classe que lhe foi assinalada e feliz com a

felicidade de seus irmãos. Pois bem! Meus amigos, com esse acordo perfeito que reina entre nós, **nossas festas têm um encanto indescritível; milhões de músicos cantam, sobre liras harmoniosas**, as maravilhas de Deus e da criação, com os acentos mais encantadores do que as vossas mais suaves melodias; **longas procissões aéreas de Espíritos volitam como zéfiros, lançando sobre os recém-chegados nuvens de flores**, das quais não podeis compreender o perfume e as nuances variadas; **depois o banquete fraterno, onde são convidados aqueles que terminaram com felicidade a sua prova**, e vêm receber a recompensa de seus trabalhos. Oh! Meu amigo, tu gostarias disso saber mais, mas a vossa língua não tem possibilidade de descrever essas magnificências; eu já vos disse bastante, a vós que sois meus bem-amados, para vos dar o desejo de isso aspirar, e então, cara Emile, livre da missão que cumpri junto de ti sobre a Terra, continuá-la-ei para te conduzir através do espaço, e te fazer desfrutar todas essas felicidades.

FELÍCIA.

Mulher do evocador Emile, e depois de um ano seu guia protetor. ⁽⁸³⁾

Não há comentário de Allan Kardec sobre essa e as cinco outras mensagens publicada, portanto, cabe a cada um de nós a sua análise.

Em junho, ainda na **Revista Espírita 1861**, temos registrada a mensagem “A separação do

Espírito”, assinada por Ferdinand, Espírito protetor de uma comunidade espírita em Bordeaux, que transcrevemos:

[...] Quando o princípio da vida orgânica se extingue, por um dos mil acidentes aos quais o corpo está sujeito, **o Espírito se desliga dos laços que o retinham em sua prisão fétida, e eilo livre no espaço.**

Entretanto, ocorre que, quando ele é ignorante, e sobretudo quando é bem culpável, **um véu espesso lhe esconde as belezas da morada que os bons Espíritos habitam**, e ele se encontra só, ou na companhia de Espíritos maus e inferiores, num círculo que não lhe permite nem de ver onde chega, nem de se lembrar de onde vem; então, está inquieto, sofrendo constrangido, até que, num tempo mais ou menos longo, seus irmãos os Espíritos vêm esclarecê-lo sobre a sua posição, e lhe abrem os olhos para que se lembre do mundo dos Espíritos que habitou, e os diferentes planetas onde suportará as suas diversas encarnações; se a última foi bem conduzida, ela lhe abre as portas dos mundos superiores, e se ela foi inútil e cheia de iniquidades, ele é punido pelo remorso, e depois que o Espírito se submeteu à cólera de Deus, pelo seu arrependimento e a prece de seus irmãos, recomeça a viver, o que não é uma felicidade, mas um castigo ou uma prova. ⁽⁸⁴⁾

A massa de Espíritos habitantes da Terra, ao desencarnar ficam no plano espiritual a vinculado a

ela. Então, as belezas da morada dos Espíritos bons, que não podem ver, estão exatamente nesse plano imediato à crosta terrestre.

Tomaremos, agora, da obra **O Céu e o Inferno** na qual temos, na segunda parte, vários casos das situações dos Espíritos no mundo espiritual. Allan Kardec esclarece que:

[...] Esses exemplos poderiam ser multiplicados infinitamente, porém, forçados a limitar-lhes o número, **fizemos escolha dos que pudessem melhor esclarecer o mundo espiritual e o seu estado**, já pela situação dos Espíritos, já pelas explicações que estavam no caso de fornecer. [...].
(⁸⁵)

Trazemos para análise alguns de seus trechos:

[...] Além disso, em vez de perdidos nas profundezas do Espaço, estão ao redor de nós; o mundo corporal e o mundo espiritual identificam-se em perpétuas relações, assistindo-se mutuamente.
(⁸⁶)

Existem, portanto, **dois mundos**: o *corporal*, composto de Espíritos encarnados; e o *espiritual*, formado dos Espíritos desencarnados. Os seres do mundo corporal, devido mesmo à materialidade do seu envoltório, estão ligados à Terra ou a qualquer globo; **o mundo espiritual ostenta-se por toda**

parte, em redor de nós como no Espaço, sem limite algum designado. Em razão mesmo da natureza fluídica do seu envoltório, os seres que o compõem, em lugar de se locomoverem penosamente sobre o solo, transpõem as distâncias com a rapidez do pensamento. A morte do corpo não é mais que a ruptura dos laços que os retinham cativos. ⁽⁸⁷⁾

O mundo espiritual tem esplendores por toda parte, harmonias e sensações que os Espíritos inferiores, submetidos à influência da matéria, não entreveem sequer, e que somente são acessíveis aos Espíritos purificados. ⁽⁸⁸⁾

O Espírito progride igualmente na erraticidade, adquirindo conhecimentos especiais que não poderia obter na Terra, e modificando as suas ideias. [...]. ⁽⁸⁹⁾

12. A felicidade dos Espíritos bem-aventurados não consiste na ociosidade contemplativa, que seria, como temos dito muitas vezes, uma eterna e fastidiosa inutilidade.

A vida espiritual em todos os seus graus é, ao contrário, uma constante atividade, mas atividade isenta de fadigas. ⁽⁹⁰⁾

15. Todas as inteligências concorrem, pois, para a obra geral, qualquer que seja o grau atingido, e cada uma na medida das suas forças, **seja no estado de encarnação ou no espiritual. Por toda parte a atividade,** desde a base ao ápice da escala, instruindo-se, coadjuvando-se em mútuo apoio, dando-se as mãos para alcançarem o zênite. ⁽⁹¹⁾

25° – **Espíritos há mergulhados em densa treva**; outros se encontram em absoluto insulamento no Espaço, atormentados pela ignorância da própria posição, como da sorte que os aguarda. Os mais culpados padecem torturas muito mais pungentes por não lhes entreverem um termo.

Alguns são privados de ver os seres queridos, e todos, geralmente, passam com intensidade relativa pelos males, pelas dores e privações que a outrem ocasionaram. **Esta situação perdura até que o desejo de reparação pelo arrependimento lhes traga a calma para entrever a possibilidade de, por eles mesmos, pôr um termo à sua situação.**

26° – Para o orgulhoso relegado às classes inferiores, **é suplício ver acima dele colocados, cheios de glória e bem-estar, os que na Terra desprezara.** O hipócrita vê desvendados, penetrados e lidos por todo o mundo os seus mais secretos pensamentos, sem que os possa ocultar ou dissimular; o sátiro, na impotência de os saciar, tem na exaltação dos bestiais desejos o mais atroz tormento; vê o avaro o esbanjamento inevitável do seu tesouro, enquanto que o egoísta, desamparado de todos, sofre as consequências da sua atitude terrena; nem a sede nem a fome lhe serão mitigadas, nem amigas mãos se lhe estenderão às suas mãos súplices; e pois que em vida só de si cuidara, ninguém dele se compadecerá na morte. ⁽⁹²⁾

Acreditamos que tudo o que foi dito acima pode servir de parâmetro para um novo

entendimento sobre a vida no mundo espiritual e que a mesma não seja vista apenas como uma bela tela, com “anjos tocando harpa”, produzida por algum genial pintor renascentista. É uma vida ativa e com reais possibilidades de aprendizado, quando, no intervalo das reencarnações, nele estagiamos. Vemos *“Por toda parte, no mundo espiritual, atividade, em nenhum ponto a ociosidade inútil”*. (93)

O que nos pareceu mais importante na obra **Céu e o Inferno** vem agora. Trata-se de uma mensagem assinada pela Condessa Paula, classificada por Allan Kardec entre os Espíritos felizes. Depois de destacar as qualidades morais da Condessa, informando que ela havia falecido aos 36 anos de idade, no ano de 1851, que *“um de seus parentes, evocou-a doze anos depois de falecida, e obteve, em resposta a diversas perguntas, a seguinte comunicação (94)”*:

“Tendes razão, amigo, em pensar que sou feliz. Assim é, efetivamente, e mais ainda do que a linguagem pode exprimir, conquanto longe do seu último grau. Mas eu estive na Terra entre os felizes, pois não me lembro de haver aí experimentado um só desgosto real. Juventude, homenagens, saúde, fortuna, tudo o que entre vós outros constitui felicidade eu possuía! O que é, no entanto, essa

felicidade comparada à que desfruto aqui? **Esplêndidas festas terrenas em que se ostentam os mais ricos paramentos, o que são elas comparadas a estas assembleias de Espíritos resplendentes de brilho que as vossas vistas não suportariam, brilho que é o apanágio da sua pureza? Os vossos palácios de dourados salões, que são eles comparados a estas moradas aéreas, vastas regiões do Espaço matizadas de cores que obumbrariam o arco-íris? Os vossos passeios, a contados passos nos parques, a que se reduzem, comparados aos percursos da imensidade, mais céleres que o raio?**

“Horizontes nebulosos e limitados, que são, comparados ao espetáculo de mundos a moverem-se no Universo infinito ao influxo do Altíssimo? E como são monótonos os vossos concertos mais harmoniosos em relação à suave melodia que faz vibrar os fluidos do éter e todas as fibras d'alma! E como são tristes e insípidas as vossas maiores alegrias comparadas à sensação inefável de felicidade que nos satura todo o ser como um eflúvio benéfico, sem mescla de inquietação, de apreensão, de sofrimento?! **Aqui, tudo ressumbra amor, confiança, sinceridade: por toda parte corações amantes, amigos por toda parte!**

“Nem invejosos, nem ciumentos! É este o mundo em que me encontro, meu amigo, e ao qual chegareis infalivelmente, se seguides o reto caminho da vida.

“A felicidade uniforme fatigaria, no entanto, e assim não acrediteis que a nossa seja extrema de peripécias: nem concerto perene, nem festa

interminável, nem beatífica contemplação por toda a eternidade, porém o movimento, a atividade, a vida.

“As ocupações, posto que, isentas de fadiga, revestem-se de perspectivas e emoções variáveis e incessantes, pelos mil incidentes que se lhes filiam. Tem cada qual sua missão a cumprir, seus protegidos a velar, amigos terrenos a visitar, mecanismos na Natureza a dirigir, almas sofredoras a consolar; e é o vaivém, não de uma rua a outra, porém, de um a outro mundo; reunindo-nos, separando-nos para novamente nos juntarmos; e, reunidos em certo ponto, comunicamo-nos o trabalho realizado, felicitando-nos pelos êxitos obtidos; ajustamo-nos, mutuamente nos assistimos nos casos difíceis. Finalmente, asseguro-vos que ninguém tem tempo para enfadar-se, por um segundo que seja. Presentemente, a Terra é o magno assunto das nossas cogitações. Que movimento entre os Espíritos! **Que numerosas falanges aí afluem, a fim de lhe auxiliarem o progresso e a evolução! Dir-se-ia uma nuvem de trabalhadores a destrinçarem uma floresta, sob as ordens de chefes experimentados; abatem uns os troncos seculares, arrancam-lhes as raízes profundas, desbastam outros o terreno; amanham estes a terra, semeando; edificam aqueles a nova cidade sobre as ruínas carunchosas de um velho mundo. Neste comenos reúnem-se os chefes em conferência e transmitem suas ordens por mensageiros, em todas as direções. A Terra deve regenerar-se, em dado tempo – pois importa que os desígnios da Providência se realizem, e, assim, tem cada qual o seu papel. Não me julgueis simples expectadora desta grande empresa, o que**

me envergonharia, **uma vez que todos nela trabalham**. Importante missão me é afeta, e grandemente me esforço por cumpri-la, o melhor possível. Não foi sem luta que alcancei a posição que ora ocupo na vida espiritual; e ficai certo de que a minha última existência, por mais meritória que porventura vos pareça, não era por si só e a tanto suficiente. Em várias existências passei por provas de trabalho e miséria que voluntariamente havia escolhido para fortalecer e depurar o meu Espírito; dessas provas tive a dita de triunfar, vindo a faltar, no entanto, uma, porventura de todas a mais perigosa: a da fortuna e bem-estar materiais, Nessa consistia o perigo. E antes de o tentar, eu quis sentir-me assaz forte para não sucumbir. Deus, tendo em vista as minhas boas intenções, concedeu-me a graça do seu auxílio. Muitos Espíritos há que, seduzidos por aparências, pressurosos escolhem essa prova, mas, fracos para afrontar-lhe os perigos, deixam que as seduções do mundo triunfem da sua inexperiência.

“Trabalhadores! estou nas vossas fileiras: eu, a dama nobre, ganhei como vós o pão com o suor do meu rosto; saturei-me de privações, sofri reveses e foi isso que me retemperou as forças da alma; do contrário eu teria falido na última prova, o que me teria deixado para trás, na minha carreira.

“Como eu, também vós tereis a vossa prova da riqueza, mas não vos apresseis em pedi-la muito cedo. E vós outros, ricos, tende sempre em mente que a verdadeira fortuna, a fortuna imorredoura, não existe na Terra; procurai antes saber o preço pelo qual podeis alcançar os benefícios do Todo-Poderoso.

Fizemos questão de transcrever tudo, porquanto, além de falar em “*moradas aéreas*”, a Condessa ainda nos informa sobre outras particularidades da vida espiritual. Podemos, então, afirmar com segurança, que na Codificação encontramos a confirmação de que existem, no mundo espiritual, as colônias para diversas finalidades.

Mais algumas informações merecem ser transcritas de **O Céu e Inferno**, por terem algo de útil ao nosso estudo:

– P. Que regiões habitais? Acaso algum planeta? – R. **Tudo que não seja planeta, constitui o que chamais Espaço e é neste que permaneço.** O homem não pode, contudo, calcular, fazer uma ideia, sequer, do número de gradações desta imensidade. Que infinidade de escalas nesta escada de Jacob que vai da Terra ao Céu, isto é, do aviltamento da encarnação em mundo inferior, como esse, até a depuração completa da alma! **Ao lugar em que ora me encontro não chega senão depois de uma série enorme de provas, ou, por outra, de encarnações.** ⁽⁹⁶⁾

O Espírito identificado como “*um médico russo*”, dentre os vários felizes a nós apresentados

por Allan Kardec, afirma que reside num lugar no espaço, demonstrando também haver graduações no mundo espiritual.

– P. E como Espírito, agora, **tendes ainda ocupações?**

– R. Acrediteis então que os Espíritos ficassem inativos? A inação, a inutilidade ser-nos-ia um suplício. **A minha missão é guiar centros espíritas aos quais inspiro bons pensamentos, ao mesmo tempo que me esforço por neutralizar os sugeridos por maus Espíritos.** ⁽⁹⁷⁾

Dessa comunicação de Bernardin, podemos confirmar que os Espíritos de condições mais elevadas trabalham, e, no caso em questão, sua missão é ser protetor de Centros Espíritas.

Allan Kardec, comentando a situação de Claire, um Espírito sofredor, diz:

Esses Espíritos, quando desencarnados, não podem prontamente adquirir a delicadeza dos sentimentos e, durante um tempo mais ou menos longo, **ocuparão as camadas inferiores do mundo espiritual**, tal como acontece na Terra: assim permanecerão enquanto rebeldes ao progresso, mas, como o tempo a experiência, as tribulações e misérias das sucessivas encarnações, chegará o momento de conceberem

algo de melhor do que então possuíam; [...].⁽⁹⁸⁾

Ao mencionar as camadas inferiores do mundo espiritual, Allan Kardec sanciona a existência de níveis evolutivos diferenciados ou, em outras palavras, faixas espirituais, em que se abrigam os Espíritos que se assemelham em suas características ou vibrações. Para confirmar seu pensamento, Allan Kardec indaga do Espírito São Luís:

Que devemos entender por trevas em que se acham mergulhadas certas almas sofredoras? Serão as referidas tantas vezes na Escritura?

Obtendo como resposta:

Sim, efetivamente, as designadas por Jesus e pelos profetas em referência ao castigo dos maus. [...].⁽⁹⁹⁾

Evocado, novamente, o Espírito Claire disse:

Eis-me aqui. **Também eu posso responder à pergunta relativa às trevas, pois vaguei e sofri por muito tempo nesses limbos onde tudo é soluço e misérias.** Sim, existem as trevas visíveis de que fala a Escritura, e os desgraçados que deixam a vida, ignorantes ou culpados, depois das provações terrenas são impelidos a fria região, inconscientes de si mesmos e do seu destino.

Acreditando na perenidade dessa situação, a sua linguagem é ainda a da vida que os seduziu, e admiram-se e espantam-se da profunda solidão: **trevas são, pois, esses lugares povoados e ao mesmo tempo desertos**, espaços em que erram obscuros Espíritos lastimosos, sem consolo, sem afeições, sem socorro de espécie alguma. [...] As trevas para o Espírito são: a ignorância, o vácuo, o horror ao desconhecido... Não posso continuar...

Claire. ⁽¹⁰⁰⁾

Aqui se confirma o que foi dito antes em relação às camadas inferiores do mundo espiritual, e que em nada diferem daquilo que, na literatura André Luiz, se convencionou chamar de Umbral.

Vejamos o diálogo com um Espírito que cometera suicídio:

– Vedes o vosso amante, com o qual vos suicidastes? – R. Nada vejo, nem mesmo os Espíritos que comigo erram neste mundo. **Que noite! Que noite! E que véu espesso me circunda a frente!**

[...].

Acreditais na perenidade dessa situação? – R. Oh! Sempre! Sempre! **Ouço às vezes risos infernais, vozes horrendas que bradam: sempre assim!** ⁽¹⁰¹⁾

Além de viver nas trevas, a infortunada criatura ouvia vozes dizendo que permaneceria, para sempre, nessa condição.

Outro Espírito de suicida clamou ouvir vozes, tratava-se de Félicien, que, a certa altura de sua comunicação, reclama:

[...] orai, principalmente, para que me veja livre desses **hórridos companheiros que aqui estão junto de mim, obsediando-me com gritos, sorrisos e infernais motejos**. Eles me chamam de covarde, e com razão, porque é covardia renunciar à vida. [...]. ⁽¹⁰²⁾

Os relatos que temos nas obras de André Luiz, também nos dão conta de situações bem semelhantes; inclusive, acontecida com o próprio autor espiritual, que confessa que ouvia vozes a dizer-lhe: *“Suicida! Suicida! Criminoso infame!”* ⁽¹⁰³⁾

Na sessão comemorativa de 02 de novembro de 1864, da Sociedade Espírita de Paris, da alocução de Allan Kardec, publicada na **Revista Espírita 1864**, mês de dezembro, transcrevemos o seguinte trecho:

Caros Espíritos de nossos antigos colegas:

Jobarb, Sanson, Costeau, Hobach e Poudra:

Em vos convidando à nossa reunião comemorativa, nosso objetivo não é somente de vos dar um testemunho de nossa lembrança, que, vós o sabeis, é sempre cara à nossa memória; vimos, sobretudo, vos felicitar pela posição que ocupais no mundo dos Espíritos, e vos agradecer as excelentes instruções que vindes, de tempos em tempos, nos dar desde a vossa partida.

A Sociedade se regozija de vos saber felizes; ela se honra de vos ter contado entre seus membros, e de vos contar agora entre seus conselheiros do mundo invisível.

Apreciamos a sabedoria de vossas comunicações, e estaremos sempre felizes todas as vezes que quiserdes bem vir tomar parte em nossos trabalhos.

A este testemunho de gratidão, associamos todos os bons Espíritos que vêm habitualmente ou eventualmente nos trazer o tributo de suas luzes: Jean, Ev., Erasto, Lamennais, Georges, François-Nicolas-Madeleine, Santo Agostinho, Sonnet, Baluze, Vianne, cura d'Ars, Jean Raynaud, Delph. de Girardin, Mesmer e aqueles que não tomam senão a qualificação de *Espírito*.

Devemos um tributo particular de reconhecimento **ao nosso guia e presidente espiritual, que foi São Luís sobre a Terra**; nós o agradecemos por ter consentido em tomar a nossa sociedade sob seu patrocínio, e as marcas evidentes de proteção que nos deu. Nós lhe pedimos consentir igualmente em nos assistir nesta circunstância. ⁽¹⁰⁴⁾

Fizemos essa transcrição, para demonstrar o elevado apreço que Allan Kardec tinha por Mesmer, já que na **Revista Espírita 1865**, mês de maio, temos uma comunicação assinada por ele, cujo título é: “Sobre as criações fluídicas”, da qual transcrevemos este pequeno trecho:

Sim, os objetos procriados instantaneamente pela vontade, que é o mais rico dom do Espírito, **são hauridos nos fluidos semimateriais do corpo chamado perispírito**, dos habitantes da erraticidade. Eis porque, com esses elementos, **podem criar objetos segundo seu desejo.**

O mundo dos invisíveis é como o vosso; em lugar de ser material e grosseiro, é fluídico, etéreo, da natureza do perispírito, que é o verdadeiro corpo do Espírito, haurido nesses meios moleculares, como o vosso se forma de coisas mais palpáveis, tangíveis, materiais.

O mundo dos Espíritos não é o reflexo do vosso; é o vosso que é uma grosseira e muito imperfeita imagem do reino de além-túmulo. ⁽¹⁰⁵⁾

A tradução do trecho “**são hauridos nos fluidos semimateriais do corpo chamado perispírito**” está um pouco complicada, na verdade, sem sentido algum, o que dificulta o entendimento, vejamos na versão em francês:

Oui, les objets procréés instantanément par la volonté, qui est le plus riche don de l'Esprit, **sont puisés dans les fluides semi-matériels, analogues à la constitution semi-matérielle du corps appelé périspit**, des habitants de l'erraticité. Voilà pourquoi, avec ces éléments, ils peuvent créer des objets selon leur désir. ⁽¹⁰⁶⁾

Vejamos como Evandro Noletto Bezerra, tradutor da FEB, verteu para o português o trecho em questão: *“são colhidos nos fluidos semimateriais, **análogos à constituição** semimaterial do corpo chamado perispírito”* ⁽¹⁰⁷⁾

Allan Kardec disse algo que, julgamos, confirma tudo isso: **“Consideramos, pois, o mundo dos Espíritos como o duplo do mundo corpóreo, como uma fração da Humanidade.”** ⁽¹⁰⁸⁾

Em **O Livro dos Espíritos**, na resposta à pergunta *“Os Espíritos das diferentes ordens se acham misturados uns com os outros?”* (nº 278), lemos:

Sim e não. Quer dizer: eles se veem, mas se distinguem uns dos outros. Evitam-se ou se aproximam, conforme a simpatia ou a antipatia que reciprocamente uns inspiram aos outros, tal qual sucede entre vós. **Constituem um mundo do qual o vosso é pálido reflexo.** Os da mesma

categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias, unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam: os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e pela **necessidade de se acharem entre os que se lhes assemelham**. ⁽¹⁰⁹⁾ (itálico do original)

Explicando, Allan Kardec compara:

Tal uma grande cidade onde os homens de todas as classes e de todas as condições se veem e encontram, sem se confundirem; onde as sociedades se formam pela analogia dos gostos; onde a virtude e o vício se acotovelam, sem trocarem palavra. ⁽¹¹⁰⁾

Ora, se o nosso mundo é um pálido reflexo do mundo espiritual, onde os Espíritos se reúnem por afinidade, formando grupos ou famílias, é até lógico constituírem locais ou mesmo cidades para isso.

No artigo “Confissão de Voltaire”, publicado na **Revista Espírita 1859**, mês de agosto, Allan Kardec justifica a sua publicação, dizendo, entre outras coisas, que:

Um dos nossos correspondentes de Boulogne, a propósito da entrevista de Voltaire e Frédéric, que

publicamos no último número da Revista, nos dirige a seguinte, **comunicação que aqui inserimos com tanto maior bom grado porque ela apresenta um lado eminentemente instrutivo do ponto de vista espírita. [...].** (111)

Desse artigo, transcrevemos apenas dois parágrafos, que têm a ver com o nosso tema:

Foi, eu o digo, zombador e desconfiado que abordei o mundo espírita. **Primeiro fui conduzido para longe das habitações dos Espíritos**, e percorri o espaço imenso. Em seguida, **me foi permitido lançar os olhos sobre as construções maravilhosas das moradas espíritas e, com efeito, elas me pareceram surpreendentes**; fui impelido, aqui e ali, por uma força irresistível; tive que ver, e ver até que minha alma transbordasse pelos esplendores, e derrotada diante do poder que controlava tais maravilhas. Enfim, quis me esconder e me agachar no oco das rochas, mas não pude.

Foi nesse momento que meu coração começou a sentir uma necessidade de expandir; uma associação qualquer tornou-se urgente, porque eu queimava para dizer o quanto fora induzido ao erro, não por outros, mas pelos meus próprios sonhos. Não me restava mais a ilusão quanto à minha importância pessoal, porque eu não sentia senão muito o quanto era pouca coisa nesse grande mundo dos Espíritos. **Estava, enfim, de tal modo caído de desgosto e de humilhação, que me foi permitido juntar-me a alguns dos**

habitantes. Foi dali que pude contemplar a posição que me fizera na Terra, e o que disso resultou, para mim no mundo espírita. Eu vos deixo o acreditar se essa apreciação foi-me risonha. ⁽¹¹²⁾

Segue-se, em nota, alguns comentários de Allan Kardec, dos quais destacamos este:

Nunca talvez um quadro mais grandioso e mais impressionante foi dado do mundo espírita, e da influência das ideias terrestres sobre as ideias de além-túmulo. [...]. ⁽¹¹³⁾

Como se vê, não resta dúvida de que Allan Kardec não estranhou a existência de habitações e construções no mundo espiritual; aliás, pelas considerações que fez, estava de pleno acordo com essas informações do Espírito Voltaire.

O Codificador publicou na **Revista Espírita 1859**, mês de setembro, o artigo “Morte de um Espírita”, no qual registrou o diálogo com o Espírito Senhor J..., evocado em 08/07/1859. Dele destacamos esse interessante trecho:

8. Sentistes um espanto qualquer em vos encontrando no mundo dos Espíritos? – R. É impossível que seja de outro modo; mas espanto não é a palavra: antes admiração. Bem longe se

pode fazer uma ideia do que ele é!

Nota. - Aquele que, antes de ir habitar um país, estuda-o nos livros, se identifica com os costumes de seus habitantes, sua configuração, seu aspecto, por meio de desenhos, de planos e de descrições, fica menos surpreso, sem dúvida, do que aquele que dele não tem nenhuma ideia; e, todavia, a realidade mostra-lhe uma multidão de detalhes que ele não havia previsto e que o impressiona. **Deve ocorrer o mesmo no mundo dos Espíritos, do qual não podemos compreender todas as maravilhas, porque há coisas que ultrapassam o nosso entendimento.** ⁽¹¹⁴⁾

O final desse comentário de Allan Kardec prova que não podemos julgar que sabemos e compreendemos tudo do plano espiritual. A impressão que temos é que muitos acreditam que lá os desencarnados ficam vagando pelo espaço etéreo e infinito qual um bando de “almas penadas”, sem nenhum local de repouso.

Há ainda, na **Revista Espírita 1859**, mês de maio, um artigo sob o título de “Música de além-túmulo”, onde consta que, na reunião da Sociedade Espírita de Paris, realizada a 08 de abril, os Espíritos dos compositores Mozart e Chopin foram evocados. Da parte em que relata o diálogo com Chopin, transcrevemos:

20. Estais bem errante? – R. Sim; quer dizer que não pertenço a nenhum planeta exclusivamente.

21. E vossos executantes, estão também errantes? – Errantes como eu.

22. (A Mozart) Teríeis a bondade de nos explicar o que Chopin acaba de dizer? – R. Concebo vosso espanto; todavia, **dissemo-vos que há mundos particularmente atribuídos aos seres errantes, mundos nos quais podem habitar temporariamente; espécies de acampamentos, de campos para repousar** seus espíritos fatigados por uma longa erraticidade, estado sempre um pouco penoso. ⁽¹¹⁵⁾

Tendo em vista essa referência a mundos intermediários ou transitórios, destinados aos Espíritos errantes, ou seja, aos que se encontram na dimensão espiritual aguardando nova encarnação, Allan Kardec, visando aprofundar a questão, resolve, numa outra oportunidade, fora da Sociedade, questionar ao Espírito Santo Agostinho sobre eles, de cujas considerações podemos resumir ⁽¹¹⁶⁾:

- ocupam posições intermediárias entre os outros mundos;
- neles os Espíritos têm o objetivo de se instruir;
- têm posição transitória e são destinados a

Espíritos errantes;

- não são habitados por seres corpóreos;
- têm superfície estéril, sendo essa condição temporária;
- durante a sua formação a Terra foi um desses mundos.

Allan Kardec, ao final, faz a seguinte consideração:

Essa comunicação confirma, uma vez mais, essa grande verdade que nada é inútil na Natureza; cada coisa tem seu objetivo, sua destinação; **nada está no vazio, tudo está habitado, a vida está por toda parte.** ⁽¹¹⁷⁾

Caro leitor, a sua impressão de que “já vi isso antes” é correta, pois, tudo se encontra em *O Livro dos Espíritos*, nas questões 234 a 236, já mencionadas.

Se no Universo existem planetas em formação que servem de abrigo a Espíritos errantes, por que não poderia haver, ao redor dos planetas habitados, várias comunidades ou colônias espirituais, para abrigo dos Espíritos vinculados a esse planeta, entre uma encarnação e outra, a exemplo de nossas atuais

estações espaciais?

Sobre a nossa afirmativa “*ao redor dos planetas*”, é bom lembrar que existe toda uma população de Espíritos desencarnados ainda vinculados a cada um deles. Vejamos, na **Revista Espírita 1865**, mês de março, essa fala de Allan Kardec:

Se bem que os Espíritos estejam por toda a parte, os mundos são os lares onde se reúnem de preferência, em razão da analogia que existe entre eles e aqueles que os habitam. Ao redor dos mundos avançados são muitos os Espíritos superiores; ao redor dos mundos atrasados pululam os Espíritos inferiores. A Terra é ainda um destes últimos. **Cada globo tem, pois, de alguma sorte, a sua população própria em Espíritos encarnados e desencarnados**, que se alimenta, em maior parte, pela encarnação e desencarnação dos mesmos Espíritos. Essa população é mais estável nos mundos inferiores, onde os Espíritos são mais apegados à matéria, e mais flutuante nos mundos superiores. ⁽¹¹⁸⁾

Esperamos que não se entenda, que a vida dos Espíritos vinculados à Terra, consiste apenas em ficar aguardando “numa fila” sua nova oportunidade de encarnar, ao se ler esse trecho de **A Gênese**:

Os Espíritos, que formam a população invisível do nosso globo, onde eles já viveram e onde continuam a imiscuir-se na nossa vida, estão naturalmente identificados com os nossos hábitos, cuja lembrança conservam na erraticidade. [...]. ⁽¹¹⁹⁾

Ainda na **Revista Espírita 1865**, mês de março, no parágrafo anterior ao citado acima, encontramos:

[...] Os Espíritos felizes, atraídos uns para os outros pela semelhança das ideias, dos gostos, dos sentimentos, formam vastos grupos ou famílias homogêneas, no seio das quais cada individualidade irradia suas próprias qualidades, e se penetra dos eflúvios serenos e benfazejos que emanam do conjunto, cujos membros ora se dispersam para ocuparem-se de suas missões, **ora se reúnem num ponto qualquer do espaço para darem conta do resultado de seus trabalhos**, ora se reúnem ao redor de um Espírito de uma ordem mais elevada, para receberem seus conselhos e suas instruções. ⁽¹²⁰⁾

Sobre a questão de se reunirem, vejamos o que está na **Revista Espírita 1859**, mês de abril:

Considerando-se o número infinito de mundos que povoam o Universo e o número incalculável de seres que os habitam, conceber-se-á que os

Espíritos têm com que se ocuparem; mas essas ocupações não lhes são penosas; cumprem-nas com alegria, voluntariamente e não por constrangimento, e sua felicidade está em triunfarem naquilo que empreendem; ninguém sonha com uma ociosidade eterna que seria um verdadeiro suplício. **Quando as circunstâncias o exigem, reúnem-se em conselho**, deliberam sobre o caminho a seguir, segundo os acontecimentos, dão ordens aos Espíritos que lhes são subordinados, e, em seguida, vão para onde o dever os chama. Essas assembleias são mais ou menos gerais ou particulares, segundo a importância do assunto; **nenhum lugar especial e circunscrito está destinado a essas reuniões: o espaço é o domínio dos Espíritos; todavia, de preferência, dirigem-se aos globos onde estão os seus objetivos**. Os Espíritos encarnados que aí estão em missão, nelas tomam parte segundo sua elevação; enquanto seus corpos repousam, vão haurir conselhos entre os outros Espíritos, frequentemente, receber ordens sobre a conduta que devem ter como homens. Em seu despertar, não têm, é verdade, uma lembrança precisa do que se passou, mas têm a intuição, que os faz agir como por sua própria iniciativa. ⁽¹²¹⁾

Se de *“preferência, dirigem-se aos globos onde estão os seus objetivos”*, não vemos razão alguma para não terem criado as colônias espirituais ao redor dos planetas, para que a assistência que prestam a seus habitantes seja realizada de maneira mais eficiente.

Percebemos que, de certo modo, a resistência em acreditar em construções no mundo espiritual está no fato de usar como parâmetro, ainda que inconscientemente, as edificações terrenas, esquecendo-se de um detalhe determinante – a matéria do mundo espiritual não é a mesma que temos na Terra. Vejamos o que nos revela **O Livro dos Espíritos**:

22. Define-se geralmente a matéria como sendo – o que tem extensão, o que é capaz de nos impressionar os sentidos, o que é impenetrável. São exatas estas definições?

“Do vosso ponto de vista, elas o são, porque não falais senão do que conheceis. Mas **a matéria existe em estados que ignorais. Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que nenhuma impressão vos cause aos sentidos.** Contudo, é sempre matéria. Para vós, porém, não o seria.” ⁽¹²²⁾

Portanto, não podemos conceber as construções do mundo espiritual, sendo feitas do mesmo material que temos aqui na Terra.

Na **Revista Espírita 1859**, mês de agosto, há um artigo intitulado “Mobiliário do além-túmulo”, no qual se explica a ocorrência da manifestação de um Espírito fumando um cachimbo e o de uma pessoa

viva portando uma tabaqueira, em que, de tempos em tempos, tomava uma pitada, o que acreditamos nos ajudará a compreender melhor as construções.

[...] **O Espírito tem sobre os elementos materiais** espalhados por todo o espaço, em nossa atmosfera, **um poder que estais longe de suspeitar**. Ele pode, **à sua vontade, concentrar esses elementos e dar-lhes a forma aparente própria desses objetos.** ⁽¹²³⁾

Avançando para um pouco mais à frente, do diálogo com São Luís, destacamos estas duas questões:

25. **Se o Espírito pode haurir no elemento universal os materiais para fazer todas essas coisas, dar a essas coisas uma realidade temporária com suas propriedades**, pode muito bem ali haurir o que é necessário para escrever, e, conseqüentemente, isso parece dar-nos a chave dos fenômenos da escrita direta? – R. Enfim, aí chegastes!

26. Se a matéria, da qual o Espírito se serve, não tem persistência, como ocorre que os traços da escrita direta não desaparecem? – R. Não concluais sobre as palavras; eu não disse no início: jamais; era questão de um objeto material volumoso; aqui, são sinais traçados que é útil conservar, e são conservados.

A teoria acima assim pode se resumir o

Espírito age sobre a matéria; haure na matéria primitiva universal os elementos necessários para formar, à sua vontade, objetos com aparência de diversos corpos que existem na Terra, ele pode igualmente operar sobre a matéria elementar, por sua vontade, uma transformação íntima que lhe dá propriedades determinadas. Essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que a exerce, frequentemente, como um ato instintivo quando isso é necessário, e sem se dar conta dele. **Os objetos formados pelo Espírito têm uma existência temporária, subordinada à sua vontade ou à necessidade; podem fazê-los e desfazê-los à sua vontade. Esses objetos podem, em certos casos, terem, aos olhos das pessoas vivas, todas as aparências da realidade, quer dizer, tornarem-se momentaneamente visíveis e mesmo tangíveis.** Há formação, mas não criação, tendo em vista que o Espírito nada pode tirar do nada. ⁽¹²⁴⁾

Se os Espíritos inferiores podem formar objetos materiais como um cachimbo e uma tabaqueira, imagine-se o que os Espíritos Superiores não poderiam fazer, objetivando atender as necessidades que lhes surgem na missão de ajudar aos retardatários...

O segundo parágrafo acima, consta de *O Livro dos Médiuns*, Segunda Parte, capítulo “VIII - Laboratório do mundo invisível”, item 129 ⁽¹²⁵⁾.

Na **Revista Espírita 1864**, mês de novembro, há interessantes considerações que Allan Kardec faz sobre um Espírito Pierre Legay, que se julga vivo, onde, novamente, cita o caso do cachimbo:

Um fenômeno que pode parecer mais bizarro, e não pode deixar de fazer sorrir os incrédulos, é o dos objetos materiais que o Espírito crê possuir. Compreende-se que Pierre Legay se imagine subir em estrada de ferro, porque a estrada de ferro é uma coisa real, que existe; mas se compreende menos que ele creia ter o dinheiro e pagar o seu lugar.

Esse fenômeno encontra sua solução nas propriedades do fluido perispiritual, e **na teoria das criações fluídicas**, princípio importante que dá a chave de muitos mistérios do mundo invisível.

O Espírito, pela vontade ou unicamente pelo pensamento, opera no fluido perispiritual, que não é, ele mesmo, senão uma concentração do fluido cósmico ou elemento universal, uma transformação parcial que produz o objeto que deseja. Esse objeto não é para nós senão uma aparência, para o Espírito é uma realidade. Foi assim que um Espírito morto há pouco, se apresentou um dia numa reunião espírita, a um médium vidente, com um cachimbo à boca e fumando. Sobre a observação que lhe foi feita de que isso não era conveniente, ele respondeu: “Que quereis! tenho de tal modo o hábito de fumar que não posso passar sem meu cachimbo.” O que era mais singular é que o cachimbo soltava fumaça; para o médium vidente, bem entendido, e não para

os assistentes.

Tudo deve estar em harmonia, no mundo espiritual, como no mundo material; aos homens corpóreos, são necessários objetos materiais; aos Espíritos, cujo corpo é fluídico, são necessários objetos fluídicos, os objetos materiais não lhes serviriam, não mais do que os objetos fluídicos não serviriam aos homens corpóreos. O Espírito fumante, querendo fumar, cria um cachimbo, que, para ele, tinha a realidade de um cachimbo de terra; Legay, querendo ter dinheiro para pagar seu lugar, seu pensamento criou-lhe a soma necessária. Para ele há realmente dinheiro, mas os homens não poderiam se contentar com a moeda dos Espíritos. Assim se explicam as vestes das quais estes se revestem à vontade, as insígnias que carregam, as diferentes aparências que podem tomar, etc. ⁽¹²⁶⁾

O período grifado no último parágrafo foi o que utilizamos no início desse estudo. Interrompemos a transcrição para realçar isso e também para mostrar um interessante trecho do diálogo com o Espírito Legay, ocorrido em 18 de agosto de 1864:

P. Que achais do vinho de Paris, e da alimentação? – R. Mas não vale mais do que aquele que vos dei a beber (o Espírito faz alusão a uma circunstância em que fez o Sr. D... beber do vinho de vinte e cinco anos de garrafa); no entanto, **não é mau. A alimentação me é muito igual; frequentemente pego pão e como convosco.**

Não gosto de sujar um prato; isso não é o trabalho quando não se está disso habituado. Por que fazer cerimônias?

P. **Onde dormistes, pois?** não distingui vosso leito. – R. Chegando, Marianne foi a um quarto escuro; acreditei que era para mim; e **ali dormi**. Eu vos falei várias vezes de tudo.

P. É que não temeis, em vossa idade, de vos deixar esmagar nas ruas de Paris? – R. Mas, meu primo, é isso que me aborrece mais, esses diabos de viaturas; não deixo as calçadas também.

P. Há quanto tempo estais em Paris? – R. Oh bem! por exemplo sabeis bem que vim na última quinta-feira; isso faz oito dias, creio. ⁽¹²⁷⁾

Se aqui vemos um Espírito “*bebendo e se alimentando*”, ainda que seja absorvendo as energias deles, através dos encarnados. A questão é: por que não poderiam os Espíritos, que lhes ajudam, criar algo para que eles tenham saciadas as suas sensações, ainda bem materializadas?

Continuando com as explicações de Allan Kardec:

Há, pois, o mundo corpóreo visível com os objetos materiais, e **o mundo fluídico, invisível para nós, com os objetos fluídicos**. Há a se notar que **os Espíritos, de uma ordem inferior e pouco esclarecidos, operam essas criações** sem se darem conta da maneira pela qual se

produz neles esse efeito; não podem mais se explicar do que um ignorante da Terra não pode explicar o mecanismo da visão, nem um camponês dizer como produz o trigo.

As formações fluídicas se prendem a um princípio geral que será ulteriormente o objeto de um desenvolvimento completo, quando tiver sido suficientemente elaborado. ⁽¹²⁸⁾

Pareceu-nos que Allan Kardec não estranhou as respostas, abrindo espaço para que as criações fluídicas expliquem tudo.

Na **Revista Espírita 1866**, mês de agosto, Allan Kardec argumenta:

No nosso mundo tudo é matéria tangível; **no mundo invisível tudo é, podendo-se assim se exprimir, matéria intangível**; quer dizer, intangível para nós que não percebemos senão por órgãos materiais, **mas tangível para os seres desse mundo que percebem pelos seus sentidos espirituais. Tudo é fluídico** nesse mundo, homens e coisas, e as **coisas ali são tão reais, relativamente, quanto as coisas materiais o são para nós**. [...]. ⁽¹²⁹⁾

Interessante é Allan Kardec ter também se referido a “coisas” no mundo espiritual, pois, se lá só existisse seres espirituais – nada mais além deles –,

isso não faria sentido algum.

No artigo “O Espiritismo por toda a parte”, publicado na **Revista Espírita 1868**, mês de novembro, encontraremos referências à obra “*A Amizade depois da morte*”, autoria de Elizabeth Singer Bowe (1674-1737). Allan Kardec disse ter recebido de um correspondente de Anvers. Cita alguns trechos dessa obra, deles destacamos os seguintes:

Página 7. – Os Espíritos bem-aventurados se interessam ainda pela felicidade dos mortais, e *fazem com frequência visita aos seus amigos*. Eles poderiam mesmo aparecer aos seus olhos, se as leis do mundo material não os proibissem. O esplendor de seus veículos ⁽¹³⁰⁾ e **o domínio que têm sobre as forças que governam as coisas materiais** e sobre os órgãos da visão poderiam facilmente lhes servir para se fazerem visíveis. Nós consideramos, frequentemente, como uma espécie de milagre que vós não nos percebeis, porque **não estamos longe de vós em relação ao lugar que ocupamos, mas unicamente pela diferença de estado em que estamos.** ⁽¹³¹⁾

Página 37, *carta VIII*. – **Os gênios celestes que cuidam de vós** nada negligenciaram, durante o vosso sono, para arrancar de vosso coração esse ímpio desejo. **Algumas vezes vos conduziram aos lugares cobertos de uma sombra lúgubre; lá ouvistes os prantos amargos dos Espíritos**

infortunados. Outras vezes, as recompensas da constância e da resignação que desenvolveram aos vossos olhos a glória que vos espera, se, fiéis ao vosso dever, vos ligardes pacientemente à virtude. ⁽¹³²⁾

O detalhe curioso é que foi dito “*lugar que ocupamos*” e “*lugares cobertos de uma sombra lúgubre*”, ora, facilmente se conclui que há lugares circunscritos que serve para alguma coisa.

Ao final das citações da obra de Elizabeth Singer Rose, Allan Kardec comenta:

Segundo a perfeita concordância de forma e de fundo que existe entre as ideias desenvolvidas no **livro da senhora Rowe** e o ensino atual dos Espíritos, **não se pode duvidar de que o que ela escreveu não seja o produto de comunicações reais.** ⁽¹³³⁾

Ao mencionar as ideias desenvolvidas na obra, o Codificador deixa também claro que elas então em concordância com “*o ensino atual dos Espíritos*”.

No capítulo “8 - Na prática mediúnica, os relatos e experiências dos médiuns as confirmam”, incluiremos na lista o nome de Elizabeth Singer Rowe e transcreveremos alguns trechos de seu livro, aqui

mencionado.

Do artigo “Profissão de fé espírita americana”, publicado na **Revista Espírita 1869**, mês de abril, destacamos o seguinte item dos que Allan Kardec lista para comparação:

3. Os Espíritos, libertos do corpo carnal, constituem o mundo invisível ou espiritual, que nos cerca e no meio do qual vivemos.

As transformações fluídicas produzem imagens e objetos tão reais para os Espíritos, que são eles mesmos fluídicos, quanto o são as imagens e os objetos terrestres para os homens, que são materiais. Tudo é relativo em cada um desses mundos. (Ver a Gênese segundo o Espiritismo, capítulo dos fluídos e das criações fluídicas. (134)

Atenção para o “*produzem imagens e objetos tão reais*”, que abre espaço para criações objetivas e não imaginárias, como se poderia crer.

Em **A Gênese**, capítulo “XIV – Os fluidos”, a matéria do mundo espiritual é denominada de fluidos espirituais:

A qualificação de **fluidos espirituais** não é rigorosamente exata, uma vez que, definitivamente, eles **são sempre matéria mais ou**

menos quintessenciada. De *espiritual*, realmente, só a alma ou princípio inteligente. Essa denominação é adotada apenas para comparação e, sobretudo, pela afinidade que esses fluidos têm com os espíritos. Pode dizer-se que são a matéria do mundo espiritual, razão por que são chamados *fluidos espirituais*. ⁽¹³⁵⁾ (itálico do original)

Um pouco mais à frente, descrevendo como os Espíritos manipulam os fluidos espirituais, esclarece-nos:

13. – **Os fluidos espirituais**, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, **são, portanto, a atmosfera dos seres espirituais, o elemento de onde tiram os materiais sobre os quais eles operam**, o meio onde se passam os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do espírito, **mas que escapam aos sentidos carnis, impressionados somente pela matéria tangível**; é enfim o meio de transmissão do pensamento, tal como o ar é o meio de transmissão do som.

14. – **Os espíritos agem sobre os fluidos espirituais**, não os manipulando como os homens manipulam os gases, **mas com a ajuda do pensamento e a vontade**. O pensamento e a vontade são para os espíritos o que a mão é para o homem. **Pelo pensamento, eles imprimem aos fluidos espirituais esta ou aquela direção; com eles formam conjuntos tendo uma aparência, uma forma e uma cor determinadas; mudam as suas propriedades, como um químico muda a**

dos gases ou de outras substâncias, combinando-as segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual. (136)

Agindo com o pensamento e a vontade sobre os fluidos espirituais, os Espíritos podem criar as construções de que julgam necessárias às suas atividades no mundo espiritual. Aliás, quando eles se manifestam, podem ser chamados de “almas penadas”, nunca, porém, de “almas peladas”, porquanto a vestimenta, com a qual sempre se apresentam, é da mesma matéria constitutiva do mundo em que se encontram, ainda que alguns as “fabriquem” de forma inconsciente.

6. Estudiosos como outras fontes

Destacamos, a seguir, sete personalidades e suas obras – artigo ou livro, listados por ordem de publicação:

1^o) 1877 – ***Região em Litígio – Entre Este Mundo e o Outro.***

Robert Dale Owen (1801-1877), foi um reformador social de origem escocesa, tornou-se cidadão norte-americano. É considerado um dos precursores do Espiritismo, nos anos de 1860 e 1861, pesquisou a famosa médium Kate Fox (1837-1892). Do tópico “Uma corroboração de muitos anos”, inserido no capítulo “IV – Manifestação de um parente”, destacamos:

Aqui se mostra alguma coisa relativa às semelhanças deste mundo com o outro.

“17 de julho de 1861. - Cada vez mais, a aparição ia-se mostrando perfeitamente. Nessa noite **a figura de Estela** veio envolta em flutuantes vestidos de gaze branca e brilhante. Sua mão colocada à altura do queixo, **segurava um maço de flores, ficando o pescoço e o seio cobertos completamente de rosas e violetas.**

“Perguntei-lhe como havia obtido essas flores e ela me respondeu: **O nosso mundo é um traslado do vosso. Temos tudo o que tendes: – jardins e flores espirituais em abundância.**” ⁽¹³⁷⁾

Um pouco mais à frente, no tópico “As flores espirituais”, lemos:

“7 de fevereiro de 1862. – Firmamento limpo; atmosfera serena. As portas e janelas foram fechadas e lacradas.

“Uma carta de jogar que trazia comigo, foi tirada do bolso; uma luz brilhante elevou-se sobre a mesa e vimos a carta subtraída, **em cujo centro tinham fixado alguma coisa que parecia um ramo de flores.** A luz extinguiu-se depois e foi-nos feito pedido de acender o gás. **As flores eram uma rosa vermelha com folhas verdes e miosótis, muito belas e aparentemente reais.**

“Examinei-as durante muitos minutos, em diversas ocasiões, diminuindo ou aumentando a luz do gás por cinco ou seis vezes. As flores continuavam. **Em cima delas via-se escrito: Flores da nossa morada celeste.**

“Finalmente, as flores começaram a desfazer-se e os Espíritos mandaram apagar o gás. Feito isso, apareceu à luz espiritual sob a qual as flores de novo se tornaram distintamente visíveis. Então, por golpezinhos, nos disseram: Não separeis vossa vista das flores; observai-as cuidadosamente.

“Assim fizemos. Suas dimensões foram gradualmente diminuindo sob nossas vistas, até se

tornarem pequena mancha e desaparecerem. Acendi a luz e não encontrei na carta o menor sinal.

“Examinei os selos das portas e das janelas com toda atenção; estavam intactos.” ⁽¹³⁸⁾

Aqui, temos até o fenômeno de materialização de flores “celestes”.

2º) 1889 - **Depois da Morte**

Léon Denis é citado apenas para que seu nome conste na ordem cronológica dessa lista, porquanto, foi mencionado pela Yvonne A. Pereira.

3º) 1908 - **The Future of Man** (*O Futuro do Homem*) ⁽¹³⁹⁾

Edward Caleb Randall (1860-1935), advogado e pesquisador psíquico norte-americano, é o autor dessa obra, na qual registra suas experiências por 20 anos com Emily S. French (1831-1912), médium de voz direta. O capítulo XX dessa obra tem o título “Homes in the after life” (Lares na vida após a morte”, que Felipe Lúcio da Silva Neto nos fez o grande favor de traduzir:

Alguém, no mundo espiritual, deu-me uma descrição do lar espiritual de uma grande e

esplêndida mãe, **lar construído pelo trabalho de amor e caridade incessante – tanto no plano físico como no plano espiritual em que ela agora reside** – alguém que trabalhou longa e sinceramente para fazer as mulheres compreenderem a verdade, para que elas pudessem viver mais perto do melhor que há na natureza. **Aqui está a descrição que me foi dada:**

“Diante de mim está o interior de uma casa esplêndida, a casa feita por um espírito, criada e construída pelos pensamentos, atos e obras de alguém, há trinta e dois anos, viveu no plano material. A **sala** que se abre diante de mim parece mármore branco puro com tetos altos; em torno dos quatro lados corre uma ampla **varanda** sustentada por colunas graciosamente torneadas; de um ponto além do centro há uma ampla **escada** curvando-se para fora; aos seus pés, de cada lado, encontram-se nichos **repletos de belas estátuas**.

Subindo as escadas, agora eu encontro cada degrau de uma cor diferente, mas todos se misturando em uma cor só; em todos os lados desta galeria superior há janelas através das quais entram suaves raios de luz. Do lado lateral estão os quartos; e, ao olhar, uma porta se abre e um belo espírito sai, assumindo, ao entrar, a antiga condição material para ser reconhecida. Ela atingiu a idade madura e tem um rosto de rara ternura – de uma beleza e pureza natural – ela sorri enquanto descrevemos ela e sua casa para você. Com ela está uma filha que acaba de atingir a idade adulta; alguém que nunca viveu uma vida mundana, mas nasceu prematuramente. Essas duas, atraídas pelo vínculo invisível do afeto, construíram este lar e o enriqueceram de amor.

“Passando agora pelo corredor, a mãe com o braço em volta da filha, aproximam-se do outro extremo do edifício e descem uma escada semelhante à primeira, e saem por um amplo terraço, por caminhos margeados de flores, para o jardim da felicidade. Virando-me agora e olhando em direção a um vale, vejo muitas árvores carregadas de folhas, e através delas vejo as águas de um lago, brilhantes como uma cor esmeralda.

Ao redor da sala abobadada que descrevi há muitas outras de material semelhante, cheias de tudo o que esta mãe mais ama. Vemos livros que ela utiliza em seu trabalho; quadros, criados por atos de ternura, adornam as paredes. Instrumentos musicais diferentes dos do mundo físico aguardam o toque do espírito. Este é um lar onde as meninas, que estão começando a se tornar mulheres, aprendem a pureza – este é o lar de uma mãe e sugere a você a possibilidade de um ambiente espiritual. Não foi construído em um dia, mas é o resultado do trabalho no mundo físico e em esferas de progressão do mundo espiritual, onde o ambiente está em harmonia com o desenvolvimento espiritual: o lar de uma boa mulher, construído ajudando os outros.”

Eu disse a um dos meus amigos no mundo espiritual, em outro momento: **“Conte-me sobre os lares dos espíritos”**, e, em resposta, ele disse:

“Isso é uma coisa muito difícil de fazer, porque as pessoas da Terra esperam encontrar tudo muito diferente, enquanto, **na realidade, os lares aqui são praticamente os mesmos que na vida terrena**, exceto que nas esferas avançadas não há

discórdia, não há falta de harmonia, nada além de luz, beleza, música, risos, misturados com estudo sério e cuidadoso. Estou descrevendo o lar de um espírito que aprendeu a conhecer o princípio da vida. Há muitas pobres almas lutando, voluntariamente ou ignorantemente, olhando para baixo em vez de para cima, para a grande possibilidade do futuro, que vivem em cabanas miseráveis que suas ações e pensamentos na vida terrena construíram para eles. **Muito poucos têm casas bonitas prontas para eles quando entram na vida espiritual, pois a maioria das pessoas vive em tal ignorância das leis naturais que não encontram alojamento de boas condições à sua espera,** mas as pessoas sábias começam a construir aperfeiçoando a sua maneira de pensar e desfazendo erros na Terra, e também, ajudando os outros. Nenhum toque físico real é dado a essas casas, mas, à medida que a alma cresce em beleza de pensamento e ação, o lar cresce até a perfeição.”

“Essas casas são tão reais para você quanto as nossas são para nós?” Perguntei. “Elas são os locais de permanência dos espíritos que reúnem neles os objetos de beleza que amam, e ali os espíritos harmoniosos vão e vêm, como na vida terrena. Esses locais **são tão reais para eles quanto os seus são para você.** Mas olhamos para as coisas de forma diferente; **nós os pensamos e o pensamento é expresso em ondas que são visíveis e reais desde que mantenhemos o pensamento.**”

Isto não é um fruto da imaginação. Deixe-me esclarecer a verdade através de uma ilustração. Ontem comprei uma casa de campo, que deve ser

modernizada e adaptada às nossas necessidades. Tenho pensado quais mudanças são possíveis e o que eu gostaria. Foi um esforço mental levar em consideração a situação e elaborar um plano. **Tudo foi feito em pensamento.** Eu posso, através de um processo mental, ver a abordagem da mudança; os gramados, a varanda ampliada, a grande lareira e as imponentes chaminés. Nas vibrações de pensamento estas mudanças já foram feitas. **Eles existem na mente que é matéria, e tudo o que resta é ter os planos mentais colocados no papel e enviados ao construtor, que lhes dará expressão física, construirá na matéria grosseira o que agora existe na matéria refinada.** Estas mudanças **são agora criações mentais; eles existem de fato;** Eu posso vê-los.

Assim é na vida após a morte. **A casa e o ambiente são feitos pelo pensamento, criados na matéria-espiritual,** que é a mente, e a sua beleza e grandeza só são limitadas pela pureza e progressão da nossa vida terrena. **Os que estão na vida espiritual têm suas limitações,** assim como nós; eles devem ter conhecimento, desenvolvimento e compreensão, da mesma maneira que nós. **Diferimos em nossas criações apenas na forma de expressão.** Um deve ser adequado ao físico; o outro, às exigências do espírito; ambos são processos mentais inicialmente; um é expresso em matéria grosseira, enquanto o outro consiste em matéria espiritual e expressão espiritual.

A vida espiritual, em seu início, é a soma total desta vida e nada mais. E a estrutura moldada por nossos atos e ações aqui é aquela que devemos habitar quando entramos no mundo espiritual.

A ideia de que **todo o espaço é povoado e de que no universo não existem lugares vazios**, não é apenas surpreendente, mas deve apelar à nossa razão de que a Mente Criadora, ao criar, planejou de tal forma que todo o espaço deveria ser útil e ocupado, por algum propósito. O mundo do pensamento não precisa de terra, nem das águas, nem da atmosfera física, para subsistir; indo além das leis materiais, **quem dirá que não pode viver e mover-se na esfera invisível ao nosso redor – e cercar-se de criações mentais?** Eles vivem além e fora dos corpos físicos, além da nossa visão, mas ainda conosco. Embora a sua presença seja sentida por muitos, é conhecida por poucos. Este é o grande infortúnio deste chamado mundo civilizado. ⁽¹⁴⁰⁾

Acreditamos que as explicações dessa transcrição vai abrir um largo caminho em nossa mente, permitindo-nos compreender melhor a forma pela qual são criadas as construções no mundo de além-túmulo.

4º) 1913 – ***American Journal of the S.P.R.***

James Hervey Hyslop (1854-1910), foi professor de ética e lógica na Columbia University, psicólogo e pesquisador psíquico. De 1906 até sua morte, ele foi secretário-tesoureiro da *American Society for Psychical Research*. Ele foi um dos primeiros psicólogos americanos a conectar a

psicologia com fenômenos psíquicos. (141)

Bozzano informa-nos que “*O professor Hyslop, a propósito da publicação de duas coleções de ‘revelações’ sobre o além, ponderou, a seu turno*”:

“Nada há de impossível nos dados contidos nestas mensagens... O mais comum entre elas é expor ao ridículo a concepção de um ambiente espiritual como é aquele que se apresenta nas mensagens desse tipo; no entanto, estes senhores que ridicularizam tal concepção com tanta leviandade não imaginam que agindo assim presumem conhecer toda a verdade sobre o mundo espiritual... Eu não me pronuncio nem a favor nem contra; **declaro, entretanto, não ter objeções a opor contra a existência de um ambiente espiritual como o descrito, mesmo que ele possa parecer mais absurdo do que o ambiente terreno. Não consigo compreender por que se exige que o mundo espiritual deva ser mais ideal do que o nosso. Ambos os mundos são obra do mesmo Autor, chame-se a ele Matéria ou Deus. Ninguém pode afirmar ou negar *a priori*. **Negar, ou expor ao ridículo, as ‘revelações transcendentais’ equivale a conhecer com a mais absoluta certeza a verdade sobre o mundo espiritual e esta é uma presunção indigna de um cético razoável...** Enfim, livros como este são importantes, pois **nos fornecem um primeiro vislumbre sobre o mundo espiritual, oferecendo-nos assim uma primeira oportunidade de comparar entre eles os detalhes contidos nas diversas revelações****

obtidas... Ora, no nosso caso nota-se que os dados fornecidos nestas mensagens pela personalidade do desencarnado que se comunica concordam com outros, obtidos através de médiuns que não eram religiosos e não tinham a cultura e a inteligência desta médium..." (*American Journal, of the S.P.R.*, 1914, págs. 235-237).

“Acrescento que **existe uma maneira de se verificar as afirmações sobre a existência espiritual**, e isso independentemente da comprovação indireta obtida com a identificação pessoal do espírito comunicante. **Este meio consiste em se pesquisar com um número adequado de médiuns, para comparar assim os resultados de cada um**, depois de recolhidas as devidas informações acerca da cultura específica de cada médium. Caso se verificasse que um deles estava absolutamente desinformado a respeito das teorias espiritualistas (excluindo-se deste modo a hipótese de uma colaboração inconsciente), então seria o caso de se ampliar as pesquisas com outros médiuns, a fim de se obter dados mais precisos sobre o mesmo tema, e assim por diante, sem haver intercomunicação entre eles. É claro que, em tais circunstâncias, **uma concordância de dados fundamentais repetindo-se com uma centena de pessoas diferentes repercutiria, e muito, a favor da demonstração da existência real de um mundo espiritual análogo ao revelado...**” (*Ibidem*, 1914, págs. 462-463). ⁽¹⁴²⁾

Ernesto Bozzano faz uma consideração no parágrafo seguinte dizendo “*Observo que o método de investigação proposto pelo professor Hyslop*

identifica-se com aquele que adotei". (143)

5º) 1916 - **Raymond: Uma Prova da Existência da Alma**

Sir Oliver Lodge (1851-1940), cientista inglês, pesquisou os fenômenos mediúnicos, tendo, inclusive, a oportunidade de comunicar com seu filho Raymond; daí o título da obra, de cujas informações extraímos:

a) Sessão de Lionel Lodge em casa de Mrs Leonard

L.L. – Lembra-se duma sessão em casa, quando me disse que tinha muita coisa a transmitir?

F. – Sim. **O que ele queria era dizer sobre o lugar em que se encontra.** Mas não pôde soletrar; muito trabalhoso. E sentiu-se abatido no começo. Você não se sente tão real como a gente daqui, e as paredes agora, para ele, aparecem transparentes. **A grande coisa que o fez reconciliar-se com o novo ambiente foi que tudo parece sólido e substancial.** A primeira ideia que teve depois de despertar (diz ele) foi de “estar passando”. Um segundo ou dois com tudo em sombras, tudo vaporoso e vago. É como sentiu.

A primeira pessoa que o procurou cá foi o vovô. E depois outras; sobre algumas apenas ouvira falar. Todas pareceram-lhe tão sólidas que dificilmente podia admitir tivessem passado.

Eu vivo numa morada (diz ele) construída de

tijolos – e há árvores e flores, e o chão é sólido. Se a gente ajoelhar-se na lama, aparentemente suja a roupa. O que ainda não compreendo é que a noite não siga o dia, como no plano terrestre. Parece algumas vezes ficar escuro, quando ele quer que seja escuro, mas o tempo entre a luz e as trevas não é sempre o mesmo. Não sei se está achando isto maçante. ⁽¹⁴⁴⁾

b) Extrato de uma sessão com Mrs. Leonard, em sua casa, a 3 de dezembro de 1915

Feda – [...].

Ele diz que agora não tem necessidade de comer. Mas vê pessoas que a tem; diz que a essas é dado alguma coisa com as aparências dos alimentos terrestres. As criaturas daqui procuram prover-se de tudo que é preciso. Um camarada chegou outro dia e quis um charuto. Julgou que eles jamais poderiam fornecer-lhe isso. **Mas há aqui laboratórios que manufaturam todo tipo de coisas. Não como fazem na Terra, com a matéria sólida, mas com essências, éteres, gases. Não é o mesmo que no plano terrestre, mas fizeram algo que parecia charuto.** Ele (Raymond) não experimentou nenhum, porque não pensa nisso, o senhor sabe. Mas o camarada lançou-se ao charuto. Ao começar a fumá-lo, fartou-se logo; teve quatro, e agora não olha nem para um. Parece que não tiram mais nenhum gosto disso, e gradualmente vão largando.

Logo que chegam querem coisas. **Alguns querem carne; outros bebidas fortes; pedem whisky com soda. Não pense que estou exagerando, quando digo que aqui podem manufaturar estas coisas.** Ele ouviu falar de

bêbados que por meses e anos querem beber, mas não viu nenhum. Os que tenho visto, diz ele, não querem mais beber – como aconteceu com sua roupa, que nas novas condições em que está ele, dispensa. ⁽¹⁴⁵⁾

Um pouco mais à frente, Sir Oliver Lodge, faz a seguinte observação, relacionada com essa última transcrição:

Sei que alguns dos relatos podem parecer absurdos. Especialmente os que falam da situação no “outro lado” – asserções que não são nem evidenciais, nem verificáveis, e que por isso somos tentados a suprimir ou a fazer que não surjam. Em **outra parte deste livro dou minhas razões** para proceder de modo contrário, anotando-as como surgem. [...]. ⁽¹⁴⁶⁾

Transcreveremos essas razões. Continuemos com as descrições de Raymond:

Feda – Diz ele: **É um lugar tão sólido que ainda não venci os obstáculos.** Admiravelmente real.

Ele falou a seu pai de um rio; o mar ainda não viu. Encontrou água, mas não sabe se encontrará o mar. Está cada dia fazendo novas descobertas. Muita coisa é nova, mas não para os que já de algum tempo aqui vivem.

Ele entrou numa biblioteca com seu avô – o vovô William – e também com alguém de nome Richard, e diz que os livros são os mesmos que vocês leem.

Agora, uma coisa extraordinária: Há lá obras que ainda não foram publicadas no plano terrestre. Foi informado – apenas informado, não sabe por si – de que esses livros aparecerão um dia, livros como os que já apareceram; e que a matéria desses livros será impressa no cérebro de algum homem que ficará como o autor. ⁽¹⁴⁷⁾

Lady Lodge – Há aí ruas, então?

Feda – Sim. **Raymond gostou de ver ruas e casas.**

Em certo tempo pensei que podiam ser criações do nosso pensamento. Todos gravitam para um lugar que lhes é adequado. Mãe, não há juiz nem tribunal – só gravitação.

Tenho visto chegar rapazes cheios de más ideias e vícios. Vão para um lugar em que eu não quero ir – mas não é exatamente o inferno. Mais parecido a um reformatório. Lugar onde lhes é dado ensejo de melhoria; quando almejais algo melhor, tendes oportunidade de o conseguir. Eles gravitam juntos, mas ficam tão enfasiados... Aprendei a ajudar-vos a vós mesmos e imediatamente sereis ajudados. **Muito igual ao vosso mundo aí; só que não há deslealdade nem injustiça; uma lei comum age para todos e para cada um.** ⁽¹⁴⁸⁾

E, finalizando, trazemos as considerações de

Sir Oliver Lodge, mencionadas um pouco atrás:

Objecções contra a substância das comunicações

No concernente à substância das comunicações recebidas do “outro lado”, a dificuldade maior é a explicação da semelhança entre as condições do “além” e das da Terra; e surge a pergunta: Como é isso possível? Minha resposta é simples: *provavelmente, por causa da identidade do observador*. Não dogmatizo, mas raciocino que no quantum a personalidade humana permanece a mesma, o seu poder de interpretação será o mesmo que costumava ser aqui. Em consequência, se interpretamos de certa maneira o nosso mundo material, dessa mesma maneira interpretaremos um mundo etéreo – sempre através de sentidos que apenas diferirão em detalhes.

O mundo externo, como o percebemos, está na dependência dos nossos poderes de percepção e interpretação. Do mesmo modo um quadro, ou qualquer obra de arte. A coisa em si – seja qual for a significação disto – talvez jamais a conheçamos. **Admito que a proposição constitui uma dificuldade, mas a evidência do ponto vem se firmando desde Swedenborg: o “outro mundo” será sempre representado como extraordinariamente semelhante ao nosso; e embora isto leve ao ceticismo, admito que corresponde a alguma realidade.** Esse outro mundo parece consistir na contraparte etérea deste. Ou melhor: só há um mundo, do qual vemos o aspecto material e eles veem o aspecto imaterial.

A razão disto estará na similaridade, ou identidade, do observador. Um sistema nervoso interpreta, ou apresenta ao espírito cada estímulo proveniente do exterior do modo específico ao qual está acostumado, qualquer que seja a natureza real desse estímulo. Uma pancada nos olhos, ou a pressão sobre a retina, é interpretada como luz; a irritação do nervo auditivo é interpretada como som. Quer dizer que só dum modo mais ou menos costumário é que podemos interpretar as coisas.

Entremos em detalhes. **A acusação de admitirmos o fumar e o beber, como em voga, entre os habitantes do outro mundo, parece-nos profundamente injustificada e falsa. Uma citação destacada do contexto frequentemente leva a erros.** O que meu livro revela, implica de maneira clara que eles, no além, não ocupam o seu tempo com isso; nem que isso seja coisa natural no ambiente. Basta o bom senso para a interpretação do caso. Se existem lá comunidades, claro que não serão fixas, ou estacionárias, constantemente estarão recebendo elementos novos. Meu filho é representado como dizendo que quando elementos novos chegam e ainda se acham em estado de tonteira, dificilmente reconhecem onde se encontram; e que pedem toda a sorte de coisas – ainda muito influenciados pelos desejos da Terra. Ora, ou muito me engano ou isto é uma lição ortodoxa: os desejos das pessoas sensuais podem persistir e tornar-se parte da sua punição. Sobre o assunto alguém me mandou uma citação do Diário Espiritual, de Swedenborg, vol. 1, parágrafo 333:

“As almas dos mortos levam do corpo a sua natureza, e por isso continuam a julgar-se no

corpo. Manifestam desejos e apetites, como o de comer e outros; de modo que estas coisas pertencentes ao corpo ficam impressas na alma. Assim as almas retêm a natureza que levam do mundo; e só com a marcha do tempo a perdem.”
(¹⁴⁹)

“L.L.” e “F.” significam, respectivamente, Lionel Lodge, irmão de Raymond e Feda, para o controle dos registros da médium, através da qual Raymond passava as suas mensagens e informações ao pai.

6º) 1926 – ***História do Espiritismo***

Arthur Conan Doyle (1859-1930) foi um escritor e médico britânico, nascido na Escócia, criador do detetive Sherlock Holmes, cujos romances policiais o fizeram mundialmente conhecido.

Do Capítulo 25, intitulado “O Depois da morte visto pelos espíritas”, transcrevemos este trecho da fala de Artur Conan Doyle:

As condições de vida no além normal – e seria um reflexo da justiça e da misericórdia da Inteligência Central se o além normal não fosse também o feliz além – são descritos como extraordinariamente felizes. **O ar, as vistas, as casas, o ambiente, as ocupações, tudo tem sido descrito com tantos detalhes e geralmente com o comentário de que as palavras não são**

capazes de lhes pintar a gloriosa realidade. Pode ser que haja algo de parábola e de analogia nessas descrições, mas **o autor se inclina a lhes dar inteiro valor e acredita que a “Summerland”, como Davis a chamou, é tão real e objetiva aos seus habitantes quanto o nosso mundo para nós.** Fácil é levantar uma objeção: “Por que, então, não a vemos?” Mas devemos imaginar que uma vida etérica se exprime em termos etéricos e que, exatamente como nós, com cinco sentidos materiais, nos afinamos com o mundo material, eles com seus corpos etéricos, se afinam com as vistas e os sons do mundo etérico. Aliás o vocábulo “éter” só é usado por conveniência, para exprimir algo muito mais sutil que a nossa atmosfera. Absolutamente não temos prova de que o éter dos físicos seja também o meio no mundo espiritual. Pode haver outras em comparação com o ar.

O céu espiritual, pois, pareceria uma sublimada e etérica reprodução da Terra e da vida terrena, em condições melhores e mais elevadas. “Embaixo – como em cima, dizia Paracelso, e fez soar a nota fundamental do universo, quando o proclamou. [...]”. ⁽¹⁵⁰⁾

Nesse capítulo 25, percebe-se que Arthur Conan Doyle fazia suas pesquisas tendo realizado, inclusive, reuniões mediúnicas:

No grupo doméstico do autor, o Espírito íntimo falou de sua vida no além, respondendo à pergunta: “Que faz você?”

– “**Ocupo-me de música, de criança**, amando e cuidando de uma porção de outras coisas. Mais muito mais do que na velha Terra. Nada aborrece a gente aqui. E isto torna tudo mais feliz e mais completo.”

– “**Fale acerca da morada.**”

– “**É bonita. Nunca vi uma casa na Terra que se comparasse com ela.** Tantas flores! – Um mundo de cores em todas as direções; e tem perfumes tão maravilhosos, cada qual diferente, mas tão agradáveis!”

– “Vê outras casas?”

– “Não; se o fizesse estragaria a paz. A gente só às vezes procura a natureza. Cada casa é um oásis, se assim posso dizer. **Além, há cenários maravilhosos e outras casas cheias de gente** querida, suave, brilhante, risonha, alegre, pelo simples fato de viver em tão maravilhoso ambiente. Sim, é belo. Nenhuma mente terrena pode conceber a luz e a maravilha disso tudo. As cores são muito mais delicadas e, de um modo geral, a vida doméstica é muito mais radiosa.”

Outro resumo do Grupo Doméstico do autor, talvez seja permitido, de vez que **as mensagens foram misturadas com muitas provas que inspiram a mais completa confiança** naqueles que estão ligados aos fatos:

“Pelo amor de Deus sacuda essa gente, esses cabeçudos que não querem pensar. O mundo necessita desse conhecimento. Se ao menos eu tivesse tido tal conhecimento na Terra! ele teria alterado a minha vida — o Sol teria brilhado sobre o meu caminho sombrio, se eu tivesse conhecido o que está à minha frente.

“Nada é chocante aqui. Não há atravessadores. Estou interessado em muitas coisas, a maioria delas humanas, o desenvolvimento do progresso humano e, acima de tudo, a regeneração do plano terreno. Sou um dos que trabalham pela causa braço a braço convosco.

“Nada temais. A luz será tanto maior quanto maior a escuridão que tiverdes atravessado. Voltarei muito breve, se Deus quiser. Nada poderá opor-se. Nem as forças das trevas prevalecerão um minuto contra a Sua luz. Todo o trabalho em massa será varrido. Apoiar-vos ainda mais em nós, porque a nossa capacidade de ajuda é muito grande.”

– “Onde estais?”

– “É tão difícil explicar-vos as condições aqui. Estou onde mais desejava estar, isto é, com os meus entes queridos, onde posso estar em íntimo contacto com todos no plano terreno.”

– “Tendes alimento?”

– **“Não no vosso sentido, mas muito mais fino. Tão amáveis essências e tão maravilhosos frutos, além de outras coisas que não tendes na Terra!”**

“Muita coisa vos espera com as quais ficareis surpreendidos – tudo belo e elevado e tão suave e luminoso. A vida foi uma preparação para esta esfera. Sem aquele treinamento não teria sido capaz de entrar neste mundo glorioso de maravilhas. É na Terra que aprendemos as lições e neste mundo está a nossa maior recompensa o nosso verdadeiro e real lar e a vida – o Sol depois da chuva.” (151)

Confirmam-se, como se vê, as informações da existência de casas, alimentação, trabalho, etc. Arthur Conan Doyle, demonstra ter pesquisado muito a vida no além:

O assunto é tão enorme que apenas pode ser tocado em termos gerais num só capítulo. O leitor é remetido para a maravilhosa literatura que se desenvolveu, dificilmente conhecida pelo mundo, em torno do assunto. **Livros como o “Raymond”, de Oliver Lodge; “A Vida Além do Véu”, de Vale Owen; “A Testemunha”, de Mrs. Platts; “O Caso de Lester Coltman”, de Mrs. Walbrook e muitos outros dão uma clara e sólida ideia dessa vida do Além.**

Lendo essas numerosas descrições da vida depois da morte, a gente naturalmente pergunta até onde podem ser acreditadas. **É confortador verificar quanto são concordes, o que constitui um argumento em favor da verdade.** Poderiam contestar que tal concordância se deve ao fato de derivarem, todas, conscientemente ou não, de uma fonte comum. Mas é uma suposição inconsistente. Muitas delas vêm de gente que absolutamente não podia conhecer os pontos de vista dos outros, mas ainda concordam, até nos mínimos detalhes. [...].
(¹⁵²)

7º) 1930 (¹⁵³) – ***A Crise da Morte***

Ernesto Bozzano foi um professor de filosofia da ciência na Universidade de Turim e pesquisador

espírita italiano. Destacou-se como um contribuinte ativo na literatura italiana e francesa sobre fenômenos paranormais a partir da virada do século XIX até o início dos anos 1940. Foi um dos poucos pesquisadores italianos nomeados membros honorários da Society for Psychical Research (SPR), American Society for Psychical Research (ASPR) e Institut Métapsychique International (IMI). ⁽¹⁵⁴⁾

No início dessa sua obra, lemos:

[...] das investigações empreendidas surge a prova de que as abundantes informações conseguidas mediunicamente a respeito do ambiente e da existência espirituais concordam admiravelmente entre si, no que se refere às informações de ordem geral. Estas são também as únicas que se exigem a fim de se concluir a favor da gênese extrínseca das revelações em questão, [...]. ⁽¹⁵⁵⁾

Portanto, a pesquisa realizada por Ernesto Bozzano teve a utilização do Controle Universal, tal como proposto por Allan Kardec, daí sua importância. Nela ele analisa trinta casos. Pelo fato da Yvonne P. Amaral ter citado o seu nome, não os listaremos, a não ser o Caso VIII para mencionar a médium Sra. Duffey, o que será feito mais à frente.

Mas para que se ter uma ideia do pensamento de Ernesto Bozzano, vamos recorrer ao seguinte trecho de seus comentários a respeito do Caso III [Jim Nolan]:

Lembrarei que **essa grande verdade** que nos foi revelada pelos espíritos comunicantes **pode resolver um acúmulo enorme de perplexidades teóricas, determinadas pelas informações fornecidas por estes acerca do mundo espiritual, das formas que revestem os espíritos e das modalidades da sua existência (todas as formas de existência terrena).** Essa grande verdade, capaz de espiritualizada, do plano terreno, da humanidade terrena, das formas de existência terrena). Essa grande verdade, capaz de resolver todos os enigmas teóricos em questão, e que se baseia na potência criadora do pensamento em ambiente espiritual, é confirmada de maneira impressionante, com base nos fatos, em ambiente terreno, e isso em consequência da circunstância de que **o pensamento e a vontade, mesmo na existência encarnada, mostram-se capazes de criar e dar formas concretas às coisas pensadas e desejadas, assim como nos é informado o que acontece em ambiente espiritual,** ainda que na Terra o fenômeno realize se exclusivamente no caso de sensitivos especiais. Refiro-me com isso aos fenômenos maravilhosos da “fotografia do pensamento” e da “ideoplastia”, aos quais dediquei em 1926-1927 uma longa monografia*, onde são demonstradas, com fatos, a sua realidade incontestável e a sua portentosa eficiência. [...].

E, um pouco, mais à frente explica:

Observo ainda que a outra circunstância das entidades encarnadas que afirmam que **tais condições de vida espiritual são transitórias e dizem respeito apenas à Esfera mais próxima do mundo terreno, isto é, àquela destinada a receber os espíritos recém-chegados**, não vale apenas para justificar plenamente tais condições da existência, mas demonstra principalmente a sua providencial razão de ser. Em outras palavras: considere-se que desolação e desorientamento sentiriam os espíritos, em sua grande maioria, caso assim que ocorresse a crise do transpasse se vissem bruscamente despojados da forma humana e se encontrassem em um plano espiritual radicalmente diferente do lugar onde se plasmou a sua individualidade, e ao qual estavam ligados por uma delicadíssima trama de sentimentos – afetos, paixões, aspirações – a ponto de esta trama não poder ser rompida de repente sem levá-los ao desespero, e onde sobretudo se encontrava o ambiente familiar de cada um deles, constituído por uma soma fantástico de pequenas e grandes satisfações, temporais e espirituais, que concorriam cumulativamente para criar aquilo que se cham “alegria de viver”. Caso se reflita sobre tudo isso, será preciso reconhecer que parece racional e providencial que, entre a existência encarnada e a de “puros espíritos”, venha a se interpor um ciclo de existência preparatória, que serve para conciliar natureza por demais terrena do espírito

desencarnado com natureza por demais transcendental da existência propriamente dita. Para isso proveria maravilhosamente **a potência criadora do pensamento**, que permitiria ao espírito, julgando-se ainda em forma humana, reencontrar-se desta mesma forma; e acreditando estar vestido, ver-se coberto de roupas que, apesar de etéreas, pareceriam materiais para o desencarnado, como as vestimentas terrenas. **No mundo espiritual ele reencontraria também um ambiente e uma casa correspondentes aos próprios hábitos da Terra – morada preparada para ele pelos familiares que o precederam na existência espiritual. [...].** ⁽¹⁵⁷⁾

Em “Conclusões”, tópico que encerra seu livro, Ernesto Bozzano, apresentando suas considerações finais, as inicia dizendo:

No vasto e importantíssimo ramo da metapsíquica em que se considera o tema das “revelações transcendentais”, tudo ainda está por ser feito, do ponto de vista da investigação científica do imenso material. **As prevenções contra o assunto – tanto de opositores como de espiritualistas – originadas por um conhecimento superficial sobre o tema, extremamente amplo, impediam que se fizesse um trabalho proveitoso nesse sentido**, e a presente monografia é o primeiro ensaio analítico que demonstra o valor intrínseco, positivamente científico, deste ramo injustamente negligenciado da metapsíquica. ⁽¹⁵⁸⁾

Eis aí realçado um bom alerta aos espíritas que insistentemente e sem terem feito pesquisa em nível das que aqui apresentamos, preferem negar as construções no mundo espiritual.

Ernesto Bozzano, em *A Crise da Morte*, apresenta também nas suas “Conclusões” uma lista de doze “detalhes fundamentais” que surgiram de suas pesquisas. Citaremos, apenas estes três, que constam entre os mencionados por Yvonne A. Pereira:

7º) Consideraram o meio espiritual um novo mundo: objetivo, substancial, real, análogo ao ambiente terreno espiritualizado.

8º) Aprenderam que isso se deve ao fato de que no mundo espiritual o pensamento é uma força criadora, com a qual um espírito existente no “plano astral” pode reproduzir em torno de si o ambiente de suas recordações.

12º) Aprenderam que os Espíritos dos desencarnados gravitam fatal e automaticamente rumo à esfera espiritual que lhes compete, devido à “lei de afinidades”. ⁽¹⁵⁹⁾

Comenta Yvonne A. Pereira:

E ponderamos nós: **Se os Espíritos dos mortos fatalmente e automaticamente gravitam**

para a esfera espiritual que lhes convém, é que tais esferas existiam mesmo antes de eles para lá gravitarem, criadas, certamente, por outros Espíritos, com os quais passarão a colaborar, na medida das próprias forças. Com efeito. [...]. ⁽¹⁶⁰⁾ (grifo do original)

Muito bem colocado!

8º) 1931 - **No Limiar do Etéreo, ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada.**

James Arthur Findlay (1883-1964) foi presidente da *Psychic News*, uma revista britânica; líder espírita, era conhecido como orador, conferencista, e pesquisador. Durante cinco anos fez um estudo especial dos fenômenos de voz direta por meio de John C. Sloan. ⁽¹⁶¹⁾. Esse autor é mencionado por Yvonne A. Pereira.

Teremos, portanto, peso, forma, individualidade e a mesma mente que temos agora; porém, e o que concerne ao ambiente ou meio? Quanto a esse, podemos aceitar o que nos dizem as comunicações vindas do mundo etéreo, como também podemos tirar algumas deduções lógicas, baseadas no nosso ambiente físico. Dissemos que **o mundo etéreo se assemelha a este, que se compõe de individualidades e outras coisas vivas.** Admitimos, tirando-a das nossas

experiências físicas, a conclusão lógica de que todas as coisas vivas são animadas pela força de vida e, desde então, já não será despropositado concluir que **tal força, combinada com a mente, que tem o poder de atuar sobre a matéria física, produzindo o que experimentamos aqui no nosso mundo, também dispõe do mesmo poder para influenciar as outras formas viventes, no mundo do éter, semelhantes às que existem no mundo físico.** Não será, pois, igualmente, despropositado acreditar-se que o mundo etéreo contém árvores, animais e flores, e para todos os fins e efeitos que lhes são assinados neste nosso mundo, nem que, **quando realizamos a passagem chamada morte, nos vamos encontrar em um mundo muitíssimo semelhante ao em que hoje vivemos,** com a só diferença de lá não estarmos embaraçados pela matéria física e de serem, conseguintemente, mais ativos os nossos cérebros e mais céleres os nossos pensamentos e movimentos. ⁽¹⁶²⁾

[...] disseram-me [os Espíritos] que **o Universo todo é feito de matéria em vários graus de densidade e de atividade vibratória;** que ela enche por completo o espaço, em todo o qual há vida nos mais variados graus de desenvolvimento. [...] **Envolvendo a Terra,** interpenetrando-a, ligado a ela e com ela a mover-se, **há outro mundo, de substância etérea, em estado mais alto de vibração.** [...]. ⁽¹⁶³⁾

Nesse outro estado de consciência, os seres se encontram em ambientes mais ou menos idênticos aos que aqui nos achamos. **Crescem árvores e desabrocham flores,** não sujeitas,

porém, à morte, conforme a entendemos na Terra. Os vegetais não deperecem; desmaterializam-se e desaparecem das vistas. **Os ambientes do mundo etéreo são, em grande parte, condicionados pelos pensamentos dos seus habitantes, de forma que, por exemplo, suas casas e modo de viver são, em larga escala, obra deles.** Isto, esclarecem-me, não quer dizer que o próximo plano da vida seja puramente efeito de projeções mentais, porquanto os que lá vivem experimentam sensações, quais as experimentamos. Podem perceber, tocar e cheirar as flores, apanhá-las e, por onde quer que andem, encontram amigos e com eles conversam. Todos os que estão em um plano, disseram-me, podem ver e tocar as coisas que nesse plano existam. Esta a resposta que invariavelmente recebi, sempre que tentei saber se o outro plano é objetivo ou subjetivo.

Há muitos planos; mas, em cada um deles, só os que ali se acham experimentam as mesmas sensações. Verifiquei por mim próprio que os Espíritos que me falavam a ninguém mais podiam ver, embora se achassem todos na mesma sala. [...] Não é um mundo de sonho o deles; é um mundo de objetiva realidade, vivamente real. Todas as coisas, a música, a arte, os trabalhos construtivos se praticam num grau de elevação, que não nos é possível apreender.

Reina grande atividade. **Cada um tem o seu labor a executar.** Servir aos outros e amar são os padrões éticos que lá prevalecem, num grau muito mais elevado do que aqui. É universal a linguagem, de sorte que todos se entendem uns aos outros. **Em geral, vivem juntos os de cada**

nacionalidade terrena e falam a língua de que aqui usaram; há, porém, uma linguagem comum a todos. Insistiam muito os meus informantes num ponto: em que, entre eles, **é rígida a disciplina,** obedecendo todos aos que exercem autoridade. Cada um se acha submetido a Espíritos mais elevados, cujas determinações e instruções têm que ser atentamente obedecidas. **É um Estado bem ordenado e governado.**

Não há noite como a concebemos e a luz que os banha não lhes promana do nosso Sol. Se quiserem repousar, podem atenuar a luz, sem que jamais se produza a escuridão, como a experimentamos. **Perguntados como se nutrem, disseram-me que comem e bebem exatamente como nós e têm do comer e do beber as mesmas sensações que nós,** se bem a comida e bebida sejam diferentes daquilo que por esses nomes designamos. Gozam de muito maior liberdade de movimentos, visto que se deslocam de um lugar para outro com uma rapidez que nos escapa à compreensão. ⁽¹⁶⁴⁾

Provavelmente, dirigindo-se aos incrédulos, arrematou James Arthur Findlay: *“Unicamente os ignorantes afirmam que só é real o que sentimos, que nada existe fora dessa ordem de sensações”* ⁽¹⁶⁵⁾.

Em uma sessão realizada a 4 de dezembro de 1923, James Arthur Findlay, dialogando com o Espírito manifestante, faz-lhe várias perguntas, das

quais destacamos estas três, que tocam mais diretamente o nosso estudo:

P. – Comeis e saboreais o vosso alimento?

R. – **Comemos e bebemos, sim; porém, não como entendeis o beber e o comer.** Para nós, é uma condição mental. Saboreamos mentalmente o que comemos, não corporalmente, como vós.

P. – Assemelha-se à nossa a vossa vegetação?

R. – De certo modo, mas é muito mais linda.

P. – **Como são as vossas casas?**

R. – **São quais as queremos.** As vossas aí **são primeiro concebidas em mente, depois do que se junta a matéria física para construí-las de acordo com o que imaginastes.** Aqui, temos o poder de moldar, a substância etérea, conforme pensamos. **Assim, também as nossas casas são produtos das nossas mentes.** Pensamos e construímos. **É uma questão de vibração do pensamento** e, enquanto, mantivermos essas vibrações, conservaremos o objeto que, durante todo esse tempo, é objetivo para os nossos sentidos. ⁽¹⁶⁶⁾

Essas explicações são bem oportunas, e podem nos servir para melhor entendermos como são as coisas no Mundo Espiritual.

9º) 1932 – ***A Vida em Outro Mundo***

Cairbar de Souza Schutel (1868-1938) “em 1904, toma contato com o Espiritismo, e, a partir daí, foram 34 anos como espírita convicto, onde, ao mesmo tempo em que se dedicava à divulgação do Espiritismo, exercitava a prática da caridade” ⁽¹⁶⁷⁾. Transcreveremos algumas coisas de sua obra, porquanto são relevantes para o nosso estudo.

No Capítulo “No outro lado da morte”, Cairbar Schutel inicia dizendo:

Da importante revista inglesa *Beyond* colhemos a seguinte mensagem espírita, que é do nosso dever adicionar a esta obra, pois **se acha de plena conformidade com o que sabemos sobre a vida no outro mundo.** ⁽¹⁶⁸⁾

Dessa citação, transcreveremos o seguinte trecho oriundo a revista *Beyond*: sob o título “Construções celestes”:

“Algumas pessoas se comprazem em fazer casas dessas coisas encantadoras. **Temos maravilhosos edifícios, salas para conferências e assim por diante**, que são admiráveis de serem vistos, como nas visões que o Evangelista João descreve nas Revelações, com paredes de pedras preciosas, portões de pérolas e ruas de ouro.

“Esses lugares maravilhosos são muito

interessantes para serem visitados, como, na Terra, se vai ver belos e **notáveis palácios**; naturalmente, **os daqui são muito mais belos para conferências, reuniões e música do que qualquer edifício por mim visto na Terra. Para mim, porém, as belezas naturais das árvores, montanhas, flores e rios, que são todos tão perfeitos**, dão mesmo um encanto e eu sempre gosto de procurar esses lugares gloriosos da Natureza, quando me sinto inclinado a ficar pesaroso, como algumas vezes acontece. O admirável e agradável efeito da luz através **das árvores**, ou brilhando sobre as ondas prateadas de gloriosos mares, ou brincando nos rios, como nunca tive a dita de ver na Terra, é tudo tão maravilhoso! **Os rios são gloriosos**, tão perfeitamente puros e incorruptos, que dentro deles, podemos andar, sentar na água e senti-la cobrir-nos e dela sairmos refrescados e revigorados; e, ainda mais, a água, evaporando-se em contato com o brilho solar, não deixa sensação nenhuma desagradável.

“Tudo isso é tão delicioso que só afago um desejo: a vossa participação em tudo que desperta o prazer de viver intensamente a vida celeste”. ⁽¹⁶⁹⁾

Vejamos agora no capítulo “Perturbação da morte” a opinião do próprio Cairbar Schutel:

Por isso, o Mundo Espiritual é provido de meios que fornecem à vida do além-túmulo as condições indispensáveis para a transição. Por exemplo, **dizem as entidades do Espaço que lá existem**

hospitais onde são tratados aqueles que passam por longa enfermidade, e os quais, por condições de atraso, não percebem o Mundo dos Espíritos em sua realidade. Aí são curados, e, depois, instruídos sobre a nova situação, até que se adaptem ao meio em que se acham.

[...].

Assim também **sucede com a alimentação**. Aos entes muito materializados, que chegam ao Mundo Espiritual sem compreenderem a transformação porque passaram, e **têm ainda sensação de fome e sede, lhes são ministrados alimentos em instalações especiais**, até que, adaptados ao meio em que iniciaram a nova vida, compreendam que não têm mais necessidades desses alimentos, que julgavam precisos para sua manutenção. **Naturalmente, os alimentos assemelham-se muito aos que lhes eram usuais na Terra, mas são feitos de matéria peculiar ao Mundo dos Espíritos** e de acordo com o corpo fluídico, ou seja, o organismo perispiritual de cada um. ⁽¹⁷⁰⁾

Acrescentaremos ainda, o que imediatamente a seguir, Cairbar Schutel ressalta sobre isso:

Não podíamos deixar de narrar todas essas particularidades do Mundo Espiritual, que não deixam de ser lógicas, de acordo com a lei da evolução, que não admite bruscas transições e que proporciona, sempre, períodos intermediários para suavizar as mudanças que ocasionam grande abalo, e maior perturbação ainda ocasionariam, se

fossem excluídos os meios precisos para essas transições.

Isso tudo demonstra que o Mundo Espiritual não é uma concepção abstrata, uma miragem, um vácuo inconcebível, sem sanção da inteligência, mas, sim, um meio concreto, onde se encontram as condições indispensáveis para as adaptações e o progresso do Espírito.

Já havíamos recebido essas revelações há muitos anos; contudo, tínhamos conservado as mesmas como lição de caráter puramente familiar, e sujeita, portanto, à observação: é sabido que as revelações da Verdade têm caráter coletivo; se, de fato, a nossa procedesse dessa fonte, outros também recebê-la-iam em todo o mundo. Se isso acontecesse, julgaríamos essas revelações transcendentais realmente dignas de atenção e até de experimentações novas, como outros médiuns, para sua melhor confirmação.

Com efeito, em diversas obras inglesas, norte-americanas e francesas, vemos, hoje, a reprodução detalhada dessas mensagens! O Plano espiritual desenterra o oculto e concorre para que conheçamos o futuro que nos espera, assim como nos dá a conhecer, desde já, em que consiste a outra vida e quais os meios facultados, nessas regiões, aos entes que nos são caros, para a aquisição de uma felicidade duradoura e de um progresso para a Luz e a Verdade. ⁽¹⁷¹⁾

Destas falas tão claras de Cairbar Schutel, ressaltamos que ele guardou, em segredo, aquilo que lhe foi revelado e posteriormente confirmado por

outras fontes, razão pela qual resolveu divulgá-las.

Do capítulo “A inconsciência da vida no além”, transcrevemos o seguinte trecho:

Enfim, a perturbação ou o estado de inconsciência dos Espíritos é muito variável; cada um sofre-os de acordo com a sua evolução, a sua constituição psíquica, o papel de responsabilidade social que assumiu na existência terrestre, a sua instrução intelectual, etc. Entre dois indivíduos, um ignorante e outro letrado, que tenham incorrido na infração da mesma lei, a pena do letrado se agrava, ao passo que a do ignorante será atenuada. Tudo está em relação com o indivíduo e o crime cometido. Assim também é a natureza da perturbação peculiar a cada indivíduo.

Um fato notável tem sido verificado com muitos Espíritos: o não saberem eles que “morreram”, segundo a expressão usual. Esse fato se verifica com os Espíritos muito materializados e muito materialistas, especialmente com os suicidas. É uma espécie de condenação a que ficam sujeitos em virtude da sua teimosia na negação.

Enfim, **todos esses Espinos atrasados ficam presos Terra; caminham aqui e ali, mas as suas vistas abrangem mais a Terra que o mundo Espiritual.** Eles se apinham em torno do globo, presos sempre à pátria e à família, acompanhando dos os movimentos do planeta, como se estivessem encamados e muitos deles, sofrem as variações atmosféricas e outras sensações peculiares aos que ainda estão incorporados na matéria.

Quando veem o Mundo Espírita não o compreendem. Pasmam ao observarem a Vida Espírita, o modo porque agem os Espíritos adiantados; admiram-se ao atravessarem grandes cidades, metrópoles flutuantes, ao verem casarias transparentes e multicolores, majestosos edifícios, cuja luz os ofusca; veículos céleres a deslizarem de um a outro ponto; jardins aprimorados com flores belas e aromáticas como nunca viram na Terra. Tudo isso lhes causa estranheza tal e ocasiona-lhes perturbação tão profunda, que preferem, muitas vezes, não prestar atenção senão ao mundo onde deixaram seus corpos e ao qual se acham ligados por afinidades antigas.

São esses Espíritos que vivem numa ânsia continua de se comunicar com os homens, não tanto para demonstrarem sua sobrevivência, mas para, se possível, prosseguirem no seu antigo modo de viver.

Eles desenvolveram ao extremo os seus sentidos físicos, e, havendo aniquilado o sentido espiritual, ficam, por isso, entre as trevas e a luz, entre o mundo da carne e o mundo do espírito, sem poderem prosseguir na sua vida material e sem poderem viver na vida espiritual, até que as preces, as instruções, os bons conselhos os encaminhem à realidade e sejam então iniciados na vida nova, na qual sentirão grande gozo, gozo esse que se tornará, para eles, um incentivo para trabalharem em prol de seu progresso e bem-estar espiritual. ⁽¹⁷²⁾

É oportuno também acrescentar este trecho do

capítulo “Sala de reuniões e casas no mundo dos Espíritos”:

Sobre isso e com o intuito de corroborar as nossas asserções a respeito, julgamos de utilidade transcrever um escrito de Miss Winifred Moyes, inserto num dos números de *The Greater World*, revista inglesa de grande circulação e ótima orientação.

O artigo traz o título acima e assim explica certos afazeres na outra vida:

“A ideia de salas (*halls*) de reuniões e templos de instrução, na vida futura, é muito atrativa a certas pessoas, e, durante o tempo em que esses lugares são necessários aos que aspiram ao saber, são encontrados à sua disposição... Entretanto, devemos lembrar que o desejo de ‘casas’ e ‘salas’ de reuniões provém do fato de, durante a vida terrena, termos necessidade de abrigos contra a inclemência do tempo. O nosso clima é responsável por muitos dos nossos costumes e desejos arraigados. Sabemos que, para estudar, ‘aqui’, devemos estar salvaguardados de barulho e interrupção. Visualizando a vida futura, devemos lembrar que, quando passarmos à condição de Espírito, não teremos as desvantagens que experiências na Terra.

“A alocução de Zodíaco (nome do Espírito manifestante) sobre o ‘Futuro Estado do Ser’ atraiu grande interesse, porém alguns leitores, em correspondência, mostram estranhar a ausência de referência a ‘casas’ e ‘salas de reuniões’ para instrução.

“O simples fato de sentirem eles a sua felicidade aumentada com exposições, discursos e réplicas de coisas terrestres, significa que estas estarão ao seu dispor, enquanto tenham utilidade.

• CASAS DE CONVALESCENTES

“Muitos Espíritos que voltaram, descreveram suas casas e também outros edifícios vistos. As casas para convalescentes tornam-se uma necessidade real, como lugares de repouso para os que passaram pela morte e necessitam de ‘tratamento’, pois, frequentemente, as tristezas e provações da vida física deixam a sua impressão no perispírito. Há um outro ponto a considerar. Zodíaco explicou muito bem que as coisas almeçadas, mas nunca alcançadas na vida terrestre, estarão, na outra vida, ao alcance dos filhos de Deus. Muitos homens e mulheres desejam um lar todo seu, onde possam viver sem interferência de estranhos. Quando ingressarem no Além, terão a morada dos seus sonhos. (173)

Nessa obra de Cairbar Schutel, temos o capítulo intitulado “Os planos do mundo espiritual”, que corrobora a visão de outros autores a respeito da existência de planos espirituais. Eis alguns trechos que selecionamos:

No Outro Mundo, como neste, **existem planos de existência, mundos superpostos, uns acima dos outros**, constituindo uma espécie de escada

de perfeição.

Os Espíritos, revestidos de seu corpo perispiritual, **não podem viver num meio que não esteja de acordo com a sua vestimenta espiritual**, e esta vibra sempre ao ritmo da elevação de cada um, em sabedoria e moralidade.

Os antigos tinham noções destes princípios e acreditavam na existência de muitos céus superpostos, que se compunham de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas e tendo a Terra por centro.

A opinião comum era a de que havia sete céus; em cada um deles, em sentido ascendente, aumentava a felicidade dos crentes.

Não há dúvida, existem planos de existência, de vida em mundos superpostos, uns acima doutros, constituindo, no seu conjunto, uma espécie de escada de perfeição. ⁽¹⁷⁴⁾

E, finalizando, a análise da obra *A Vida no Outro Mundo*, transcrevemos, do capítulo “O plano de vida após a morte”, o seguinte:

O primeiro plano do **Mundo Espiritual é bem parecido com o plano em que vivemos**, o plano terrestre.

Pode-se dizer que o nosso plano de vida aqui, na Terra, é uma cópia materializada do primeiro plano da Vida Espírita.

[...].

O termo “mundo”, na linguagem espírita, não

exprime somente os planetas, os globos, mas também as camadas que chamamos atmosféricas e que envolvem os planetas, os cometas, as estrelas ou sóis, e outros mundos imperceptíveis mesmo aos astrônomos e aos que se dedicam às coisas Espirituais. ⁽¹⁷⁵⁾

10º) 1991 - **Os Mortos nos Falam**

Pe. François Brune, escritor, que se destaca como pesquisador da Transcomunicação Instrumental, que, segundo consta, é o representante do Vaticano para assuntos de transcomunicação ⁽¹⁷⁶⁾.

Nessa sua obra, apresenta-nos informações bem interessantes, que veem somar ao conjunto de provas que estamos apresentando neste estudo.

Do capítulo V - Os primeiros passos no além:

Tentemos, agora, ir ainda mais longe. **Nós só teremos como material as afirmações de mortos, verdadeiramente, mortos, transmitida – quase sempre – indiretamente pelos médiuns, através de escrita automática ou pela prancheta.** Mas nestes casos, e pela primeira vez, com uma dificuldade adicional bem conhecida por aqueles que mergulharam nesta vasta literatura: não encontraremos mais a formidável unanimidade que nos havia sustentado até agora. Ao contrário! ⁽¹⁷⁷⁾

3. Os primeiros níveis no além

Já vimos que, com frequência, aqueles que amamos na Terra e que morreram antes de nós vêm nos buscar antes mesmo que tenhamos feito a grande passagem.

Mas nem sempre é assim. William Sted, após o naufrágio do Titanic, foi levado, com todos os seus companheiros, em **uma espécie de gigantesco elevador**, rumo a **um país maravilhoso** ao qual chamou “ilha azul”; e que não é, no fundo, nada mais que **um tipo de estação orbital de recepção para os recém-chegados**. É ali que eles encontram, efetivamente, seus parentes e amigos.

Harold Sherman, em seu último livro, conta-nos que A.J. Plimpton, após a morte de sua esposa, interessou-se pelos fenômenos paranormais e obteve gravações de sua voz; depois, conseguiu finalmente comunicar-se com ela e com outras pessoas falecidas, diretamente por telepatia.

Assim, **ficou sabendo que a Terra era efetivamente circundada por uma série de estações orbitais de recepção para os falecidos das diferentes partes do planeta. Mas que eram apenas locais de trânsito.**

Haveria mesmo espécie de Centros de Informações que permitia localizar, imediatamente, um morto cujos vestígios tivessem sido perdidos.

Robert Monroe tem a impressão de, durante uma de suas Experiências Fora do Corpo, ter visto rapidamente um destes centros de recepção. Mas ele não o situa no espaço, em relação à Terra:

“Eu me encontrava, por ocasião de uma visita, em um ambiente semelhante a um

parque, com flores, árvores e gramados, cuidadosamente mantido: talvez um jardim público entrecortado por caminhos. Estes últimos eram ladeados por bancos; centenas de homens e mulheres vagavam por ali ou descansavam nos bancos. Alguns pareciam perfeitamente calmos; outros, inquietos. A maioria tinha um olhar desorientado. Sem dúvida alguma, todos achavam-se inseguros quanto ao que deviam fazer.

Eu sentia, de uma forma ou de outra, que **se tratava de um local de encontro, onde os recém-chegados esperavam amigos e parentes.** Deste Ponto de Encontro os amigos levavam os que chegavam para o local a que pertenciam.”

Não é totalmente certo que todos os que morrem passem automaticamente por tais centros de recepção que são, de certa forma, centros de triagem. Talvez cada um já chegue em um centro diferente, segundo o destino que lhe será atribuído em seguida.

Numa primeira etapa, com efeito, alguns não irão muito longe. Permanecerão, simplesmente, em nosso mundo. É o que nos testemunha Georges Morrannier, o rapaz que, após longa pesquisa intelectual e espiritual, aventurou-se, sozinho, no ioga real e terminou suicidando-se:

“Convença-se de que nós não vivemos 'lá em cima', em um local indeterminado, mas de que nós vivemos com vocês, em suas casas.”

[...].

Entretanto, Georges Morrannier conheceu bem a existência possível de outras formas de vida. **Ele conheceu sobretudo o poder criador**

extraordinário do pensamento, dele tendo-se, por vezes, utilizado. [...].

[...].

Morrannier não vê neste poder criador do pensamento senão ilusão e, por conseguinte, tentação. Entretanto, parece-me que tal recusa advém, por um lado, do fato de que, no fundo, nosso mundo, um pouco melhorado, como ele o vê, já lhe é suficiente. Por outro lado há, nele, uma certa recusa de maior espiritualização. Pelo menos por enquanto este nível lhe basta, e ele não tem qualquer vontade de abandoná-lo!

“Este pensamento, liberto da matéria, prega-nos peças desagradáveis. Ele cria todo tipo de romances e tragédias. **Basta pensar em comer para ver uma mesa bem posta. Basta crer que se está doente para ter-se a impressão de se estar deitado em um quarto de hospital. De fato, não há nada de real nisto, mas o pensamento torna-se tão forte que cria ilusões.** Esta é a razão pela qual muitos desencarnados descrevem casas, palácios e paisagens encantadoras.”

Veremos mais adiante que tais criações do pensamento não são assim tão ilusórias. Os mortos podem de fato, comer e beber os alimentos que mencionam. Os palácios que criam são realmente habitados por eles pelo tempo que desejam naquele momento. Assim como o cavanhaque ou as vestes brancas que Georges criou para si.

[...].

Estudando as etapas seguintes, **veremos melhor que tais criações do pensamento são**

perfeitamente reais, reais para cada um daqueles que as criam. Esta é exatamente a grande lei da evolução espiritual. É isto que Georges Morranier ainda não compreendeu, parece-me, nem tampouco aqueles que vivem em harmonia com ele, formando, todos, um pequeno grupo.

[...].

O texto a seguir é bastante esclarecedor e permite-nos rever nossas ideias sobre os meios de transporte do além; ao mesmo tempo, explica-nos o que ocorre em tal estado de evolução. As palavras foram sublinhadas pelo próprio autor. Trata-se de Albert Pauchard que transmite a seus amigos holandeses uma mensagem destinada a sua irmã:

“É curioso, mas não consigo ver-te bem em teu novo apartamento. Quando estou contigo, estamos sempre na rua C... Procurei a causa desse fato, e descobri que não me desloco no espaço para estar contigo, mas utilizo (se posso expressar-me assim, e quase que reluto em usar tal palavra) uma 'telepatia' mais íntima que a telepatia comum. Torno-me um com teu sentimento e teu pensamento.

Mas tua imagem está ainda, para mim, cercada de um ambiente familiar. Assim, sinto sempre nossa casa da rua C... e esta continua a ser sempre minha casa. *Pois em nossos momentos passivos, nosso antigo ambiente forma-se em torno de nós automaticamente.* Não há nada de estranho nisto, e **trata-se sem sombra de dúvida, de uma morada real. Estamos ainda tão próximo da Terra, aqui onde estou, que**

precisamos de um mundo objetivo.

*Se ele não for criado por nossa própria vontade positiva, e se nossa curiosidade não nos levar a mundos criados por outrem, **nós entramos, então, geralmente, no mundo criado por nossos hábitos.***

Não devemos nos iludir: Albert Pauchard não assombra esta casa da rua C..., aqui na Terra. Aliás, ele encontraria lá, provavelmente, outras pessoas que não sua irmã que mudou-se para lá. O que ele faz não é lembrar-se, nem reconstituir o ambiente através de lembranças, no sentido de entendemos isso habitualmente. Não, **ela se constrói por si só, em torno dele, e ela é então real para ele, de uma realidade que corresponde a do corpo que ele possui naquele momento.**

[...].

Mas antes de estarem prontos para um mundo mais espiritual, muitos vão, inicialmente, reconstituir em torno de si um mundo bem semelhante ao nosso. Eles vão, inicialmente, reencontrar sua casinha, aumentando-a talvez, acrescentado-lhe o terraço com o qual sempre sonharam, circundando-a de um jardim, situando-a no alto de uma colina com uma bela vista... **As coisas se formarão em torno deles, mantendo as formas dadas pelo pensamento, pelo tempo em que lhes for atribuída alguma importância.** As coisas das quais desprendemo-nos perdem sua importância, esvaem-se. Neste mundo novo, tudo aquilo que aqui considerarmos com certo desprezo, como “subjetivo”, tornam-se “objetivo” no além. Nossos

sentimentos, mais ainda que nossos pensamentos racionais, objetivam-se sem parar. Daí a dificuldade de se descrever estes novos mundos.

Pierre Monnier explica à sua mãe:

“Falei-lhe muito pouco das condições de vida no Céu: elas são infinitas e difíceis de serem contadas, pois variam para cada espírito. As ocupações (tanto as de distração quanto as de estudo), as coisas que nos cercam, tudo tendo-se tornado espiritual, desloca-se ou transforma-se sobre o efeito de nosso pensamento... **Pensa-se em um palácio: ele se constrói; em um templo: e nele pode-se rezar; em um oceano: e nele é possível navegar. Isto faz com que, quando se pergunta aos amigos a respeito dos planos que sucedem ao da Terra, as respostas, às vezes, sejam muito diferentes...** Nós nos cercamos de 'realidades irreais', se é que posso dizer assim, que responde a nosso grau de evolução. O espírito chegado a alturas espirituais muito elevadas só terá pensamentos belos e elevados, de forma que tudo que o circunda, tendo sido criado por emanações do seu 'eu' espiritual, estará revestido de formas puras em relação a ele mesmo.”

[...].

Assim, **ao menos numa primeira etapa, reconstruímos espontaneamente, em torno de nós, nosso universo familiar.** Mas também, com muita frequência, nossos hábitos e, portanto, nossas atividades. Nós chegarem ao além sem saber, sobre todos os grandes mistérios da existência, muita coisa além do que tivemos podido descobrir neste nosso mundo. Para saber mais a respeito, sobre Deus, sobre a origem do mal, sobre

a liberdade... ser-nos-á preciso continuar refletindo, lendo, rezando, e, talvez, ouvindo conferências e discutindo com outros sobre esse assunto:

“...nas regiões astrais mais próximas da Terra, a vida continua amplamente como antes – comparativamente – com escolas, igrejas, cidades inteiras, até mesmo hospitais e edifícios públicos; mas, à medida que se progride, tais coisas desaparecem.” (178)

Fiquem tranquilos quanto aos hospitais! Parece que os mesmos servem para o sono reparador dos recém-chegados ou para ajudar médicos e cirurgiões do nosso mundo em suas pesquisas!

William Stead, salvo no naufrágio do Titanic (salvo no além, é preciso que se frise; em nosso vocabulário habitual, morto no naufrágio) **descreve-nos admiráveis concertos executados ao ar livre com músicas mais ricas que aquelas que conhecemos aqui na Terra** pois que comportam sons que nossos ouvidos de carne, enfermos, não podem captar. Além disto, tais sons correspondem a cores. Muito melhor que o som de Xenakis ou de Jean-Michel Jarre! Ele conta-nos também que, **para comunicar-se telepaticamente com a Terra, há um prédio especial com pequenas cabines e monitores muito amáveis que ensinam como proceder para estabelecer o contato.** [...].

[...].

Volto a citar Albert Pauchard:

“Sua ideia a respeito da vida astral é ainda,

apesar de tudo, muito material. Você busca nela uma continuação da vida na Terra. Nela você encontrará, certamente, este tipo de coisa, em razão de mecanismos fruto de hábitos adquiridos e sobre os quais lhe falei nos primeiros momentos. Mas tais hábitos perdem, pouco a pouco, aquilo que os alimenta: a necessidade de mantê-los enfraquece cada vez mais com o tempo... A manutenção do corpo em boa forma não exige qualquer esforço. Não há sentidos físicos, e, portanto, nenhuma atividade correspondente...

Em compensação, cada movimento emotivo e intensificado a um ponto dificilmente descritível – o que coloca a base vital de nossa existência em um plano totalmente diferente... Nós vivemos, de modo preponderante, no subjetivo... é no 'sentimento' que encontramos, agora, nossa subsistência vital... Entretanto, tudo está contido no Universo e, em um dado plano – o nosso, por exemplo – encontra-se o reflexo de todos os outros. Se você compreende este ponto, terá aberto mais de um horizonte. Digamos, por enquanto, que os fatos e as imagens da vida terrestre têm sua contrapartida aqui.”

Em um primeiro momento, ele havia dito:

“Em um plano muito próximo da Terra. As almas ainda estão muito impregnadas das condições terrestres que há pouco abandonaram. Por este motivo você encontra aí tantas instituições e construções semelhantes ou equivalentes às da Terra.

Estas coisas são naturalmente úteis de se conhecer, mas não se deve torná-las excessivas...

'Morre-se' em um Mundo após o outro. Porém, **mais diáfana é a substância, mais ela está submissa ao poder da vontade.** Desde então, a questão de 'mudança' torna-se mais uma questão de 'vontade'." (179)

E do capítulo VII - O exílio nos mundos da infelicidade:

1. Nas trevas exteriores

Tudo acontece, então, a cada instante, tendo Deus ao fundo, tendo ao fundo o outro dos ícones que, aliás, tecnicamente, chama-se "a luz". E a cada instante forma-se o mundo, pela interação entre a nossa consciência e este fundo, este campo de forças, produzindo e penetrado por Deus. A influência de nossa consciência é, em cada nível, coletiva. É a soma dos eflúvios de todas as consciências humanas, além do tempo e do espaço, que dá ao mundo sua forma atual, com as nuances possíveis segundo as épocas ou as regiões. Aliás, o espaço e o tempo, tal como nós os sentimos, são produzidos pela interação desta consciência coletiva e deste campo de forças.

Mas também **no além, nos numerosos países do além-morte, cada nível de existência é a resultante desta interação, segundo os diferentes níveis atingidos pelas consciências daqueles que se reúnem, seja por afinidade, seja por proximidade espiritual.** As projeções de uns e de outros encontram-se, então, e dão origem à emergência de um novo mundo comum, próprio a este grupo.

Cada um destes mundos, cada uma destas numerosas “moradas” será mais ou menos transfigurado pela Luz, segundo o nível espiritual de cada uma destas consciências coletivas.

Mas há, inicialmente, o nível daqueles que sequer veem a luz. Perdendo-a, parecem perder contato, também, com os outros homens. Quem se afasta de Deus afasta-se de seus irmãos. (Como sempre, trata-se, aqui, de afastamento voluntário).

De acordo com esta lei natural (segundo a qual cada um cria, por projeção, seu próprio ambiente), quem não crê em nada, quem só crê no nada, encontra-se no nada. Nesta Terra, estes infelizes gozariam, sem saber, do nível de consciência coletiva. **Entregues a si mesmos, deixados no nível espiritual que lhes é próprio, encontram-se na escuridão e na solidão.** O pior é que, neste momento, **são até mesmo incapazes de perceber a presença de mortos que os amaram e que vêm ajudá-los.** [...]. ⁽¹⁸⁰⁾

Curioso é que as coisas aqui mencionadas podem ser encontrada nas obras de André Luiz, portanto, é mais uma fonte, que reputamos da maior relevância, pois vem de fora do meio espírita, pela qual se tem informações sobre certos níveis espirituais, que os desencarnados podem comer e beber; e que, além disso, com a força ideoplástica do pensamento, criam roupas e habitações, tais como: escolas, igrejas, hospitais, edifícios públicos. Essas

habitações são encontradas nas regiões astrais mais próximas à Terra, são temporárias, pois, com a progressão dos Espíritos, elas desaparecerão.

Vejamos, agora, a opinião de dois estudiosos mais recentes, ambos renomados escritores:

1º) Em **José Herculano Pires** (1914-1979) julgamos encontrar os depoimentos mais importantes, porquanto, quando da publicação da primeira obra da série André Luiz, ele fez referências contrárias ao teor da obra, conforme nos informam os Editores do livro ***Cartas de Um Morto-vivo***:

Durante o lançamento da histórica obra *Nosso Lar*, houve uma certa divisão de opinião nos meios espíritas. **O prof. Herculano Pires foi um dos que apontaram, ao ler os detalhes sobre a vida após a morte, a ausência do senso universal mencionado diversas vezes por Allan Kardec,** pelo qual às comunicações espíritas verídicas era essencial um mínimo de concordância entre si, ao serem produzidas por vários médiuns e em locais diferentes. O autor, Chico Xavier, pôs fim às dúvidas, apontando que já existiam livros de língua inglesa com relatos semelhantes à vida espiritual descrita por André Luiz. [...]. ⁽¹⁸¹⁾

Certamente, que Herculano Pires, não se fez de rogado e lançou-se à pesquisa. Acabou por

comprovar que, bem antes a André Luiz, já existiam obras dando conta da realidade de suas descrições da vida após a morte, e, sem qualquer constrangimento, próprio dos orgulhosos irredutíveis, ele passou a defendê-las, conforme veremos a seguir.

Em sua obra **O Espírito e o Tempo** (1964), deparamos com Herculano Pires, dando as seguintes explicações sobre o mundo espiritual:

[...] Como esse processo se passa entre mundos de dimensões materiais diferentes, Rhine concordou em chamá-los de extrafísicos, o que na verdade não está certo, pois **o plano espiritual também possui densidade física e a própria Física foi obrigada a reconhecer essa realidade em nossos dias.** [...]. ⁽¹⁸²⁾

[...] **O espírito liberto passa a viver no plano espiritual, que se constitui de matéria em estado rarefeito.** Esse mundo semimaterial tem várias hipóstases, sendo que a mais inferior só existe com o plano material, interpenetrado com ele. Por isso os espíritos convivem conosco no mesmo espaço cósmico ocupado pelo planeta. Assim, os espíritos influem sobre nós e nós sobre eles. Não podemos percebê-los pelos sentidos físicos, mas podemos vê-los e ouvi-los pelo espírito, embora tenhamos a impressão de percebê-los pelos sentidos. [...]. ⁽¹⁸³⁾

Nossa maior surpresa durante a fase de pesquisa, foi encontrarmos, justamente, em Herculano Pires a confirmação da existência das colônias espirituais, já que muitos companheiros que o tomam como ícone maior de coerência doutrinária, não as aceitam. Vejamos o que se encontra descrito em sua obra **O Mistério do Bem e do Mal**, especificamente no capítulo 26:

Descrições da vida espiritual nas zonas inferiores do espaço

Regiões em que os espíritos continuam apegados às formas da vida material – “Ação e Reação”, de André Luiz, uma contribuição dos espíritos para as comemorações do centenário.

O primeiro centenário do Espiritismo teve, também as suas comemorações no outro lado da vida. Não foi apenas em nosso plano material, neste reverso da vida em que nos arrastamos, apegados à densidade da matéria grosseira, que o grande acontecimento despertou entusiasmos. Embora o advento do Espiritismo nos pareça um fato específico do nosso mundo, pois a doutrina veio para orientar os homens encarnados, a verdade é que esse fato se refere também aos planos espirituais. E o que é mais importante: esse fato tem tanta significação para nós, quanto para os Espíritos.

Todos os que militam no movimento espírita sabem que os Espíritos participam ativamente dos trabalhos doutrinários. Nada mais natural, portanto,

do que a sua intensiva participação nas comemorações do centenário. Uma prova concreta dessa participação acaba de ser dada pela publicação de mais um livro psicografado por Francisco Cândido Xavier, livro que traz no prefácio de Emmanuel, as seguintes frases: “Um século de trabalho, de renovação e de luz. Para contribuir nas homenagens ao memorável acontecimento, grafou, André Luiz, as páginas deste livro”.

Como se vê, **“Ação e Reação”**, novo livro de **André Luiz, que a Federação Espírita Brasileira acaba de publicar, é uma contribuição espiritual para as comemorações do centenário. E que excelente contribuição!** O título é suficiente para indicar o conteúdo. André Luiz faz uma ampla exposição do problema de ação e reação, através de exemplos colhidos diretamente nas zonas sombrias em que vivem os espíritos sofredores.

Os livros de André Luiz, que já constituem volumosa coleção, valem por um verdadeiro trabalho de ilustração dos princípios espíritas, por meio de relatos de episódios vividos nos planos espirituais. Em Nosso Lar, primeiro volume da série, temos a descrição pormenorizada de uma cidade espiritual, destinada à preparação das criaturas para a espiritualidade superior. Em Os Mensageiros, a descrição dantesca das zonas de sofrimento, regiões purgatoriais ou infernais – como queiram –, em que se arrastam as almas dos que não souberam compreender as oportunidades da encarnação terrena. Mensageiros são os Espíritos superiores, que descem às zonas sombrias ou à própria face da Terra para trazerem socorro às criaturas entregues ao desespero, à angústia, ao

remorso e a todas as formas de sofrimento espiritual.

Em “Ação e Reação” os fatos se passam, também, numa zona espiritual densamente carregada de influências materiais. Em meio a uma região aparentemente abandonada, em que as “almas brutas e bravas”, a que se refere Dante, rugem, choram, esbravejam e gemem, perdidas nas sombras e resgatadas pela ventania de suas próprias iniquidades, ergue-se um conjunto arquitetônico que oferece asilo, conforto e cura aos que se puseram em condições de ser socorridos, ou seja, aos Espíritos que começaram a se arrepender de seus erros.

“O estabelecimento – diz André Luiz – situado nas regiões inferiores, era bem uma espécie de Mosteiro São Bernardo, em zona castigada por natureza hostil, com a diferença de que a neve, quase constante em torno do célebre convento encravado nos desfiladeiros, entre a Suíça e a Itália, era ali substituída pela sombra espessa, que, naquela hora, se adensava ao redor da instituição, como se tocada por ventania incessante.”

Para os que não conhecem os princípios da Doutrina Espírita e não estão familiarizados com descrições das zonas espirituais mais próximas da crosta terrestre, tudo isso pode parecer ilusório, imaginário, pouco provável. **Mas os que sabem que os Espíritos não são mais do que homens desencarnados e que, como os homens terrenos, vivem a sua vida, executam os seus trabalhos e realizam as suas construções, compreendem bem as descrições de André Luiz.**

Há quem não admita a existência de coisas tão concretas no plano espiritual. André Luiz se refere, porém, às zonas inferiores, aquelas em que os Espíritos, ainda demasiado apegados às formas da vida material, não conseguiram “libertar-se em espírito”. **É edificante ver, em “Ação e Reação”, como os Espíritos Superiores trabalham nessas regiões, prestando sua assistência caridosa aos irmãos que se transviaram nas sendas egoístas da vida terrena.** ⁽¹⁸⁴⁾

O que vemos aqui, é que Herculano Pires, além de sancionar as obras de André Luiz, as tinha em alta consideração. São, justamente, as obras que têm informações importantes sobre a vida dos Espíritos, no mundo espiritual; inclusive, a obra *Ação e Reação*, motivo de seu artigo, fala do Umbral, conforme se pode ver:

Sabíamos que a morte do corpo denso era sempre o primeiro passo para a colheita da vida e, por isso, não ignorávamos que o ambiente era dos mais favoráveis à nossa investigação construtiva, porque **o imenso Umbral, à saída do campo terrestre, vive repleto de homens e mulheres que vararam a grande fronteira, em plena conexão com a experiência carnal.** ⁽¹⁸⁵⁾

[...] O que, porém, existe, de fato, é o imenso **Umbral**, situado entre a Terra e o Céu, **dolorosa região de sombras, erguida e cultivada pela mente humana, em geral rebelde e ociosa,**

desvairada e enfermiça. [...]. (186)

Acreditamos que a posição de Herculano Pires, como sendo o “melhor metro que mediu Kardec”, deve ser levada em consideração, para se aceitar, ou não, as informações de André Luiz, que vieram complementar o que existia nas obras da Codificação.

O exposto aqui sanciona, em tudo, o que se pode encontrar nas narrativas de André Luiz, embora isso não signifique que aceitamos tudo quanto vem dele, sem antes nos basearmos na lógica e no bom senso, conforme nos recomendou Allan Kardec. Constatamos que essa nossa posição é, exatamente, a mesma de Herculano Pires, que, na obra *Vampirismo* (1980), faz sérios questionamentos sobre a existência dos ovoides, mencionados nas obras de André Luiz.

Há, porém, sobre o nosso assunto, algo mais específico na obra ***O Infinito e o Finito*** (1983), da qual transcrevemos os seguintes trechos do capítulo 32:

**Mensagens espíritas no exterior confirmam as
recebidas no Brasil**

Livros de Chico Xavier em confronto com obras francesas e inglesas – “A Vida nos Mundos Invisíveis”, do reverendo anglicano Robert Hugh Benson, publicado em português

Muitas pessoas encontram dificuldades em aceitar as descrições da vida de além-túmulo, dos livros de André Luiz, psicografados por Chico Xavier. Mesmo entre os espíritas, já habituados a tratar dos problemas do “outro lado da vida”, essas descrições encontraram no princípio, e ainda hoje encontram, certa relutância. Emmanuel explicou, de maneira bastante clara e feliz, no prefácio de *Os Mensageiros*, que os relatos de André Luiz não devem ser tomados ao pé da letra, mas como um esforço para objetivar, em linguagem terrena, as visões do mundo espiritual. Apesar disso, a extrema semelhança da vida no espaço com a vida na Terra ainda perturba algumas pessoas e provoca várias críticas de religiosos e materialistas.

A incompreensão a respeito é natural, em virtude principalmente de dois motivos fundamentais: primeiro, o hábito arraigado de considerar-se a vida *post-mortem* como misteriosa, inacessível à compreensão dos mortais; segundo, a confusão habitual entre corpo e espírito, fonte do materialismo, que impede muita gente de admitir a existência de vida fora da matéria. Este segundo motivo é o reverso do primeiro e os dois representam posições extremadas diante do problema da sobrevivência. O Espiritismo nos mostra que a vida além da morte não é inacessível à nossa compreensão e desfaz, ao mesmo tempo, a confusão materialista entre corpo e espírito.

[...].

[...] a existência de cidades espirituais no além-túmulo, de habitações, vegetais e animais, não é, como supõem, uma invenção dos espíritas. O Velho Testamento e o Novo Testamento, por exemplo, estão cheios de descrições dessa ordem. Basta lembrar-se o que diz Isaías (33:17,20) sobre “a terra de longe” e a “Sião da solenidade”, e o Apocalipse de João sobre a Jerusalém celeste.

No tocante às revelações mediúnicas, as descrições de André Luiz não constituem novidade, a não ser quanto ao que trazem de pessoal, da maneira de ver do autor. Já em *O Céu e o Inferno*, Kardec apresenta descrições semelhantes. Na *Revue Spirite*, o codificador publicou numerosos relatos de além-túmulo no mesmo sentido. Sir Oliver Lodge apresenta quadros semelhantes em *Raymond*, Denis Bradley em *Rumo às Estrelas*, e assim por diante. Agora, a Editora *O Pensamento*, desta capital, acaba de lançar a tradução de *Life in the World Unseen*, de Anthony Borgia, com a versão do título para *A Vida nos Mundos Invisíveis*. O trabalho de tradução foi confiado a J. Escobar Faria, que realizou primoroso trabalho.

Temos nesse livro curioso uma nova versão da vida no além, com pormenores que confirmam plenamente as descrições de André Luiz. O autor espiritual é o ex-reverendo Robert Hugh Benson, filho de um ex-arcebispo de Cantuária, que à maneira de André Luiz, relata sua passagem para o lado de lá e descreve esse lado. A segunda parte do livro oferece-nos

uma espécie de geografia dos planos espirituais mais próximos da face da Terra. Benson, que na vida terrena escrevera a propósito de assuntos espirituais, dando interpretação capciosa a algumas de suas experiências psíquicas, procura corrigir nesse livro os seus erros dogmáticos de então. Os religiosos em geral, e os espíritas em particular, encontrarão em *A Vida nos Mundos Invisíveis* muito material para comparação com as descrições dos textos sagrados e das comunicações mediúnicas obtidas em nosso país. Esse confronto, para os espíritas, atende a um dos requisitos do método doutrinário, para aceitação das informações espirituais: o do consenso universal, estabelecido pelo codificador. ⁽¹⁸⁷⁾

Observe, caro leitor, essas palavras que Herculano Pires diz ao terminar seu artigo: “Esse confronto, para os espíritas, atende a um dos requisitos do método doutrinário, para aceitação das informações espirituais: o do consenso universal, estabelecido pelo codificador”. Apesar de ao final na nossa conclusão mencionarmos isso, é bom ressaltar que o autor desse argumento não somos nós, mas, o do *“o metro que melhor que mediú Kardec”*; melhor que isso não precisávamos para sustentar a nossa convicção.

Resta-nos ressaltar mais uma fala de Herculano

Pires, que encontramos no site do *YouTube*, onde, em viva voz, ele responde a um ouvinte do programa **No Limiar do Amanhã**, de número 92 de 1972:

Entrevistador: Finalmente a última pergunta do ouvinte Alberto Bibiano. É a seguinte: “Por que o médium vidente, além de ver outros espíritos também vê outros objetos como flores, livros, chaves?” Para finalizar o ouvinte tece elogios ao nosso programa e agradece por sua resposta.

Herculano Pires: – O fato de um médium vidente ver esses objetos, essas coisas, vem comprovar simplesmente aquilo que nós encontramos desde a Bíblia até aos livros espíritas. Nós sabemos que, na Bíblia, já se falava das cidades celestes e dos objetos que havia nas cidades celestes. **Ora, existe portanto, no plano espiritual, uma situação, principalmente no plano espiritual mais próximo do nosso, uma situação semelhante à da Terra. Há flores, há objetos, há casas, há cidades, há tudo quanto temos aqui, embora de uma forma mais aperfeiçoada e contendo aspectos que, às vezes, nós não podemos compreender.** Assim, não é só o médium vidente que vê isso, toda pessoa que tem as vezes percepções ou visões através de sonhos ou através mesmo de momentos de êxtase ou momentos apenas de dissociação psíquica, como se costuma dizer, todas essas pessoas veem esses objetos. São objetos que existem realmente no mundo espiritual. De fato, o sr. pode constatar isso na leitura de livros espíritas. **Hoje, diz-se muito que esses fatos estão sendo revelados através dos livros de André Luiz, mas a verdade**

não é essa. Já desde o tempo de Kardec, a **Revista Espírita** aí está cheia de fatos, de episódios mediúnicos referentes a eles, e também nas próprias obras, nas obras da **Codificação**, o sr. encontrará referências, particularmente no *Livro dos médiuns*, no livro *Céu e inferno*, de Kardec, o Sr. encontrará referências a essas visões de coisas, de objetos, que existe, de fato, na vida espiritual. Para finalizar, agradecemos os elogios que o Sr. faz, também para finalizar, ao nosso programa. ⁽¹⁸⁸⁾

Para Herculano Pires a existência de colônias espirituais é algo inquestionável. Nas entrelinhas, ele deixa claro que somente os que não se dedicam ao estudo das obras espíritas não acreditam nelas.

2º) **Richard Simonetti** (1935-2018) escritor e orador espírita, cuja opinião merece ser vista. Na **Revista Internacional de Espiritismo**, maio/2014, na coluna Pinga-Fogo, Simonetti escreve o artigo “André Luiz – refutações”, no qual responde a várias questões; dentre elas destacamos:

1. *Há quem situe fantasiosa a obra de André Luiz, alegando que ele situa o mundo espiritual igual ao plano físico.*

Seria interessante destacar a questão 27 de *O Livro dos Espíritos*, em que o mentor espiritual informa que há dois elementos constitutivos do

Universo: Espírito e matéria. O Espírito é denominação coletiva dos seres pensantes. Consequentemente tudo o mais é matéria.

3. Sendo o Espírito uma luz que irradia, conforme está na questão 88 de O Livro dos Espíritos, não deveria ser de outra natureza o universo além-túmulo?

Antes de qualquer consideração sobre esse assunto é preciso lembrar a existência do perispírito, veículo de manifestação do Espírito no plano em que atua o seu elo com o corpo, na reencarnação. Considerando que ele também é feito de matéria, igualmente quintessenciada, sua existência justifica o conteúdo da obra de André Luiz.

4. Justifica por quê?

Se o perispírito é feito de matéria, é óbvio que ocupa lugar no espaço, deve viver num mundo de dimensões, onde não vejo porque inexistem paisagens, objetos, cidades, casas, edifícios e tudo o mais que guarde semelhança com a Terra. Aliás, é lugar-comum dizer-se que o plano físico é uma cópia do plano espiritual. Enquanto a televisão engatinhava na Terra, na década de 40 do século passado, André Luiz já falava desses aparelhos no livro *Nosso Lar*, com um detalhe: comunicaram-se os Espíritos via TV, algo que somente nas últimas décadas se popularizou em nosso plano.

5. Atendendo ao controle universal das manifestações, não seriam, em princípio, motivo de dúvida aquelas revelações por um único médium?

Um não, dois, já que o médium Waldo Vieira colaborou na psicografia de alguns livros de André Luiz. Por outro lado, antes de Chico Xavier, muitos

médiuns reportavam-se ao assunto. **A monumental obra *Memórias de um suicida*, que descreve um mundo espiritual semelhante ao plano físico, foi psicografada por Yvonne Pereira a partir da década de 20, muito antes do livro *Nosso Lar*, de 1943.** Na atualidade, em qualquer Centro Espírita bem orientado, com médiuns disciplinados, temos relatos semelhantes compondo um imenso controle universal das manifestações.

8. *Há alguma referência de Kardec às cidades espirituais?*

É preciso considerar que o trabalho de Kardec foi de síntese. Não obstante, há na Revista Espírita de agosto de 1858, interessantes comentários de Victorien Sardou, escritor, teatrólogo, membro da Academia Francesa de Letras. Era médium pictógrafo e fez desenhos notáveis sobre habitações de outros mundos, como Júpiter, reportando-se à vida espiritual, já que nos planetas de nosso sistema solar não há vida biológica. Kardec destacou a condição intelectual de Sardou, sem refutar suas explicações, o que significa que não as considerou fantasiosas. ⁽¹⁸⁹⁾

Richard Simonetti, ao escrever esse artigo, certamente, o fez por perceber que o tema causa polêmica acirrada, em nosso meio, razão pela qual resolveu contribuir com seus conhecimentos.

7. Autores espirituais que mencionam construções diversas no mundo espiritual

Podemos acrescentar que essa informação sobre a existência de construções no mundo espiritual, bem como sobre as colônias espirituais é encontrada em comunicações e/ou mensagens de vários autores espirituais como, por exemplo, em ordem cronológica:

1º) **“X”**, em ***Cartas de Um Morto-vivo***, prefácio de 1913, através da médium Elza Barker (1869-1954), Londres, Inglaterra, esse Espírito era conhecido da médium, mas, preferiu manter-se no anonimato, disse:

Parecer-lhe-á absurdo se eu lhe disser que **usamos roupa**, tal qual como na Terra, mas em menos quantidade. [...]. ⁽¹⁹⁰⁾

Uma das coisas que talvez mais a interessam é a nossa alimentação. Certamente **comemos e bebemos; absorvemos água** em grande quantidade. [...]. ⁽¹⁹¹⁾

Agora, tratemos deste elemento, onde nós vivemos. Ocupa indubitavelmente um lugar no

espaço, pois se acha junto à Terra, porém em outra dimensão. Sim, cada árvore visível tem a sua imagem equivalente no invisível Quanto a você, minha amiga, antes de adormecer, penetra neste mundo com plena consciência do que está fazendo, **vê coisas que existem ou que existiram – também no mundo material. Não vê nada neste mundo que não tenha uma imagem física equivalente no outro mundo.** Existem é claro, imagens criadas pelo pensamento, pela imaginação; mas não pense que ver imaginariamente seja a mesma coisa que ver no plano astral; não, de modo nenhum. As coisas que vê antes de adormecer têm uma existência real. [...]. ⁽¹⁹²⁾

Também se vêm aqui horrores – mil vezes piores do que os da Terra. A decadência causada pelo vício e pelos excessos é muito pior aqui do que lá. Tenho visto fisionomias e figuras terríveis, rostos em que a estampava o mais atroz desregramento, rostos hediondos, rostos roídos pela lepra dos desejos baixos e vis, figuras dantescas que aqui e além se arrastam penosamente. [...]. ⁽¹⁹³⁾

Sim, **há escolas aqui** onde todos os que estejam aptos e que se queixaram instruir são admitidos. Porém há poucos grandes professores. ⁽¹⁹⁴⁾

Devo modificar uma das minhas últimas asserções, pois convenço-me agora que não é verdadeira. Dizia eu que tudo quanto aqui havia, já tinha existido na Terra. Sou porém obrigado a desdizer-me, pois notei recentemente a existência

de estratos. Ainda creio que tudo ou quase tudo o que existe nos estratos inferiores junto à Terra, tenha existido na Terra envolto em matéria dessa. Suba um pouco mais alto, vá um pouco mais longe, não posso dizer a distância ao certo, pois não posso medir; mas uma noite destas, **quando andava em exploração, penetrei no mundo dos modelos, das amostras, dos paradigmas – permita-me a expressão – das coisas que não de existir na Terra. Vi formas de coisas que penso, ainda nunca existiram no seu planeta, invenções, por exemplo.** Vi asas que qualquer homem pudesse adaptar em si próprio. Também vi novas formas de aparelhos de aviação. Vi modelos de cidades e torres com umas saliências do gênero de asas, que muito me intrigaram. É evidente que a invenção mecânica ainda se acha muito atrasada. ⁽¹⁹⁵⁾

Penetramos num vasto edifício semelhante a uma biblioteca; foi tal o espetáculo que se me deparou, que a minha admiração não teve limites. Não era propriamente a arquitetura do edifício que assim me surpreendia, mas sim **a abundância incalculável de livros e arquivos.** Havia certamente milhões e milhões. ⁽¹⁹⁶⁾

Quando tornei a encontrar o dirigente, mencionei-lhe o meu desejo de usar uma toga feita por mim, e ele esteve a mostrar-me cuidadosamente a maneira de **criar trajes, segundo o meu desejo: devia fixar o modelo e plasmá-lo nitidamente no meu espírito,** vê-lo no meu íntimo e em seguida atrair pelo poder do desejo a matéria sutil do mundo do pensamento em torno do modelo, formando assim a toga. ⁽¹⁹⁷⁾

Um dia, ao passar por **uma avenida de árvores frondosas – pois aqui também temos árvores** – encontrei uma mulher, de estatura elevada, envergando um amplo vestido negro. Estava em lágrimas – também por aqui há lágrimas. [...]. ⁽¹⁹⁸⁾

[...] Há pouco tempo cumpriu a promessa e veio para cá. Ele já tinha feito os preparativos para a receber; não se ocupava mesmo em outra coisa desde que cá estava. **Tinha construído com a substância deste mundo a casinha que ainda em vida idealizara.** ⁽¹⁹⁹⁾

Durante os primeiros dias sentia-se ainda **subjugada pelos hábitos da Terra e queixava-se continuamente de fome; ele tentava satisfazê-la dando-lhe a substância tênue que nós usamos.** Mas pouco a pouco foi-se libertando de todos os seus costumes antigos; por fim a única coisa que ainda a prendia à Terra eram os pais, a quem visitava, de vez em quando, em sonhos. ⁽²⁰⁰⁾

Ser-lhe-ia difícil atingir a diferença que existe entre a nossa vida e a sua, simplesmente pelas coisas que lhe digo. Princípie pela diferença na substância, não só na substância de que os nossos corpos se compõem, **como também dos objetos naturais que nos rodeiam.**

Admira-se de que eu empregue o termo “objetos naturais”, relativamente às coisas deste mundo? **Nunca pensou, certamente, que nós tínhamos escapado à Natureza?** Ninguém escapa à Natureza. [...].

[...] O tempo passa e nós desabituoamo-nos gradualmente de comer. A fome e a sede não nos

incomodam; **há, contudo, almas, eu, por exemplo, que sempre continuam a tomar uma porção minúscula de alimento; é, porém, uma quantidade tão infinitamente pequena,** que até seria ridículo compará-la aos jantares opíparos com que antigamente satisfazia a minha gula. ⁽²⁰¹⁾

Mas não vá agora pensar que todas as coisas deste mundo são somente imaginárias – pelo contrário. **Os objetos que aqui existem em substância tênue são reais,** e, relativamente, tão substanciais como a minha amiga; **o que há a mais aqui é a possibilidade de criar matéria mental,** criar numa forma de matéria ainda mais sutil que denominamos substância do pensamento.

Quando aí na Terra, produzem qualquer coisa sólida, primeiro essa coisa toma forma na substância do pensamento; enquanto não veem o seu modelo, que já existe no pensamento, concretizado em matéria sólida, não acreditam que esse modelo exista, realmente, senão na sua imaginação. Conosco o caso muda de figura. Nisso é que a diferença entre o nosso modo de criar e o seu se torna sensível. Nós aqui podemos ver as criações do nosso pensamento, e as dos outros também, se permitirem. ⁽²⁰²⁾

Como já disse, há também lugares que nos são acessíveis e que estão situados a alguma distância da superfície da Terra. **A expressão: “Mansões celestes”, não deve ser tomada só no sentido figurado.** ⁽²⁰³⁾

[...] Agora, quero contar-lhe coisas lindas a cerca do Céu que visitei ontem à noite. Ainda estou impressionado pelo belo espetáculo divinamente

belo que me foi dado contemplar.

Vi **duas filas de árvores sombrias, semelhantes aos ciprestes**; enveredei por esta comprida avenida, e notei lá ao fundo uma luz difusa e suave. [...].

[...].

A avenida dos ciprestes tinha ficado para trás; agora encontrava-me em uma vasta planície, rodeada por **uma floresta de árvores em flor**. O ar estava impregnado de perfumes primaveris, **os passarinhos gorjeavam** em uma alegria louca. **No centro da planície elevava-se uma grande fonte circular**, cujos jogos de água eram maravilhosos; os repuxos jorravam à grande altura, caindo depois em nuvens irisadas de espuma. Um encanto inexprimível reinava sobre toda a paisagem. Disseminados nesse céu circular e perfumado, passeavam lentamente seres angelicais, que certamente já tinha sido inferiores em qualquer época remota. Andavam de dois a dois ou em grupos, eternamente sorridentes e afáveis. ⁽²⁰⁴⁾

2º) **Lester Coltman**, oficial que morreu em 1917, na Batalha de Cambrai, 1ª Guerra mundial, corresponde com sua tia Lilian Walbrook, médium mecânica. Encontramos na Internet um arquivo em PDF intitulado *The Case Of Lester Coltman*, by Lilian Walbrook. Suas mensagens iniciaram no final do ano de 1922. Esse caso é citado por Arethur Conan Doyle, do qual Cairbar Schutel extraiu para seu livro

A Vida no Outro Mundo, de onde transcrevemos:

“Acho perfeitamente explicável e natural o interesse dos seres terrenos em averiguar a forma de que são constituídos os lugares e os estabelecimentos em que vivemos e trabalhamos; mas, não é fácil fazer uma descrição, na linguagem terrena. A minha existência servirá de exemplo para a dedução de outros modos de vida, segundo o temperamento e a inteligência de cada um.

“Meu trabalho continua aqui como se iniciou na Terra, ou seja, no terreno científico.

“Para progredir em meus estudos, visito frequentemente um laboratório, onde encontro facilidades tão completas como extraordinárias para a realização de experiências.

“Tenho casa própria, verdadeiramente bela, com uma grande biblioteca, na qual existe toda a classe de livros de consulta: históricos, científicos, de Medicina, e de todos os gêneros da Literatura. Para nós, estes livros são tão interessantes como para vós, os da Terra.

“Tenho uma sala de música com toda a sorte de instrumentos.

“Tenho quadros de rara beleza e móveis de gosto apurado.

“Atualmente vivo só, mas recebo com frequência a visita de amigos; também os visito em suas casas, e, se alguma vez me sucede sobrevir ligeira tristeza, vou, então, visitar aqueles a quem mais eu quis na Terra.

“Das minhas janelas admiro uma paisagem extraordinariamente bela, que se estende ao longe em suaves ondulações, e, próximo à minha, existe uma casa comunal onde vivem em feliz harmonia vários dos Espíritos que trabalham no laboratório.

“O meu ajudante principal é um chinês antigo, muito competente em análises químicas. É, como se disséssemos, o chefe da casa. É uma alma admirável, goza de grandes simpatias e é dotado de profunda filosofia.

“É muito difícil vos falar do trabalho no mundo dos Espíritos. Cada um tem sua missão, segundo suas possibilidades.

“Quando um Espírito chega diretamente da Terra, ou de qualquer outro mundo material, tem de aprender tudo o que não aprendeu na existência precedente, com o fim de se aproximar da perfeição.

“Se ele fez sofrer seus semelhantes sofrerá. Se tem grande talento, o aperfeiçoará aqui, pois, se vós aí tendes boa música ou outra qualquer classe de arte ou ciência, as daqui ainda são muito melhores.

“A Música é uma das mais poderosas forças do nosso mundo para se alcançar a perfeição do Espírito.

“Há aqui magníficas escolas para instrução dos Espíritos de crianças. Nelas permanecem até aprenderem tudo o que se refere à Terra e aos demais mundos, bem assim a todos os reinos que se acham sob o cetro de Deus.

“Aqueles que aqui receberam instrução como

Espíritos de crianças, quando chegam a ir para o vosso mundo, ostentam o mais refinado e belo dos caracteres.

“Os que passaram sua existência material em trabalhos físicos, têm de aprender tudo, enquanto aqui permanecem. O trabalho é uma coisa maravilhosa, e os que se tornam discípulos de Espíritos, aprendem consideravelmente. Os Espíritos literatos se convertem em grandes oradores e falam e ensinam com palavras eloquentes.

“**Aqui também há livros**, mas de gênero diferente dos vossos.

“O que estudou leis na Terra entrará na escola dos Espíritos para se aperfeiçoar na Justiça.

“O soldado que professe culto à verdade e à honra, guiará os Espíritos de qualquer de nossas esferas em suas lutas pela fé em Deus”. (205)

3º) **Dezessete Espíritos**, em ***Trinta Anos Com os Mortos***, de autoria de Dr. Carl August Wickland (1861-1945), insigne psiquiatra e pesquisador dos fenômenos psíquicos, no qual registra inúmeras manifestações de Espíritos através da médium Anna Wickland, sua esposa.

1) Espírito: Frank, sem data.

Espírito: – Me chama e diz: “Sim, Frank, virás comigo. Faz muito tempo que te buscava.” Me sinto débil, cansado. Mamãe me diz: “Frank, nós

não sabíamos o que era a verdadeira vida, porque ninguém nos ensinou o que deveriam ter-nos ensinado, e por isso não compreendemos nunca o maravilhoso universo de Deus. [...] Ignoro, Frank, as coisas que aconteceram, porém desejo que seja divulgada a verdade.” Ela me diz: “Vem comigo ao mundo dos espíritos, no que reina a inteligência. Ali se vive em pleno amor, harmonia, paz e bem-aventurança; mas temos que viver um para o outro. **Necessitas ir à escola** e aprender. Não debes molestar mais a ninguém, como vinhas fazendo. Vem, Frank, **para que marchemos a uma formosa mansão do mundo espiritual.**” Muito obrigado. Adeus. ⁽²⁰⁶⁾

Médico: - Estes que você vê são espíritos, o mesmo que você. Nós não os vemos.

Espírito: - Sejam o que sejam, estão aqui. **E me dizem que se segui-los me mostrarão uma linda mansão. Isto seria muito agradável, porque há muito tempo não tenho uma casa minha.** [...]. ⁽²⁰⁷⁾

2) Espírito: Senhor Hesselroth, 29/09/1920.

Espírito: – Sim; tinha uma drogaria em Chicago. Meu nome é Hesselroth! Há um momento não podia recordar meu nome. Sou um dos colaboradores que os senhores têm aqui. [...] Então foi quando pensei que algo extraordinário havia ocorrido. Comecei a compreender as coisas. Vi o espírito de meu pai e de minha mãe. [...] Quisera dar-lhes uma ideia do acolhimento que me fizeram. Meus parentes e amigos vieram a mim com os braços abertos: **Bem-vindo seja à nossa mansão espiritual.** Bem-vindo seja à vida eterna.

Bem-vindo seja à inteligência de Deus!” Não é possível descrever uma recepção com a que me fizeram, e vocês não a compreenderia; é necessário para isso que cheguem a estar conosco. Isto é a felicidade; isto é “o céu”. [...]. (208)

3) Espírito: Minnie Day, 15/01/1918.

Espírito: – É meu irmão. Aqui está meu pai, porém me dá medo. Diz para ir com ele. Ai, mãe, me dói a cabeça! Mamãe **me diz para que vá com ela porque tem um novo lar onde viverei com ela** e com Willie. [ambos desencarnados] (209)

4) Espírito: Senhor Mallory, 09/03/1921.

Médico: – Olhe ao seu redor e se encontrará com espíritos que virão em seu auxílio.

Espírito: – Aqui está meu filho, meu pequeno Charlie. Você é meu filho! Faz muitos anos que morreu, porém você é o meu filho Charlie. Veio socorrer seu paizinho, menino? [...] Charlie, minha criança, pode perdoar seu velho pai? Fiz tudo o que pude para ter fé e ser bom. Oh, Deus; se é verdade que existe, abra meus olhos para que veja! Deus, ajuda-me! (Com o semblante de quem contempla uma visão e falando com voz muito baixa). Agora veremos todos a glória de Deus e iremos todos com Charlie. (Atônito). Você aqui! Você também está aqui, Clara? Oh, venha até mim! Lhe perdoo. Clara, lhe perdoo. Já sei que não foi culpa sua, e sim daquele demônio; foi ele quem lhe separou de mim. Amo-lhe e sempre amei. Vem, Clara, vem conosco, e iremos todos com Charlie. Ele também lhe perdoará.

Médico: - O que é que responde?

Espírito: – Responde: “**Vamo-nos à minha mansão espiritual, onde não há mais que coisas gratas** e onde seremos felizes. Foram os sofrimentos e o pesar que fizeram com que olhassem a vida como têm feito até agora”. (210)

5) Espírito: W. Y., 14/04/1920.

[...] Em outra ocasião o tio C. me levou para ver um aspecto diferente da vida. Disse-me: “Vem comigo”. **Fomos os dois a certo lugar da vida espiritual; chegamos em um local que não me é possível descrever.** É impossível que possa expressar o que ali senti, nem as condições daquela vida, porque aquilo era uma música sublime, distinta de tudo o que até então havia ouvido. Senti-me leve, parecia que ia elevando-me cada vez mais. Que pessoas que ali encontrei! É impossível que eu possa descrever aquilo. Imaginem, se for possível, **um lugar em que se executa uma música maravilhosa, por uma orquestra imensa de grandes maestros,** concentrados todos em uma grande unidade musical. Podem imaginar qual é o resultado? Saboreei aquela harmonia, porém, ai!, se me fosse possível não saboreá-la só. Quisera poder abrir a porta para todos vocês, os que haviam ficado em casa, para que também pudessem ouvi-la. Só então teria sido completa minha satisfação. Eu estava pensativo e ensimesmado, quando um ancião se aproximou e me deu uns toques no ombro, dizendo-me: “Jovem, percebi seu pensamento. Não se entristeça. **Logo chegará a hora pela qual estamos trabalhando, a hora em que será inventado na Terra um instrumento que permitirá que qualquer pessoa que o**

deseje, possa ouvir os grandes maestros do mundo espiritual. Isso não ocorrerá agora, porém chegará a hora”. [...]. ⁽²¹¹⁾

6) Espírito: Minnie Morgan, 26/07/1922.

Eu não teria conseguido **a mansão que tenho agora no mundo dos espíritos** se não houvesse encontrado contrariedades, e se não me houvessem instruído acerca da verdadeira vida. Eu tinha sido uma grande pecadora; já lhes expliquei minha inclinação pela morfina. Quando meu espírito se afastou do corpo, continuei com ela. A faculdade de desejar é privativa da alma, não do corpo. [...].

[...].

[...] vieram ao meu encontro meus amigos e meus parentes, e me disseram: “Agora você está preparada para **vir conosco à mansão que lhe destinamos.**” Até então tive que progredir pelo meu próprio esforço. [...]. ⁽²¹²⁾

7) Espírito: Wallace R, 17/10/1923.

Espírito: – Neste momento estou recebendo ajuda e agradeço-lhes. Em minha próxima visita, se é que volte, talvez possa dar detalhes de meus progressos no mundo espiritual. Tenho visto ainda muito pouco, mas logo conseguirei adquirir o conhecimento. **Encontro-me em uma escola, em um hospital,** onde posso aprender a dominar-me. As pessoas acreditam que ao morrer cessam todas as suas penalidades. Em realidade, é então que se começa a viver, e todos os desejos e todas as ânsias estarão conosco, porque pertencem realmente à alma e não ao corpo; o corpo não é

mais que a envoltura. **Encontro-me agora em uma escola** para aprender as lições da vida, do seu verdadeiro ponto de vista, e estou fazendo progressos. Agradeço por haverem me ajudado e ainda por haverem proporcionado esta oportunidade de aprender as lições da vida. [...].
(²¹³)

8) Espírito: Paul Hopkines, 04/04/1923.

Médico: – Você não compreendeu o seu estado.

Espírito: – Esta senhora me diz que **terei à disposição uma mansão para morar nela com minha mãe**. Vou, pois, para lá. Irá me querer nela?

Médico: – O amor de uma mãe nunca morre. Depois que abrir seus olhos à verdade, terá que vir em socorro dessa senhora que esteve tanto tempo martirizando. Você converteu essa boa senhora em uma alcoólatra.

Espírito: – É mesmo? Pois não sabia. Eu queria beber algo, mas ignorava que estivesse causando prejuízo a alguém. (²¹⁴)

9) Espírito: Grace Brusted, sem data.

Ao ser solicitado que olhasse ao redor e se havia alguma pessoa que houvesse conhecido durante sua vida terrena, exclamou:

– Sim, minha mãe está aqui! **Quer que vá com ela para sua mansão**; diz que cuidará de mim daqui em diante. Acrescenta que eu nunca soube o que era a verdadeira vida, por causa de minha invalidez, mas que começarei a viver daqui em diante. (²¹⁵)

10) Espírito: Lily, 02/08/1922.

Médico: – Sim, e não lhe aplicaremos nunca mais o fogo e as chispas.

Espírito: – Será certo tudo isso que você está me dizendo? Happy Daisy [um espírito] me diz que irei com ela e que **me levará para uma formosa morada**. Me levará ao céu? Diz que devo aprender a ser boa e fazer o bem, para poder voltar depois e ajudar essa menina. A ajudarei na escola. ⁽²¹⁶⁾

11) Espírito: Ella, a sorridente, 09/08/1922.

Médico: – Vou explicar porque você tem estado caminhando tanto tempo e porque não tem lar.

Espírito: – Alguém me disse que se viesse aqui **encontraria um lar**, e me puxaram, e antes que me desse conta, me encontrei sentada aqui e vocês cantavam ao meu redor. [...].

[...].

Médico: – Tudo lhe será explicado. Preste atenção ao que lhe dirá uma jovem índia que você encontrará aí. **Ela lhe conduzirá a sua mansão**. Você terá que começar por compreender. [...]. ⁽²¹⁷⁾

12) Espírito: Fred Haup, 21/09/1922.

Espírito: – Tom [espírito] diz que **me levará a uma mansão onde poderei descansar**. Não quero voltar a me irritar, porque quando me dão esses acessos sofro horrivelmente. Em realidade todo meu mal-estar provinha de que era incapaz de exercer um completo domínio sobre mim mesmo. Doíam muito em meu interior todas essas coisas ofensivas que dizia, mas era demasiado orgulhoso para confessá-lo. Tom me diz: “Vamos; é hora de

partir.” Já vou, pois. (Ao senhor G.) Tom diz que devo pedir perdão por todo o mal que lhe causei. ⁽²¹⁸⁾

13) Espírito: Estrela de Prata, 21/09/1922.

Veio em seguida Estrela de Prata, a Índia que servia de guia da senhora Wickland, e disse ao senhor G., pela boca daquela:

– Enfim é nosso! Agora **o levaremos a um hospital**. Deu-nos muito trabalho; se encontrava dentro da sua aura magnética, e retirá-lo dela foi como arrancar um membro do seu corpo. **Fazia muitíssimo tempo que o obsidiava**; esteve com você desde sua infância. Quando as coisas não saíam a seu gosto se deixava dominar por arrebatamentos de cólera. Você experimentará um grande alívio agora que está livre desse intruso, e se sentirá como novo, livre de seu caráter irritável. Esteve exercendo influência sobre você durante grande parte de sua vida. Ultimamente foi adquirindo cada vez mais força e exercia sobre você um domínio quase absoluto. Mas agora já é nosso, não lhe molestará mais. Está muito fraco e necessita os cuidados de um hospital, porque quase não pode nem andar. Necessita nossa assistência. Como se nutria de você, uma vez desprovido desta fonte de energia, encontra-se muito débil; mas o cuidaremos. ⁽²¹⁹⁾

14) Espírito: Senhora Simons, 27/10/1919.

Espírito: – Como! Você é verdadeiramente a minha mãe? Que jardim mais sublime e que edifícios tão maravilhosos! Minha mãe se aproxima de mim!

Médico: – Suponho que sua mãe não terá se convertido em árvore?

Espírito: – Minha mãe se aproxima de mim e diz: **“Vem; esta é minha morada.”** Sua morada, não a minha. Eu não poderia ir com a minha mãe?

Médico: - A ignorância não pode entrar nos reinos dos céus. ⁽²²⁰⁾

15) Espírito: Mary Anna McDonald, 28/03/1923.

Médico: – Olhe ao seu redor e veja se não há alguma pessoa conhecida. Você verá também certos espíritos que a ajudarão e a conduzirão ao mundo espiritual. É o mundo invisível que rodeia o mundo físico.

Espírito: – **Veja que magnífica casinha! É feita de duas habitações e um lindo jardim cheio de flores.**

Médico: – Não vê ninguém perto dela?

Espírito: – **Alguém me disse que minha avó vive ali e que nessa casa terei minha morada.** Dizem que ela está me esperando. [...].

[...].

Médico: – Não se preocupe por sua mãe. Quando os espíritos como ela passam por este corpo, **são enviados a um hospital espiritual.**

Espírito: – Olhe! Uma jovem índia se aproxima. (Espírito.)

Médico: – É simpática, não é mesmo? Ela lhe ensinará coisas muito maravilhosas. Chama-se Estrela de Prata.

Espírito: – Estrela de Prata diz que devo ir com ela; que **me levará aonde está minha avó, meu**

pai e meu irmão. (Surpreendida.) Meu irmão! Havia me esquecido de Lawrence. Era muito pequeno quando morreu. ⁽²²¹⁾

16) Espírito: J. O. Nelson, 18/11/1919.

Médico: – Agora serão abertos os olhos de seu espírito, e os espíritos que se encontram em um estado avançado de progresso lhe ensinarão a maneira racional de evoluir no mundo dos espíritos, e você aprenderá muito mais do que eu lhe pudesse dizer. Se você olhar ao redor é possível que encontre com alguma pessoa, já falecida, que tenha conhecido na vida mortal.

Espírito: – Há aqui muita gente. (Espíritos.) Uns estão muito contentes e felizes, e parece que **nos convidam para segui-los à mansão onde reina o conhecimento, a vida, a felicidade e o mundo espiritual.** Você quer me explicar o que é o mundo espiritual?

Médico: – É o mundo dos espíritos que conseguiram compreender as leis superiores da natureza.

Espírito: – Antes que vá com esses espíritos gostaria de enviar uma mensagem a minha mulher. Algum de vocês se encarregará de levá-la?

Senhora H. W.: – O farei com muito gosto.

Espírito: – Diga a minha mulher que descobriu que a vida é uma coisa muito mais profunda que o que havia acreditado. Diga-lhe que devemos nos esforçar em compreender melhor as maravilhas de Deus, não limitando-nos simplesmente em crer com fé cega. (Ao chegar a este ponto parece como se a visão espiritual se dilatasse, como se

houvesse penetrado naquele espírito um caudal de conhecimento. Fala com a cara levantada para cima e com os braços estendidos.) Quero dizer a minha mulher que aprendi em um momento muito mais do que soube em toda minha vida acerca das maravilhas da vida futura. Os olhos de meu espírito se abriram. Eu queria que ela também aceitasse esta revelação que em mim ocorreu. Abre-se ante minha vista um mundo cobiçado. Queria que minha mulher compreendesse estas coisas, a fim de que não chegue a se encontrar nunca, como me encontrei, entre trevas. Diga-lhe que não se contente em somente crer; que investigue e que averigüe em que consiste a vida futura. Desejaria poder dar detalhes da maravilhosa paisagem que se oferece ante minha vista. Meus olhos se abriram e agora posso ver. **Aqui há uma maravilhosa mansão, mas além outra.** Perto de mim há um homem que me diz que **as moradas do mundo espiritual não se compram com dinheiro**, e sim que se adquirem à força de boas ações feitas na Terra. Este homem, este mestre, diz: **“Despoje-se de todo egoísmo, ame aos demais e terá uma formosa morada no mundo dos espíritos.** Se não viver nada mais que para si mesmo, nunca terá mais que uma pobre choupana. Preste ajuda aos demais, vá em socorro dos que se encontram necessitados. Isto é o que Jesus ensinou.”

Quero que minha mulher saiba que devemos viver na Terra, de maneira que quando chegemos a este mundo maravilhoso da vida espiritual, **tenhamos já uma morada.** Devemos sempre trabalhar segundo os ditados da melhor parte de nossa natureza.

Médico: – Você está pregando um magnífico sermão.

Espírito: – Não é meu. Não faço mais que repetir o que me diz este homem que se encontra aqui mesmo, ao meu lado direito. **Estou resolvido a trabalhar firmemente para que minha mulher e meus filhos tenham uma morada formosa.** Não a tenho ainda; começarei aos poucos, mas trabalharei para que **minha mulher e meus filhos tenham a morada que quis lhes dar.** [...].

[...].

Médico: – Agora você já conhece o caminho, siga esses espíritos superiores, que não o abandonarão um momento.

Espírito: - Este homem me diz que devo partir, mas que antes **tenho que agradecer a todos por haverem me ajudado a conquistar uma casa no mundo dos espíritos.** (Ao senhor A.) Diz também que lhe peça que me perdoe. Eu não quis fazer dano a sua esposa. A culpa é da minha ignorância. (À senhora A.) Quero pedir-lhe perdão e prometo ajudá-la em tudo o que puder, assim que eu saiba o modo de ser útil. Farei tudo que estiver ao meu alcance para ajudá-la a sair desse estado. Agora vejo os que andam ao seu redor. Lute, e nós lhe ajudaremos a triunfar. Quero agradecer também à senhora H. W., por haver me ajudado, segundo me diz este homem, a que abrisse os olhos à verdade. Deus abençoe a todos e a minha querida esposa. Façam o favor de levar minha mensagem. ⁽²²²⁾

17) Espírito: Senhor H. M., 27/01/1918.

[...]. Experimentei tão estranhas sensações e vi tantas coisas, que se apoderou de mim o temor. Então me disseram que fechasse os olhos e os mantive fechados, coisa que fiz.

Não voltei a sentir nada até o momento que **me colocaram em um belíssimo leito**. Estava muito cansado e só queria descansar, nada mais que descansar.

Quando despertei daquele sono me encontrei rodeado de amigos e parentes. Alguém me disse: “Agora está bem e cheio de força. **Vamos, pois, fazer uma visita à mansão que temos no mundo espiritual.**”

E fomos visitar muitas moradas. Cada um deles tinha sua pequena mansão. Todos íamos unidos e contentes, porque ali reinava a harmonia. Andamos de um lugar para outro. ⁽²²³⁾

4º) **Johannes**, por intermédio da médium irlandesa Hester Travers Smith (1868–1949), a particularidade de sua mediunidade era a escrita automática, conforme relata o pesquisador Herbert Dennis Bradley (1878-1934) no livro **Rumo às Estrelas**. Transcrevemos da parte “Livro III – Diálogos com Johannes”, sobre a qual informa o autor “Esta parte foi escrita de 5 de setembro de 1923 a 7 de janeiro de 1924.”:

a) Capítulo “V – As artes das outras esferas”

BRADLEY – Obrigado, Johannes, pela sua confirmação filosófica. Posso agora perguntar **como é a vida nas outras esferas? Vivem os espíritos em casas?** Andam pela terra?

JOHANNES – Bem. Começa a perguntar-me coisas sobre que posso instruí-lo. Não me é fácil falar deste assunto para pessoas dotadas apenas da imaginação existente na Terra. Creio que me compreende. Mas antes é preciso que saiba qual é o processo da morte. Já expliquei que ao abandonar o corpo ficamos divididos em duas partes, mente e espírito. A morte é pois um nascimento. Depois de abandonada a parte material, que é o corpo, entramos num período de descanso. **Um guia nos leva a um lugar que nos parece escuro e quente**, onde permanecemos em estado de passividade até que possamos compreender e suportar as novas condições em que nos achamos. Depois disto **passamos algum tempo numa das esferas inferiores**, em que nos vamos acostumando a viver sem o corpo. Já não temos necessidade de alimento físico, mas **necessitamos de abrigo e cuidados** – e lá encontramos abrigo e cuidados. Sei o que você quer que eu descreva. Primeiro, **se há cidades como as que existem na Terra. Não posso dizer que as haja. Em nosso plano não existe a vida em aglomerações como no mundo**; isso se torna impossível em nossa atmosfera, e, **no entanto, vivemos em comunidades muito mais íntimas do que as de vocês**. Aqui vemos o espírito dos outros, o que nos facilita o ajudar-nos mutuamente. [...] Muito ouço por aqui a palavra “ajudar”. **Ajudamo-nos, sim, uns aos outros, mas a razão fundamental dessa atitude está no benefício que a mutualidade nos traz. Esta é a raiz da lei que nos governa.** ⁽²²⁴⁾

b) Capítulo “VIII – Uma descrição da vida do espírito”

BRADLEY – Pode fazer-nos **a descrição da vida nessa esfera**, e descrever-nos o aspecto dos espíritos, suas roupas, se as trazem? Fale-nos também das **suas ocupações e estudos**, e se adquirem rapidamente conhecimento de línguas, e se o pensamento progride com rapidez.

JOHANNES - Direi de tudo isso. **Muito falam vocês em esferas e planos**, e nós também, porque não temos outras palavras. **Isso que chamamos esferas são lugares**, mas **a entrada numa esfera depende sobretudo do plano em que estais – e plano não passa de um estado mental**. Em todas as esferas coexistem diversos planos. **Isto quer dizer que aqui se vive de um modo muito parecido ao da Terra**. Na Terra também coexistem diversos planos. O bêbado por exemplo não ocupa o mesmo plano que o filósofo. Compreende? **Esferas são estadas de desenvolvimento**, e a passagem de uma esfera para outra, da mais baixa para a mais alta, corresponde a uma adaptação mental. Se alguém fosse arrojado da Terra a uma das esferas mais altas, sentiria um choque atarrador, e não poderia resistir à intensificação das suas próprias sensações. Assim, pois, **a criatura que passa para o além começa na esfera adaptada ao seu plano mental**. Como na passagem para aqui houve intensificação, temos de gradualmente nos ir acostumando ao novo estado. Esta é a primeira coisa que há a fazer. Nossos sentidos tornam-se muito mais agudos. A vista, mais penetrante, vê as cores de um modo impossível na Terra. A luz aparece tão forte que para vocês aí seria cegante; e as trevas são muito mais profundas. A mesma intensificação com o ouvido. Podemos ouvir o movimento da própria esfera, por assim dizer, e a

música se transforma numa sensação nova. Surgem muitos tons desconhecidos; até o rumor do crescimento faz-se perceptível. O tato igualmente; fica muito mais agudo; as pontas dos vossos dedos vos prestam muitos serviços na vida, mas aqui o tato, que vos parecia um mero atributo físico, requinta-se a tal ponto que serve de meio de comunicação de ideias, sem o auxílio da mente. Esta intensificação dos sentidos é a vossa primeira sensação do além, e determina nos primeiros tempos um estado verdadeiramente embriagador de deleite. **Acho muito difícil explicar-vos a vida real. As condições são diferentes.** É preciso compreender que aqui existe muita coisa que é perfeitamente natural, e não adquirida – coisas que na Terra adquiris com grande esforço. Começais aqui num nível muito mais alto.

Em matéria de língua, por exemplo. Só temos uma língua. Como o desenvolvimento é rápido, a multiplicidade de línguas seria um estorvo. Compreendo o difícil que é fazer-vos sentir o que quero dizer quando falo de uma língua única – mas nessas ideias formam realmente uma língua única. **Os que habitam o mesmo plano compreendem-se** com muito maior facilidade que aos de planos superiores ou inferiores. A linguagem real, entretanto, é o som mediante o qual nos fazemos entender uns aos outros – e é a mesma para todos.

Perguntou-me sobre o vestuário. **Algumas criaturas estúpidas pensam que a alma é um fluido sem forma a flutuar de um lado para outro.** Absurdo. Cada alma tem sua forma adquirida na vida terrena e conservada aqui. O aspecto que apresentamos é o de homem e mulher

como na Terra; **usamos indumentária** que nos dá a mesma impressão que aí recebeis da indumentária terrena. São simples véus para a parte mental, algo que cobre e dá aparência à forma mental; mas **não crede que ao verdes para aqui ireis viver de modo muito diferente**. Essa indumentária não procede de oficinas, como as vossas; procede da ideia do indivíduo. Contribuí para mostrar a mente.

Quanto às habitações do além, é muito difícil explicar. **Vivemos em comunidades, e muitas das nossas moradias são vastos recintos onde as pessoas de igual mentalidade se reúnem para a ajuda recíproca**. Tenho de advertir que a palavra ajuda significa que cada qual ganha com o concurso dos outros.

Aqui houve uma pausa, determinada pela dor que eu sentia na mão.

JOHANNES – Não vos iludais a respeito de tudo isto. O homem é um débil embrião enviado primeiramente ao mundo da Terra e depois a uma série de mundos mais intensos e vívidos. Insetos com muitas fases de desenvolvimento, inoculados com o espírito da vida para que evoluam. Cada indivíduo não passa de partícula de um todo. Pode imaginar uma minúscula célula saturada de uma pequena porção de força vital? Quando aqui chegardes tereis percorrido uma distância tão pequena como o é possível para a minúscula célula, e a obra a realizar-se consiste em expandir-se a si próprio, em construir um espírito de intuição cada vez maior à medida que avança, cada vez mais guiado pelo espírito, não pelo intelecto. Quando passais para aqui, é esta a nossa obra. Coisa natural, como para vós é natural a

alimentação. **Aqui existem os melhores meios para o desenvolvimento do espírito. Podemos escrever, pintar, conversar ou dedicar-nos à música**, conforme o que nos é adequado, mas tudo tende para o mesmo fim, que é a elevação da parte espiritual existente em nós. O vosso Cristo disse muita coisa que brotaram do seu conhecimento intuitivo. Disse também do talento. Sem dúvida que não se referia ao talento na acepção terrena, mas ao aperfeiçoamento do espírito. ⁽²²⁵⁾

Será importante vermos estes três parágrafos do comentário do autor Herbert Dennis Bradley no final desse capítulo:

Impossível comentar as manifestações de Johannes sobre a vida na sua esfera, porque esse plano se encontra muito além da nossa imaginação.

Seus argumentos revelam inteligência. O processo do nosso desenvolvimento tem, sem dúvida, de ser gradual. Somos simples infantes. **Temos muito que aprender.** Temos que atravessar séculos e séculos de experiência e aquisição de conhecimentos **até adaptar-nos à intensa vida das esferas superiores.**

A suposição de que vivemos a nossa primeira vida numa Terra material e podemos alcançar um ponto culminante e imediatamente penetrar no sétimo céu não está de acordo com as aspirações de uma clara inteligência. E não seria desejável do

ponto de vista da experiência falha e da emoção contrariada. **A teoria do imediato trânsito a ponto culminante é crua e antiestética.** Seria um desejo grosseiro que se gastaria muito depressa. Mera arrogância da inteligência inferior. ⁽²²⁶⁾

Várias fontes dão conta da existência de esferas, que entendemos serem “faixas vibratórias” em que se agrupam os Espíritos afins e com mesmo grau evolutivo.

Não podemos deixar de também apresentar a explicação do autor de **Rumo às Estrelas**, sobre a escrita automática produzida pela médium Mrs. Travers Smith, porquanto, servirá para avaliar a autenticidade das informações do Espírito Johannes:

Para dar ideia do extraordinário fenômeno da escrita automática e da rapidez com que neste livro foram tratados os assuntos filosóficos, indicarei a capacidade normal de um escritor.

O meu livro “*The Eternal Masquerade*”, trabalho histórico e filosófico de cerca de 80.000 palavras, foi escrito em quatro meses, o que representa a média de 5.00 por semana. Uma ou duas vezes escrevi 4.000 num dia, contando também a noite; mas era loucura isso. **Qualquer autor concordará que 2.000 palavras escritas num dia, sobre um tema filosófico, já constituem um bom trabalho, suficiente para justificar descanso no dia seguinte.**

Sendo assim, **que escritor no mundo pode produzir ensaios desta ordem com a velocidade de 2.000 palavras em menos de meia hora? Pois foi com esta velocidade que a matéria dada neste Livro III se fixou no papel por meio da escrita automática!**

Para o leigo este fenômeno poderá não impressionar; mas para mim, que sou um profissional, apresenta-se como deveras notável, sobretudo atendendo aos conhecimentos de altíssimo valor assegurados.

A nossa escrita automática foi obtida graças ao concurso mediúnico de Mrs. Hester Travers Smith, muito conhecida nas rodas intelectuais depois que publicou as manifestações de Oscar Wilde, tão famosas, aparecidas no verão de 1923.

Há duas formas de escrita automática.

Uma com o uso do lápis ou da pena sobre o papel, e outra – ainda mais rápida – por meio

do aparelho Ouija. ⁽²²⁷⁾ Este aparelho consiste num ponteiro móvel que gira sobre as letras do alfabeto, de A a Z e dos algarismos de 1 a 9. A rapidez conseguida equivale à das máquinas de escrever comum.



O médium coloca a mão sobre a extremidade do ponteiro giratório. Ao lado o observador toma nota das letras apontadas e desse modo consegue rapidez muito maior que a usual na escrita comum.

É frequente virem mensagens em língua totalmente desconhecida do médium.

[...].

Eis o processo que seguimos: Mrs. Travers senta-se à mesa com lápis e papel, para funcionar como autômata; às vezes em companhia de outro autômato. Quando o guia aparece e responde às perguntas feitas, os autômatos funcionam como puras máquinas, de rapidez espantosa.

A título de prova misturamos as letras alfabéticas antes que Mrs. Travers, de olhos vendados, fosse introduzida na sala. As respostas obtidas do além foram escritas do mesmo modo, sem que ela pudesse saber que letras o ponteiro ia marcando.

Mrs. Travers recebeu mensagens de entes que não havia conhecido na terra; e, conforme Sir Barrett o testemunhou, todas as suas manifestações provaram-se exatas. ⁽²²⁸⁾

Mediunidade extraordinária que nos leva a concluir que o produto das mensagens não poder ser fruto do pensamento do medianeiro.

5º) **Alcar**, através do médium Jozef Rulof (1898-1952), Holanda - Países Baixos, que usa o pseudônimo de André, na obra **Uma Olhada no Além**, contendo três partes: a 1ª edição da parte I apareceu em 1933, parte 2, em 1935 e parte 2, em 1936. Nela são reportadas coisas do mundo espiritual recebidas mediunicamente entre 1932 a 1936.

Há sete Esferas, das quais **a primeira e a segunda parecem muito com a Esfera terrena, embora sendo em forma espiritual.** Mas lá se começa a se desenvolver, aos poucos, para se poder alcançar as regiões superiores. Estas não são mais Esferas de purificação, estas já são contadas como as Esferas de existência. ⁽²²⁹⁾

No vale havia milhares e milhares de inteligências que se posicionaram num cortejo comprido, que serpenteou ali e lá longe apenas era visível como uma ponta.

“Venha, André, vamos ficar **naquele morro** para ver o cortejo passar.”

“Como aqui é lindo, Alcar!”

“Tudo está em harmonia com o infinito e **todas estas pessoas moram na casa que já na Terra construíram para eles.** É aqui a sua morada espiritual.” ⁽²³⁰⁾

André viu que, em todos os rostos, estava legível a felicidade radiante.

No meio do vale tinham-se montado **lindos carros de cortejo**, que estavam enfeitados com **as flores** mais lindas das Esferas e levavam como símbolos; sabedoria, força e amor. Tudo era composto harmonicamente e formavam um todo. ⁽²³¹⁾

Aqui chegamos ao “Templo da Verdade” que agora é usado como examinário. **Se não soubéssemos que estávamos nas Esferas pensaríamos que este prédio teria sido levantado por mãos terrenas. Parece muito com um templo de tijolos da Terra,** mas mesmo

assim, nele não há nada de matéria a descobrir. Mais tarde explicarei e dar-lhe-ei um esclarecimento completo sobre isso.

Nós tiramos tudo do Cosmo. Lá dentro há muitos segredos ainda escondidos, não só os que têm a ver com a arte de construção, mas também os que têm a ver com muitas artes e ciências. Não é maravilhosamente lindo, André? **Será que acreditariam na Terra que no Além se acha casas, prédios e templos?** Mesmo assim, **aqui temos tudo que é pensável, mas numa forma muito mais perfeita**, enquanto a substância disso, naturalmente, deve ser pensada espiritualmente. **Assim, como tudo na Terra está presente em forma física, em situação mais grossa, assim no reino do espírito é construído em forma espiritual.**

O semelhante atrai o semelhante. Nós, habitantes das Esferas somos seres astrais, então tudo deve acomodar-se a nós. E em proporção da superioridade da Esfera em que estamos, tudo lá dentro será mais perfeito, até que, nas Esferas mais altas, é alcançado o mais perfeito, o etéreo total. Mais tarde falaremos de perto também sobre este ponto; agora há tanto que precisa ver, porque terá que levá-lo adiante espiritualmente. Vamos entrar então.

Entraram num vestíbulo grande onde já estavam presentes muitas inteligências.

Também aqui André via muitos Espíritos que ainda viviam na Terra e portanto estavam fora do corpo físico. Lá estava totalmente calmo e quieto. Nitidamente se sentiu que tudo foi dirigido por uma mão poderosa.

No meio do Templo havia uma fonte grande, rodeada de flores magníficas, de lindas cores. Atrás disso tinha uma cátedra, também enfeitada com flores. Isso era duma riqueza de beleza, que o tocou profundamente. O conjunto completo era um jardim perfeito de flores. O centro da fonte foi retratado por uma apresentação simbólica; a água, a jorrar, regava todas as plantas e flores. Todos receberiam a sua parte, nem uma só planta era esquecida. Tudo era regado em harmonia e amor. A flor grande recebia um pouco mais que a menor e a planta grande mais que a planta menor; tudo era regado de tal modo que recebia a quantia de acordo com o tamanho e a necessidade.

“Em tudo há harmonia, meu rapaz, e é marcante que algo que na Terra parece muito comum, aqui é sentido de modo tão diferente por todos. Isso, novamente é porque todos estão sintonizados para esta harmonia. Esta é a grande atração que dela emana. O Homem terá que senti-lo. Não é maravilhoso, André? Você vê que cativa todos. **Os que fizeram-na são Espíritos superiores que, com certeza, possuem em grande medida, a força espiritual harmoniosa,** que colocaram nessa fonte, é que ela fala a nós e força-nos a pensar em Deus, porque Ele está em tudo e a Sua Sabedoria e força harmoniosa pelo espiritual em nós, precisa ser entendido. Ela ensina então a fazer tudo em harmonia, assim como Deus deseja de nós. Com certeza esta fonte tem um significado profundo.” ⁽²³²⁾

O Alcar lhe contou que morava numa casa entre as montanhas, com muita água, florestas, flores, jardins, pássaros e outros animais à sua volta. Mas a mãe não podia acreditar, isso era

demais para a sua cabeça velha. ⁽²³³⁾

André olhou à sua volta. Ali, diante dele, bem fundo na escuridão, naquela brasa escura, **ele distinguiu uma cidade grande**. Muitas torres se destacavam, nítidas, do ar vermelho-marrom. Visto do lugar deles, se estendia um panorama lindo, mas também sombrio.

“Nesta cidade grande só reina sofrimento e miséria que os Homens prepararam para si mesmos, porque não querem conhecer e amar Deus.

Muitos já estão ali há centenas de anos e em todo aquele tempo não sentiram a vontade de encontrar luz um pouco mais pura. Eles prosseguem vivendo no mesmo êxtase em que viviam na Terra.”

A cidade se estendia até o horizonte onde o André achou perceber um pouco mais de luz.

“Não há como abranger com o olhar esta cidade, Alcar?”

“Não, André, nem em milhares de anos, porque ela se estende infinitamente. ‘Até na eternidade’ não ousa dizer, porque espero que também estas Esferas possuam, um dia, a luz mais elevada.

Você vê, que os Espíritos constroem também ali, como nas regiões mais altas, as suas casas e templos.” ⁽²³⁴⁾

Veja, entramos na Segunda Esfera.”

O André viu, novamente, uma outra Terra. Tudo era diferente do que onde esteve agora há pouco. O céu estava envolto numa veste azul e

não havia nenhuma nuvenzinha à vista. O firmamento estava como um balão esticado que podia se rasgar a qualquer momento. Isso sentiu com clareza. Também na natureza havia esta mesma força, o que achou muito estranho. Chegou nele um sentimento esquisito. **À sua volta viu templos e edificações erguidas num estilo magnífico e de uma substância mais fina que na Primeira Esfera.** Era como se tudo sentisse mais vida e por isso se encontrava numa situação de existência mais elevada. Ao mesmo tempo, viu muitos seres e chamou-lhe a atenção que as vestes eram muito diferentes que as que vestiam na Primeira Esfera. Todos eram mais jovens que ali. O que significa esta tensão que há em tudo? Tem um significado? É como se tudo fosse estourar.” (235)

E agora **vamos à minha morada espiritual.** Você me conhecerá, saberá quem sou, o que fui na Terra e porque estamos juntos.” E num relance estavam na Quinta Esfera. Isso superou tudo o que o André vira até então. O que contemplou, não havia como descrever. Em língua material não havia como se fazer sequer uma aproximação. [...].

[...].

“Porque quer trabalhar para nós, André, e nos segue em tudo. A sua entrega total me dá a força a desenvolvê-lo. Se continuar assim, poderá vivenciar situações ainda mais lindas. Veja, lá naquela montanha, minha morada espiritual.”

Numa montanha alta o André viu a posse de Alcar. Não era uma casa, era um edifício estranho. Era uma situação própria, como a vida se sentia. **Uma arquitetura estranha que ele não**

poderia representar. Era uma situação de forma de bola e viu claramente que o total era apoiado por fundamentos pretos. Estava envolto por um mar de flores. Levantado de uma matéria azulada e parecia que a construção inteira radiava luz. Ele viu uma luz azulada que mudava de cor a toda hora para voltar à mesma nuance de cor. Também isso achou muito estranho. Como era possível que uma construção irradiava? Era tudo curioso. Não podia comparar nada com a Terra. Tudo era diferente e, mesmo assim, natural. Ele chegou mais perto e constatou que a casa do Alcar foi construída de um mármore azulado. Era uma bola de luz radiante. Era como um pequeno planeta, mais claro, não poderia descrever. Com esta descrição mais se aproximou da verdade. À volta de todo o redor da posse de Alcar somente via luz e vida. Era esplêndido. Oh, podia ele encontrar palavras aqui para poder dar uma imagem clara.

Neste momento **estava diante da morada de Alcar.** ⁽²³⁶⁾

Pilares de mármore apoiavam a edificação inteira. A todo canto viu divãs, envolto de lindas flores. Eram canteiros de flores. Oh, que luxo, como tudo era sagrado na **casa do Alcar**, como o seu amor era grande. No meio desta sala tinha uma fonte, uma linda peça de arte simbólica que reconheceu da Terceira Esfera, quando saiu do corpo pela primeira vez. Era a posse de Alcar? Sim, devia ser. A fonte na Terceira Esfera representava a sabedoria, força e amor. O Alcar era sabedoria, força e só amor. A fonte irradiava como tudo o que via. De que era tudo isso construído? Oh, se isso lhe fosse esclarecido numa vez! É que, como vivia tudo e de onde vinha esta

vida? Era o seu líder, mas precisou reconhecer que tudo lhe era profundo demais e que não estava entendendo. Claramente ouviu lhe falar: **“Esta casa é uma morada espiritual e foi levantada de matéria, mas em substância espiritual que subtraímos do cosmo. Então, é matéria espiritual, um compacto total que, pela força do amor do ser que nela vive, é mantido.** Ela alimenta e fortifica, só por amor. **Foi construída segundo o desejo do ser e radiará segundo a força que o ser possui.** Por isso tudo irradia, é tudo amor, porque o ser vive e possui este amor. Quanto mais bonito o nosso amor, mais bonita a nossa casa, em suma, tudo radiará segundo a força de amor que possuímos. Assim **o Homem constrói a sua própria casa e na medida que sobe tudo mudará.** Por isso o Homem é seu próprio criador, o que se estabelece pela sua vontade e força de sentimento. Tudo vive, em tudo há a sua própria vida.” O André agora entendeu melhor ainda porque tudo irradiava luz. **Uma morada espiritual era uma morada de força de amor.** Tudo era levantado em arte e estilo, da maneira que o ser sentia. Então, o Alcar era um grande artista. Sim, o seu líder era grande. ⁽²³⁷⁾

“Todos estas pessoas viveram na Terra, Alcar?”

“Todos, André. Um dia foram crianças, cresceram, se tornaram mãe e se levaram a si mesmos a esta sintonização, por luxúria, violência, paixão e bestialidade. Assim, chegaram aqui e só mudarão as suas vidas quando sentirem nojo de si mesmos. Depois disso essas pessoas comecem uma outra vida. Estas pessoas são as que se soltam deles. Neste momento tornaremos a visitá-los, porque quero que conheça a vida deles, mas

entraremos pela nossa própria força. Vê, André, eles entrarão ali.”

O André via **um edifício grande**, onde ao mesmo tempo, milhares de homens podiam entrar. De longe os ouvia chegar pelo que entendeu que o Alcar seguiu num caminho diferente. Ele se encontrava **numa praça grande**, mas os seres que se encontravam à volta deles, via que estavam na sua própria sintonização. Homens e mulheres agitavam tochas em chamas. Em nome de Deus, como obtiveram todas estas coisas terrenas? Ele olhou o seu líder, como se quisesse a resposta dele, o que recebera de imediato.

“Aqui, meu menino, eles têm tudo; você verá milagres, embora tudo isso não têm valor no espírito. **Eles têm casas e templos, usam pedras preciosas como na Terra, mas adornam-se com a sua concentração e vontade forte.** Aqui, eles têm tudo, mas tudo isso pertence à sua própria vida animalesca. Depois, você verá o que eles possuem; aqui você vê o reflexo da Terra.”

O André via pessoas que se livraram das mãos dos outros, mas ainda não se conseguiam libertar, porque continuavam vagueando nas proximidades deles. Vários foram, como ele, assaltados e arrastados. Viu outros fugirem, porque conheciam as suas festas e não queriam mais ter a ver com isso. Enquanto isso, o edifício todo se enchia completamente e também eles entravam. Ainda ele se encontrava na sua própria esfera, logo Alcar se ligaria a ele. Aqui **centenas de seres estavam juntos, em todo o lado via sofás e nas mesas havia garrafas com um tipo de líquido em que todos se fartavam.** Será que isso representa vinho? **Era realmente vinho que eles bebiam?**

Vinho, na vida após a morte? Não dava para acreditar. Era como se estivesse vivendo na Terra. Realmente, viu que despejava algo que se assemelhava a vinho. Os que bebiam, faziam caretas terríveis, devia ser uma bebida medonha.

“Vinho, Alcar?”

“Vinho, André, mas aconselho a não beber disso, queimaria a sua alma. **É um líquido caseiro que eles mesmos prepararam de ingredientes que conhecem e possuem.** Eles possuem bebida, mas eu não ofereceria a nenhum animal. As suas almas escuras estavam a ser consumidas por este líquido. Eles podem tudo, André, só não podem entrar numa esfera mais elevada.”

Muitos bebiam do líquido como se estivessem morrendo de sede. E o que via agora, não dava para acreditar: **eles pagavam com dinheiro.**

“Vejo bem, Alcar?”

Muito bem observado! Não poderiam agir de outra forma. Eles possuem ouro e prata para enfeitar as suas mulheres; por que não possuiriam dinheiro? Porém, tudo é falso, como a sua vida toda é. **Aqui se tem tudo, porque a vida não é diferente de quando estavam na Terra.** Os que querem uma vida assim chegarão aqui numa mesma situação e tentarão alcançar uma mesma vida no espírito. Por que a sua vida seria diferente da Terra? É que não é possível. As suas paixões são as mesmas das que sentiam naquela vida e carregavam interiormente. Eu lhe disse, agora há pouco; o que se percebe aqui é o reflexo da Terra, mas aqui o Mal está reunido. Todos querem esta vida e receberão o que querem. Porém, aqui não se vê verde, nenhuma outra vida, como a natureza

nos dá na Terra. Nada de animais, nem sol e nem luz; sempre escuridão profunda. Nesta vida se tentam divertir. Você vê, há vida, há mulheres e homens juntos, mas todos bestializados. O que um não sabe, o outro inventa, mesmo que lhes queime as almas. Nisso há toda a sua personalidade. Quando é alcançado o auge verá mais coisas ainda. Tudo que vive aqui procura meios para se satisfazer e também os encontrará.” (238)

[...] **Você sabe que a Primeira Esfera é uma mesma situação que a vida na Terra.** Portanto na Terra, o que estiver acima do desenvolvimento humano, não sentem, para isso não encontram palavras. [...].

O André viu pessoas, casas e prédios; muitas moradas eram como a sintonização interior do ser e edificada segundo a sua força de amor. Também aqui já esteve, porém, agora iria conhecer a arte. A Primeira Esfera era igual à Terra. Depois, ainda via outros edifícios que foram levantados de arquitetura diferente, dos quais alguns eram muito bonitos e tinham um outro significado. **Nas montanhas e à beira da água, em todo o lado havia moradas espirituais, construídas conforme o sentimento, gosto e força.** Tudo era substância espiritual e desta forma, real e natural.

“O que significa aquele edifício grande ali, Alcar? É bem mais bonita que todas as outras.”

“**Os mestres de construção que a levantaram, vivem numa esfera mais alta.** Portanto, foi feita em proporção da sua força interior e sentimento. É para incentivar os que vivem aqui a alcançar aquela arte. Vendo uma sintonização mais alta eles

se esforçarão por alcançar esta arte. Está claro?”

“Sim, Alcar.”

“Como você sabe, **uma morada espiritual é a situação interior do ser**. Os que a construíram, têm todos uma sintonização mais elevada; com isso eles sentem uma arte mais alta, uma arquitetura mais bonita. Então, também **estes prédios serão mantidos por eles**. Isso vale para todas as esferas. [...]. ⁽²³⁹⁾

As construções são aqui relatadas e explicada a sua criação pelo poder mental do Espírito.

6º) **Maria João de Deus**, genitora do médium Chico Xavier, ao qual ditou o livro ***Cartas de Uma Morta*** (1935):

[...] a vida no Além, decorre em um ambiente que, pelas suas características fluídicas, escapa à vossa compreensão, já que, dentro do vosso meio de matéria muito condensada, vos faltam as leis da analogia para que possais estabelecer uma comparação. ⁽²⁴⁰⁾

Para que possas ter ideia do local em que me encontrava, direi que era **igual aos dos majestosos edifícios daí, divididos em confortáveis apartamentos**. Era, como se pode dizer, uma grande casa de socorros espirituais, num ninho acolhedor de almas errantes e enfraquecidas. ⁽²⁴¹⁾

Essa é a primeira informação sobre construções do plano espiritual que o médium Chico Xavier recebe via psicografia.

7º) Em 1940 foi publicado o livro ***Chamas de Ódio e a Luz do Puro Amor***, psicografado por Francisco Valdomiro Lorenz (1872-1957). Vejamos o seguinte trecho em que o **mestre Roberto Stern** diz a Henrique de Wartenberg, encarnado com o qual dialogava:

[...] Subamos mais, até à **zona mais alta do Mundo Astral!**

E, passando por várias etapas, cada vez mais agradáveis e luminosas, elevaram-se os dois ocultistas a **uma esfera onde viram magníficos prédios que pareciam construídos de pedras preciosas e eram cercados de esplêndidos jardins, onde formosas flores brilhantes exalavam suavíssimos aromas e variadíssimas árvores estavam cheias de belas frutas**. De uma igreja ressoavam majestosos sons de música sacra. ⁽²⁴²⁾

Avançando para um ponto mais à frente:

– Como viste, o primeiro céu é um lugar de Alegria sem mescla alguma de amargura. As almas que ali se acham estão fora da influência das condições materiais e terrestres, [...]. É um lugar de repouso, onde são desconhecidas a enfermidade, a tristeza e a dor. **Tudo que ali viste é construído por meio do pensamento, na sutilíssima matéria emocional**. Ali está presentemente a alma de João Huss, gozando,

como viste, a bem-aventurança que pertence aos bons e justos. (243)

No capítulo que tomamos essas transcrições também fala que o Mundo Astral tem sete subdivisões ou zonas, todas têm seus habitantes. Nas quatro zonas inferiores seria algo como o purgatório, as três outras seriam o primeiro céu, sendo que “*Nas regiões inferiores do Mundo Astral purificam-se as alma, carregadas de vícios.*” (244)

8º) **Eurípedes Barsanulfo**, quando vivo residiu em Sacramento (MG), através do médium José dos Santos Junior ditou trinta mensagens publicadas no livro ***Mensagens de Além-túmulo*** (1943), a que nos interessa é a do capítulo “VIII - A vida do ‘além-túmulo’”, ditada em 16/07/1943, da qual destacamos o seguinte trecho:

MEUS BONDOSOS IRMÃOS. Quando chegar a vossa vez de passardes para este plano, e a vossa compreensão se aclarar o suficiente para poderdes examinar a vida daqui, a princípio, muitas coisas vos deslumbrarão enquanto que muitas outras vos darão a impressão exata que experimentáveis aí na Terra.

Aqui encontrareis de tudo que vós vistes ou sabeis existir na Terra, com a diferença que aqui tudo vos é franqueado desde que sintais

desejo de conhecer.

O vosso grau de evolução determinará a orientação **de vossas ocupações ou de vossas pesquisas** para a solução de qualquer problema que vos propusestes resolver.

Muitos sábios daí, do vosso mundo, desencarnaram sem ter conseguido a solução final que buscaram durante os últimos anos de sua existência na Terra.

Mal aqui despertam para a nova vida, o mesmo problema logo os empolga e **ei-los novamente a estudar e pesquisar apaixonadamente todos os assuntos que se relacionam com seu objetivo.**

[...].

Nas camadas superiores do astral, queridos irmãos, há escolas de todas as categorias e destinadas a instruir as entidades espirituais escolhidas para voltar à Terra e nela introduzir novos elementos de progresso.

É a expressão de pura realidade a máxima que diz: *tudo que há embaixo existe em cima*. É de cima que vêm para baixo todas as coisas, por isso, meus amados irmãos, sempre que tendes a felicidade de descobrir alguma coisa, seja invento ou a chave de um problema, levantai os olhos para o bondoso Pai Celestial e rendei-Lhe graças por terdes sido o escolhido.

Em todos os campos de atividade **há no que chamais “além-túmulo” escolas, laboratórios, terrenos experimentais, grandes oficinas de construções mecânicas e tudo o mais que possais conceber.**

Por isso, este plano não é o que a muitos de vós

se afigura, através das resumidas e muitas vezes defeituosas comunicações que vos são transmitidas por irmãozinhos desencarnados, que ainda não puderam se desprender da atmosfera da Terra, **vivendo mais ou menos nas trevas**, apegados a quanto tinham aí, **dando a ideia de uma vida vazia e sobretudo ociosa**. ⁽²⁴⁵⁾ (itálico do original)

Atividade constante é a vida no além-túmulo, onde cada Espírito se dedicará a tarefas de seu interesse e para isso a paisagem à sua volta só difere da da terrena por ser de matéria sutil.

9º) **Monsenhor Robert Hugh Benson**, padre católico, que reportou a vida no mundo espiritual ao médium inglês Anthony Borgia (1896-1989), como se vê na obra ***A Vida nos Mundos Invisíveis***, 1ª edição 1948, da qual transcrevemos alguns trechos, suficientes para se ter uma ideia do que ele recebeu de informações sobre a vida no mundo espiritual:

[...] Grande foi minha surpresa ao notar que **vestia as roupas habituais**, exatamente as mesmas que usava quando me movimentava livremente pela casa em boa saúde. [...]. ⁽²⁴⁶⁾

Tão logo me vi em minha nova condição, e tão rapidamente como tudo sucedeu, **percebi a meu lado um sacerdote ex-colega**, cujo passamento

se dera alguns anos antes. [...] Expressou seu grande prazer em rever-me, e de minha parte previ a junção de muitos fios que se haviam rompido com a sua morte. ⁽²⁴⁷⁾

[...] Então o meu amigo propôs que saíssemos, desde que ali nada mais havia a fazer, e que ele me conduziria a um aprazível lugar preparado especialmente para mim. Fez referência a um lugar, mas apressou-se em acrescentar que na realidade eu **ia para a minha própria casa, onde me sentiria imediatamente no lar.** [...]. ⁽²⁴⁸⁾

[...] Descortinei então o velho lar em que vivi na Terra; o meu velho lar... mas com uma diferença: **fora melhorado de uma forma que ninguém teria podido fazer em sua reprodução terrestre.** Como logo me pareceu, a casa estava antes rejuvenescida, do que restaurada, mas foram **os jardins à sua volta** que mais me atraíam a atenção. ⁽²⁴⁹⁾

[...] Antes de me responder, sugeri que, como tinha eu chegado recentemente às regiões espirituais, **era aconselhável descansar primeiro** ou, pelo menos, não me fatigar muito com observações. [...]. ⁽²⁵⁰⁾

[...] A paisagem era banhada por um belíssimo resplendor celestial, e eu **podia notar inúmeras casas de vários tipos, pitorescamente localizadas, como a minha, entre árvores e jardins.** Acomodamo-nos na relva macia, e eu me estirei, como se deitasse num finíssimo leito. Meu guia perguntou-me se estava cansado. **Eu não tinha a sensação comum do cansado terreno,**

mas sentia ainda algo como a necessidade de repouso do corpo. Disse-me que essa necessidade era proveniente da minha última doença, e que, se quisesse, podia passar por um profundo sono. [...]. ⁽²⁵¹⁾

[...] À nossa frente estendia-se um campo interminável. Noutra direção **via-se o que parecia ser uma cidade de imponentes edifícios.** [...]. ⁽²⁵²⁾

Via-se à distância **uma igreja aparentemente construída nas linhas usuais;** decidimos seguir naquela direção, observando outras coisas da paisagem. Fomos por um caminho que acompanhava em certos pontos **um riacho, cuja água cristalina** brilhava à luz do sol celestial. [...]. ⁽²⁵³⁾

[...] Notei então que aquele pequeno curso de água ia se alargando, **até adquirir as dimensões de um lago de proporções regulares.** [...]. ⁽²⁵⁴⁾

[...] Rute descobriu **um imponente edifício, em terras bem arborizadas,** que também despertou minha curiosidade. Apelamos para o nosso guia, e Edwin nos contou que **era um lar para repouso, destinado àqueles que chegassem ao espírito depois de longa enfermidade ou que haviam tido violento passamento.** [...] Construído ao estilo clássico, tinha dois ou três andares, e era completamente aberto por todos os lados. [...]. ⁽²⁵⁵⁾

Ao nos aproximarmos da **cidade,** foi possível avaliar a sua enorme extensão. Nem preciso dizer que era totalmente diversa de tudo que jamais

víramos. **Consistia de grande número de majestosos edifícios, rodeados de magníficos jardins e árvores**, onde brilhavam, aqui e acolá, **espelhos de água, límpida como cristal**, refletindo, além das cores já conhecidas na Terra, outras mil tonalidades jamais vistas. ⁽²⁵⁶⁾

Comparados com as estruturas terrenas, **os edifícios não eram muito altos**, mas apenas extremamente amplos. **É impossível descrever de que materiais se compunham, por serem essencialmente espirituais.** [...]. ⁽²⁵⁷⁾

[...] Muitas almas caridosas tinham entrado naqueles reinos para tentar efetuar uma salvação das sombras. Algumas tinham sido bem-sucedidas, outras não. [...]. ⁽²⁵⁸⁾

Assim como os reinos superiores tinha criado todas aquelas belezas, **os moradores destes planos inferiores tinham edificado as condições atrozes da sua vida espiritual. Não havia luz, nem calor, nem vegetação, nem beleza.** [...]. ⁽²⁵⁹⁾

[...] **Nossos meios de locomoção pessoal são feitos através de pensamentos**, e podemos aplicar esses mesmos métodos ao que o mundo chama de objetos inanimados. [...]. ⁽²⁶⁰⁾

Desviei-me um pouco do que me propunha contar-lhes, mas é imperativo dar ênfase a certos aspectos da minha narrativa, porque **muitas almas na Terra ficam chocadas ao saber que o mundo espiritual é um mundo sólido e substancial**, com pessoas reais e vivas. [...]. ⁽²⁶¹⁾

[...] Estes **magníficos edifícios** apresentam todos os sinais de eternidade. **Os materiais de que são construídos são imperecíveis.** As superfícies de pedra são tão limpas e frescas como o dia em que foram erguidas. Nada há para as poluir, nenhuma atmosfera carregada de fumaça para corroê-las, nem ventos e chuvas para desgastar as obras de decoração externa. **Os materiais de que são feitos pertencem ao mundo espiritual e portanto têm uma beleza que não é terrena.** ⁽²⁶²⁾

Deve-se lembrar que **o ato de construir no mundo espiritual é essencialmente uma operação de pensamentos.** [...]. ⁽²⁶³⁾

O mundo espiritual está dividido em esferas ou reinos. [...]. ⁽²⁶⁴⁾

As esferas do mundo do espírito estão colocadas numa **série de zonas formando um número de círculos concêntricos à volta da Terra.** [...]. ⁽²⁶⁵⁾

Os reinos inferiores da escuridão estão situadas perto da Terra, e penetram na sua parte mais baixa. [...]. ⁽²⁶⁶⁾

Cada esfera é completamente invisível a todos os habitantes das suas inferiores, e isso pelo menos é que forma os nossos limites. [...]. ⁽²⁶⁷⁾

As descrições nessa obra têm uma similitude muito forte com tudo que encontramos sobre o

mundo espiritual nas obras de André Luiz, que, se não fosse indicada a autoria, certamente seriam confundidas com alguma deste.

10º) **Roger**, em *Além do Véu da Morte*, 1966 é a data da Introdução da autora Helen Greaves. Vejamos o seguinte relato do capítulo “XIII – Novas comunicações”:

As palavras seguintes fizeram com que um arrepio corresse pelo meu corpo.

“Apesar disso, falarei a você sobre o que aconteceu quando vim para cá. **Acordei num hospital.**”

Num hospital? Agora, pensei, deve vir o 'sonho' concernente a Kit.

Perversamente, tentei fingir que entendera mal. “Você quer dizer, no hospital, com Michael?”

“Não, eu não quero dizer **lá**. Eu quero dizer **aqui**, num outro hospital. E isso também não pareceu nem um pouco estranho, apenas pensei que eles deviam ter-me transferido enquanto eu dormia. Contudo, sentia-me muito mais **vivo** isso surpreende você, Bub? Lembro-me de que comecei a olhar bem para todo aquele lugar; eu estava melhor, você sabe. E descobri que agora podia mover me, ver, ouvir e falar, se quisesse. Já não estava paralisado. Esta foi a primeira coisa.

"Dei-me um beliscão, para ter certeza de que podia mexer meus braços. Singular, aquilo... eu estava tão excitado que tinha vontade de gritar a

novidade. Então, olhei ao redor, procurando Michael, mas ele se fora. Suponho que voltou para a Faculdade, falei para mim mesmo. O lugar era muito grande, muito maior do que o quartinho para onde eles me levaram primeiramente. Espaçoso, se é que você me entende. Havia muitas e muitas camas, com homens deitados nelas; uma grande enfermaria, realmente, embora não parecesse existir nenhuma parede. **A luz do sol penetrava diretamente através dela!** Nunca vi uma coisa como esta antes, Bub! Fiquei olhando, durante um tempo interminável. Torrentes e torrentes de luz solar mais brilhante do que a luz do sol do Mediterrâneo. E cores! Foi isso que me fascinou. Raios coloridos, brincando como uma fonte. Só que os raios estavam dirigidos para as camas. Azuis, rosa, ouro, verdes. Eles refulgiam como arcos de luz. Acho que fiquei olhando até que voltei a dormir.

“Sim. sim.” Nada devia quebrar este contato. Aqui estavam informações emocionantes, muito mais excitantes do que eu jamais poderia ter imaginado.

“Você sabe, havia energia naqueles raios. Um deles parecia envolver me, azul como o céu, a tonalidade mais rica que eu jamais tinha visto, com cintilações de safira e cobalto. Quando acordei, fiquei quieto durante um longo tempo, apreciando a **sensação** daqueles raios. Alguma vez você **sentiu** as cores, Lena? Eu posso dizer-lhe que isso é realmente algo. Você não esqueceria. Pouco depois, olhei para os outros camaradas. Todos estavam recebendo o mesmo tratamento, só que com cores diferentes. Um sujeito, no lado oposto ao meu, estava recebendo um raio cor de rosa, e

mais adiante um outro recebia um que era verde como uma árvore de Natal.

“No princípio aquilo foi um pouco engraçado. Mas certamente fazia você se sentir uma pessoa fina. Foi assim que me senti, como se tivesse acabado de tomar um banho de chuveiro, de fazer a barba e de ser massageado. Ótimo e pronto para sair, como costumávamos dizer! Oh, e eu adorei aqui. Deliciei-me com aqui. Já não estar para lisado! Afinado como um violino! Pensei em você e fiquei imaginando quando viria visitar-me. Fiquei com vontade de saber se Mike tinha voltado para Montreal. Então, de repente, algo me pareceu muito estranho. Diabolicamente estranho! Levantei a mão e toquei minha cabeça, onde tinha sido ferido, você sabe. **E ali não havia nenhuma atadura, Lena. Não havia dor e não havia sangue em lugar algum.** Fiquei deitado por um longo tempo, tentando decifrar este enigma...”

Minha atenção estava tão dirigida para o meu interior que não percebi o irmão da minha hospedeira entrar na sala e depois sair de novo, sem fazer ruído. Depois ele me disse que eu estava dormindo!

“Creio que aquilo me fez olhar para os outros. Aquele lugar era igual a qualquer outro hospital, com médicos e enfermeiras, porém era diferente. Nenhum vestígio de ataduras, ou de remédios, nenhuma aparelhagem. Isso me deu uma sensação regelante, desanimadora. Onde eu estava? Que espécie de lugar estranho era este? Então, vi dois atendentes carregando uma padiola. Nela havia um homem, cuja aparência era fantasmagórica, assim como se ele fosse duplo! Como se houvessem dois dele, só que não havia.

Lena, eu **sabia** que aquele homem tinha sido destroçado num acidente, do mesmo modo que eu. Sabia! O fato me deixou aterrado. Isto porque não havia sangue. Nem uma única manchinha. E ele parecia estranho, irreal... Então, acho que entrei em pânico, entrei em pânico como se fosse um garoto...”

A transpiração tornava pegajosas as raízes dos meus cabelos. Eu estava sentindo tudo aquilo, com Roger.

“Tranquei-me dentro de mim mesmo. Eu estava apavorado, mas não sabia o que é que me apavorava, estava com um medo mortal, como que emparedado nas trevas. Pior do que aquela vez em que me perdi nas florestas das ilhas Vancouver, lembra-se? Quando acabei descendo a correnteza, a vai, até que ela me conduziu para o espaço aberto? Naquela ocasião tive a esperança de encontrar um caminho para sair dali. **Desta vez eu sabia que estava aqui para sempre.** Foi horrível, Bub...”

Houve uma pausa. Oh, prossiga, prossiga – rezei; conte-me o que aconteceu. Não pare agora. Você encontrou Kit? Você a reconheceu? Conte-me...

“Aquele foi o meu pior momento. Então, sabe o que aconteceu? Alguém falou comigo. Uma voz disse: 'Ola, Rog, seu velho veterano!' Eu não queria olhar, Bub. E não olhei, durante muito tempo. **Mas eu conhecia aquela voz. Conhecia.** 'Rog', disse a voz, é o Doutor, lembra-se?' Abri os olhos. E ali estava um homem, metido num avental branco. 'Lembra-se daquela ocasião em que lancetei aquele seu furúnculo, quando estávamos

no Oriente? Lembra-se da festa na Churrascaria Espanhola? Sua esposa usava um chale espanhol, preto, lembra-se?' Aquilo me abalou. Arregalei os olhos. No princípio, não consegui focalizá-los. Tive um trabalhão danado para ver claramente aquele homem. 'Rog,' disse ele, 'é Robbie. Robbie, seu velho companheiro de bordo!' E então, eu soube. Creio que soubera durante todo o tempo. Era **Robbie!** O velho doutor Roberts, que nos tempos passados, antes da guerra, costumava viajar conosco. Morreu de febre, no Oriente, quando Mike era pequenino..."

Lágrimas estavam rolando pelo meu rosto. Ele não se lembrava de nada concernente a Kit. Aquele devia ter sido um período interme diário. Todavia, lembrava-se de Robbie um antigo companheiro de bordo e um velho amigo.

"O velho veterano estava com uma aparência esplêndida! Passamos momentos maravilhosos conversando sobre os dias passados. Creio que ele me contou onde eu estava. De algum modo, fez com que a sua revelação parecesse uma coisa natural, nada assustadora. Suponho que foi aí que eu soube, realmente – acerca de ter morri do, quero dizer. Que eu soube que já não estava mais sonhando..."

Tão simples aquelas palavras... não obstante, tão decisivas. "Eu já não estava mais sonhando." (Então, a morte é simplesmente um sonho, que se prolonga até que despertamos para a Realidade?)

"Agora estou muito bem, você sabe." A afirmação veio orgulhosamente. "Melhor do que nunca, assim eu estou! No princípio me senti péssimo, pensando sobre você, Lena. Mas você

vai ficar bem, saiba disso. Vai ser amparada. Tenho absoluta certeza.” Houve uma pausa. Depois: “Foi bom ter me falado sobre você sabe, sobre sua velha avó. Isso ajudou fez com que ficasse mais fácil entender e aceitar as coisas...” (268) (grifo do original)

Avançando para o capítulo “XIV – Dúvidas e temores”, vamos encontrar algo muito interessante narrado por Helen Greaves:

Num dia de outono, quando setembro sorria, depois dos dias chuvosos de agosto, fui dar um passeio em Kensington Gardens, como gostava de fazer. [...].

Desci pela ilha verde e fui para a Serpentine. Perto da estátua de Peter Pan, sentei-me e fiquei observando as crianças, os patos e os cisnes, que compunham um quadro tocante. O sol da tarde descambou e as babás partiram, levando as crianças que estavam aos seus cuidados. Ao meu lado, uma mulher idosa lia o jornal vespertino. Quando ela também se levantou e foi embora, caminhando através dos gramados, vi que esquecera o jornal. As páginas se agitaram, na brisa leve. Depois, o jornal se abriu, de golpe. Baixei os olhos para ele e, imediatamente, minha atenção foi capturada.

Na página impressa, aberta, havia um artigo, escrito por Lord Dowding, versando sobre alguns aviadores 'mortos'.

Agarrei aquela folha e li avidamente.

“Um Piloto Fala do Seu Despertar”

O artigo era um relato de Lord Dowding, referente a algumas comunicações recebidas de aviadores 'mortos', que ele comandara durante a Batalha da Grã-Bretanha. Um rapaz forneceu lúcidos pormenores da sua 'chegada' ao Outro Mundo... "No princípio não compreendi que tinha sido abatido. **Acordei num hospital**, num quarto claro e arejado, onde havia cerca de seis camas. O quarto tinha grandes janelas francesas, completamente escancaradas, e aquela construção tinha sido erguida praticamente na praia.

“Uma enfermeira encantadora cuidava de mim, e ela parecia estar sempre ali, no momento certo.

“Eu tinha ferimentos no peito e nas pernas. Um dia percebi que, embora eles fossem regularmente enfaixados, **eu não sentia dor; não parecia haver qualquer vestígio de sangue nas ataduras e também não havia qualquer indicação de que eu precisasse, realmente, delas.**

“Comecei a mexer minha perna; estava ótima. Bati no meu peito; também está ótimo. Sendo assim, na outra vez em que a minha enfermeira apareceu, agarrei-a; e, de repente, percebi que não tinha nenhum médico.

“... **fiquei positivamente intrigado e tive uma sensação nauseante na boca do meu estômago.**

“De algum modo, eu estava começando a saber, mas, não queria parar para pensar. Pedi à enfermeira que me explicasse o que estava acontecendo. Ela segurou minha mão entre as suas e, simplesmente, olhou para mim. Então, eu soube.

“Bem, acho que posso contar-lhe – **uivei no ombro dela, como se fosse um garotinho**. Isso me fez bem...”

Frases pareceram atirar-se contra mim, saindo da página impressa em negro.

“Acordei num hospital.”

“Um lugar claro e arejado, com cerca de seis camas.”

“Não sentia dor.”

“Não parecia haver qualquer vestígio de sangue nas ataduras, e também não havia qualquer indicação de que eu precisasse delas.”

“Fiquei positivamente intrigado e tive uma sensação nauseante, na boca do meu estômago.”

“Uivei como um garoto.”

Aquilo não era, exatamente, o que Roger me 'dissera', com respeito ao seu despertar?

Ele, também, não ficara intrigado e curioso com respeito à ausência de sangue? E se 'trancara dentro de si mesmo', quando o significado daquilo começara a surgir.

Roger!

Isto não é apenas uma coincidência, pensei. Raramente leio o jornal **The Star!** não obstante, ele tinha sido enfiado diretamente sob os meus próprios olhos. Aqui estava uma confirmação de tudo aquilo que meu marido pudera 'comunicar-me', durante aquela noite calma, no Canadá. **Isto não é uma coincidência**, tornei a dizer, para mim mesma: nisto há uma intervenção 'sobrenatural'. Se eu não tivesse sentado exatamente naquele banco; se aquela mulher não tivesse com prado o

vespertino **The Star**; se ela não tivesse deixado aquele deter minado jornal, com o artigo, ao meu lado, no banco; se o vento não tivesse aberto justamente na página que devia ser lida. Se. Se. Se...

Era mais do que eu podia explicar. E, também, eu não queria explicar nada. Novamente, a fé enfraquecida recebera um estímulo e isso era suficiente. ⁽²⁶⁹⁾

Como nada acontece por acaso, vemos nessa “coincidência” de achar o jornal e nele conter um artigo que confirma a experiência contada por Roger como que a ação dele visando sanar as dúvidas de Helen Greaves, mulher com a qual foi casado em determinado período.

11º) No período de 4 de janeiro a 7 de maio de 1971 o **Espírito Arthur Ford**, ditou à médium Ruth Montgomery (1912-2001), jornalista norte-americana, várias mensagens que foram registradas em **A Vida no Além-túmulo** (1971). Dessa obra transcrevemos os seguintes trechos:

a) Capítulo “I – Arthur Ford está vivo”

“Progresso. É esta a chave para a felicidade aqui bem como aí, e que lugar emocionante é isto aqui para aqueles de nós que ansiamos por aprender e crescer. **Temos o céu e as flores,**

árvores, crepúsculos mais vividos do que você possa imaginar; pois tudo neste mundo e no seu é um padrão de pensamento. Aqui nós comunicamos, **trabalhamos**, crescemos e florescemos somente através do pensamento, e como estamos livres da interferência das mentes físicas, que são meras máquinas mecânicas, **nossos pensamentos reagem instantaneamente a tudo o que quisermos projetar.** Vemos instantaneamente outra pessoa ou alma em quem pensemos. Estamos constantemente projetando padrões de pensamentos nossos, de modo que onde quer que desejemos estar, lá estamos.” (270)

b) Capítulo “3 – Pensamentos são coisas”

“A princípio eu estava ocupado cumprimentando os amigos deste lado e procurando **Fletcher**, que me esperava sorrindo. [...]. Fletcher sempre foi muito positivo em que, quando eu viesse para cá, ele ficaria livre da missão que se impusera.”

Em outro dia, como que para esclarecer a liberdade de que goza agora, Arthur escreveu: **“A vida deste lado não é muito diferente daquela no seu plano, pois estamos aqui – não em algum outro mundo.** Neste momento estou tão com você quanto estava quando me sentava em sua sala em Washington, com exceção do fato de que agora nos comunicamos com maior eficácia. Estamos aqui! Esta é a primeira coisa a frisar. **Somos tão terrenos quanto você, mas como nos descartamos dos corpos físicos, não estamos atados às leis básicas que funcionam para vocês e impedem os movimentos.** Somos espírito e **podemos penetrar os objetos inanimados – ou animados, também. Eles só**

existem como formas de pensamento e como nós os vemos não tanto como formas quanto como ideias, não constituem empecilhos para nós. **Somos capazes de viver em casas de formas de pensamentos, ou em colinas ensolaradas à margem de regatos, ou onde quer que quisermos pensar que estamos. Mas são inteiramente não-essenciais, pois não precisamos de habitação.** Somos livres como o vento para ir onde quisermos a qualquer momento dado, mas isso **não significa que andemos por aí à toa, pois aqui logo desenvolvemos um propósito.** Aqui, como aí, o que conta é o crescimento, e não crescemos enquanto nos transportamos a esmo para lá e para cá.” (271)

Na manhã seguinte, Arthur declarou que queria explicar a respeito da transição que ocorre quando uma alma falece dormindo e desperta em forma de espírito. “Agora não estamos falando, como falaremos mais tarde, sobre a morte repentina ou inesperada”, escreveu ele, “mas sim da **transição natural de uma alma que se descarta de um corpo fatigado e doente.** A alma escapa facilmente de seu envólucro, sem dor nem qualquer sensação visível. Num momento está lá, ainda vestido com as dolorosas vestes da carne, e no seguinte está com trajes celestiais. Isso não é tão fantasista quanto pode parecer, pois é o que ocorre realmente se a transição tiver sido preparada. **Despertamos num reino de pura beleza e em meio a cânticos. As árvores aqui são árvores de verdade, não os reflexos que vocês na carne veem. As flores são pura forma de pensamento e portanto muito mais extraordinárias do que qualquer coisa de forma**

vista pelo homem físico. Os pássaros, animais, espíritos, sim, as muitas mansões aqui são perfeitas, pois são formas de pensamento.

“Quando despertamos aqui, a princípio vemos esse encantamento como que num sonho. **Será real?** Será concebível? Bem, não é concebível pelo homem, mas pela força do amor. Nesse ponto, **não há nada que desejemos que não possamos fazer existir pelo pensamento**, a não ser outro corpo carnal, pois este não nos pertence, para ser pedido a qualquer momento, sendo, sim, um direito a ser conquistado ou por um longo preparo e busca da alma ou porque uma morte súbita não de nossa responsabilidade, nos dá direito a uma rápida volta à forma física, se o desejarmos. Falaremos sobre isso depois, mais detalhadamente. ⁽²⁷²⁾

[...] Isso o intriga de tal modo que ele **cai num torpor profundo**. Quando por fim ele desperta, as pessoas se foram, menos um homem com uma longa barba branca que diz: *Filho, já está na hora de começar as aulas.*

“*Aulas?* exclama ele. *Acabei com as aulas há muito tempo, e certamente o senhor também.*

“*Mas um tipo diferente de aulas, meu filho,* continua o velho. *Esta é a verdadeira escola onde nos ensinam como recordar, como esquecer e o que saber sem aprender.*

“O homem fica muito intrigado, mas **segue o velho até a uma escola onde estão sentados vários outros estranhos, numa espécie de sala de aula**. Um deles parece um advogado que ele conheceu no Lions Club, mas como ele tinha

morrido havia uma ou duas semanas, devia ser engano. [...]” (273)

c) Capítulo “5 – Templo da sabedoria”

O corpo de Arthur Ford foi cremado e, cumprindo suas instruções, as cinzas foram espalhadas sobre o Oceano Atlântico, perto de Miami. **Menos de um mês depois, ele começou a falar sobre uma nova faceta de sua vida contínua**, escrevendo: “Depois de ter cumprimentado os velhos amigos e de ter conversado várias vezes com Fletcher, **comecei a procurar aquilo que eu sabia estar esperando, o templo da sabedoria**, de que eu me lembrava vagamente de vidas anteriores aqui e às vezes vislumbrara quando em estado de transe.

“Não tive de procurar muito, pois sem que ninguém me orientasse encontrei-o, exatamente onde me lembrava, **ao lado de um regato rumorejante num montezinho meio escondido além da primeira encosta de uma colina verdejante. Era rústico, e no entanto enquadrava-se tão belamente na paisagem que parecia parte do fluxo vital**. Os mestres me esperavam e me receberam com alegria, felizes ao verem que eu nunca me tinha esquecido completamente de suas maravilhas e beleza de pensamento. **As cadeiras estavam arrumadas em círculo** e quando me sentei no lugar de sempre, o mais velho dos mestres exclamou: ‘Arthur, parece que você nem esteve longe!’ Aquilo me fez sentir bem, pois meus setenta e tantos anos no plano terreno tinham-me parecido bastante longos, embora aqui não fossem mais do que o piscar de um olho. **Retomamos nossas lições**

onde as tínhamos deixado, quase três quartos de século antes, e foi como se o tempo tivesse parado.” (274)

“Imagine, se quiser, um bosque de árvores na encosta de uma colina verdejante, com o sol filtrando-se por elas e as folhas formando desenhos na relva. Este é o nosso templo da sabedoria isolado, sereno, abrigado nas vestes divinas de puro, mas durante o período de meditação eles entoam trinos celestiais que parecem conter a harmonia do universo inteiro. Ruth, é um som emocionante que vibra até às profundezas de minha alma e parece ligar-me a todas as coisas vivas. **Como são indescritíveis muitas dessas maravilhas, e, no entanto, como são semelhantes aquilo que cada alma conhecia no plano terreno!** A luz aqui é pura e incessante, pois que o sol não a controla. As montanhas são eternamente envoltas em halos de sua própria criação. As árvores são magicamente afinadas, de modo que cada qual parece falar com sua voz própria. **Os cantos dos pássaros e insetos são belos** e da estabilidade do universo vêm vibrações harmoniosas demais para serem concebidas pela mente de uma pessoa física. (275)

“Alguns aqui estão ensinando a almas novas que vêm para cá, **outros vão à escola** para se porem em dia com os cursos de filosofia e desenvolvimento que não conseguiram dominar do seu lado do véu. Outros estão ativamente ocupados na exploração de ideias ou estão procurando expiar omissões do passado por meio de meditação profunda e orações. [...]” (276)

d) Capítulo “10 – Preparação adequada”

Em contraste, Arthur em seguida citou o caso de um não-crente “que morre e espera que isso seja o bendito fim de tudo.” Ao contrário, diz ele, “depois de alguns dias ele começa a se movimentar e a mostrar sinais de vida deste lado. Aos poucos vai abrindo os olhos, por assim dizer, e vê o movimento. Fica assombrado, pois se lembra de ter morrido e acha que isso é um pesadelo, como os últimos estertores de uma galinha a quem se torceu o pescoço. Ele luta para acabar com a ilusão, mas em vez disso vê que está cercado por pessoas que o chamam pelo nome e que ele se lembra de ter conhecido no estado físico. Ele se contorce, protesta e afinal pede uma explicação. Os antigos amigos sorriem e dizem: *Charlie, nós tentamos dizer-lhe antes que continuamos a viver, mas você não fez caso de nossas palavras*. Ele se contorce outra vez e se debate um pouco, pois não gosta que provem que ele errou, mesmo naquele novo estado de consciência. Sua mente tinha estado fechada, quando no estado físico. Ele sempre tinha razão e considerava maluco aquele que acreditasse na continuação da vida. Tenta tapar a vista e o som, mas dentro de pouco tempo torna a olhar e então a cena está um pouco diferente. **Em vez de lindas árvores e flores e pessoas simpáticas, ele vê um abismo, frio e sem fundo e ameaçador.** Recua, alarmado.

“O abismo se alarga e ele sente que está caindo lá dentro, cada vez mais para o fundo. Grita por socorro, mas os amigos não estão mais lá para tranquilizá-lo. Ele cai e cai, ou é o que lhe parece. Será esse o caminho para o inferno, como avisavam os pregadores de antigamente? Cada

vez mais fundo cai ele, sua mente em tormento. Onde estavam aqueles amigos que zombaram delicadamente dele por sua descrença quando era carne? Por que não o ajudavam agora? Mas ele os havia afugentado com sua descrença, tal como tinha repellido os crentes quando estava em sua forma física. Por fim começa a desejar de novo a presença reconfortante deles. Gostaria de perguntar-lhes mais a respeito da eternidade que eles diziam aguardar todas as almas. Anseia por eles, ao descer pelo abismo. Mal formula o desejo, lá estão eles a seu lado, **novamente na planície verdejante**. Ele automaticamente agradece a Deus, baixinho, pois o abismo desapareceu e ele não está mais sozinho. **Os amigos lhe asseguram que um desejo é tão concreto quanto uma ação, um pensamento é o mesmo que um ato**. Desejando os amigos reconfortadores, e desejando saber mais a respeito da vida eterna, ele havia, por meio da forma de pensamento, criado a realidade de sua presença. Ansiosamente ele pede instruções, e como tinha sido basicamente um homem bom, com bons impulsos, a despeito de sua mente fechada, **ele é matriculado nas escolas de sabedoria** e logo se torna um dos que voluntariamente auxiliam outros não-crentes quando despertam na forma de espírito.” (277)

O fato curioso é que Arthur Ford (1896-1971), também norte-americano, quando vivo era médium.

12º) **Joanna de Ângelis**, em **No Limiar do Infinito**, prefácio de 1976, via Divaldo P. Franco. Nesta obra, temos o capítulo 12 intitulado “A vida

espírita ou espiritual”, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

Sendo a vida na Terra, suas edificações e paisagens um símile mais condensado e algo mais grosseiro do que existe no mundo espírita ou espiritual, facilmente se compreenderá que o progresso na região das causas transcende em beleza as realizações, superando em emoções e efeitos tudo quanto a imaginação pode conceber.

Desde os sítios mais grotescos e sombrios, onde se fixam os núcleos de depuração compulsória para os que dilapidam, irresponsáveis, os preciosos dons da existência, até aos altos círculos de felicidade **nas vibrações circunvizinhas da Terra, há uma infinita variedade de vilas e cidades, círculos espirituais e postos de socorro onde vivem os que se vinculam ao planeta generoso**, que nos serve de berço e escola de progresso nos intervalos de uma para outra reencarnação. **Plasmados pelas mentes que as moldam no fluido universal**, são populosos centros de vida em que o amor estua, verdadeiros céus [...].

Não se tratam de lugares hipotéticos, ou de centros onde campeia a ociosidade em aposentadoria demorada, ou de paisagens fantasistas para o repouso da inutilidade.

Há atividades febricitantes em que o culto ao trabalho fomenta o progresso das mentes e aprimora os sentimentos.

De forma alguma são mundos quiméricos, imateriais, sobrenaturais, mas searas de ação

objetiva, organizações promovidas pelo espírito humano, distantes ainda dos mundos da divina benção.

[...].

Perfeitamente lógica a ocorrência da multiplicidade das Cidades e Colônias Espirituais no mundo das causas.

[...].

Metrópoles trabalhadas em substância sutil, plástica e de fácil moldagem às mentes ditosas, constituem os painéis de incomparável dita onde reinam a paz, a ventura plena e a felicidade sem jaça.

Há incontáveis instituições beneficentes e socorristas no além-túmulo, que se afervoram no auxílio aos que transitam na Terra e partem do corpo após a desencarnação, [...].

Legiões de abnegados e caridosos **mensageiros do Senhor recolhem em Institutos de recuperação e aperfeiçoamento** os desencarnados em dor, [...].

Educandários e hospitais de retificação, à semelhança dos que existem na Terra, melhor organizados e mais aprimorados, se abrem convidativos, como santuários de recolhimento e correção para a elevação dos caídos [...].

Conforme existem na Terra **conglomerados e organizações humanas para albergar a imensa legião de criaturas, no plano espiritual sucedem-se, múltiplos,** acolhedores como ninhos de ventura [...].

Ninguém se surpreenda, portanto, que a vida

espiritual seja refletida nas **comunidades terrenas, que são cópias imperfeitas das sociedades vigentes nos círculos superiores do Orbe e nos planetas** onde a vida estua sem sombra, sem dor, sem morte, sem adeus... (278)

12º) **Miramez**, em **Filosofia Espírita - Vol. XX**, publicado em 1990, da coleção na qual se comenta todas as questões de *O Livro dos Espíritos*, através do médium João Nunes Maia (1923-1991), destacamos de seus comentários à questão 1017, o seguinte trecho:

Muitos Espíritos, na verdade, dizem que moram no primeiro céu, outros no segundo ou terceiro ou quinto, assim sucessivamente, por falta de linguagem e mesmo de entendimento das criaturas. Mas, com a Doutrina Espírita, pode-se dizer a verdade, que esses “lugares” passam a ser dentro das criaturas, no grau de perfeição que a alma atingiu. Contudo, **essas almas têm um lugar de morada, colônias espirituais nas esferas compatíveis com os seus progressos, onde se reúnem por sintonia de elevação**. Essa é a lei de justiça. (279)

13º) **Caibar Schutel** é o responsável pelo livro **Alvorada Nova** (1992), publicado pela equipe de oito médiuns do Grupo Irmã Scheilla, do Lar Escola Cairbar Schutel, Vila Morse, São Paulo (SP), sob a

coordenação de Abel Glaser (?-), que, a certa altura dessa obra, diz: “Esta, como dissemos, não é uma obra psicografada integralmente. É fruto do trabalho conjunto de encarnados e desencarnados.” (280), razão pela qual estamos colocando num tópico à parte, justamente, pela singularidade dessa sua origem.

Na “Apresentação” o médium Divaldo Pereira Franco, afirma sobre o conteúdo da obra:

[...] Estou edificado, renovado com as lições ministradas pelo nosso amado Cairbar Schutel e demais MENSAGEIROS da **Colônia “Alvorada Nova”**.

Os nossos Amigos Espirituais já haviam escrito por meu intermédio a respeito desse Lar ampliado, o que nos levou a denominar uma das nossas Escolas de 1º Grau com essa desinência. Isso dá-me muita alegria e agradeço ao Alto a sua concessão de amor. (281)

A Colônia Espiritual “Alvorada Nova” tem como coordenador o Espírito Cairbar Schutel que, segundo o que consta dessa obra, participou ativamente das informações repassadas ao grupo. Todo o livro trata da “*descrição, o funcionamento, a história, a doutrina, a administração, a finalidade e as*

características da Cidade Espiritual” ⁽²⁸²⁾; portanto, como não temos como transcrevê-lo no todo, recomendamos a você, caro leitor; apenas transcreveremos algumas coisas que vão validar o que aqui citamos de outras fontes.

[...] ao final de 1986, vários médiuns do Grupo Irmã Scheilla, do Lar Escola Cairbar Schutel, começaram a receber mensagens de Cairbar a respeito de uma cidade espiritual, sendo que **ao mesmo tempo a vidência dos medianeiros teve acesso a imagens desta colônia.** [...]. ⁽²⁸³⁾

Por consenso as reuniões tiveram início em 4 de março de 1987. [...]. ⁽²⁸⁴⁾

[...] Muitas psicografias e desenhos mediúnicos foram elaborados. [...]. ⁽²⁸⁵⁾

Todas as linhas foram idealizadas por Cairbar Schutel, em inúmeras mensagens descritas ou psicografadas pelos médiuns e organizadas por mim. [...]. ⁽²⁸⁶⁾

[...] temos hoje importante projeto a discutir: vamos colocar em pauta **as novas técnicas de alimentação** na colônia e **novos processos para fomentar a produção de frutos.** Discutiremos ainda **projetos apresentados pelo Setor de Medicina para a implantação de novo soro, especialmente extraído do mel vegetal, no trabalho com os doentes internados na Casa de Repouso.** A pauta incluirá também, por fim, os

pedidos e requerimentos de vários habitantes desta colônia. [...]. ⁽²⁸⁷⁾

Essa reunião se realiza na sala própria do **último andar do Prédio Central**, a qual é voltada por luz proveniente da colônia que vaza os cristais das paredes e adentra a cúpula. ⁽²⁸⁸⁾

Encerrando a pauta, passam a tratar das reivindicações dos habitantes da colônia, voltadas para os mais diversos assuntos, tais **como transportes, instalação de aparelhos de telefonia**, autorização de visitas a Espíritos em estágio em outros pontos da colônia ou fora dela, entre outros. [...]. ⁽²⁸⁹⁾

Alvorada Nova é exemplo dessa assertiva. Para melhor conhecê-la, comecemos por falar que se trata de **uma comunidade com cerca de duzentos mil habitantes, localizadas em região umbralina, na quarta camada ao redor da crosta terrestre**, no mesmo grau de inclinação da cidade de Santos – Estado de São Paulo, desenvolvendo-se diuturnamente sob a orientação da Superioridade Divina. ⁽²⁹⁰⁾

Inicialmente, **vê-se o Prédio Central**, localizado no centro do grande círculo, onde se instala a “Coordenadoria Central” **liderada por Cairbar Schutel**. ⁽²⁹¹⁾

[...] por um acesso lateral, pode-se chegar a **um bosque com belas árvores, flores e um lago cristalino**. [...]. ⁽²⁹²⁾

Alvorada Nova é **circundada por um muro**

protetor sobre o qual existem nove torres, sendo que duas delas ladeiam o portão de entrada. [...].
(²⁹³)

Do lado de fora de Alvorada Nova pode-se vislumbrar **uma plataforma onde se espera o trem** que seguirá ao Posto de Socorro em **região umbralina**. A paisagem ao redor é semelhante à da Crosta.

Na composição percebe-se que é um **transportador magnético, flutuante sobre trilhos especiais**. (²⁹⁴)

A Cidade Espiritual possui dois Postos de Socorro, [...].

Nos Postos desenvolve-se um trabalho sério, intenso e árduo, que consiste na recepção, distribuição, reciclagem e encaminhamento de entidades sofredoras e obsessoras resgatadas. [...]. (²⁹⁵)

[...] Ainda nesse prédio [Prédio Central] estão **a biblioteca**, a sala de reuniões das Coordenadorias e os aposentos de Cairbar. (²⁹⁶)

[...] Cuida para que **a alimentação da Colônia** seja sempre suficiente para atender às necessidades de cada ser que lá habita, desenvolvendo um trabalho de divisão de alimentos por todas as áreas de concentração de Espíritos, **desde o hospital até a Casa da Criança**, com programa alimentício próprio para cada setor. [...]. (²⁹⁷)

Por todas as dependências de Alvorada Nova

existem muitas flores e muito verde, tendo em vista que os Espíritos que aí vivem, não sendo apegados à massa material, vibram muito com a magnífica criação de Deus, dela podendo desfrutar a todo o instante, sem prejudicá-la. [...]. ⁽²⁹⁸⁾

O muro que protege Alvorada Nova tem quinze metros de altura, é maciço e emite uma potente vibração magnética de proteção. [...]. ⁽²⁹⁹⁾

[...] é onde os moradores de Alvorada Nova costumam desfrutar as mais agradáveis sensações de bem-estar. Em seu topo encontra-se **um enorme lago de águas** fluídicas e calmantes. [...].

As águas do lago caem por **várias cachoeiras**, formando cortinas transparentes que perpassam o verde lateral dessa superfície. [...]. ⁽³⁰⁰⁾

Dispõe ela de **inúmeras moradas para seus habitantes**, entre várias alamedas, todas arborizadas, constituindo os Setores Habitacionais, em número de quatro. **As casas são simples mas confortáveis**, com muita natureza ao redor e higienização plena.

Cada habitante com créditos suficientes pode desfrutar de uma moradia para si e sua família. Alvorada Nova **tem o sistema de créditos chamado “U.A.” (Unidade de Amor)**. Essa denominação sugerida pelo próprio Cairbar, que achou por bem fundir num só significado *amor* e *trabalho*, foi ratificada por todos os habitantes da colônia [...]. (GLASER, *Alvorada Nova*, p. 168-169)

[...] **Alvorada Nova não é a única colônia espiritual existente em torno da Terra**. Sob a

égide de Jesus, o trabalho é amplo e conjunto entre os dois planos, desenvolvendo-se para o progresso da Humanidade. **Um número incalculável de colônias espirituais e postos de socorro existem**, e continuam sendo criados, circundando este planeta; todas as obras do bem existentes no plano material trabalham em conjunto com elas. ⁽³⁰¹⁾

A correlação entre as obras de autoria de André Luiz e o que está descrito em *Alvorada Nova*, de onde extraímos o texto acima, é algo indiscutível.

14º) **Eça de Queirós**, em *Getúlio Vargas em Dois Mundos*, primeira edição 1998, pela pena de Wanda Albertina Canutti (1932-2004);

15º) **Zílio**, em *Um Roqueiro no Além*, lançado em 1998, psicografado por Nelson Moraes;

16º) **Adamastor**, em *Ícaro Redimido: a Vida de Santos Dumont no Plano Espiritual*, prefácio de outubro de 2000, pelo médium Gilson Teixeira Freire;

17º) **João Lúcio** na psicografia da obra *Em Novos Horizontes*, publicado em 2001, por Wagner Gomes da Paixão;

18º) **Nora**, em ***Aconteceu na Casa Espírita***, psicografia de Emanuel Cristiano, 1ª edição em 2001, logo no início da obra, descreve:

Em estranha cidade do plano espiritual inferior, congregavam-se espíritos obsessores com as mais perversas intenções.

Reunidas em sombria praça, traçavam diretrizes de perseguição e destruição de respeitável Instituição Espírita. Entidades recém-desencarnadas perambulavam, lunáticas, pela estranha região, semi-escravizadas por mentes maléficas que as transformavam em verdadeiro material humano de desequilíbrio. Estes infelizes permaneciam junto aos obsessores por guardarem compromissos espirituais intensos diante daqueles que se dedicavam à prática do mal.

A psicofera da cidade bizarra era densa, triste, angustiante e depressiva; resultado dos pensamentos de seus habitantes. ⁽³⁰²⁾

19º) **Frei Felipe**, em **O Testemunho dos Sábios**, primeira edição fevereiro de 2014, pela pena mediúnica de Rafael de Figueiredo, do qual extraímos do capítulo 28 os seguintes trechos:

Elisabeth e Mariano foram rápidos e conseguiram transportar Edouard para um local tranquilo, deixando para trás a virulenta paisagem das trincheiras. O jovem médico permanecia inconsciente, o efeito químico provocado pelo medicamento aplicado para apressar sua morte entorpecera seus sentidos. Estava sob efeito anestésico que alcançara as funções perispirituais.

Transportado até o leito de um hospital numa colônia espiritual próxima, permaneceu lá por

algumas horas. Era preciso que o período de perturbação se dissipasse. [...].

[...].

Aos poucos Edouard foi-se lembrando de seus últimos momentos nas trincheiras, as evidências levavam-no a uma conclusão inevitável. Estava morto, ao menos seu corpo estava. [...].

[...].

Plenamente recuperado e apossando-se das recordações de suas últimas experiências reencarnatórias, conseguiu descobrir os objetivos existenciais que o norteiam e os compromissos que havia assumido para o futuro. Compreendeu quem era Frei Mariano e porque o mesmo preferia chamá-lo de Jean. **Deixando o quarto hospitalar, transferiu-se para uma instituição** muito próxima ao seu coração, onde deveria se preparar para as tarefas do porvir.

O casarão de estilo francês constituía-se em uma espécie de universidade, em que espíritos associados à cultura francesa e imbuídos de promover a transformação moral preparavam-se para cumprir seus projetos. Era lá que se fortaleciam antes de reencarnarem e dedicavam seu tempo na elaboração de material a ser ditado através da mediunidade. O ambiente era sóbrio, tranquilo e voltado ao estudo e elaboração de projetos pessoais e coletivos.

Jean **caminhava no parque** acompanhado de seu tutor que viera conversar com ele. **O verde das árvores e as fontes do jardim embriagavam de beleza os olhos cansados** que haviam se habituado à paisagens da guerra. ⁽³⁰³⁾

20º) **Luís Felipe**, em **Cidades Espirituais**, pelo médium José Fernando Araújo, ou simplesmente, Zé Araújo, de Blumenau (SC). A peculiaridade é que ele é médium mecânico ⁽³⁰⁴⁾, tivemos a honra de conhecê-lo pessoalmente. Essa obra foi publicada em abril de 2014, da qual transcrevemos os seguintes trechos:

Aqui na Colônia Nova Esperança a força que imprime **as cores e as edificações** são formadas a partir dos anseios e da forma como cada habitante vibra e consegue alcançar dentro dos mundos particulares e seu estado de “crença”. ⁽³⁰⁵⁾

A Colônia Nova Esperança **em seus primórdios era apenas colônia correcional**, onde haviam espíritos um tanto endurecidos e ainda presos no orgulho de casta e no apego aos bens materiais.

Em uma época distante **aqui existia um hospital** que hospedava por longo tempo espíritos que, em grande apego às suas enfermidades, ficavam alimentando uma longa vitimização, e eram tratados para se recuperarem. [...]. ⁽³⁰⁶⁾

[...] Sim, essas paragens que foram nominadas como “**umbrais**” ou **regiões inferiores, são apenas os estados conscienciais e de forte influência nos pequenos mundos plasmados e identificados por estes tantos irmãos terrenos** que se atraem num mesmo diapasão de anseios e crenças. Essas crenças geralmente são

alimentadas de maneira tão forte que passam a fazer parte integral da mente desencarnada. ⁽³⁰⁷⁾

A conversa no aero bonde chegava ao fim, Sila se expressava com uma clareza e vivacidade que me mantinha conectado aos seus esclarecimentos. **Nosso aero bonde chegara à estação central, onde tínhamos que descer e ir de encontro ao prédio** muito bem instalado bem no centro da colônia, dividindo os setores Norte – Sul – Leste e Oeste. ⁽³⁰⁸⁾

Para um breve esclarecimento do que aprendemos aqui. **As cidades e as colônias e comunidades aqui concentradas, fazem parte dos tantos mundos transitórios** que recebem, por afinidade e outros muitos fatores, os que deixam o corpo físico em condições necessárias pra habitar o “Complexo Morada Nova”.

[...].

Nas cidades com uma atmosfera mais baixa há grande semelhança com a Terra. Muitas casas, jardins, bosques, montanhas, rios cristalinos e até animais. Porém a matéria que constitui tudo isso **não é a mesma matéria do plano físico. Trata-se de uma matéria espiritual mais sutil e constituída pela forma pensamento e vibratória de seus ocupantes.**

Nas “cidades baixas” – assim são chamadas as que ficam bem próximo às faixas vibratórias da Terra – podemos dizer que é uma cópia muito perfeita do plano físico. Nelas a grande diferença é que a matéria que forma as cidades baixas é elaborada por substâncias e material astral. ⁽³⁰⁹⁾

Fui me recuperando, e todos os dias tomava um caldo fluídico e sessões energizantes, que aos poucos foram nos reconfortando e fortalecendo nossas energias. ⁽³¹⁰⁾

Quando falamos de Mundos Transitórios, dissemos que eles tinham uma semelhança com as colônias, pois é isso que o Espírito Luís Felipe ratifica com o dito acima, que fazemos questão de ressaltar:

[...] **As cidades e as colônias e comunidades aqui concentradas, fazem parte dos tantos mundos transitórios** que recebem, por afinidade e outros muitos fatores, os que deixam o corpo físico [...]. ⁽³¹¹⁾

Gostaríamos de ressaltar que dessa lista há, pelo menos, dois médiuns mecânicos, tipo de mediunidade que mereceu o seguinte comentário de Allan Kardec: *“É preciosa esta faculdade, por não permitir dúvida alguma sobre a independência do pensamento daquele que escreve”* ⁽³¹²⁾.

21^o) **Abelha**, pseudônimo de André Bráulio dos Santos, em ***Colônia Espiritual Novo Amanhecer***, pelo médium Orlando Noronha Carneiro, prefácio datado de julho de 2021.

Cumpre-nos esclarecer que, apesar de alguns

dos médiuns citados terem psicografado vários outros autores espirituais, somente tomamos um autor espiritual por médium, para evitar possíveis questionamentos, especialmente, de pessoas que podem querer atribuir tudo ao médium e não aos Espíritos que por ele se manifestaram.

8. Na prática mediúnica, os relatos e experiências dos médiuns as confirmam

Inicialmente, listaremos também alguns dos médiuns citados pelo Codificador e por pesquisadores no capítulo “6. Estudiosos como outras fontes”: 1º) Elizabeth Singer Rowe ⁽³¹³⁾; 2º) Emanuel Swedenborg ⁽³¹⁴⁾; 3º) Yvonne A. Pereira ⁽³¹⁵⁾; 4º) Rev. George Vale Owen ⁽³¹⁶⁾; 5º) Andrew Jackson Davis ⁽³¹⁷⁾; 6º) Heigorina Cunha ⁽³¹⁸⁾; 7º) Vânia Arantes Damo ⁽³¹⁹⁾; 8º) Sadhu Sandar Singh ⁽³²⁰⁾; 9º) James Van Praagh ⁽³²¹⁾; 10º) Sylvia Browne ⁽³²²⁾; 11º) Joy Snell ⁽³²³⁾; 12º) E. B. Duffey ⁽³²⁴⁾ e 13º) Gladys Osborne Leonard ⁽³²⁵⁾

Em sua grande maioria são médiuns videntes ou tiveram visões específicas. Esse é um detalhe importantíssimo diante do que veremos nestas duas transcrições tomadas da *Revista Espírita*:

1º) ***Revista Espírita 1858***, mês de dezembro, artigo intitulado “Senhor Adrien, médium vidente”:

Toda pessoa que pode ver os Espíritos sem auxílio de terceiro é, por isso mesmo, médium

vidente; mas, em geral, as aparições são fortuitas, acidentais. Não conhecemos, ainda, ninguém apto a vê-los de modo permanente, e à vontade. É dessa notável faculdade que está dotado **o senhor Adrien**, um dos membros da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Ele **é, ao mesmo tempo, médium vidente, escrevente, audiente e sensitivo**. [...].

Uma nova faculdade acaba de se revelar nele, a da dupla vista; sem ser sonâmbulo, e embora esteja perfeitamente desperto, **vê à vontade, a uma distância ilimitada, mesmo além dos mares, o que se passa em uma localidade; vê as pessoas e o que elas fazem; descreve os lugares e os fatos com uma precisão cuja exatidão foi verificada**. Apressamo-nos em dizer que o senhor Adrien **não é um desses homens fracos e crédulos que se deixam ir pela imaginação**; ao contrário, é um homem de caráter muito frio, muito calmo, e que vê tudo isso com o mais absoluto sangue frio, não dizemos com indiferença, longe disso, porque ele toma suas faculdades a sério, e as considera como um dom da Providência, que lhe foi concedido para o bem, também não se serve deles senão para as coisas úteis, e jamais para satisfazer uma vã curiosidade. [...].

De todas suas faculdades como médium, a mais notável, e em nossa opinião a mais preciosa, **é a de médium vidente. Os Espíritos lhe aparecem sob a forma que descrevemos em nosso artigo precedente sobre as aparições; ele os vê com uma precisão da qual pode-se julgar pelos retratos**, que damos adiante, da viúva de Malabar e da Belle Cordière de Lyon. Mas, dir-se-á, o que

prova que ele vê bem e que não é o brinquedo de uma ilusão? O que o prova, é que quando uma pessoa, que ele não conhece, evoca por seu intermédio um parente, um amigo que ele jamais viu, e dele faz um retrato surpreendente de semelhança e que pudemos mesmo constatar; não há, pois, **para nós nenhuma dúvida sobre essa faculdade que ele goza no estado de vigília, e não como sonâmbulo.**

O que há de mais notável ainda, talvez, é que **não vê só os Espíritos evocados; ao mesmo tempo, vê todos aqueles que estão presentes, evocados ou não; ele os vê entrarem, saírem, irem, virem escutarem o que se diz, rirem ou levarem a sério,** segundo seu caráter; em uns há gravidade; em outros, um ar zombeteiro e sardônico; algumas vezes um deles avança até um dos assistentes, lhe coloca a mão sobre a espádua ou se coloca ao seu lado, alguns se mantêm afastado; em uma palavra, em toda reunião, há sempre uma assembleia oculta composta de Espíritos atraídos por sua simpatia pelas pessoas, e pelas coisas pelas quais se ocupem. Nas ruas vê uma multidão, porque além dos Espíritos familiares que acompanham seus protegidos, há ali, como entre nós, a massa dos indiferentes e dos vadios. Em sua casa, disse-nos, não está jamais só, e não se entedia nunca; tem sempre uma sociedade com a qual ele conversa.

Sua faculdade se estende não somente aos Espíritos dos mortos, mas aos dos vivos; quando vê uma pessoa, pode fazer abstração do corpo; então o Espírito lhe aparece como se estivesse separado dele, e pode conversar com ele: Em uma criança, por exemplo, pode ver o

Espírito que está encarnado nela, apreciar a sua natureza, e saber o que era antes de sua encarnação.

Essa faculdade, estendida a esse grau, nos inicia melhor, que todas as comunicações escritas, na natureza do mundo dos Espíritos; no-lo mostra tal qual é, e se não o vemos pelos nossos olhos, a descrição que dele nos dá fá-lo ver pelo pensamento; os Espíritos não são mais seres abstratos, são seres reais, que estão ali ao nosso lado, que nos acotovelam sem cessar, e como sabemos agora que seu contato pode ser material, compreendemos a causa de uma multidão de impressões que sentimos sem delas nos rendermos conta. [...]. ⁽³²⁶⁾

O trecho da transcrição que queremos chamar a sua atenção, caro leitor, é: ***“Essa faculdade, estendida a esse grau, nos inicia melhor, que todas as comunicações escritas, na natureza do mundo dos Espíritos; no-lo mostra tal qual é, e se não o vemos pelos nossos olhos, a descrição que dele nos dá fá-lo ver pelo pensamento”***.

2º) Em seu discurso, quando da passagem de Allan Kardec por Bordeaux, publicado na ***Revista Espírita 1861***, mês de novembro, o Dr. Bouché de Vitray disse o seguinte:

Certamente, se nesta solenidade, não temesse

abusar do emprego do tempo, **teria a citar numerosas comunicações de um interesse incontestável**; e, contudo, no meio desta atividade puramente intelectual acima de nossas relações incessantes com o mundo dos Espíritos, sobrepor dois fatos que me parecem, por exceção, protestar contra o mutismo absoluto. O primeiro está caracterizado por detalhes íntimos e tocantes que nos emocionaram até às lágrimas; o segundo, pela estranheza do fenômeno, pertencente à **mediunidade vidente, e constitui uma prova tão palpável que seria reduzir a negar a boa-fé dos médiuns se se quisesse negar a realidade do fato.** ⁽³²⁷⁾

Se isso em relação a determinado médium já tem validade imagine ao apresentarmos dezenas deles, cujas experiências mediúnicas dão conta de construções no mundo espiritual. Será que os que nada veem da outra dimensão é que estarão com a verdade com o que falam por “achismo”?

Em **O Livro dos Médiuns**, Segunda Parte, capítulo “VI - Manifestações visuais”, item 103, temos a seguinte consideração de Allan Kardec:

[...] **o Espiritismo, com o auxílio dos médiuns videntes, nos revelou o mundo dos Espíritos**, que, por sua vez, também constitui uma das forças ativas da Natureza. **Com a ajuda dos médiuns videntes, podemos estudar o mundo invisível e**

conhecer os seus hábitos, assim como um povo de cegos pode estudar o mundo visível, auxiliado por alguns homens que gozem da faculdade de ver. [...]. (328)

Assim, fica exposta a importância dos médiums videntes para nos informar sobre as coisas do mundo espiritual.

Na obra ***O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas***, o capítulo 3 intitulado “Joy Snell e a Missão dos Anjos”, trata-se da monografia que Ernesto Bozzano publicou em 1924, a respeito dessa médium. Ele não cita muita coisa dela, mas este seu comentário dá para termos uma tênue ideia da experiência da enfermeira inglesa **Joy Snell** (?-?), médium vidente:

Tratarei, finalmente, de um grupo de casos nos quais a vidente ter-se-ia transportado, espiritualmente, **às Esferas transcendentais mais próximas do nosso mundo, inclusive às Esferas de provações**. Concebe-se que, do ponto de vista científico, esses casos, por sua natureza incontrolável, não apresentam nenhum valor teórico, levando-se, porém, em consideração a descrição das **Esferas mais próximas ao nosso mundo ou mais exatamente as Esferas que recebem os espíritos que apenas acabam de chegar lá, as quais constituem uma reprodução**

espiritualizada do meio e da existência na Terra, o que se produziria a título de transição necessária entre o mundo da matéria e o mundo do espírito. Em outros termos, as condições de existência nessas Esferas seriam ao mesmo tempo reais e efêmeras, visto ser o **meio em questão determinado pela “projeção do pensamento” de entidades superiores para esse fim designadas**, enquanto que certa parte dependeria da “projeção do pensamento” dos espíritos que irão ali permanecer por tempo indeterminado. Tratar-se-ia, em última análise, de uma “ideoplastia” espiritual em regra, absolutamente igual à que se produz, em nosso mundo, sob a forma de “fotografia do pensamento” e do “pensamento organizador”, no início dos fenômenos de materialização.

Não obstante pareçam, à primeira vista, estranhas essas revelações sobre o meio ambiente espiritual, devo, em seu favor, acentuar um detalhe certamente interessante: é que, **se aplicarmos os processos da análise comparada aos numerosos casos desta espécie, como se produzem e sempre produziram entre todos os povos, verificamos, com surpresa, que todos os videntes que passaram por experiências desta natureza, assim como todos os médiuns que psicografaram revelações idênticas**, afirmaram e constantemente afirmam as mesmas coisas. Para citar somente os exemplos mais notáveis, ⁽³²⁹⁾ recordarei as experiências do famoso vidente norte-americano Andrew Jackson Davis, lembrarei a obra não menos famosa do Juiz Edmonds intitulada Spiritualism e constituída quase inteiramente de visualizações análogas tidas pelo próprio autor, recordarei as visões do Rev. William Stainton Moses e da Sra. Elisabeth d’Espérance,

os ditados mediúnicos obtidos pelo jornalista William Thomas Stead e o Rev. George Vale Owen.
(³³⁰)

Interessante é que, cerca de uns dez anos depois, o Espírito Maria João de Deus também se refere às esferas espirituais.

O primeiro médium a ser listado é **Elizabeth Singer Rowe**, cuja obra *Amizade depois da Morte*, citado pelo Codificador na *Revista Espírita 1868*, como vimos. Encontramos uma versão em inglês com o título ***Friendship in Death: in Twenty Letters from the Dead to the Living*** (1760) (³³¹) da qual transcrevemos os seguintes trechos:

Esta fragrante, esta encantadora terra de amor! Os deliciosos **vales** e **gramados** floridos; as sombras de murta e os recantos rosados; as brilhantes **cascatas** e os cristalinos **riachos** que guiam suas ondas silenciosas para amplos lagos transparentes, rapidamente forçando o caminho através de rochas arqueadas de diamante e ametista roxa. **Plantas** de verdor imortal rastejam pelas falésias cintilantes, e adornam o panorama com uma variedade indescritível. Ó, **minha Belville!** Poderia eu conduzi-la por entre luxuosos recantos e suaves recessos onde a natureza mantém seus festivais eternos, e se regozija com pura e inalterada liberdade. Tudo o que pode despertar o desejo, tudo o que pode dar prazer,

tudo o que pode satisfazer a alma em todas as suas infinitas capacidades de alegria, é encontrado aqui! Cada desejo é reabastecido com grandes goles de prazer vital, como aqueles que elevam as mentes angélicas, e satisfazem as faculdades mais nobres dos espíritos imortais. Ó, Belville, minha Almeria é tão superior a seu antigo eu aqui, quanto eu a considerava superior ao resto de seu sexo na terra. ⁽³³²⁾

A residência deles pode ser chamada apropriadamente de Encantada. Tudo o que você já ouviu nas fábulas sobre cenas de fadas, bosques cantantes e palácios que surgem ao som de encantos mágicos é real aqui, realizado pelas operações fáceis e naturais desses espíritos ativos. Vi, em um instante, **palácios** se erguerem a uma altura majestosa, **brilhantes como as estrelas e transparentes como o éter sem nuvens.** Eu poderia descrevê-los como o profeta cortesão: suas paredes eram de cores belas, sua fundação de safira, as janelas de ágata e os portões de carbúnculo. **Seus materiais aqui são todos reluzentes e refinados; não são, como no globo terrestre, escuros e pesados.** Eles são os mais exigentes juízes de simetria e proporção; e, **pela disposição de luz e sombra, e pela mistura de mil cores deslumbrantes, formam as perspectivas mais encantadoras.** Eles possuem tal domínio e conhecimento dos poderes da natureza que, em um instante, **levantam uma variedade de cenas silvestres, levando a perspectiva por avenidas verdes e caminhos floridos até uma extensão imensurável;** enquanto fontes vivas lançam seus jatos prateados e formam arcos cintilantes entre as árvores, de

crescimento e verdor indescritíveis. ⁽³³³⁾

Minha querida Emília, será impossível para mim lhe transmitir a inteligência que prometi das regiões invisíveis, a não ser que eu pudesse traduzir a linguagem dos imortais para a dos mortais; pois **aqui há mil belezas ainda não reveladas** e mil delícias que não têm nome entre a raça humana. Bebemos na fonte da felicidade e nos banhamos nos rios do prazer imortal; as horas alegres dançam ao longo do tempo, coroadas de amor e de êxtase indizível.

Você foi testemunha da minha agonia na morte; vi suas últimas lágrimas carinhosas e entreguei meu último suspiro em seus braços. Mas como a cena se transformou de repente, da escuridão e do horror de um leito de morte para os sorrisos e cantos dos anjos, que me conduziram às alturas etéreas! Mil deslumbrantes maravilhas se revelaram à minha vista; os céus, em todo o seu esplendor, desvelaram suas glórias; o paraíso de Deus se abriu diante de mim em todas as suas cenas felizes e arrebatadoras! Os **bosques** felizes estavam coroados com uma verdura que nunca murchava; os **rios** límpidos dançavam sobre areias douradas; os encantadores **jardins** exibiam seu orgulho sempre florescente e exalavam néctar divino; os **palácios** dos poderes celestiais se erguiam com uma magnificência sublime, brilhando além de todas as glórias dos céus inferiores e ressoando com a voz de festividade e alegria. ⁽³³⁴⁾

Onde você acabara de me fazer feliz e me recompensou com a completa fruição. O amor reina em triunfo eterno; aqui ele governa todo o coração e habita em toda língua.

Eles afinam suas **harpas** douradas para o grande nome que seguem, seu tema querido. Dez mil ecos através dos **campos** alegres repetem as melodias claras e doces. Os campos se alegram, os **bosques** fragrantos ao redor florescem novamente com seu som encantador. O céu dos céus, de deslumbrantes alturas acima, retorna o nome e saúda o poder do Amor. ⁽³³⁵⁾

Até os portões cintilantes da bem-aventurança, e com infinita angústia os encontrei fechados contra mim; e corri por meio do caos e das trevas primordiais (bem longe dos limites do dia celestial), **até alcançar minha morada destinada: uma região sombria, desolada e vasta**, da qual nenhum mortal pode formar uma concepção, nem encontrar um nome para metade de seus terrores.

Ó! Fugi dos caminhos que conduzem a esses tristes aposentos. Assim como fui, em meu estado mortal, o instrumento do inferno para seduzir você ao pecado, sua perdição agravaria imensamente minha própria miséria; e sou autorizado a adverti-lo, como o rico libertino no evangelho teria advertido seus irmãos, para que não chegue a este lugar de tormento. Não devo mais revelar os segredos do abismo; mas... ⁽³³⁶⁾

O nosso filho Felipe Lúcio da Silva Neto, que tem bom domínio da língua inglesa, foi quem identificou alguns trechos dessa obra ligados ao nosso tema e os traduziu. Aqui registramos o nosso agradecimento.

Essa obra foi a primeira que relata algo a respeito de moradias, paisagens bem semelhantes às que temos aqui na Terra. Antes esse “posto” estava ocupado por Emanuel Swedenborg. Como citaremos trechos da obra dele, ficará fácil perceber que algumas coisas serão comuns às obras desses dois autores.

Em ***História do Espiritismo*** (1926), Arthur Conan Doyle, cita dois médiuns.

1º) O sueco **Emanuel Swedenborg** (1688-1772); sua visão do mundo espiritual:

Verificou que o outro mundo, para onde vamos após a morte, consiste de várias esferas, representando outros tantos graus de luminosidade e de felicidade; cada um de nós irá para aquela a que se adapta a nossa condição espiritual. Somos julgados automaticamente, por uma lei espiritual das similitudes; o resultado é determinado pelo resultado global de nossa vida, de modo que a absolvição ou o arrependimento no leito de morte têm pouco proveito. Nessas esferas verificou que o cenário e as condições deste mundo eram reproduzidas fielmente, do mesmo modo que a estrutura da sociedade. **Viu casas onde viviam famílias, templos onde praticavam o culto, auditórios onde se reuniam para fins sociais, palácios onde deviam morar os chefes.**

(³³⁷)

Ao que nos parece, tudo isso pode ser encontrado na obra de Swedenborg intitulada **O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto**, cuja primeira edição foi publicada no ano de 1758. Vejamos se isso é procedente:

a) Capítulo: 4. O céu é distinto em dois reinos

20 Visto que **no céu há variedades infinitas e uma sociedade não é inteiramente semelhante à outra**, nem mesmo um anjo semelhante a outro ⁽³³⁸⁾, por isso **o céu se distingue no geral, na espécie e no particular. No geral, em dois reinos; na espécie, em três céus; e no particular, em inúmeras sociedades**. Tratar-se-á de cada um desses no que agora se segue. Diz-se “reino”, porque o céu é chamado “o reino de Deus”. ⁽³³⁹⁾

b) Capítulo: 6. Os céus consistem em inúmeras sociedades

43 **Todos, em uma só sociedade, são semelhantemente distintos entre si**: os que são **mais perfeitos**, isto é, os que excedem em bem, assim, em amor, sabedoria e inteligência, estão no meio; os que **excedem menos** estão em torno, a determinada distância segundo o grau em que diminui a perfeição. [...].

44 **Os semelhantes são levados aos semelhantes como por si mesmos, pois estão com os semelhantes como se estivessem com os seus e como se estivessem em casa**, mas,

com os outros, como se estivessem com estrangeiros e como se estivessem fora. Quando estão com os semelhantes, estão, também, em sua liberdade e, assim, em todo o prazer da vida. ⁽³⁴⁰⁾

50 Foi dito acima que **nos céus há sociedades maiores e menores**; as maiores consistem em miríades, as menores em alguns milhares e, as mínimas, em algumas centenas de anjos. Também **há alguns que habitam solitariamente, como por casas e casas, famílias e famílias**. Esses, ainda que vivam dispersamente, estão ainda ordenados de modo semelhante ao dos que estão nas sociedades, a saber, os mais sábios deles estão no meio e os mais simples nos limites. Esses estão mais perto do Divino auspício do SENHOR e são os melhores dos anjos. ⁽³⁴¹⁾

c) Capítulo: 20. Das vestimentas com que os anjos aparecem vestidos

177 **Como os anjos são homens e vivem entre si como vivem os homens nas terras, por isso têm vestimentas, casas e muitas coisas semelhantes, com a diferença, porém, que para eles todas as coisas são mais perfeitas, porque se acham num estado mais perfeito**. Pois, assim como a sabedoria angélica excede a sabedoria humana num grau tal que se diz inexplicável, assim também ocorre com todas as coisas que eles percebem e lhes aparecem, porque **todas as coisas que são percebidas pelos anjos e aparecem a eles correspondem à sua sabedoria** (veja-se acima, n. 173). ⁽³⁴²⁾

d) 21. Das habitações e moradias dos anjos

183 Uma vez que no céu há sociedades e lá eles vivem como homens, **por isso também há para eles habitações** e essas são também variadas segundo o estado da vida de cada um: **magníficas para os que estão em um estado mais digno e menos magníficas para os que estão em um estado inferior.** Falei, algumas vezes, com os anjos sobre as habitações no céu e lhes disse que hoje dificilmente alguém creia que eles têm habitações e moradias, **alguns porque não as veem**, outros porque não sabem que **os anjos são homens** e outros porque acreditam que o céu angélico é o céu que se vê à sua volta diante do olhos, o qual aparece vazio e, **como pensam que os anjos são formas etéreas, concluem que vivem no éter.** Além disso, **como nada sabem sobre o espiritual, não compreendem que no mundo espiritual haja coisas tais como as do mundo natural.** Os anjos disseram [...] que se pode saber, pela Palavra, que **os anjos são homens**, uma vez que, **quando foram vistos, foram vistos como homens;** semelhantemente com o SENHOR, que levou consigo todo o Seu Humano; e **como os anjos são homens, têm habitações e moradias. E ainda que sejam espíritos, não esvoaçam no ar nem são sopros, conforme a ignorância** – a que chamavam de insanidade – de alguns. E que poderiam compreender [...] em cada um há uma ideia geral de que **os anjos têm forma humana e têm domicílios a que chamam habitações do céu, que são magníficas mais do que as**

habitações da terra. Mas essa ideia geral, que vem do influxo do céu, é logo anulada quando posta sob a intuição e o pensamento quanto a se isso é assim, o que se dá principalmente entre os

eruditos, que, pela própria inteligência, fecharam para si o céu e, assim, o caminho da luz. Acontece de modo semelhante com a fé sobre a vida do homem após a morte. [...].

184 Mas é melhor citar de passagem algumas provas da experiência. **Todas as vezes que falei com os anjos face a face, eu estava com eles em suas habitações. Suas habitações são inteiramente como as habitações que na terra se chamam casas, porém mais belas. Nelas há um grande número de câmaras, salas e quartos; há átrios e, ao redor, jardins, bosques e campos.** Ali onde vivem consociados as habitações são contíguas, uma junto à outra, **dispostas em forma de cidades, com praças, ruas e mercados, inteiramente à semelhança das cidades em nossa terra. Foi-me concedido também percorrê-las, examiná-las em toda parte** e, às vezes, entrar nas casas. **Isso se deu em plena vigília**, quando a vista interior me tinha sido aberta ⁽³⁴³⁾. ⁽³⁴⁴⁾

190. **As casas em que os anjos habitam não são construídas como as casas no mundo**, mas lhes são dadas gratuitamente pelo SENHOR, a cada um segundo a recepção do bem e do vero. Elas também variam um pouco segundo as mudanças de estado de seus interiores (do que se tratou acima, ns. 154-160). Todas as coisas que os anjos possuem são consideradas como recebidas do SENHOR e tudo o de que têm necessidade lhes é dado. ⁽³⁴⁵⁾

e) 25. Do culto Divino no céu

221. O culto Divino nos céus não difere do culto

Divino nas terras quanto aos externos, mas difere quanto aos internos. Há igualmente para eles doutrinas, prédicas e templos. As doutrinas concordam quanto às coisas essenciais, mas nos céus superiores são de uma sabedoria mais interior que nos céus inferiores. As prédicas são segundo as doutrinas. **E assim como os anjos têm casas e palácios (ns. 183-190), também têm templos em que se fazem prédicas.** Que haja tais coisas nos céus, é porque os anjos são continuamente aperfeiçoados na sabedoria e no amor, pois têm, como os homens, entendimento e vontade e o entendimento é tal que pode ser continuamente aperfeiçoado, do mesmo modo que a vontade; o entendimento, pelos veros que são da inteligência e a vontade, pelos bens que são do amor. ⁽³⁴⁶⁾ ⁽³⁴⁷⁾

DO MUNDO DOS ESPÍRITOS

E do estado do homem depois da morte

f) Capítulo: 44. O que é o mundo dos espíritos

421 O mundo dos espíritos não é o céu nem o inferno, mas um lugar ou estado intermediário, entre um e outro, pois para ali vai primeiramente todo homem após a morte; em seguida, após certo tempo, ou é elevado ao céu ou é lançado no inferno, segundo a sua vida no mundo.

422 O mundo dos espíritos é um lugar intermediário entre o céu e o inferno e também um estado médio do homem após a morte. Que seja um lugar intermediário, é o que tornou-se-me evidente pelo fato de os infernos estarem abaixo e os céus acima. E que seja um estado

intermediário, pelo fato de que o homem, enquanto está ali, ainda não está no céu nem no inferno. O estado do céu no homem é a conjunção do bem e do vero nele e o estado do inferno é a conjunção nele do mal e do falso. [...] Essa conjunção se faz no mundo dos espíritos, visto que, então, o homem está no estado intermediário. É a mesma coisa dizer conjunção do entendimento e da vontade ou dizer conjunção do vero e do bem. ⁽³⁴⁸⁾

426 **No mundo dos espíritos há um imenso número, porque ali é a primeira reunião de todos e ali todos são examinados e preparados. Não existe um termo fixo para a permanência deles ali;** alguns somente ali entram e são logo ou tomados ao céu ou lançados no inferno; outros permanecem ali somente algumas semanas; outros, muitos anos, mas não além de trinta. [...]. ⁽³⁴⁹⁾

g) Capítulo: 45. Cada homem é um espírito quanto aos seus interiores

441 No que concerne ao segundo caso, **ser levado pelo espírito a um outro lugar**, foi-me mostrado por viva experiência o que isso é e de que modo se faz, mas isso somente duas ou três vezes. Quero referir só uma experiência. Andando pelas praças da cidade e pelos campos enquanto também falava com espíritos, eu não sabia outra coisa senão que estava em vigília; e vendo, como em outras ocasiões, eu andava, assim, sem erro. **E enquanto estava em visão, via lugares, rios, palácios, casas, homens e muitas outras coisas.** Mas, depois de ter assim andando durante horas, vi-me subitamente na visão do corpo e

descobri que estava em outro lugar, o que me fez ficar muito espantado. **Percebi que estivera no estado daqueles que dizem terem sido arrebatados pelo espírito a um outro lugar**, pois, quando se está aí, não se reflete sobre o caminho, ainda que tenha sido de muitas milhas, nem se reflete sobre o tempo, ainda que tenha sido de muitas horas ou dias, tampouco se sente fadiga alguma. Também se é conduzido, então, por caminhos que se ignora, até o lugar designado, sem erro. ⁽³⁵⁰⁾

h) 50. Os prazeres da vida de cada um são mudados depois da morte em correspondência

489 Mas os prazeres da vida daqueles que, no mundo, viveram no amor celeste se mudam em correspondências como as que estão nos céus, as quais existem pelo Sol do céu e pela luz daí, luz que apresenta à vista coisas que em si encerram Divinos. **Os objetos que daí aparecem afetam os interiores que são das mentes dos anjos** e, ao mesmo tempo, os exteriores que são de seus corpos. E como a Divina luz, que é o Divino vero procedente do SENHOR, influi nas suas mentes, que se acham abertas pelo amor celeste, por isso apresenta nos externos objetos tais que correspondem aos prazeres de seu amor. Que as coisas que aparecem à vista nos céus correspondam aos interiores dos anjos ou às coisas que são da fé e do amor e, assim, de sua inteligência e sabedoria, [...] quero também referir alguma coisa a respeito dos prazeres celestes em que se mudam os prazeres naturais naqueles que, no mundo, viveram no amor celeste. Os que amaram os Divinos veros e a Palavra por uma

afeição interior ou pela afeição do vero mesmo, **esses, na outra vida, habitam na luz, em lugares elevados que aparecem como montanhas** e, ali, estão continuamente na luz. **Não sabem o que são as trevas** como as que se conhecem no mundo e também vivem na estação da primavera. À sua vista se apresentam como que campos e searas, como também vinhas. **Em suas casas, cada coisa brilha como se [fosse] de pedras preciosas.** A sua vista, através das janelas, é como de puros Cristais. Essas coisas são os prazeres de sua visão, mas essas mesmas coisas são prazeres interiores pelas correspondências com os Divinos celestes, pois os veros da Palavra correspondem às searas, vinhas, pedras preciosas, janelas e cristais. [...] **Os que amaram as ciências**, cultivaram meio delas, adquiriram para si inteligência e, ao mesmo tempo, o Divino, sua delícia nas ciências e o seu prazer racional reconheceram se mudam na outra vida em prazer espiritual, que é o dos conhecimentos do bem e do vero. **Habitam em hortos, onde aparecem canteiros e jardins distintos em áreas de uma forma bela e rodeados por ordens de árvores com pórticos e alamedas. As árvores e as flores variam diariamente;** o aspecto de tudo, no geral, apresenta prazeres às suas mentes e as variedades, no particular, os renovam continuamente. [...] Os que atribuíram todas as coisas ao Divino, consideraram a natureza como relativamente morta, somente servindo às espirituais e se confirmaram nisso, esses estão na luz celeste; todas as coisas que aparecem diante dos seus olhos tiram dessa luz a sua translucidez e, nessa translucidez, veem inumeráveis variações da luz que sua vista interna imediatamente

absorve, por assim dizer. Daí sentem prazeres interiores. **As coisas que aparecem em suas casas são como que adamantinas**, nas quais há semelhantes variações. Foi dito que **as paredes de suas casas são como que cristalinas e também translúcidas**; nelas aparecem, como fluindo, formas representativas das coisas celestes, também com variedade perpétua e removidas da sombra proveniente da fé e do amor natural, porque tal translucidez corresponde ao entendimento iluminado pelo SENHOR. São dessas coisas e de outras, infinitas, que falam aqueles que estiveram no céu dizendo que viram coisas que nenhum olho viu e, pela percepção dos Divinos comunicada através delas, que ouviram coisas que nenhum ouvido ouviu. [6]. [...]. ⁽³⁵¹⁾

i) 51. Do primeiro estado do homem após a morte

495 Visto que **a vida dos espíritos recém-chegados não é diferente da sua vida no mundo natural** e como não sabem coisa alguma sobre o estado de sua vida após a morte, nem coisa alguma sobre o céu e o inferno além das que aprenderam do sentido da letra da Palavra e pela pregação daí, por isso, [...] **são instruídos pelos amigos a respeito do estado da vida eterna** e, também, conduzidos a vários lugares e a várias companhias; **alguns são conduzidos a cidades e também a jardins e paraísos, magníficos na maior parte**, porquanto esses objetos deleitam os externos em que estão. São, às vezes, então repostos em seus pensamentos que tiveram na vida do corpo a respeito do estado de suas almas após a morte e a respeito do céu e do inferno, e isso até à indignação por terem ignorado

completamente esses fatos e também porque a igreja o ignora. [...] E, quando são instruídos, não compreendem que pensar e querer faça alguma coisa, mas somente o falar e o agir. Assim é a maioria dos que vêm do mundo cristão à outra vida. ⁽³⁵²⁾

j) 53. Do terceiro estado do homem após a morte, que é o estado de instrução dos que vêm para o céu

513 As instruções são feitas pelos anjos de muitas sociedades, principalmente por aqueles que estão nas regiões setentrionais e meridionais, pois essas sociedades angélicas estão na inteligência e na sabedoria pelos conhecimentos do bem e do vero. **Os locais de instrução** ficam ao norte e são variados, ordenados e distintos segundo os gêneros e as espécies dos bens celestes, **para que ali todos e cada um sejam instruídos segundo sua índole e sua faculdade de receber. Esses locais**, ali, se estendem ao redor, a uma grande distância. **Para lá são levados pelo SENHOR os bons espíritos que devem ser instruídos, após terem passado o seu segundo estado no mundo espíritos**, mas nem todos, pois os que foram instruídos no mundo aí também foram preparados pelo SENHOR para o céu e são levados ao céu por outro caminho; alguns o são logo após a morte, outros após uma breve convivência com bons espíritos, **quando são removidas as coisas mais grosseiras de seus pensamentos e afeições que contraíram pelas honras e riquezas no mundo e são, assim, purificados**. Alguns são antes vastados, o que se faz em lugares que, sob a planta dos pés, chamam-se terra inferior, onde alguns sofrem

severamente. Esses são aqueles que se tinham confirmado nos falsos e, todavia, viveram a vida do bem, pois os falsos confirmados se aderem gravemente e, antes de serem dissipados, os espíritos não podem ver os veros, assim, não os recebem. [...]. ⁽³⁵³⁾.

514 Todos os que se acham nos lugares de instrução habitam distintamente entre si, porque cada um deles está ligado às sociedades do céu a que deverão ir. Por isso, uma vez que as sociedades do céu foram ordenadas segundo a forma celeste (veja-se acima, n. 200-212), assim também **os lugares onde se dão as instruções.** Assim, quando esses lugares são vistos do céu, ali aparece algo como um céu na menor forma. **Os lugares** se estendem ali, em comprimento, do oriente ao ocidente, e em largura, do meio-dia [sul] ao norte; mas, em aparência, a largura é menor que o comprimento. As ordenações são, em geral, assim: à frente estão os que morreram criança e foram educados no céu desde a primeira idade da adolescência; são aqueles que, após o estado de sua infância com as educadoras, são levados para ali pelo SENHOR e instruídos. **Depois desses há os lugares onde são instruídos os que morreram adultos e que, no mundo, estiveram na afeição do vero pelo bem da vida.** Depois desses, porém, estão os que foram filiados à religião maometana e viveram uma vida moral no mundo, reconhecendo um só Divino e o SENHOR como o Profeta mesmo. [...] Depois deles, mais para o norte, estão **os lugares de instrução de vários povos pagãos** que, no mundo, viveram a vida do bem conforme sua religião, adquiriram daí uma espécie de consciência e praticaram o que é justo e reto não

tanto por causa das leis de seus governos, mas por causa das leis da religião, que eles julgaram que deviam observar santamente e não violar de modo algum pelos atos. [...]. ⁽³⁵⁴⁾

k) 61. Da aparência, da situação e da pluralidade dos infernos

582 **No mundo espiritual**, ou no mundo onde estão os espíritos e anjos, **aparecem coisas semelhantes às que estão no mundo natural, ou onde estão os homens. São tão semelhantes que não há diferença alguma quanto ao aspecto externo.** Ali aparecem planícies, montes, colinas, rochedos e, entre esses, vales; além disso, há também águas e muitas outras coisas que há sobre a terra. **Mas todas são, contudo, de uma origem espiritual;** por causa disso, aparecem diante dos olhos dos espíritos e dos anjos e não diante dos olhos dos homens, porque os homens estão no mundo natural. Os espirituais veem os objetos que são de origem espiritual e os naturais veem os que são de origem natural. Por isso o homem não pode, com seus olhos, ver as coisas que estão no mundo espiritual a não ser que lhe seja concedido estar em espírito e a não ser após a morte, quando se torna espírito. [...] Uma vez que **tal é a semelhança entre o mundo espiritual e o mundo natural, por isso o homem, após a morte, mal sabe outra coisa senão que está no mundo onde nasceu e do qual saiu.** Essa é, também, a causa porque a morte é tida somente como uma passagem de um mundo a um outro semelhante. (Que haja tal semelhança entre um e outro mundos, veja-se acima, onde se tratou dos representativos e das aparências no céu, n.

170-176). ⁽³⁵⁵⁾

Temos aqui um bom retrato da obra de Emanuel Swedenborg que fala das coisas do plano espiritual. É claro que na sua linguagem devemos relevar o colorido teólogo de suas revelações.

Antes de passar para o próximo médium, vejamos o que dois destacados estudiosos e renomados espíritas disseram sobre Emanuel Swedenborg, uma vez que há questionamentos quanto a seus relatos do mundo espiritual:

I – José Herculano Pires, na obra ***O Espírito e o Tempo***, diz o seguinte:

[...] a doutrina de Emmanuel Swedenborg. Uma verdadeira nebulosa doutrina, em que os elementos em fusão nos aturdem, mas de cujo **seio partem os primeiros raios, nítidos e incisivos, de uma nova concepção da vida e do mundo.** ⁽³⁵⁶⁾

O que faz Swedenborg um precursor doutrinário do Espiritismo é a sua posição em face do mundo espiritual, que ele considera de maneira quase positiva. Após a morte, os homens vão para esse mundo, e não são julgados por tribunais, mas por uma lei que determina as condições em que **passarão a viver, em planos superiores ou inferiores, nas diferentes**

“esferas” da espiritualidade. Anjos e demônios nada mais eram, para ele, do que seres humanos desencarnados, em diferentes fases de evolução. **Suas descrições do mundo espiritual assemelham-se bastante às que encontramos nas comunicações dadas a Kardec ou recebidas atualmente pelos nossos médiuns.** O Inferno não era lugar de castigo eterno, mas plano inferior, de que os espíritos podiam subir para os mais elevados, purificando-se. A Terra, um mundo de depuração espiritual. ⁽³⁵⁷⁾

II - Hermínio C. Miranda (1910-2013), em ***Swedenborg, Uma Análise Crítica***, teceu estas considerações:

Para resumir e concluir, entendo que Emanuel Swedenborg deve ser, com justiça, considerado um precursor na divulgação dos *fenômenos* que constituem objeto do Espiritismo. **Foi quem primeiro discorreu com autoridade sobre as condições de vida no mundo póstumo, levando muitas pessoas à consoladora convicção na sobrevivência do ser à morte corporal.** Também demonstrou com suficiente credibilidade, a viabilidade do intercâmbio com os seres encarnados, ainda que ele próprio não tenha tirado disso o desejável proveito. Suas observações acerca do *limbo* (equivalente ao perispírito, na terminologia kardequiana) são pertinentes e pioneiras.

Quanto aos aspectos *doutrinários* do Espiritismo, contudo, suas especulações são

inaceitáveis e nada têm a ver com a lúcida Doutrina dos Espíritos, com a qual se choca frontalmente em aspectos relevantes como a questão fundamental das vidas sucessivas.

Sobre as questões teológicas que, a rigor, não dizem respeito especificamente ao Espiritismo, mas às instituições dogmáticas tradicionais, suas observações apresentam-se eivadas de fantasias, suposições, dogmas e teorias que não resistem a uma análise crítica, mesmo elementar. ⁽³⁵⁸⁾ (itálico do original)

Essa análise crítica de Hermínio Miranda é bem oportuna, porquanto, evocado por Allan Kardec, o Espírito Swedenborg manifesta-se e confessa ter equivocado em alguns pontos, conforme se poderá ver na **Revista Espírita 1859**, em sua comunicação datada de 23 de janeiro de 1859, da qual destacamos este seguimento:

[...] Eu preguei o Espiritismo há um século, e tive inimigos de todos os gêneros; tive também adeptos fervorosos; isso sustentou a minha coragem. Minha moral Espírita, e **minha doutrina, não deixam de ter grandes erros, que hoje reconheço**. Assim, **as penas não são eternas**; eu o vejo: Deus é muito justo e muito bom para punir eternamente a criatura que não tem bastante força para resistir às suas paixões. **É o que digo igualmente do mundo dos Anjos, que se prega nos templos, não era senão uma ilusão de**

meus sentidos: eu acreditei vê-lo; estava de boa-fé e o disse; mas eu me enganei. Vós estais, vós, num melhor caminho, porque estais mais esclarecidos do que se estava em minha época. Continuai, mas sede prudentes para que os vossos inimigos não tenham armas muito fortes. Vedes o terreno que ganhais cada dia, coragem, pois! porque o futuro vos está assegurado. O que vos dá a força, é que falais em nome da razão. Tendes perguntas a me dirigir? Eu vos responderei.

Swedenborg.

Do diálogo a questão que nos interessa é esta:

7. O princípio da vossa doutrina repousa sobre **as correspondências**. Credes sempre nessas relações que encontráveis entre cada coisa material e cada coisa do mundo moral? – R. Não; é uma ficção. ⁽³⁵⁹⁾

Vejamos esta explicação de Allan Kardec:

Um dos pontos fundamentais da doutrina de Swedenborg repousa sobre o que ele chama as correspondências. Segundo ele, o mundo espiritual e o mundo natural estão ligados entre si, como o interior e o exterior, e **disso resulta que as coisas espirituais e as coisas naturais fazem uma só**, por influxo, e que há, entre elas, correspondência. Eis o princípio; mas o que se deve entender por essa correspondência e esse influxo, é o difícil de compreender. ⁽³⁶⁰⁾

Seria oportuno, que também pudéssemos transcrever do artigo intitulado “Swedenborg”, publicado na **Revista Espírita 1859**, no mês de novembro:

Ele cometeu um erro, muito perdoável, tendo em vista sua inexperiência com as coisas do mundo oculto, que foi aceitar muito cegamente tudo o que lhe era ditado, sem o submeter ao controle severo da razão. Se tivesse pesado maduramente o pró e o contra, teria reconhecido princípios inconciliáveis com uma lógica ainda pouco rigorosa. Hoje, provavelmente, não cairia na mesma falta; porque teria os meios para julgar e apreciar o valor das comunicações de além-túmulo; saberia que é um campo onde nem todas as ervas são boas para colher, e que entre umas e outras o bom senso, que não nos foi dado por nada, deve saber escolher. A qualidade que se atribuiu o Espírito que se lhe manifestou, bastaria para colocá-lo em guarda, sobretudo considerando a trivialidade de seu início. **O que ele mesmo não fez, cabe a nós fazê-lo agora, não tomando em seus escritos senão o que é racional;** seus próprios erros devem ser um ensinamento para os médiuns muito crédulos, que certos Espíritos procuram fascinar lisonjeando a sua vaidade, ou seus preconceitos, por uma linguagem pomposa ou de enganosas aparências. ⁽³⁶¹⁾

A doutrina de Swedenborg fez numerosos prosélitos em Londres, na Holanda, e mesmo em Paris, onde deu nascimento à Sociedade da qual falamos em nosso número do mês de outubro, a

dos Martinistas, dos Teósofos, etc. Se ela não foi aceita por todos, em todas as suas consequências, teve sempre por resultado propagar a crença na possibilidade de se comunicar com os seres de além-túmulo, crença muito antiga, como se sabe, mas até esse dia escondida do público pelas práticas misteriosas da qual estava cercada. **O mérito incontestável de Swedenborg, seu profundo saber, sua alta reputação de sabedoria, foram de um grande peso na propagação dessas ideias, que hoje se popularizam mais e mais, por isso mesmo crescem abertamente, e que longe de procurarem a sombra do mistério, elas apelam à razão. Apesar de seus erros de sistema, Swedenborg não é menos uma dessas grandes figuras, cuja lembrança ficará ligada à história do Espiritismo, do qual foi um dos primeiros e dos zelosos promotores.** ⁽³⁶²⁾

Portanto, Allan Kardec não condenou de todo as revelações de Emanuel Swedenborg, como vemos alguns confrades o fazerem, o Codificador lhe reconhece a posição de destaque na história do Espiritismo.

Ademais, em ***Catálogo Racional: Obras Para se Fundar uma Biblioteca Espírita***, a obra *Amizade após a Morte* (A), de Elizabeth Singer Rowe, Allan Kardec faz citação ao nome de Swedenborg, fato corrobora essa nossa percepção:

Amizade após a Morte (A), contendo cartas dos mortos aos vivos, pela senhora ROWE. Traduzido da 5ª edição em inglês e publicado em Amsterdã em 1753.

Obra muito rara hoje em dia, contendo comunicações de pessoas falecidas, de acordo com a Doutrina Espírita, que poderiam ter sido escritas por médiuns de nossos dias. **É preciso notar que essa obra precedeu Swedenborg em cerca de 30 anos e que está, mais que este último, de acordo com as ideias atuais** (*Revista Espírita* de novembro de 1868, pág. 327). ⁽³⁶³⁾

Entendemos que Allan Kardec considerou válidas algumas coisas na obra de Emanuel Swedenborg, porém deixa o teor dela em nível mais baixo do que o da obra de Elizabeth Singer Rowe.

2º) **Andrew Jackson Davis** (1826-1910), natural de Nova Iorque, EUA:

Em suas visões espirituais, Davis [...] **Viu uma vida semelhante à da Terra, uma vida que pode ser chamada semimaterial, com prazeres e objetivos adequados à nossa natureza, que de modo algum se havia transformado pela morte.** Viu estudo para os estudiosos, tarefas geniais para os enérgicos, arte para os artistas, beleza para os amantes da Natureza, repouso para os cansados. Viu fases graduadas da vida espiritual, através das quais lentamente se sobe para o sublime e para o celestial. [...]. ⁽³⁶⁴⁾

Na obra **A Crise da Morte** (1930), o Caso VIII citado por Ernesto Bozzano se refere à própria médium **Sra. E. B. Duffey** (1838-1898). Dele destacamos o seguinte trecho:

[...] Mas onde estavam os espíritos de tantos entes queridos que antes de mim tinham ultrapassado a fronteira da morte? Esperava vê-los acorrer para me dar as boas-vindas no portal da morada celeste, para me servir de conselheiros e guias. O isolamento em que me encontrava não me causava preocupação, e muito menos me assustava, mas eu sentia um quê de desilusão e de desorientamento penoso. De qualquer forma, tal estado de ânimo durou um instante, pois, **assim que formulei na mente esses pensamentos**, vi dissolver-se e desaparecer o cômodo em que me encontrava e tudo o que nele estava contido, e **me vi, não sei como, no meio de uma espécie de enorme campo ondulado. A beleza da paisagem era indescritível. A da Terra é bela, e eu sempre senti intensamente a sua beleza, mas a celeste é muito mais... É maravilhosa...** Eu caminhava, mas de forma tão estranha! Os meus pés não tocavam o solo. Deslizavam sobre ele, assim como acontece nos sonhos... [...].⁽³⁶⁵⁾

As descrições “numa espécie de vasta planície” e “meus pés não tocavam o solo” apontam para a existência de uma paisagem celeste bem semelhante à terrena.

Da obra **Minha Vida em Dois Mundos** (1931), de autoria da médium **Gladys Osborne Leonard** (1882-1968), cujo prefácio foi assinado por Sir Oliver Lodge, ressaltamos os seguintes trechos:

a) Capítulo “III – O vale feliz”

OUTRA COISA de natureza completamente espiritual e psíquica me estava sendo dada nessa época.

Toda manhã, logo depois de acordar, mesmo enquanto me vestia ou tomava meu café da manhã, **eu tinha visões dos mais belos lugares**. Em qualquer direção que ocorria de eu estar olhando, o ponto de vista físico de parede, porta, teto, ou o que quer que fosse, desaparecia, e em seu lugar, gradativamente, vinham vales, encostas suaves, árvores encantadoras e bancos cobertos com flores de todas as formas e matizes. A cena parecia se estender por muitos quilômetros, e **eu estava consciente de que eu podia ver muito além do que era possível com a paisagem física normal ao meu redor**. A parte mais fascinante para mim foi a repousante, verde e aveludada grama que cobria o chão do vale e das montanhas. **Passeando, normalmente casais e, às vezes em grupos, eram pessoas que pareciam estar radiantes de felicidade**. Elas vestiam graciosas capas esvoaçantes, a maior parte, mas cada movimento, gesto e expressão sugeriam um modo indefinível e ainda positivo: um estado de profunda felicidade, um estado de êxtase tranquilo. Eu me lembro de pensar comigo mesma: “Como eles são diferentes, como são diferentes das pessoas "daqui

de baixo”, como elas são cheias de amor e de luz e paz. Não existe medo, ou dúvida, ou mistério terrível. “Tudo parecia muito expressivo sobre a Vida e a Alegria de estar de alguma forma relacionadas ao estado insatisfatório em que eu mentalmente vivia.”

“Aquele lugar”, eu respondi, apontando para a parede da sala de jantar, que estava nua, exceto por um par de armas penduradas nela.

“Sobre o que você está falando?” Meu pai perguntou.

Eu tentei explicar, o que trouxe toda a família e as domésticas em volta de mim em um grande estado de ansiedade e aborrecimento.

A princípio, eles pensaram que eu estava “inventando”, mas como **eu estava tão persistente, e descrevia muitas das visões tão minuciosamente, eles foram forçados à conclusão de que havia algo nela – algo que não estava de acordo com a sua forma convencional de ver as coisas.** Eu fui severamente proibida de ver ou olhar para o Vale Feliz de novo!

Você deve entender que a minha família era muito ortodoxa em suas crenças. **Eles acreditavam em um céu de harpas e coroas,** mantido especialmente para aqueles que se abstiveram de “sondagem” em coisas que nunca foram feitas para entender. ⁽³⁶⁶⁾

b) Capítulo “XX – Eu tenho uma aventura extraordinária”

Isso não me intrigou muito na época, pois eu

pensei, “Eu, sem dúvida, vi Philip e Gertrude em espírito, e como foi que eu os tinha visto nesta sala, que estava aparentemente no plano da Terra.” Esta dúvida foi esclarecida para mim por Philip numa sessão mais tarde, **quando ele me informou que sua casa, no Mundo Espiritual era simplesmente uma cópia do que ele tinha deixado para trás no plano terrestre** e da qual ele esteve tão apaixonado, **mas ela, é claro, era composta de material astral**. Ele me contou que Gertrude ainda veio e brincou e cantou para ele, assim como ela costumava fazer, não só as músicas antigas, mas as novas também.

Uma ou duas semanas depois, eu saí do meu corpo novamente, mas desta vez eu não tinha o menor nervoso. Eu vi Philip em pé perto da minha cama, como se estivesse esperando para me levar a algum lugar. Perdi novamente por alguns momentos o poder do pensamento consciente, **até que eu, de repente, me vi de pé em um jardim mais bonito à beira de um pequeno bosque**. Philip e eu caminhávamos juntos, e ele apontava vários lugares bonitos para mim, em particular, **um amplo riacho debaixo de uma ponte rústica e encantadora**. Ele me disse: “Esta é como a minha casa no plano terrestre.” (Isso foi antes de vê-la.) “Isto que você vê **é o meu lar espiritual**, onde eu estou esperando o meu pai e minha mãe. Somente esses terrenos estão em uma escala maior e mais bonitos.” ⁽³⁶⁷⁾

c) Capítulo “XXI – Deixo meu corpo físico novamente”

Poucas semanas depois de sua morte, eu estava passando o fim de semana com os amigos

perto de Harrow. Na tarde de domingo, minha anfitriã insistiu para que eu fosse para o meu quarto e me deitasse para descansar. Eu me preparava para cochilar. Em vez disso, comecei a me sentir bem acordada, mas senti a mesma sensação de deixar meu corpo como eu descrevi antes. De repente, eu me vi de pé em um jardim muito bonito, repleto de todo o tipo de flor. Um pouco mais à esquerda havia uma casa.

Olhando em volta, eu sabia que fui autorizada a visitar o Mundo Espiritual novamente.

Enquanto **eu estava no jardim**, notei que perto de mim do lado direito havia uma longa madeira derramada. Eu caminhei. **O lugar parecia uma pequena obra de engenharia**. De repente, **um homem saiu rapidamente da sala ao lado**, e para minha alegria, reconheci o coronel Halifax. ⁽³⁶⁸⁾

d) Capítulo “XXII – Sobre a parede e o que parece”

Como a Terra é parecida com esse Outro Mundo! Pelo menos, essa parte dele que eu vejo quando visito os diferentes amigos que já desencarnaram. **Parece haver casas, jardins, prados, bosques**, lagos, mas nunca vi o que eu chamaria de uma cidade industrial, uma cidade com mina de carvão, ou qualquer coisa que se aproxime a isso, pelo menos, não no plano em que eu vi normalmente, ou no cotidiano das pessoas como o coronel Halifax e os meus outros amigos.

Que existem outras condições além **desta terceira esfera**, como é chamada, eu estou bem ciente. Eu nunca fui para as mais altas, ou se fui, eu não lembro quando volto para minha condição física novamente. **Nós, provavelmente, muitas**

vezes visitamos a “terceira esfera” durante o sono, mas podemos esquecer ao despertar. Sem dúvida, assim como existe o mundo físico, ou condição, existe o mundo espiritual ou etéreo, ou condição. Temos o corpo físico, que é tangível e visível para a visão de outras pessoas, e também temos os nossos corpos espirituais ou etéreos que são invisíveis aos olhos físicos, mas são claramente visíveis para a visão de outros corpos etéreos, se esses corpos são ocupados por almas que deixaram temporariamente suas condições físicas, durante uma visita ao mundo espiritual, ou se eles “desencarnaram” e **levaram até o que só podemos chamar de residência permanente por lá.**

Claro que, neste livro, **estou lhe falando de pessoas, lugares e coisas que eu já vi, e lembrei-me.** Outras pessoas podem “ver” de forma diferente, ou, talvez, é que nos lembramos de forma diferente ao acordar? Ao mesmo tempo, encontramos, na comparação de notas, que há um, surpreendentemente, grande número de pessoas que veem e lembram-se do mesmo tipo de coisa enquanto viajam no mundo etéreo. Tive uma comprovação muito grande de outros de muitas das cenas que presenciei dessa forma. (Até agora eu falei sobre os lugares felizes e as pessoas que eu já vi; na verdade, impressiona-se com a felicidade que emana das pessoas que reencontram aqueles que amavam).

Percebe-se, a partir de tudo o que os nossos amigos desencarnados nos dizem, que há muito para eles fazerem por lá. Não é um lugar de ociosidade. Parece que todas as formas de beleza são reproduzidas lá. Os músicos ainda criam belos

sons, a cantora canta, o artista pinta, e, sem dúvida, o jardineiro entusiasmado recebe uma boa oportunidade lá, e **nós fomos informados de que aqueles que têm um dom para o desenho e construção de casas agradáveis realizam lá, para o benefício de quem desencarna e não desenvolveu a capacidade, ou o gosto, para fazer o seu próprio.** Não há “pinos quadrados em buracos redondos” no plano. (Se eles estão em uma situação em que não se enquadram.) [...]. ⁽³⁶⁹⁾

É mais uma experiência pessoal que devemos levar em conta, somando-a as outras que citamos.

O médium **Chico Xavier** no mês de julho de 1967, data em que completava 40 anos de mediunidade concede uma entrevista ao Dr. Jarbas Leone Varanda, conforme informação de Elias Barbosa (1934-2011) autor do livro ***No Mundo de Chico Xavier***, no capítulo “Chico Xavier e o Dr. Jarbas Leone Varanda”, da qual ressaltamos:

3 – Qual foi o acontecimento que mais o alegrou na seara espírita até o dia de hoje?

– Tenho tido sempre muitas alegrias em minha vida mediúnica, principalmente na recepção dos livros de nossos Instrutores do Alto, no entanto, assinalo, como sendo uma das mais belas surpresas da minha vida de médium, **a saída de meu corpo físico, durante algumas horas, em julho de 1943, na companhia de nosso amigo**

desencarnado, André Luiz, a fim de conhecer uma faixa suburbana de “Nosso Lar”, a cidade que ele descreve no primeiro livro que ele escreveu, por meu intermédio, providência essa que Emmanuel permitiu fosse tomada para que eu não prejudicasse a psicografia de André Luiz, cujas narrações eram para mim inteiramente novas. (370)

Corroborando essa história temos, no livro **Anuário Espírita 1969**, a informação de que em 06 de maio de 1968, Chico Xavier dá uma entrevista ao repórter Saulo Gomes, do então Canal 4 - TV Tupi, de São Paulo, da qual destacamos o seguinte trecho:

P. – O espírito de André Luiz descreveu experiências de sua vida na condição de desencarnado, numa cidade espiritual em seu livro, exatamente este que aqui está, traduzido para o Japonês (“Nosso Lar”). Como médium o senhor pode atestar cidade como esta, fora do plano terrestre?

R. – *Eu não posso transferir a minha certeza àqueles que me ouvem, mas, posso dizer que, em 1943, quando o espírito André Luiz começou a escrever por nosso intermédio senti grande estranheza com o que ele ditava e escrevia. Certa noite, tomadas as providências necessárias, segundo a orientação de Emmanuel, ele próprio e André Luiz me levaram a determinada parte, a determinado bairro na cidade de “Nosso Lar”. Posso dizer que fui em desdobramento espiritual na chamada zona hospitalar da*

cidade. Foi para mim uma excursão espiritual inesquecível, como se eu desfrutasse os favores de um espírito liberto. Mas, eu preciso explicar aos telespectadores, que fui em função de serviço, naturalmente, assim como um animal – no tempo em que não tínhamos automóvel, locomotiva e avião – um animal que servia a professores para determinados tipos de viagem. Vi muita coisa maravilhosa sem compreender tudo ou entender muito pouco, porque fui em função de serviço, não por mérito. (371) (itálico do original)

Até onde temos conhecimento o médium Chico Xavier jamais mentiu, daí, por força da ética, somos impelidos a aceitar seu depoimento como verdadeiro.

E, finalmente, vamos ainda citar o livro ***Lições de Sabedoria: Chico Xavier nos 23 Anos da Folha Espírita***, o seguinte trecho de uma fala do médium ocorrida em setembro de 1976:

Devo informar à “Folha Espírita” que antes de psicografarmos o livro “Nosso Lar”, de nosso amigo André Luiz, a nossa ideia sobre qualquer cidade em outros planetas se fixava em quadros que seriam absolutamente iguais aos do nosso Plano Físico, na Terra. Quando os amigos espirituais se reportavam a cidades em outros mundos, não possuía, de minha parte, outros padrões comparativos se não os que identificava neste mundo mesmo. Entretanto, em 1943, quando iniciei

*a psicografia dos livros de André Luiz, **passsei a reconhecer que a matéria se caracterizava por diferentes gradações e compreendi que, em torno de paisagens cósmicas, sejam elas quais sejam, podem existir cidades e vida comunitária, em condições que nos escapam, por enquanto, ao conhecimento condicionado de espíritos temporariamente encarnados na existência física.*** ⁽³⁷²⁾ (itálico do original)

Eis aí a fantástica linha de raciocínio de Chico Xavier, que, a nosso ver, derruba os argumentos contrários a existência de construções no mundo espiritual.

Eis aí o nosso primeiro “peixinho vermelho” dos personagens que aqui, neste tópico, mencionamos. Daqui a pouco, caro leitor, você entenderá porque estamos fazendo essa relação.

Yvonne A. Pereira, que é o segundo médium na condição de “peixinho vermelho”, porquanto, na sua atividade mediúnica, foi levada ao mundo espiritual, tendo, portanto, uma visão que, nós outros, sem um desenvolvimento maior da faculdade de emancipação da alma, comumente denominada de desdobramento, não conseguimos perceber.

De seu livro **Memórias de Um Suicida**, sobre o qual Yvonne Pereira disse: “*E assim escrevi*

‘Memórias de um Suicida’, em 1926, só publicado, em primeira edição, 30 anos depois, isto é, em princípios de 1956.”⁽³⁷³⁾, transcrevemos este trecho em que se menciona o Espírito Camilo Castelo Branco, usando o pseudônimo de Camilo Cândido Botelho:

[...] Daí em diante, ora em sessões normalmente organizadas, ora em reuniões íntimas, levadas a efeito em domicílios particulares, ou no silêncio do meu aposento, altas horas da noite, dava-me apontamentos, noticiário periódico, escrito ou verbal, ensaios literários, verdadeira reportagem relativa a casos de suicídio e suas tristes consequências no Além-Túmulo, na época verdadeiramente atordoadores para mim. Porém, **muito mais frequentemente, arrebatava-me, ele e outros amigos e protetores espirituais, do cárcere corpóreo**, a fim de, por essa forma cômoda e eficiente, ampliar ditados e experiências. Então, **meu Espírito alçava ao convívio do mundo invisível e as mensagens já não eram escritas, mas narradas, mostradas, exibidas à minha faculdade mediúnica** para que, ao despertar, maior facilidade eu encontrasse para compreender aquele que, por mercê inestimável do Céu, me pudesse auxiliar a descrevê-las, pois eu não era escritora para fazer por mim mesma! **Estas páginas, portanto, rigorosamente, não foram psicografadas, pois eu via e ouvia nitidamente as cenas aqui descritas, observava as personagens, os locais, com clareza e certeza absolutas, como se os visitasse e a**

tudo estivesse presente e não como se apenas obtivesse notícias através de simples narrativas. [...]. ⁽³⁷⁴⁾

Heigorina Cunha (1923-2013), é outra médium em que o mundo espiritual lhe descortinou, abrindo-se o véu a seus olhos, conforme esse seu relato constante de ***Cidade no Além***:

[...] no dia 2 de março de 1979, quando vivi a mais fascinante experiência de minha vida. **Vi-me saindo do corpo, conduzida por um Espírito que não pude identificar, seguindo para uma cidade espiritual que depois soube tratar-se da cidade “Nosso Lar”**, da qual André Luiz, no livro que leva o mesmo nome traça-lhe um perfil magnífico e esclarecedor.

Via a cidade com alguns detalhes, guardando, ao despertar, toda a recordação da experiência daquela noite maravilhosa, quando o Espírito que me acompanhava convidou-me a regressar à Terra.

Não podia perder a visão de tão belo acontecimento e, assim, resolvi desenhar, retratando o que me foi possível conhecer naquela rápida visita. ⁽³⁷⁵⁾

Aquilo tudo que ela viu está registrado na sua obra *Cidade no Além*. Certamente, aqui temos mais um “peixinho vermelho”.

No livro ***Moradas Espirituais: Visitas a Vinte Colônias***, de autoria da médium **Vânia Arantes Damo**, explica-se a origem da obra, dessa forma:

De 1988 a março de 2006 eram realizadas no Centro Espírita Luz da Verdade, em Palmelo, Goiás, reuniões de intercâmbio espiritual, nas quais o espírito Joanhina Darque e sua equipe, por meio do nome do espírito e data do desencarne, localizavam-no no plano espiritual, e traziam notícias aos familiares terrenos. Nessas notícias, era comum o espírito relatar em que Colônia ele se encontrava.

Os familiares encarnados começaram, então, a indagar onde ficavam essas Colônias, no espaço.

José Válter do Nascimento, que coordena o início das reuniões na coleta dos dados necessários, e que acompanha as pessoas durante a atividade mediúnica, passou a ser questionado nesse sentido, a respeito das Colônias.

Pediui, então, ao espírito Joanhina Darque, em oportunidade apresentada, para falar alguma coisa a respeito dessas Colônias tantas vezes mencionadas nas psicografias.

Ela disse que estudaria a possibilidade e voltaria, em breve, com uma resposta.

Após quinze dias manifestou-se de forma favorável, dizendo que **as informações não seriam trazidas de lá para cá pelos espíritos e, sim, que a médium Vânia Arantes Damo seria levada até algumas Colônias em**

desdobramento onírico, ou seja, por meio de sonhos, anotaria suas impressões, as quais, depois passariam pela aprovação do plano espiritual encarregado desse trabalho.

As visitas aconteceriam a cada quinze dias.

Seriam visitadas vinte Colônias e obedeceriam a uma classificação de primeira, segunda, etc., de acordo com a manifestação de cada uma, autorizando a visita.

Pelo que pudemos entender, Joanhina Darque lançou um “Edital”, solicitando a possibilidade e pedindo a devida autorização às Colônias para que as visitas acontecessem. E, à medida que a direção de cada Colônia foi-se manifestando favoravelmente, as visitas iniciaram-se e estenderam-se por um período de nove meses: de 28 de junho de 2001 a 21 de março de 2002. ⁽³⁷⁶⁾

Temos, então, experiência em que a médium, um outro “peixinho vermelho”, foi levada a visitar vinte Colônias espirituais, das quais escreveu a descrição de cada uma delas, o que foi, posteriormente, revisto pelo Espírito Joanhina Darque. Várias questões lhe foram dirigidas, que fazemos questão de mencionar algumas delas, com as suas respectivas respostas:

6) – *Onde fica o Umbral?*

R.: Existem, entre uma Colônia e outra, as chamadas regiões umbralinas.

7) – *Como o espírito é levado a uma determinada Colônia?*

R.: Por afinidade própria adquirida antes do último reencarne. Pode ser a pedido de algum espírito familiar ou encaminhado pela equipe espiritual que o socorreu.

10 – *A que altura as Colônias Espirituais estão em relação à Terra?*

R.: Umhas estão localizadas tão próximas da Crosta da Terra, que até se intercalam ao mundo material. Outras, um pouco mais acima, e outras, mais acima ainda, sem fugirem da força de atração magnética do Planeta.

19) – *Como é a produção de alimentos e vestuário nas Colônias Espirituais?*

R.: Nas Colônias mais próximas da Crosta, as técnicas e os processos usados são muito parecidos com os utilizados na Terra, até se confundindo com eles. Nas Colônias mais afastadas, os processos de produção vão sofrendo modificações, de acordo com as necessidades evolutivas.

Para tudo se usa o fluido universal e a força do pensamento. ⁽³⁷⁷⁾

Segue-se a descrição de cada uma das vinte colônias visitadas pela médium, incluindo sua localização, cujos nomes são: Colônia das Águas, Colônia Amigos na Dor, Colônia da Praia, Colônia das Flores, Colônia Nova Esperança, Colônia Morada do

Sol, Colônia Raios do Amanhecer, Colônia Regeneração, Colônia do Sol Nascente, Colônia Redenção, Colônia das Montanhas, Colônia Bom Retiro, Colônia Padre Chico, Colônia Do Moscoso, Colônia do Rouxinol, Colônia das Violetas, Colônia Gramado, Colônia do Abacateiro, Colônia Estudo e Vida e Colônia Arco-Íris.

Encontramos alguns médiuns não vinculados ao Espiritismo, são fontes importantes que não poderemos deixar de citar.

Em **Visões do Mundo Espiritual**, vamos encontrar o relato de várias visões do indiano Sadhu Sundar Singh. Foi educado no hinduísmo, mas tornou-se um cristão, estimamos que isso ocorreu ao final do ano de 1905. A razão de o tomarmos como médium está neste segmento do Prefácio da obra, que leva a sua assinatura:

[...] quando estou **orando ou meditando**, às vezes até oito ou dez vezes em um mês, **meus olhos espirituais estão abertos** para ver dentro dos céus e, por uma ou duas horas, eu **ando na glória da esfera celestial com Cristo Jesus, e mantenho conversas com anjos e espíritos**. [...].

(³⁷⁸)

Vamos transcrever alguns trechos de sua obra, mas devemos levar em conta que são provenientes de pessoa ligada muito provavelmente ao catolicismo:

a) Capítulo “3: O mundo dos Espíritos”

Ali, por todos os lados, havia um ambiente maravilhoso e alegre, e inumeráveis almas de homens estavam lá, as quais no mundo haviam suportado todo tipo de sofrimento por causa de Cristo, e no final haviam sido elevados para este glorioso local de honra. **Tudo em volta era incomparável e extremamente belas montanhas, nascentes e paisagens, e nos jardins havia abundância de todos os tipos de doces frutas e flores belas.** Tudo o que o coração poderia desejar estava lá. Então ele disse a sua mãe: **“No mundo, que é o reflexo opaco deste mundo real,** nossos queridos estão sofrendo sobre nós, mas diga-me, isto é morte, ou a real vida pela qual todo coração anseia?”⁽³⁷⁹⁾

Merece destaque *“no mundo [material], que é reflexo opaco deste mundo real [espiritual]”*, bem semelhante ao que Mesmer afirmou⁽³⁸⁰⁾.

b) Capítulo “6: o estado dos justos e seu glorioso fim”

Em todas as partes do céu há jardins

magníficos, que em todo o tempo produzem toda variedade de frutas doces e deliciosas, e todos tipos de flores de doce aroma que nunca murcham. Neles criaturas de todo tipo louvam a Deus incessantemente. **Pássaros, bonitos em tonalidade**, levantam suas doces canções de louvor, e tal é o doce canto dos anjos e santos que, ao ouvir suas canções, experimenta-se uma maravilhosa sensação de arrebatamento. Onde quer que se olhe, não há nada além de cenas de alegria ilimitada. [...]. ⁽³⁸¹⁾

Então eu vi esse homem de Deus examinando a mansão que lhe foi designada a uma grande distância, pois **no céu todas as coisas são espirituais**, e o olho espiritual pode ver através de todas as coisas intervenientes, e para distâncias imensuráveis. Através de toda a imensidão do céu, o amor de Deus é manifesto, e em toda parte dele, todos os tipos das Suas criaturas podem ser vistas O louvando e agradecendo em um estado de alegria sem fim. Quando este homem de Deus, em companhia dos anjos, **chegou à porta de sua mansão designada**, ele viu escrito nela em letras brilhantes a palavra “Bem-vindo”, e das próprias letras “Bem-vindo, Bem-vindo” em som audível se repetia e repetia novamente. Quando **ele entrou em sua casa**, para sua surpresa encontrou o Senhor ali diante dele. Com isso, sua alegria foi mais do que possamos descrever, e ele exclamou: “Eu deixei a presença do Senhor e vim aqui ao seu comando, mas acho que o próprio Senhor está aqui para morar comigo.” **Na mansão estava tudo o que sua imaginação poderia ter concebido**, e cada um estava pronto para servi-lo. **Na vizinhança;**

casas de santos, com a mesma mente que ele mesmo, viviam em feliz comunhão. Pois esta **casa celestial** é o reino que foi preparado para os santos desde a fundação do mundo (Mateus 25:34), e este é o glorioso futuro que aguarda todo verdadeiro seguidor de Cristo. ⁽³⁸²⁾

Não há **no céu** nem leste nem oeste, nem norte nem sul, mas, para cada alma ou anjo individualmente, o trono de Cristo aparece como o centro de todas as coisas.

Lá também são encontrados todos os tipos de doces e deliciosas flores e frutas, e muitos tipos de alimento espiritual. Enquanto os comem, um sabor e prazer requintados são experimentados, mas depois de terem sido assimilados, uma delicada fragrância, que perfuma o ar ao redor, exala dos poros do corpo. ⁽³⁸³⁾

Nesses trechos encontramos referências a: jardins, flores, frutas, pássaros, residências (mansões). Fala-se também que são encontrados todos os tipos de doces e deliciosas flores e frutas, e muitos tipos de alimento espiritual.

Ao final, Sadhu Sundar Singh, explica:

Os anjos também conversaram comigo sobre muitos outros assuntos, mas é impossível registrá-los, porque, não somente não existe no mundo nenhuma linguagem, nem analogia, através da qual eu pudesse expressar

o significado daquelas profundas verdades espirituais, mas também eles não queriam que eu tentasse, pois ninguém sem experiência espiritual pode entendê-las, então, nesse caso, existe o medo de que, em vez de serem uma ajuda, sejam para muitos uma causa de incompreensão e erro. [...]. ⁽³⁸⁴⁾

Nada diferente do que encontramos em obras da codificação espírita, basta um pouco de boa vontade para se enxergar isso.

Na obra ***Espíritos Entre Nós***, do médium norte-americano **James Van Praagh**, escritor e produtor de televisão, encontramos trechos que vêm confirmar tudo quanto estamos vendo em outros autores. Vejamos alguns trechos do capítulo 5, intitulado “O Mundo dos Espíritos”:

Já me perguntaram inúmeras vezes: “Onde fica o mundo dos espíritos?” Infelizmente, não há uma resposta simples para essa questão. Para compreender onde fica o mundo espiritual, devemos mudar nosso modo de pensar. **O mundo espiritual não é um local geográfico, não é algo que possa ser encontrado em um mapa.** O mundo espiritual é, na verdade, um estado de ser energético.

O Universo é feito de ondas eletromagnéticas. Nós talvez não estejamos fisicamente conscientes dessas energias, mas sabemos que elas existem

porque vemos imagens na televisão, ouvimos vozes no celular e ingerimos alimentos preparados no forno de micro-ondas. Essas ondas são precisamente sintonizadas em uma determinada frequência para que possam funcionar da maneira adequada.

Assim como as ondas eletromagnéticas do universo físico, **o mundo espiritual é formado por milhares, talvez milhões de dimensões energéticas, e cada uma tem sua própria vibração.** Essas vibrações se sobrepõem umas às outras, e assim, penetram no nosso mundo físico. Assim como a internet, as dimensões espirituais podem interagir com pessoas do mundo inteiro sem que ninguém tenha que sair da privacidade de seu lar. Talvez não tenhamos consciência da multiplicidade de vibrações que nos cercam, mas elas existem mesmo assim. Infelizmente, a maior parte das pessoas não tem capacidade de entrar em sintonia com essas vibrações sem passar por algum tipo de treinamento.

As dimensões espirituais são semelhantes à mensagem que existe na Bíblia, em João 14:3: “Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito.” Acredito que essas “moradas” a que o evangelista se refere são as várias dimensões espirituais. **Como médium, tenho a capacidade de penetrar nessas dimensões, aumentando minhas vibrações para atingir frequências mais altas.** Assim, posso ser um canal entre o plano mais baixo do mundo físico e as vibrações mais rápidas do mundo espiritual invisível. Todos nós podemos ser canais se nos esforçarmos para isso. Uma das maneiras mais rápidas de aumentar essas vibrações é por meio

da meditação.

Dimensões espirituais

Há muitos anos, **tive a honra de conhecer Mark Macy, cientista e pesquisador muito dedicado** que, assim como eu, estava interessado em apresentar provas detalhadas de que existe vida após a morte. Até hoje grande parte de seu trabalho não foi analisada com a devida atenção. Macy estava na vanguarda das investigações sobre os diversos meios pelos quais um espírito pode se comunicar com os vivos. Ele estava envolvido com a World Instrumental Trans-Communication (Transcomunicação Instrumental Mundial), uma organização de pesquisadores que utilizava diversas tecnologias, como rádio, televisão e computadores, para fomentar mensagens e comunicação com o mundo espiritual. **Estudei o trabalho de Macy por muitos anos e acredito que grande parte das informações que ele coletou se parece muito com as descrições espirituais que recebi através de meu próprio trabalho psíquico.**

[...].

Quando abandonamos nosso corpo físico no momento da morte, entramos em uma dimensão de sintonia muito fina. Como já disse no capítulo anterior, **a experiência de entrar no mundo espiritual é diferente de pessoa para pessoa**, dependendo do sistema de crenças de cada uma, do nível de conhecimento e do grau de evolução espiritual. **À medida que passamos pelos planos astrais inferiores e nos movemos para as dimensões superiores, as experiências se tornam ainda mais rarefeitas.** Pensamentos e

sentimentos têm sua intensidade amplificada. Espíritos viajam através de várias dimensões até atingirem aquelas que coincidem com seu nível de compreensão.

[...] No entanto, **nas dimensões espirituais, gravitamos em direção a uma mentalidade semelhante à nossa e à de outros que têm os mesmos pontos de vista e se encontram no mesmo nível de evolução.** O lugar onde vamos parar depois da morte é criado por nós mesmos, por meio de nossos pensamentos, palavras e atos e pela maneira como vivemos na Terra. Se seguimos o caminho de uma determinada religião, por exemplo, ficamos junto com outros que compartilham a mesma crença.

[...].

O plano astral inferior

Quando uma pessoa se desfaz de seu corpo físico no momento da morte, o fio de prata que antes ligava o corpo etéreo ao físico é rompido. O que resta é uma exata réplica do corpo físico, porém mais leve e vibrante.

A primeira dimensão além do reino físico é o plano astral inferior, que vibra muito próximo ao domínio terreno e se localiza entre a Terra e as esferas mais elevadas. É o primeiro com que os espíritos se deparam e onde geralmente ficam pouco tempo. Muitos espíritos já comunicaram que esse nível é cinzento, e pouco iluminado.

No plano astral inferior, tudo o que se pensa é visto e ouvido com muita clareza. **Os espíritos não podem esconder seus próprios pensamentos como os humanos fazem.** Na verdade, o plano astral inferior é tão intenso sob o ponto de vista

mental que amplifica todos os pensamentos e emoções. Com frequência **eu me refiro a esse plano como nossa lata de lixo mental e emocional**. Quando os espíritos decidem permanecer no plano astral inferior, eles se transformam em criações coletivas de determinados aspectos dos humanos que estão ligados de modo obsessivo a emoções não resolvidas e frequentemente negativas, como raiva, depressão, desespero, solidão, culpa, vício, crueldade e ódio. O plano astral inferior é deprimente porque os espíritos parecem se alimentar da negatividade associada a essa criação coletiva. É como se os espíritos estivessem presos a uma mentalidade muito arraigada. Devido ao fato de os pensamentos permanecerem conosco em nossa jornada, nossos pontos de vista também ficam. Crenças, gostos, desgostos e julgamentos continuam como eram antes. Não há milagres ou revelações totais quando morremos.

[...] **Além de o plano astral inferior ser formado por nossos próprios pensamentos e emoções negativas coletivas, nós também o alimentamos continuamente com nossa negatividade**. Isso inclui formas de lazer negativas. Filmes violentos, programas de televisão e música que exageram os medos e comportamentos cruéis das pessoas podem parecer excitantes, mas só servem para exacerbar o comportamento mais primitivo da nossa sociedade. Os criadores dessas imagens negativas podem estar sob a influência de espíritos do plano astral mais baixo. Tudo é energia, e energias negativas, como medo, raiva e ódio, ficam registradas no plano astral inferior. Como em um círculo vicioso, essas formas de pensamento

retornam como assombrações durante anos e anos, reforçando o medo e o ódio.

[...].

As dimensões astrais mais elevadas

Do mesmo modo que há uma progressão natural da vida na Terra, também existe uma progressão natural da vida após a morte. À medida que um espírito expande sua consciência e se desenvolve, ele passa de um plano existencial para outro. Nessa progressão, vai se tornando menos interessado nas questões terrenas e menos preocupado com elas.

Muitos espíritos ingressam na luz das dimensões espirituais mais elevadas e chegam a um lugar que costumo chamar de Terra do Verão. Essa dimensão é quase tão real quanto a Terra. É um mundo de edifícios e casas incríveis, com cores incompreensíveis para mentes terrenas. Muitos espíritos nesses reinos relatam que as casas em que moram parecem exatamente iguais às casas da Terra, exceto pelo fato de serem absolutamente perfeitas. Eles frequentemente relatam que cada casa é localizada em um terreno absolutamente proporcional ao tamanho da casa. Em outras palavras, não existe crescimento urbano exagerado. **Quando pensamos na nossa casa perfeita na Terra, inconscientemente criamos o lar que corresponde a ela no nível astral mais elevado. Assistentes espirituais no plano mais alto da dimensão astral ajudam a dar formas a essas residências por meio da combinação dos nossos pensamentos com os poderes mentais deles.** Quando chegamos ao céu, nosso novo lar

já nos espera, em sintonia perfeita com nossa individualidade.

Além dessas casas, as dimensões mais elevadas também incluem prédios maiores, como salas de concerto, museus e bibliotecas. Nossos sonhos e desejos podem se tornar realidade no plano astral. As maiores obras da humanidade são criadas primeiramente no plano astral mais elevado. Muitos cientistas espirituais trabalham juntos nesse domínio, concentrando suas energias para que novas ideias sejam filtradas até atingir as mentes humanas.

A dimensão astral mais elevada também é um lugar de inspiração divina, pois está livre de desejos terrenos e de conflitos. Os espíritos dessas dimensões se reúnem por amor, para expandir seus horizontes mentais e espirituais. É um estado de ser em que mentes brilhantes concebem incríveis criações artísticas. Qualquer coisa capaz de fazer o coração se alegrar está localizada aqui.

E, finalmente: **espíritos localizados nas dimensões mais elevadas podem visitar outros localizados nas dimensões inferiores, mas estes não podem subir até as dimensões mais elevadas** enquanto suas almas não estiverem prontas. Espíritos altamente evoluídos têm consciência do que acontece no nível físico e com frequência visitam a família e os amigos na Terra, para ajudá-los ou protegê-los. ⁽³⁸⁵⁾

Não devemos desprezar as experiências dos médiuns, especialmente, quando elas atestam o que encontramos em outros médiuns e como resultado

de pesquisas. E aqui, repetiremos a frase que dissemos no início: *“Cuidado para não se jogar a água da bacia fora, com a criança dentro”*.

Temos mais uma fonte que é a médium vidente **Sylvia Browne**, de formação católica-judaica-luterana-episcopal, nascida em Kansas City, Missouri, EUA, autora do livro ***O Outro Lado da Vida***. Falando que a “morte” é a volta ao Lar, explica:

O Lar, ao contrário de um monte de mitos e desenhos em cartões de boas-festas, é muito mais complexo e magnífico do que simplesmente um mar sem fim de nuvens brancas e fofas e céu azul. **O Outro Lado é uma infinidade espantosa de montanhas, oceanos, amplos jardins, florestas – todas as maravilhas da natureza que existem aqui**, com a beleza amplificada centenas de vezes. **A paisagem é pontuada de edifícios de variedades e desenhos esplêndidos – arquitetura grega e romana clássica para os templos, salas de concerto, pátios, arenas de esportes e outros locais de reunião pública – e casas projetadas para atender à preferência pessoal de cada entidade**, de forma que uma imponente mansão vitoriana pode ser vizinha de uma simples cabana de troncos.

Os animais, entre as mais perfeitas criações de Deus, também estão vivos no Outro Lado. (Para ser sincera, se não estivessem, eu acho que não teria o menor interesse em ir para lá.) Todos os animais que existem na Terra existem do Outro

Lado, sem medo ou agressão, e são adequadamente tratados e respeitados por serem espíritos puros, inocentes e sem malícia.

É provável que você fique tão aliviado quanto eu ao saber que as entidades do Outro Lado não passam o tempo todo deitadas tocando harpa. Isso pode ser bastante agradável por cinco ou dez minutos, de vez em quando, mas por toda a eternidade? Na verdade, os residentes do Outro Lado apresentam-se constantemente ativos e animados. Francamente, é ridículo da nossa parte falar deles como “mortos”. Seria ótimo se estivéssemos “mortos” como eles. **Todos estudam, trabalham e pesquisam – por escolha própria, devo acrescentar, e com grande satisfação.** Eles têm uma vida social fulgurante, cheia de festas, música, dança, eventos esportivos, desfiles de moda e palestras, enfim, todas as opções possíveis para todas as preferências possíveis. Todas as artes, ofícios, *hobbies* e atividades externas que há na Terra existem lá, levadas ao extremo mais estimulante. Palavras como aborrecimento, solidão e tédio não fazem parte do vocabulário local.

Ainda mais fascinante é saber que as entidades do Outro Lado também criam de tudo, de invenções e curas médicas a grandes avanços nas artes, na música, na filosofia e na ciência. Essas criações são transmitidas através de telepatia sutil para aqueles na Terra que têm as técnicas, as ferramentas e a dedicação para torná-las realidade. Se alguma vez você se perguntou por que as grandes ideias humanitárias parecem ocorrer quase que simultaneamente a pessoas isoladas em lados opostos do mundo, agora você

sabe – o Outro Lado gosta de garantir que suas melhores contribuições receberão a máxima atenção aqui. Isso não tira nem um pouco do crédito das pessoas brilhantes entre nós que realizam esses avanços. As entidades do Outro Lado precisam de mãos e ouvidos talentosos e dispostos para realizar seu trabalho, tão certamente quanto nós precisamos de sua divina inspiração. ⁽³⁸⁶⁾

Confirma tudo quanto estamos vendo em outras fontes. O mais curioso na obra de Sylvia Browne é que até mesmo é usado um termo que nós espíritas conhecemos muito:

A importância disso me foi revelada numa experiência que tive enquanto escrevia este livro. Não sou adepta da projeção astral. Não costumo deixar meu espírito viajar por aí sem o meu corpo, mas uma noite, **através da projeção astral, cheguei ao que minha Guia Espiritual me explicou mais tarde ser o Umbral.**

Eu estava cercada por pessoas que tinham morrido. Elas não me disseram uma palavra, mas eu podia perceber seu profundo desespero. O ar pesava com a tristeza, e as pessoas, cuja idade variava do início da adolescência até a velhice, arrastavam os pés ao andar e mantinham os olhos baixos, de forma que até a linguagem corporal transmitia a falta de esperança.

Além da área em que nos encontrávamos, **vi uma enorme escuridão que sinceramente me**

aterrorizou, fazendo com que eu quisesse me afastar dela. Foi aí que percebi que tinha entrado pela porta da esquerda do Outro Lado e que **aquela escuridão estava cheia de entidades negras** prestes a retornar para a Terra num útero.

Também percebi que as pessoas com quem eu estava ainda **tinham o livre-arbítrio para escolher. Elas podiam seguir para a escuridão ou passar pela porta da direita para a luz de Deus do Outro Lado. Elas não estavam presas naquele Umbral, estavam esperando até fazer a escolha.**

Elas não tinham perdido a fé, mas se sentiam absolutamente confusas e desamparadas. Por puro instinto, comecei a me aproximar de uma por uma, implorando: “Por favor, diga que ama a Deus. Por favor, diga que tem esperança. Acredite em Deus e você poderá sair daqui.” Elas continuaram silenciosas, sem mesmo erguer os olhos tristes para mim. Fui ficando cada vez mais fraca com o desespero que comecei a absorver delas antes de finalmente sair dali.

No dia seguinte exigi que Francine, minha Guia Espiritual, me explicasse por que nunca tinha me contado sobre o Umbral. Ela disse o mesmo que afirma nessas situações: “Se você não fizer a pergunta, não vou lhe dar a resposta.” Odeio quando ela faz isso.

Mas Francine também me contou que eu tinha conseguido tocar dois espíritos entre os milhares que se encontravam ali. Dois deles tinham deixado o Umbral e atravessado, a porta da direita para a luz do Outro Lado depois que eu fui embora.

Desde aquela noite incluí aqueles espíritos

tristes e perdidos do Umbral nas minhas preces. Espero que você faça o mesmo. Se eles não conseguem reunir a fé necessária para chegar em segurança ao Outro Lado, o mínimo que nós, entidades brancas, podemos fazer é ajudá-los com a nossa fé.

Suicídio

Mesmo que nenhum daqueles espíritos tivesse falado comigo, **eu “sabia” por que alguns deles estavam no Umbral**, e Francine confirmou a razão. Por isso, quero esclarecer alguns fatos sobre a confusa e trágica questão de dar fim à própria vida.

Eu aprendi na infância que “as pessoas que cometem suicídio vão para o inferno”. Ponto final. Caso encerrado.

Isso não é verdade. E posso acrescentar que é uma mentira feia, cruel e geradora da culpa que sentem os entes queridos das vítimas de suicídio. Vou repetir mais uma vez, não existe “inferno” e se existisse, Deus não condenaria um dos Seus filhos a uma eternidade nele, de jeito nenhum. Embora, de modo geral, o suicídio seja uma quebra de contrato com Deus e com nossos próprios espíritos, já que ninguém escreveu “suicídio” em seu projeto, existem exceções. Portanto, como sempre, não temos nada que ficar fazendo julgamentos genéricos como esse.

Os que foram levados ao suicídio por uma doença mental ou física extrema têm tanta chance quanto nós de irem para a luz e serem acolhidos do Outro Lado.

Os suicidas movidos pela desesperança e pela angústia extrema, agora eu sei, vão para o

Umbral. De fato, as pessoas que tiveram uma experiência de quase morte durante uma tentativa fracassada de suicídio por desespero descrevem que se viram, em um lugar de tristeza avassaladora, não em uma completa escuridão, mas como se estivessem “fora da luz”. **Estavam cercadas pelo silêncio, ou então receberam o deboche e o escárnio de outros espíritos ao redor delas, sem encontrar compaixão em lugar algum. Este é certamente o Umbral.** Mas isso significa que elas ainda podem escolher juntar-se às entidades negras na escuridão ou seguir rumo ao amor incondicional de Deus através da porta da direita do Outro lado. Mas uma vez, nossas orações podem ajudá-las muito. ⁽³⁸⁷⁾

Sylvia Browne é mais outra importante fonte fora do meio espírita e, também, fora do Brasil, que está confirmando estes pontos que abordamos neste estudo.

Encerramos este capítulo trazendo para reflexão esta frase: *“A afirmação daquele que viu vale a negação daquele que não viu.”* (Auguste Bez)

9. Em estados de emancipação da alma

Esta explicação para o fenômeno foi tomada de um material produzido pela FEB:

Nas ocorrências de emancipação da alma o Espírito se desprende parcialmente do corpo físico, torna-se mais livre, mais independente ou mais emancipado, e, por si, presencia ou participa de acontecimentos em ambas as dimensões da vida, e então consegue entrar em contato com Espíritos, encarnados e/ou desencarnados. ⁽³⁸⁸⁾

São duas as situações de emancipação da alma em que surgem relatos de construções do mundo espiritual: nas EQMs - Experiência de quase morte e nas EFC - Experiência fora do corpo ou PC - Projeção da Consciência.

9.1 Nas EQMs encontramos referências a essas construções

Somando-se ao nosso conjunto de provas, traremos três pesquisas relacionadas às EQMs (Experiência de Quase Morte), que confirmam essas

descrições do mundo espiritual:

1ª) **Dr. Raymond A. Moody Jr.**, médico psiquiatra e pesquisador consagrado das EQMs (Experiência de Quase Morte), com sua obra ***Reflexões Sobre a Vida Depois da Vida***, na qual consta o item “Cidades de Luz”, dentro do Capítulo “Novos Elementos”, de onde transcrevemos:

Declarei em *Vida depois da vida* não ter encontrado um único caso em que fosse descrito um “céu” – pelo menos sob a forma de alguma apresentação tradicional de tal lugar. Entretanto, desde então tenho conversado com **inúmeros indivíduos que falam, com notável consistência**, de terem visto relances de outros campos de existência que bem poderiam ser chamados de “celestiais”. **Julgo interessante a ocorrência, em diversos desses relatos, de uma mesma expressão: “uma cidade de luz”**. Neste, e em vários outros aspectos, as imagens com as quais são descritas as cenas parecem lembrar trechos da Bíblia. ⁽³⁸⁹⁾

Por oportuno, citaremos um trecho de um dos depoimentos relatados na obra, em que uma mulher descreve sua experiência:

“À distância... pude avistar uma cidade. Prédios... prédios separados uns dos outros.

Eram polidos, brilhantes. As pessoas eram felizes ali. Água límpida, que refletia a luz, repuxos... creio que o melhor meio de descrever seria dizer 'uma cidade de luz'... Esplendorosa. Tudo brilhava, uma maravilha... Mas se eu entrasse nela, creio que jamais teria voltado... Disseram-me que, se eu entrasse ali, não poderia regressar... que a opção era exclusivamente minha." ⁽³⁹⁰⁾

Acreditamos que as "Cidades de Luz", que estão aparecendo nas pesquisas do Dr. Moody Jr., são uma confirmação irrefutável de tudo quanto foi dito aqui nesse estudo.

2ª) **Bill e Judy Guggenheim** autores da obra ***Um Alô do Céu: Um Vasto Campo de Pesquisa, Comunicação Pós-morte, Confirma a Vida e o Amor São Eternos***, onde relatam o resultado de suas pesquisas com 2000 pessoas, entre homens, mulheres e crianças.

Algumas pessoas que tiveram uma experiência de quase-morte demorada ou que exploraram o **Além** durante algumas experiências fora do corpo relatam que este **é composto por um número ilimitado de graduações sutis de nível**. Aparentemente, se estende dos **reinos mais altos, brilhantes e celestiais, repletos de amor e luz, passando pelos níveis médio, mais cinzentos ou escuros, até os mundos inferiores,**

praticamente desprovidos de luz, amor ou calor emocional.

Esses reinos podem ser entendidos como níveis de consciência ou níveis de amor, ou seja, o “cenário” exterior correspondente à consciência espiritual ou à habilidade de amar por parte dos habitantes locais. Aqueles que amam realmente a Deus e buscam servir ao próximo, habitam os níveis mais altos e claros, repletos de beleza indescritível, enquanto os outros que são egoístas e autocentrados se condenam, ao menos temporariamente, às regiões baixas e escuras.

[...].

Como é o paraíso? De acordo com alguns relatos de EQMs e de outras fontes, faltam palavras adequadas para descrever a beleza, a alegria, o amor, a harmonia, a luz e o elevado sentimento de vida no reino paradisíaco. **As comunidades incluem cidades magníficas e belos campos. As flores, as plantas e as árvores têm cores e uma vibração além de quaisquer outras existentes na Terra.** Por todos os lados, **água faiscante e refrescante, cantar de pássaros, música cativante e borboletas voando por todo o lado. Até mesmo os animais de estimação,** a quem amamos, estarão esperando por nós.

Embora os recém-chegados possam descansar tanto quanto quiserem após a transição, o local fervilha de atividades objetivas. **Existem edifícios majestosos de arquitetura graciosa, escolas de aprendizagem, bibliotecas, alojamentos para cura, centros espirituais de toda espécie e muito mais.** Os habitantes

valorizam muito o conhecimento e são incentivados a estudar temas de própria escolha, que englobam virtualmente todos os assuntos, mas os favoritos são: artes, músicas, natureza, ciências, medicina e todo tipo de estudos espirituais, os quais, por sua vez, devem ser passados adiante, por meio de inspiração, aos que ainda habitam no planeta.

As almas evoluem espiritualmente, aspiram avançar até níveis mais altos de consciência. Lá, como aqui, o crescimento espiritual é alcançado com maior rapidez por meio do serviço ao próximo. Os residentes, sob a experiente orientação de professores e mestres muito evoluídos, escolhem sua própria forma de servir e recebem extenso treinamento. Muitos escolhem, por compaixão, ajudar os moradores dos reinos menos elevados, incluindo os mais baixos e mais escuros.

Ninguém, não importa a crueldade ou maldade do crime aqui cometido, jamais é esquecido ou desamparado. No instante em que alguém sente remorso sincero por ter prejudicado outrem ou demonstra um mínimo de consciência espiritual, assistência imediata e encorajamento são dispensados para ajudar aquele espírito a se mover adiante e a começar a árdua ascensão aos níveis superiores da vida após a morte. Entretanto, este alguém deve estar disposto a aceitar plena responsabilidade pessoal por toda a mágoa, toda a dor e sofrimento que ele ou ela possa ter causado, o que, aparentemente, é um processo extremamente doloroso do ponto de vista emocional, mental ou espiritual. ⁽³⁹¹⁾

É impressionante a semelhança do que encontramos nas obras de André Luiz e que, também, são confirmadas por outras fontes, como as que aqui estamos apresentando.

Estes pesquisadores - Moody e Bill & Judy -, estão, na verdade, consolidando cientificamente, tudo ou quase tudo, que hoje já sabemos do mundo espiritual.

3ª) **Dr Jeffrey Long** teve suas pesquisas relatadas na obra ***Evidência da Vida Após a Morte*** pelo produtor de documentários Paul Perry.

Vejamos o resultado da pesquisa realizada pelo *Near Death Experience Research Foundation - NDERF* (Fundação de Pesquisas sobre a Experiência de quase Morte), criada pelo Dr. Jeffrey Long, em 1998, conforme informa nessa sua obra.

Aliás, dos 12 elementos que, segundo sua opinião, caracterizam uma EQM, um deles se refere a Encontro de planos sobrenaturais (“celestiais”).

Relatando esse item, proveniente de pesquisa com 613 indivíduos, escreve o Dr. Jeffrey Long:

9. Encontro de planos sobrenaturais (“celestiais”).

Bem, o final daquele túnel era um lugar de absoluta paz; era além da minha imaginação, puro, sereno e amoroso.

A paisagem era linda, céu azul, colinas ondulantes, flores. Tudo era repleto de luz, como se fosse iluminado de dentro para fora, e irradiava luz, não a refletia.

Havia tamanha beleza, beleza para além do que se pode expressar. **Também havia uma cidade brilhante, ou algo semelhante a uma cidade na distância.** As cores e estruturas de tudo [eram] lindas... impressionantes.

A toda minha volta, pude ver e sentir uma bela paz e tranquilidade com amor e serenidade... Até onde a vista podia alcançar à minha esquerda **havia uma linda paisagem de tulipas de todas as cores imagináveis.** À minha esquerda **havia uma parede de um bonito azul** que combinava com o céu.

Não tenho como descrever **o som daquela música** em palavras porque simplesmente não pode ser ouvida com aquela clareza neste mundo! As cores eram deste mundo – tão profundas, tão luminosas, tão lindas!

A pesquisa da NDERF perguntou: “Você viu ou visitou algum local, plano ou dimensão bonitos ou, de algum outro modo, distintos?” **Para essa pergunta, 40,6% das pessoas que passaram por uma EQM escolheram “Sim”.** Fazendo essa pergunta de maneira mais generalizada, a pesquisa da NDERF indagou: “Você pareceu entrar em algum outro mundo sobrenatural?” **A essa**

pergunta, 52,2% das pessoas que passaram por uma EQM responderam que encontram um plano sobrenatural. (392)

É bem significativo o volume de especificações - caracterizado por esses percentuais apresentados -, de coisas materiais no mundo espiritual descritas pelos que passaram por uma EQM.

O psicólogo **Admir Serrano**, na obra ***Os Que Voltaram Para Contar***, apresenta vários relatos de EQMs, dos quais citaremos:

George compreendeu por que o Filho de Deus lhe mostrava aquele lado macabro da vida após a morte. Dependendo do curso que o jovem soldado tomasse em sua vida terrena, um desses poderia ser seu destino após deixá-la por ocasião da morte física. Mas haveria outras opções mais alegres. **George sentiu-se voar em uma velocidade estonteante**, e logo teve a impressão de haver entrado em uma outra dimensão. Tão logo a velocidade diminuiu, **avistou uma imensa cidade iluminada**.

Aproximaram-se de uma região repleta de imensos edifícios, um lugar permeado de uma atmosfera de harmonia e paz. Nesses edifícios funcionavam colégios, universidades, laboratórios, bibliotecas com uma infinita quantidade de livros que contavam a história do universo. Pessoas vestidas em túnicas brancas caminhavam absortas, outras trabalhavam

com diligência em seus afazeres. **Eram estudiosos, cientistas e mestres que haviam avançado em suas jornadas evolutivas e agora contribuíam para o avanço da humanidade, tanto encarnada como desencarnada.**

Nos arredores, havia jardins e parques de beleza inefável. **George ganhou altitude e do alto viu que se tratava de uma imensa e gloriosa cidade espiritual.** Um lugar habitado por seres. que progrediram tanto intelectual como moral e espiritualmente. Era como se o Filho de Deus lhe perguntasse: “George, em qual dos lugares que lhe mostrei você seria mais feliz?” ⁽³⁹³⁾

Serrano é expositor e trabalhador espírita. O personagem citado é George Ritchie, M. D. ao qual o Dr. Raymond A. Moody dedicou o seu livro *A Vida Depois da Vida*.

Ainda, dentro do campo das EQMs, apresentamos, para finalizar este item, uma experiência pessoal, relatada por um cético neurocirurgião. Ao que nos parece, ele irá embrenhar-se no tema, tornando-se mais um pesquisador.

Trata-se do Dr. **Eben Alexander III**, natural de Charlotte, Carolina do Norte, EUA, que era totalmente cético quanto à realidade das EQMs, até que sofreu, na própria pele, uma experiência,

quando, em novembro de 2008, foi vítima de uma meningite, provocada pela bactéria *Escherichia coli*, que, além de o deixar de cama em um hospital, o levou ao estado de coma durante sete dias.

Em seu livro ***Uma Prova do Céu***, ele conta o que lhe ocorreu e o que viveu no estado de coma. Vejamos alguns trechos interessantes do capítulo 5, intitulado “Mundo subterrâneo”:

Escuridão, mas uma escuridão visível – como estar submerso na lama, mas ainda assim poder ver através dela. Gelatina escura talvez seja a melhor descrição: transparente, mas turva, embaçada, claustrofóbica e sufocante.

[...].

Eu não tinha um corpo – nenhum de que me lembrasse de alguma maneira. **Eu apenas estava... lá, naquele lugar de escuridão massacrante e pulsante.** Na ocasião, eu podia ser chamado de “ser primordial”. Mas na hora em que tudo estava acontecendo, não conhecia essa expressão. Na verdade, eu não conhecia palavra alguma. [...].

Há quanto tempo habito este mundo? Não tenho ideia. Quando se está num lugar onde não há noção de tempo da maneira como o experimentamos, descrever com precisão o que se sente é quase impossível. Quando estava acontecendo, quando eu estava lá, me sentia como se sempre tivesse estado naquele lugar e sempre

continuar a estar. E isso não me preocupava. [...] Não me lembro de refletir se devia ou não sobreviver, e minha indiferença quanto a isso me proporcionou uma sensação de força. Eu não tinha pista alguma sobre as regras que governavam aquele mundo, mas também não estava com pressa de aprendê-las. Afinal, por que me preocupar?

Não sei dizer exatamente quando aconteceu, mas em certo momento **tomei consciência de alguns objetos que me rodeavam**. Eles se assemelhavam a pequenas raízes, ou a vasos sanguíneos em um grande útero lamacento. Com uma coloração vermelha, escura e brilhante, eles desciam de algum lugar muito lá em cima em direção a outro lugar igualmente distante lá embaixo. Olhar para essas coisas era como ser uma toupeira ou uma minhoca no fundo da terra e, de alguma forma, ser capaz de enxergar o intrincado complexo de raízes e árvores à volta.

Essa é a razão pela qual, ao pensar sobre aquele lugar mais tarde, passei a chamá-lo de Região do Ponto de Vista da Minhoca. Durante um bom tempo, suspeitei de que aquilo poderia ser algum tipo de lembrança do que meu cérebro sentiu no momento em que as bactérias o invadiam.

[...].

Quanto mais tempo ficava ali, menos confortável me sentia. No começo, eu estava tão imerso que não havia diferença entre “mim” e o elemento meio repulsivo e ligeiramente familiar que me rodeava. Mas, aos poucos, essa sensação de imersão profunda, atemporal e sem fronteiras deu lugar a

outra coisa: o sentimento de que eu não fazia parte daquele mundo subterrâneo, embora estivesse dentro dele.

Caras grotescas de animais borbulhavam na lama, grunhiam, guinchavam e desapareciam de novo. Escutei urros medonhos. Algumas vezes, esses urros e grunhidos davam lugar a cânticos rítmicos e obscuros que eram, ao mesmo tempo, assustadores e curiosamente conhecidos – como se em algum momento eu mesmo os tivesse cantado.

Como não havia nenhuma lembrança da existência anterior, meu tempo naquela região se estendia indefinidamente. Meses? Anos? A eternidade? Qualquer que fosse a resposta, cheguei a um ponto em que a sensação rastejante suplantou a sensação de familiaridade. Quanto mais me sentia com um eu – **como alguma coisa separada do ambiente frio, úmido e escuro à minha volta –, mais os rostos que borbulhavam na massa pegajosa se tornavam feios e ameaçadores.** As batidas ritmadas do ferreiro também ficaram mais intensas: pareciam britadeiras de trabalhadores subterrâneos, tipo ogros, executando uma tarefa interminável e massacrantemente monótona. O movimento à minha volta se tornou menos visual e mais palpável, como se **criaturas parecidas com vermes e répteis estivessem passando em bandos** e de vez em quando esfregassem suas peles macias ou espinhosas em mim.

Foi então que **tomei consciência de um odor: era uma mistura de cheiro de fezes, sangue e vômito.** Em outras palavras, um cheiro biológico, porém de morte, não de vida. À medida que minha

consciência se aguçava, eu me aproximada mais do pânico. Eu não pertencia àquele lugar. Precisava escapar. ⁽³⁹⁴⁾

As descrições feitas pelo Dr. Eben Alexander nos lembraram alguma coisa do que se vê nas obras de André Luiz, especialmente, em *Nosso Lar*.

Avancemos para o capítulo 7, cujo título é “A melodia giratória e o mundo novo”, em que lemos:

Alguma coisa apareceu no escuro. Movendo-se lentamente, ela irradiava uma luz dourada e, à medida que avançava, a escuridão à minha volta começava a se fragmentar e dissipar.

Então escutei um novo som: um som vivo, como a mais rica e complexa melodia que já tinha ouvido. Aumentando de volume **enquanto uma diáfana luz branca descia**, esse som anulou as batidas mecânicas e maçantes que, aparentemente, havia sido a minha única companhia até então.

A luz foi chegando cada vez mais perto, girando em torno de mim, produzindo filamentos de pura luz branca com raias douradas.

Então, no centro da luz, apareceu outra coisa. Eu me concentrei ao máximo para descobrir o que era.

Uma abertura. Eu não estava mais olhando para a luz giratória, mas através dela.

No instante que compreendi isso, comecei a me

mover. Eu ouvia um som sibilante. **Quando atravessei a abertura, me vi em um mundo inteiramente novo. O mundo mais belo e estranho que eu já tinha visto.**

Brilhante, vibrante, arrebatador, maravilhoso... **Eu poderia amontoar adjetivos, um após outro, para tentar descrever esse mundo**, mas nada do que dissesse poderia traduzir o que eu via e sentia. Era como se eu tivesse acabado de nascer. Não renascer, ou nascer de novo. Apenas... nascer.

Embaixo de mim havia uma campina. Ela era verde, exuberante e parecia feita de terra. Era de terra... mas ao mesmo tempo não era. Minha sensação era a mesma que se tem ao avistar algum lugar a que costumávamos ir quando crianças. [...].

Eu estava voando. **Passei por árvores e campos, rios e cachoeiras, e avistei pessoas aqui e ali. Também havia crianças rindo e brincando.** Todos cantavam e dançavam em círculos, e **vi até cachorros correndo e saltando entre elas**, igualmente tomados de alegria. **As pessoas vestiam roupas simples**, mas bonitas, e tive a impressão de que as cores dessas vestimentas tinha o mesmo tom vívido das **árvores e das flores que desabrochavam** e encantavam todo o campo ao redor.

Um mundo de sonhos belo e incrível...

Só que não era um sonho. Embora não soubesse onde me encontrava e nem mesmo o que era aquilo tudo, eu estava convicto de uma coisa: esse lugar em que de repente me vi era completamente real. ⁽³⁹⁵⁾

Ao final desse capítulo, arremata categórico:

[...] sei a diferença entre a fantasia e a realidade, e posso assegurar que a experiência que estou tentando transmitir aqui, ainda de que forma vaga e insatisfatória, foi de longe a experiência mais real da minha vida. ⁽³⁹⁶⁾

No Prólogo dessa obra, explica-se:

[...] as conclusões são baseadas em uma análise médica da minha experiência e na minha familiaridade com os conceitos mais avançados da neurociência e dos estudos da consciência. ⁽³⁹⁷⁾

A repercussão dessa sua primeira obra foi tão grande, junto ao público, que pessoas, que passaram por semelhante experiência, enviaram-lhe seus depoimentos. Isso resultou em outra obra, que recebeu o título de **Mapa do Céu**, de onde transcrevemos:

[...] **O céu não é uma abstração**; não é um sonho inventado a partir de um desejo ilusório. **É um lugar tão real** quanto o quarto, o avião, a praia ou a biblioteca em que você está agora. **Ele tem objetos. Árvores, campos, pessoas, animais e até mesmo – se dermos ouvidos ao livro Apocalipse, ao visionário persa do século XII**

Suhrawardi, ou ao filósofo e místico árabe do século XII Ibn 'Arabi – cidades de verdades. Mas as regras de como as coisas funcionam lá – as “leis físicas do céu”, digamos assim – são diferentes das nossas. [...]. ⁽³⁹⁸⁾

[...] Em seus estágios iniciais, **esses mundos estão repletos das coisas que conhecemos na Terra**, só que mais ricas e estranhamente novas. Ao olhar para **as flores no plano superior**, elas pareciam desabrochar repetidas vezes. Como as flores – que têm um ciclo tão definido, de desabrochar, murchar e morrer – podem viver em um constante desabrochar? Elas não podem neste nosso plano terreno, onde estão imersas no tempo linear. Aqui, as flores vivem seu ciclo, assim como os seres humanos. [...]. ⁽³⁹⁹⁾

Interessante é ver Dr. Eben Alexander mencionar outras pessoas que mencionam as cidades no mundo espiritual. Provavelmente muitas pessoas tomam as informações dos místicos e visionários como imaginação fértil; entretanto, pelo que vimos até aqui, imaginação fértil tem é quem não acredita nessas pessoas.

9.2 Nas EFCs as construções são também mencionadas

Embora a informação é de publicação na Internet, mas, no caso em questão, a fonte é

confiável, pois os pesquisadores Victor e Wendy Zammit, de Sydney, na Austrália, pesquisam evidências objetivas e científicas da vida após a morte há mais de 26 anos. No site **Afterlife Evidence**, em que divulgam seu trabalho, está em destaque: *“Um milhão de dólares é oferecido a qualquer cético mente fechada que podem refutar as provas existentes para a vida após a morte.”* ⁽⁴⁰⁰⁾ Isso já tem 20 anos, até hoje ninguém conseguiu levar essa grana.

Transcrevemos do site usando o Google Tradutor:

EXPERIENCIADORES FORA DO CORPO CONCORDAM QUE NÓS VAMOS PARA UM MUNDO REAL



Por mais de quarenta anos Jurgen Ziewe tem tido experiências fora do corpo em plena consciência e corroborando essas experiências com outros exploradores regulares de OBE. ⁽⁴⁰¹⁾

“O ponto mais importante a fazer é que quando morremos, mantemos corpos reais, somos recebidos por pessoas reais. Estamos sendo introduzidos em novos mundos reais com

verdadeiros jardins, casas, parques, lagos e rios, cidades e edifícios e tudo mais que nós estão acostumados a partir desta terra, embora frequentemente muito mais rico, mais profuso e mais grandioso. Se qualquer coisa nosso novo mundo fará a nossa vida passada parecer um sonho distante.” Jurgen Ziewe ⁽⁴⁰²⁾ ⁽⁴⁰³⁾

O link, que consta no nome do autor, aponta para seu livro *Multidimensional Man* (2008), também publicou: *New Territories: The Computer Visions of Jurgen Ziewe*, *The Ten Minute Moment* e *Vistas of Infinity - How to Enjoy Life When You Are Dead*.

Isoladas essas informações de Jurgem Ziewe poderiam não ter grande valor, mas diante das que também surgem nas EQMs, não vemos motivo plausível para contestá-las.

10. Conclusão

Lembramo-nos de que Charles Richet (1850-1935), na obra *A Grande Esperança*, cita a seguinte frase de Lavoisier (⁴⁰⁴): “*Não há pedras que caem do céu, porque no céu não existem pedras*”. (⁴⁰⁵). Será que nós, os espíritas da atualidade, não estamos agindo como Lavoisier?

Na grande maioria de nós, está arraigada a crença de que nada faremos no “Céu” (jamais pensamos em ir para o inferno), a não ser ficar ouvindo anjos tocando harpa.

Ledo engano, pois a vida na dimensão espiritual é pura atividade. Temos neste trecho de uma nota de Allan Kardec inserido na **Revista Espírita 1865**, mês de janeiro, um ponto de reflexão:

Os Espíritos, como se vê, não são nem inativos nem indiferentes com relação aos Espíritos sofredores, que é preciso conduzir ao bem; [...]. (⁴⁰⁶)

Um pouco mais à frente, no artigo “Onde está o céu?”, explica:

A felicidade dos Espíritos bem-aventurados não está na ociosidade contemplativa, que seria, como frequentemente foi dito, uma eterna e fastidiosa inutilidade. Á vida espiritual, em todos os graus, ao contrário, é uma atividade constante, mas uma atividade isenta de fadigas. A suprema felicidade consiste no gozo de todos os esplendores da criação, que nenhuma linguagem humana poderia informar, que a imaginação mais fecunda não poderia conceber; no conhecimento e na penetração de todas as coisas; na ausência de toda dificuldade física e moral; numa satisfação íntima; uma serenidade da alma que nada altera; no amor puro que une todos os seres, em consequência da ausência de toda contrariedade pelo contato dos maus, e, acima de tudo, na visão de Deus, e na compreensão de seus mistérios revelados aos mais dignos. **Ela está também nas funções das quais se é feliz por estar encarregado. Os puros Espíritos são os Messias ou mensageiros de Deus para a transmissão e execução de suas vontades;** cumprem as grandes missões, presidem à formação dos mundos e à harmonia geral do Universo, encargo glorioso ao qual não se chega senão pela perfeição. Os de ordem mais elevada são os únicos nos segredos de Deus, se inspiram de seu pensamento do qual são os representantes diretos. ⁽⁴⁰⁷⁾

Para exemplificar, trazemos trechos do artigo

“Ocupações dos Espíritos”, inserido, por Allan Kardec, na **Revista Espírita 1866**, mês de junho, assinado por GUI...:

[...] fui acolhido por amigos mais incrédulos do que eu; mas como nesse mundo tão desprezível, todas as virtudes estão em evidência, todos os méritos brilham, todas as reflexões são bem recebidas, todos os contrastes se tornam a difusão das luzes. Chamado, pela curiosidade, **a visitar grupos numerosos que preparam outras encarnações estudando-lhe todos os lados que deve elucidar o Espírito chamado a retornar sobre a Terra**, fiz uma grande ideia da reencarnação.

Quando um Espírito se prepara para uma nova existência, submete suas ideias às decisões do grupo ao qual pertence. Este discute; os Espíritos que o compõem vão aos grupos mais avançados ou bem sobre a Terra; procuram entre vós os elementos de aplicação. O Espírito aconselhado, fortalecido, esclarecido sobre todos os pontos poderá, doravante, se quiser, seguir seu caminho sem tropeçar. Ele terá, em sua peregrinação terrena, uma multidão de invisíveis que não o perderão de vista; tendo participado de seus trabalhos preparatórios, aplaudem seus resultados, seus esforços para vencer, sua firme vontade que, dominando a matéria, permitiu-lhe levar aos outros encarnados um contingente de aquisições e de amor, quer dizer, o bem, segundo as grandes instruções, segundo Deus, enfim, que os dita em todas as afirmações da ciência, da vegetação, de todos os

problemas, enfim, que são a luz do Espírito quando ele sabe resolvê-los no sentido racional.

Pertencendo **ao grupo de alguns sábios que se ocupam da economia política**, aprendi a não desprezar nenhuma das faculdades das quais tanto ri outrora; compreendi que o homem, muito inclinado ao orgulho, se recusa a admitir, mesmo sem estudo, tudo o que é novo e fora de gênero de espírito. [...] **Aprendi, enfim, a ser tolerante, vendo essas legiões de Espíritos entregues a tantos trabalhos diversos, formigueiro inteligente que pressente Deus e procura coordenar todos os elementos do futuro.** [...].

(⁴⁰⁸)

A nós parece óbvio a necessidade de locais para que certo tipo de atividade possa ser desenvolvida, não concebemos a ideia de que os Espíritos vivem vagando, espaço afora, como “almas penadas”.

O Espírito Miramez, em **Filosofia Espírita - Vol. V**, ao comentar a questão 224 de *O Livro dos Espíritos*, elucida bem o caso:

Já dissemos antes que os intervalos da reencarnação são sem limites. Não podemos precisar uma quantidade de anos para que o Espírito volte a um novo corpo de carne, pois nesse processo atuam muitas leis, como a sua própria vontade, e Deus é tão bom que tolera e

mesmo aceita, até certo ponto, as escolhas das almas.

Diz-nos “O Livro dos Espíritos” que o intervalo pode durar desde algumas horas até milhares de séculos. Que não cheguemos a tanto, porque **a maioria dos Espíritos obedece a inspiração dos benfeitores espirituais, que os aconselham num certo preparo, para depois tomarem novos aparelhos fisiológicos**, com etapas diferentes das que tiveram. Em muitos casos, encontram-se com pessoas diferentes, formando, assim, novos laços de amor e de fraternidade.

A formação das colônias espirituais é justamente para orientá-los neste sentido, de maneira a aproveitar o tempo na obediência às leis naturais. Quando lançamos uma semente ao solo, a razão nos pede para esperar um pouco para que ela desabroche e cresça, dando frutos. Assim também, nesse ritmo de ideias, é a alma. Ela é semente de Deus que deve ser lançada na carne, quantas vezes forem necessárias, objetivando o aprimoramento da consciência e a grandeza do coração. ⁽⁴⁰⁹⁾

Para nós, é pura questão de lógica, não somos ingênuos em achar que todo mundo vai enxertar dessa forma.

Fazemos nossas esta afirmação de Allan Kardec, tomada de um trecho do artigo “Deve-se publicar tudo quanto dizem os Espíritos”, publicado na **Revista Espírita 1859**, mês de novembro:

[...] **O erro de certos autores é o de escrever sobre um assunto antes de tê-lo aprofundado suficientemente**, e, por aí, dar lugar a uma crítica fundada. Lamentam-se do julgamento temerário de seus antagonistas: não prestam atenção ao fato de que, eles mesmos, frequentemente, mostram o ponto fraco. [...]. ⁽⁴¹⁰⁾

De nossa parte, ficamos totalmente convencidos da realidade das colônias espirituais, uma vez que não temos como desprezar tudo quanto foi aqui levantado.

A nosso sentir, as colônias espirituais são criações temporárias, só existindo enquanto na humanidade terrena preponderar Espíritos ainda inclinados ao mal, dessa forma, a evolução moral da sociedade humana implicará, não temos dúvida, na total inutilidade delas causando-lhes a extinção.

Na verdade, além do que encontramos nas obras da Codificação, bastava, para nós, a opinião de dois ícones da Doutrina, que são Léon Denis e Ernesto Bozzano, que representam, nessa pesquisa, a base filosófica e científica para aceitarmos a realidade delas.

Entretanto, como surgem questionamentos, às vezes até justos, ampliamos nossa pesquisa, visando

dar ao leitor a oportunidade de conhecer um pouco mais do assunto.

Entendemos que as colônias espirituais, não devem ser levadas à conta de produto da imaginação do autor espiritual André Luiz, visto que a existência de construções na dimensão espiritual está presente em obras de vários outros médiuns, espalhados mundo afora, inclusive algumas delas anteriores às de André Luiz.

Portanto, a nosso ver, cumpre-se muito bem o que Allan Kardec denominou de “*Controle Universal do Ensino dos Espíritos*”, ainda que não levemos em conta de que há, sim, menção de construções no mundo espiritual em obras da Codificação espírita.

Veja-se, no quadro a seguir, a lista das cinquenta e quatro fontes que foram utilizadas nessa nossa pesquisa – estudiosos, pesquisadores, médiuns e psicografias:

Personagens	Localidade (1)
Estudiosos/Pesquisadores	
1. Robert Dale Owen (2)	Indiana - EUA
2. Léon Denis	Tours - França

3. Edward C. Randall	New York - EUA
4. James Hervey Hyslop (3)	New Jersey - EUA
5. Sir Oliver Lodge	Londres - Inglaterra
6. Arthur Conan Doyle	Crowborough - Inglaterra
7. Ernesto Bozzano	Gênova - Itália
8. James Arthur Findlay	Glasgow - Escócia
9. Cairbar Schutel	Matão, SP - Brasil
10. Pe. François Brune	Vernon, Eure - França.
11. José Herculano Pires	São Paulo, SP - Brasil
12. Richard Simonetti	Bauru, SP - Brasil
Relatos EQMs e EFCs	
1. Raymond A. Moody	Las Vegas, Nevada - EUA
2. Bill e Judy Guggenheim	Long Island, New York, New Jersey, - EUA
3. Dr. Jeffrey Long	Houma, Louisiana - EUA
4. Dr. Eben Alexander III	Charlotte, Carolina do Norte - EUA
5. Admir Serrano	Miami - EUA
6. Victor e Wandy Zammit	Sydney - Austrália
Experiência de Médiuns	
1. Yvonne A. Pereira (4)	Rio de Janeiro, RJ - Brasil
2. Rev. G. Vale Owen	Birmingham - Inglaterra
3. Emanuel Swedenborg	Estocolmo - Suécia
4. Andrew Jackson Davis	Boston - EUA
5. Chico Xavier	Uberaba, MG - Brasil

6. Heigorina Cunha	Sacramento, MG - Brasil
7. Vânia Arantes Damo	Palmelo, GO - Brasil
8. Sadhu Sundar Singh	Sem residência fixa - Índia
9. James Van Praagh	Los Angeles - EUA
10. Sylvia Browne	Kansas City, Missouri - EUA
11. Joy Snell	Londres - Inglaterra
12. E. B. Duffey (3)	Nova Jersey - EUA
13. Gladys O. Leonard	Lancaster - Inglaterra
Comunicação telepática e psicografias	
1. Elizabeth Singer Rowe	Frome - Inglaterra
2. Elza Barker ("X")	Londres - Inglaterra
3. Lilian Walbrook (Lester Coltman)	Londres - Inglaterra
4. Anna Wickland (Dezessete Espíritos)	Los Angelis - EUA
5. Hester Travers Smith (Johannes)	Londres - Inglaterra
6. Jozef Rulof (Alcar)	Holanda - Países Baixos
7. Chico Xavier (Maria João de Deus)	Pedro Leopoldo, MG - Brasil
8. Francisco V. Lorenz (Roberto Stern)	Dom Feliciano, RS - Brasil
9. José dos Santos Junior (Eurípedes Barsanulfo)	São Paulo, SP - Brasil
10. Anthony Borgia (Mons.)	Londres - Inglaterra

Robert Benson)	
11. Helen Greaves (Roger)	? - Reino Unido
12. Ruth Montgomery (Arthur Ford)	Flórida - EUA (†)
13. Divaldo Franco (Joanna de Ângelis)	Feira de Santana, BA - Brasil
14. João Nunes Maia (Miramez)	Belo Horizonte, MG - Brasil
15. Abel Glaser (5) (Cairbar Schutel)	São Paulo, SP - Brasil
16. Wanda Canutti (Eça de Queirós)	Araraquara, SP - Brasil
17. Nelson Moraes (Zílio)	São Paulo, SP - Brasil
18. Gilson Freire (Adamastor)	Belo Horizonte, MG - Brasil
19. Wagner da Paixão (João Lúcio)	Belo Horizonte, MG - Brasil
20. Emanuel Cristiano (Nora)	Campinas, SP - Brasil
21. Rafael de Figueiredo (Frei Felipe)	São Leopoldo, RS - Brasil
22. José Araújo (Luís Felipe)	Blumenau, SC - Brasil
23. Orlando Noronha Carneiro (Abelha)	Osasco, SP - Brasil
<p>(1) Residência/trabalho: dentro do que pudemos levantar, pode ser que as cidades não sejam exatamente as mencionadas, os países, estes, sim, podem ser considerados.</p> <p>(2) Todos os nomes em células sombreadas têm obras publicadas antes de 1944, data da primeira edição de <i>Nosso Lar</i>.</p>	

(3) Médiuns citados por Ernesto Bozzano em *A Crise da Morte*.

(4) Com base em *Memórias de um Suicida*, psicografado em 1926.

(5) Coordenador do grupo de oito médiuns que psicografaram mensagens de Cairbar Schutel.

Como se vê, temos vários pesquisadores /estudiosos e médiuns psicógrafos de várias cidades e países, entre eles alguns médiuns mecânicos, engrossando o leque de informações acerca das colônias no mundo espiritual. Julgamos que tudo isso atende ao “*Controle Universal do Ensino dos Espíritos*” proposto por Allan Kardec, ainda que os envolvidos não estejam todos na condição de desencarnados.

Em relação à quantidade de médiuns aqui listados, optamos por seguir o exemplo de Allan Kardec, que, a respeito da publicação da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, composto de 501 perguntas e respostas, disse o seguinte: “*Foi assim que **mais de dez médiuns** prestaram concurso a este trabalho*” ⁽⁴¹¹⁾

Como não cabe aqui neste contexto, aprofundar mais na questão do Controle Universal, pedimos a você, caro leitor, que leia nosso artigo



intitulado ***O concurso de quantos médiuns será necessário para se ter o Controle Universal?***, disponível em nosso site (⁴¹²).

Tivemos a grata satisfação de conhecer um confrade trabalhador do Centro Espírita Antônio Loreto Flores (BH), quando do I SETESP – Seminário de Ética e Espiritualidade, promovido pelo Centro Espírita Jesus de Nazaré e pelo IEEP – Instituto Espírita de Ensino e Pesquisa, da cidade de Divinópolis, MG, realizado nos dias 26 e 27 de setembro de 2014, que nos fez a seguinte pergunta: Você sabe que Allan Kardec não falou em plano espiritual, mas, sim, em mundo espiritual? Ainda não havíamos atentado para esse detalhe. Chegando em casa fomos pesquisar nas obras da Codificação, e, realmente, a informação está correta.

Isso é sintomático, pois a utilização do termo “mundo” faz uma grande diferença, já que nele se pode comportar construções e tudo quanto se tem dito existir, o que não seria, logicamente, possível se o termo fosse “plano”.

Concordamos plenamente com o que disse o professor universitário John Dominic Crossan, sobre o Jesus histórico: *“Um material encontrado em, pelo*

menos, duas fontes independentes do primeiro estrato não pode ter sido inventado por nenhuma delas". (413)

Antes de encerrar, vamos transcrever alguns parágrafos, que julgamos mais importantes, das considerações que Allan Kardec fez quando menciona, em **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, o critério do Controle Universal do Ensino dos Espíritos, que acabamos de mencionar. Tomamos por base a tradução de Herculano Pires:

Deus quis que a nova revelação chegasse aos homens por meio mais rápido e mais autêntico. Eis porque encarregou os Espíritos a levarem de um polo ao outro, manifestando-se por toda parte, sem dar a ninguém o privilégio exclusivo de ouvir a sua palavra. Um homem pode ser enganado e pode enganar-se a si mesmo, mas não aconteceria assim, quando milhões veem e ouvem a mesma coisa: isto é uma garantia para cada um e para todos. [...].

São realmente os próprios Espíritos que fazem a propaganda, com a ajuda de inumeráveis médiuns, que eles despertam por toda parte. Se houvesse um intérprete único, por mais favorecido que esse fosse, o Espiritismo estaria apenas conhecido. Esse intérprete, por sua vez, qualquer que fosse a sua categoria, provocaria a prevenção de muitos; não seria aceito por todas as nações. Os Espíritos, entretanto, comunicando-se por toda

parte, a todos os povos, a todas as seitas e a todos os partidos, são aceitos por todos. [...].

Esta universalidade do ensino dos Espíritos faz a força do Espiritismo, e é ao mesmo tempo a causa de sua tão rápida propagação. Enquanto a voz de um só homem, mesmo com o auxílio da imprensa, necessitaria de séculos para chegar aos ouvidos de todos, eis que milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente, em todos os pontos da Terra, para proclamar os mesmos princípios e os transmitir aos mais ignorantes e aos mais sábios, a fim de que ninguém seja deserdado. É uma vantagem de que não pôde gozar nenhuma das doutrinas aparecidas até hoje. **Se portanto, o Espiritismo é uma verdade, ele não teme nem a má vontade dos homens, nem as revoluções morais, nem as transformações físicas do globo**, porque nenhuma dessas coisas pode atingir aos Espíritos.

Mas não é esta a única vantagem que resulta dessa posição excepcional. O Espiritismo ainda encontra nela uma poderosa garantia contra os cismas que poderiam ser suscitados, quer pela ambição de alguns, quer pelas **contradições de certos Espíritos**. Essas contradições são certamente um escolho, mas carregam em si mesmas o remédio ao lado do mal.

Sabe-se que **os Espíritos**, em consequência das suas diferenças de capacidades, **estão longe de possuir individualmente toda a verdade; que não é dado a todos penetrar certos mistérios**; que o seu saber é proporcional à sua depuração, que os Espíritos vulgares não sabem mais que os homens; que há, entre eles, como entre estes, presunçosos e falsos sábios, que creem saber

aquilo que não sabem; sistemáticos; que tomam suas próprias ideias pela verdade, enfim, que os Espíritos da ordem mais elevada, que são completamente desmaterializados, são os únicos libertos das ideias e das preocupações terrenas. Mas sabe-se também que os Espíritos embusteiros não têm escrúpulos para esconder-se atrás de nomes emprestados, a fim de fazerem aceitar as utopias. Disso resulta que, para tudo o que está fora do ensino exclusivamente moral, as **revelações que alguém possa obter são de caráter individual, sem autenticidade, e devem ser consideradas como opiniões pessoais deste ou daquele Espírito, sendo imprudente aceitá-las e propagá-las levemente como verdades absolutas.**

O primeiro controle é, sem contradita, **o da razão**, ao qual é necessário submeter, sem exceção, tudo o que vem dos Espíritos. Toda teoria em contradição manifesta com o bom senso, com uma lógica rigorosa, com os dados positivos que possuímos, por mais respeitável que seja o nome que a assine, deve ser rejeitada. Mas esse controle é incompleto para muitos casos, em virtude da insuficiência de conhecimentos de certas pessoas, e da tendência de muitos, de tomarem seu próprio juízo por único árbitro da verdade. Em tais casos, que fazem os homens que não confiam absolutamente em si mesmos? Aconselham-se com os outros, e **a opinião da maioria lhes serve de guia.** Assim **deve ser no tocante ao ensino dos Espíritos**, que nos fornecem por si mesmos os meios de controle.

A concordância no ensino dos Espíritos é portanto o seu melhor controle, mas é ainda

necessário que ela se verifique em **certas condições**. A menos segura de todas é **quando um médium interroga por si mesmo numerosos Espíritos** sobre uma questão duvidosa. É claro que, se ele está sob o império de uma obsessão, ou se tem relações com um Espírito embustreiro, este Espírito pode dizer-lhe a mesma coisa sob nomes diferentes. Não há garantia suficiente, de mesma maneira, na concordância que **se possa obter pelos médiuns de um mesmo centro, porque eles podem sofrer a mesma influência**.

A única garantia segura do ensino dos Espíritos está na concordância das revelações feitas espontaneamente, através de um grande número de médiuns, estranhos uns aos outros, e em diversos lugares.

[...] É esta unanimidade que tem posto abaixo todos os sistemas parciais surgidos na origem do Espiritismo, quando cada qual explicava os fenômenos a seu modo, antes que se conhecessem as leis que regem as relações do mundo visível com o mundo invisível.

Esta é a base em que nos apoiamos, para formular um princípio da doutrina. Não é por concordar ele com as nossas ideias, que damos como verdadeiro. Não nos colocamos, absolutamente, como árbitro supremo da verdade, e não dizemos a ninguém: “Crede em tal coisa, porque nós vo-la dizemos”. **Nossa opinião não é, aos nossos próprios olhos, mais do que uma opinião pessoal, que pode ser justa ou falsa, porque não somos mais infalíveis do que os outros.** E não é também porque um princípio nos foi ensinado que o consideramos verdadeiro, mas porque ele recebeu a sanção da concordância.

[...].

Esse controle universal é uma garantia para a unidade futura do Espiritismo, e anulará todas as teorias contraditórias. É nele que, no futuro, se procurará o *criterium* da verdade. [...] Assim acontecerá com todas as ideias emanadas dos Espíritos ou dos homens, que puderem suportar a prova desse controle, cujo poder ninguém pode contestar.

[...].

O princípio da concordância é ainda uma garantia contra as alterações que, em proveito próprio, pretendessem introduzir no Espiritismo as seitas que dele quisessem apoderar-se, acomodando-o à sua maneira. Quem quer que tentasse fazê-lo desviar de seu fim providencial fracassaria, pela bem simples razão de que os Espíritos, através da universalidade dos seus ensinamentos, farão cair toda modificação que se afaste da verdade.

Resulta de tudo isto uma verdade capital: é que quem desejasse atravessar-se na corrente de ideias estabelecida e sancionada, poderia provocar uma pequena perturbação local e momentânea, mas jamais dominar o conjunto, mesmo no presente, quanto menos no futuro.

E resulta mais, que **as instruções dadas pelos Espíritos, sobre os pontos da doutrina ainda não esclarecidos, não teriam força de lei, enquanto permanecessem isoladas, só devendo, por conseguinte, ser aceita sob todas as reservas, a título de informações.**

Daí a necessidade da **maior prudência na sua publicação**, e no caso de julgar-se que devem ser

publicadas, **só devem ser apresentadas como opiniões individuais, mais ou menos prováveis**, mas tendo, em todo o caso, necessidade de confirmação. É esta confirmação que se deve esperar, antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, se não se quiser ser acusado de leviandade ou de credulidade irrefletida.

Os Espíritos Superiores procedem, nas suas revelações, com extrema prudência. **Só abordam as grandes questões da doutrina de maneira gradual, à medida que a inteligência se torna apta a compreender as verdades de uma ordem mais elevada, e que as circunstâncias são propícias para a emissão de uma ideia nova.** Eis porque, desde o começo, eles não disseram tudo, e nem o disseram até agora, não cedendo jamais à impaciência de pessoas muito apressadas, que desejam colher os frutos antes de amadurecerem. Seria, pois, inútil, querer antecipar o tempo marcado pela Providência para cada coisa, porque então os Espíritos verdadeiramente sérios recusam-se positivamente a ajudar. Os Espíritos levianos, porém, pouco se incomodando com a verdade, a tudo respondem. É por essa razão que, sobre todas as questões prematuras, há sempre respostas contraditórias.

Os princípios acima não são o resultado de uma teoria pessoal, mas a forçosa consequência das condições em que os Espíritos se manifestam. É evidente que, se um Espírito diz uma coisa num lugar, enquanto milhões dizem o contrário por toda parte, a presunção de verdade não pode estar com aquele que ficou só, e nem aproximar-se da sua opinião, pois **pretender que um só tenha razão, contra todos, seria tão ilógico de parte de um**

Espírito como de parte dos homens. Os Espíritos verdadeiramente sábios, quando não se sentem suficientemente esclarecidos sobre uma questão, não a resolvem jamais de maneira absoluta. Declaram tratar do assunto de acordo com a sua opinião pessoal, e aconselham esperar-se a confirmação.

Por maior, mais bela e justa que seja uma ideia, é impossível que reúna, desde o princípio, todas as opiniões. Os conflitos que dela resultam são a consequência inevitável do movimento que se processa, e são mesmo necessários, para melhor fazer ressaltar a verdade. É também útil que eles surjam no começo, para que as ideias falsas sejam mais rapidamente desgastadas. Os espíritas que revelam alguns temores devem ficar tranquilos. **Todas as pretensões isoladas cairão, pela força mesma das coisas, diante do grande e poderoso criterium do controle universal.**

Não será pela opinião de um homem que se produzirá a união, mas pela unanimidade da voz dos Espíritos. Não será um homem, e *muito menos nós que qualquer outro*, que fundará a ortodoxia espírita. Nem será tampouco um Espírito, vindo impor-se a quem quer que seja. É a universalidade dos Espíritos, comunicando-se sobre toda a Terra, por ordem de Deus. Este é o caráter essencial da doutrina espírita, nisto está a sua força e a sua autoridade. Deus quis que a sua lei fosse assentada sobre uma base inabalável, e foi por isso que não a fez repousar sobre a cabeça frágil de um só.

[...].

A opinião universal, eis portanto o juiz supremo, aquele que pronuncia em última instância. Ela se forma de todas as opiniões individuais. Se uma delas é verdadeira, tem na balança o seu peso relativo; se uma é falsa, não pode sobrepujar as outras. Nesse imenso concurso, as individualidades desaparecem, e eis aí um novo revês para o orgulho humano. ⁽⁴¹⁴⁾ (itálico do original)

Acreditamos que as fontes, que citamos neste estudo, nos dão segurança da realidade das colônias. Certamente, que a pesquisa poderá ser estendida, buscando ver no maior número possível de médiuns, de diversas nacionalidades, para se chegar a uma quantidade que se torne inquestionável para todos aqueles que ainda não as aceitam. É um trabalho e tanto que deixamos a outro pesquisador, pois aqui só queremos demonstrar que fontes fidedignas apontam nessa direção.

Ao encontrar vinte e seis fontes (ver quadro, os nomes sombreados), correspondendo a 47,2%, que deram informações sobre o mundo espiritual antes da publicação de *Nosso Lar*, que se deu em 1944; fomos levados a deduzir, por óbvio, que por terem informações anteriores às ditadas pelo Espírito André Luiz a Chico Xavier, destronando-o da condição de

ter sido o primeiro a trazer-nos coisas tão “materiais” no além-túmulo. Ainda se deve considerar como mais uma fonte, as informações que o nobre Mineiro do Século, recebeu de sua própria mãe, na condição de desencarnada. Apuramos que “*A recepção mediúnica do livro deve ter ocorrido entre 1927 e 1934 ou de 1931 a 1934*”. (415)

Trazemos de **A Crise da Morte**, o último parágrafo das “Conclusões” de Ernesto Bozzano:

Resulta daí que esta obra de análise comparada autoriza a preconizar a aurora não distante de um dia, em que se chegará a apresentar à humanidade pensante, que atualmente caminha a tatear nas trevas, um quadro de conjunto, de caráter um tanto vago e simbólico, mas **verdadeiro em substância e cientificamente legítimo, das modalidades da existência espiritual nas “esferas” mais próximas do nosso mundo, “esferas” onde todos os vivos terão que se achar, depois da crise da morte.** Isto permitirá que a Humanidade se oriente com segurança para a solução dos grandes problemas concernentes à verdadeira natureza da existência corpórea, dos fins da vida, das bases da moral e dos deveres do homem. Esses deveres, na crise de crescimento que a sociedade civilizada hoje atravessa, terão que decidir dos seus destinos futuros. Quer isto dizer que os povos civilizados, se os reconhecerem e cumprirem, se verão encaminhados para uma meta cada vez mais luminosa, de progresso social

e espiritual; se os repelirem, ou desprezarem, seguir-se-á necessariamente, para esses mesmos povos, a decadência, a fim de cederem o lugar a outras raças menos corrompidas do que a raça ora dominante. ⁽⁴¹⁶⁾

Para nós trata-se de uma opinião de peso, porquanto, como vimos, Ernesto Bozzano “Destacou-se como um contribuinte ativo na literatura italiana e francesa sobre fenômenos paranormais a partir da virada do século XIX até o início dos anos 1940.” ⁽⁴¹⁷⁾

Da obra ***Devassando o Invisível***, cuja “Introdução” é datada de 13 de dezembro de 1962, transcrevemos, por vê-las como bem oportunas, as conclusões a que chegou a médium Yvonne A. Pereira:

De tudo quanto a respeito observamos, e do que a Revelação Espírita nos participa, chegaremos, pois, às conclusões seguintes, as quais, para a maioria dos adeptos do Espiritismo, não serão, certamente, surpreendentes novidades:

As construções do meio invisível são edificadas com as essências disseminadas pelo Universo infinito, para a realização dos desígnios da Providência a nosso respeito, isto é, para a criação de quanto seja útil, necessário e agradável ao nosso Espírito, quer se encontre este sobre a Terra, reencarnado, ou fruindo os gozos da Pátria

Espiritual; trata-se do fluido cósmico universal, ou de certas modificações deste, de que se origina o fluido espiritual; do éter fecundado, fonte geradora de tudo quanto há dentro da Criação, inclusive os próprios planetas materiais e o nosso perispírito.

Daremos a essas realizações espirituais o nome que quisermos, ou que a pobreza da nossa linguagem puder interpretar. O certo é que tais essências, tais fluidos, são tão reais, tão concretos para os desencarnados como os elementos do mundo em que vivemos o são para nós. Unicamente, os desencarnados construirão, no mundo espiritual, de maneira bem diversa daquela que empregamos na Terra. No Espaço, como, aliás, na Terra, a vontade é soberana, o pensamento é motor, é produtor, é criador. **Reúne-se, por exemplo, um grupo, uma falange de Espíritos evoluídos, que resolvem criar uma comunidade social no Espaço, destinada a acelerar seus trabalhos e iniciativas em prol do progresso e do bem comum.** São espiritualmente homogêneos, dotados de elevadas capacidades morais, intelectuais e artísticas, além de serem técnicos no assunto. Seus pensamentos vibram uníssonos, do que resultam irradiações e movimentações poderosas, coordenadoras, intensas até ao deslumbramento e ao incompreensível para nós outros, os mortais inferiores. **Eles já teriam programado o que desejavam produzir: uma escola para a reeducação geral de Espíritos frágeis que delinquiram nas experiências terrenas; um asilo ou reformatório, um hospital para o reajustamento mental ou vibratório de pobres sofrendores que partiram da Terra envoltos em complexos deploráveis; um palácio para**

reuniões solenes, uma cidade. A força motora dos seus pensamentos poderosamente associados e disciplinados, irradiando energias cuja natureza o homem ainda não poderá conceber, agirá sobre aqueles fluidos e essências e edificará o que antes fora delineado e desejado. Comumente, esse trabalho é lento e requer perseverança para o seu aperfeiçoamento. Será tanto mais rápido quanto maiores forem as potências mentais criadoras reunidas. Essas criações, tais como forem – belas, artísticas, verdadeiros trabalhos de ourivesaria fluídica, deslumbrantes, mesmo, por vezes – obedecerão, no entanto, às recordações ou gosto estético dos opera – dores, **razão por que se parecem com as da Terra, sem que as da Terra se pareçam com elas** (grifo do original), como afirmou algures a ilustre entidade espiritual André Luiz, pois que muito mais perfeitas são elas do que os homens julgam.

Não obstante, somos levada a julgar, graças às mesmas observações a que nos conduz a Revelação, que **essas edificações não serão permanentes nem fixas numa determinada região. Serão antes móveis, transplantando-se para onde se faça necessária a presença da falange que as criou. Serão passíveis de se dissolverem sob o desejo dos seus criadores, ou de se modificarem segundo as conveniências.** Se essa falange receber em seu seio discípulos e pupilos, estes poderão tornar-se cooperadores, exercitando os próprios poderes mentais na criação de detalhes, sujeitos ao veredicto dos mestres, e assim progredirão em saber, desenvolvendo forças latentes, evoluindo e se engrandecendo, pois tudo isso é caminhar para a perfeição.

Tratando-se de entidades inferiores, dá-se idêntico fenômeno de criação mental, não obstante a diferença impressionante na direção criadora, uma vez que estes operadores ignoram sejam os ambientes que os rodeiam criações de suas próprias mentes, pois que o feito também se poderá operar à revelia da vontade premeditada e intencional, sob o choque emocional da mente exacerbada, bastando apenas que seus pensamentos trabalhem ou se impressionem com imagens fortes, como acontece com os suicidas, que vivem rodeados de cenas macabras de suicídio. Certamente que, deseducadas, criminosas, muitas vezes dadas ao mal, com suas irradiações mentais contaminadas pelo vírus de mil prejuízos, essas entidades se cercarão, no Além-Túmulo, de criações grosseiras, dramáticas, mesmo trágicas, que a elas mesmas horrorizam, pois que eivadas de todas as artimanhas e ciladas oriundas dos pensamentos inferiores. **E, reunidos tais Espíritos em grupos e falanges, em virtude da lei de similitude, que os leva a se atraírem uns aos outros, terão criado, então, seus próprios infernos, suas próprias prisões, seus antros ignóbeis, a que nada sobre a Terra poderá assemelhar-se.** E os criam servindo-se das mesmas forças motoras do pensamento, agindo sobre as mesmas essências, os mesmos fluidos, as mesmas ondas vibratórias do éter. Tais, porém, sejam as necessidades de interesse geral, essas regiões, e com elas os Espíritos inferiores seus criadores, serão localizadas num ponto ermo do Invisível ou da Terra mesma, temporariamente, a fim de que eles se não imiscuam com os homens e vislumbrem, na forja dos sofrimentos, o imperativo de regeneração e progresso. É a isso

que os instrutores espirituais denominam “Invisível Inferior”, porque nós outros precisaremos de alguma expressão, de um vocábulo para nos apossar dos ensinamentos fornecidos pelo Espaço. ⁽⁴¹⁸⁾ (grifo nosso, exceto o indicado como do original)

Os pontos abordados por Yvonne A. Pereira merecem uma maior reflexão da parte de todos nós, especialmente, por advogar a ideia de que essas construções são temporárias, não como algo a perdurar *ad aeternum*, como, a princípio, se poderá pensar.

No prefácio da obra **Libertação**, de André Luiz, temos a história do peixinho vermelho contada por Emmanuel, que achamos pertinente transcrevê-la aqui, para finalizar esse estudo:

A lenda egípcia do peixinho vermelho

No centro de formoso jardim, havia grande lago, adornado de ladrilhos azul-turquesa.

Alimentado por diminuto canal de pedra, escoava suas águas, do outro lado, através de grade muito estreita.

Nesse reduto acolhedor, vivia toda uma comunidade de peixes, a se refestelarem, nédios e satisfeitos, em complicadas locas, frescas e sombrias. Elegeram um dos concidadãos de barbatanas para os encargos de rei, e ali viviam,

plenamente despreocupados, entre a gula e a preguiça.

Junto deles, porém, havia um peixinho vermelho, menosprezado de todos.

Não conseguia pescar a mais leve larva, nem refugiar-se nos nichos barrentos.

Os outros, vorazes e gordalhudos, arrebatavam para si todas as formas larvárias e ocupavam, displicentes, todos os lugares consagrados ao descanso.

O peixinho vermelho que nadasse e sofresse. Por isso mesmo era visto, em correria constante, perseguido pela canícula ou atormentado de fome.

Não encontrando pouso no vastíssimo domicílio, o pobrezinho não dispunha de tempo para muito lazer e começou a estudar com bastante interesse.

Fez o inventário de todos os ladrilhos que enfeitavam as bordas do poço, arrolou todos os buracos nele existentes e sabia, com precisão, onde se reuniria maior massa de lama por ocasião dos aguaceiros.

Depois de muito tempo, à custa de longas perquirições, encontrou a grade do escoadouro.

A frente da imprevista oportunidade de aventura benéfica, refletiu consigo:

- “Não será melhor pesquisar a vida e conhecer outros rumos?”

Optou pela mudança.

Apesar de macérrimo pela abstenção completa de qualquer conforto, perdeu várias escamas, com grande sofrimento, a fim de atravessar a passagem estreitíssima.

Pronunciando votos renovadores, avançou, otimista, pelo rego d'água, encantado com as novas paisagens, ricas de flores e sol que o defrontavam, e seguiu, embriagado de esperança...

Em breve, alcançou grande rio e fez inúmeros conhecimentos.

Encontrou peixes de muitas famílias diferentes, que com ele simpatizaram, instruindo-o quanto aos percalços da marcha e descortinando-lhe mais fácil roteiro.

Embevecido, contemplou nas margens homens e animais, embarcações e pontes, palácios e veículos, cabanas e arvoredos.

Habitado com o pouco, vivia com extrema simplicidade, jamais perdendo a leveza e a agilidade naturais.

Conseguiu, desse modo, atingir o oceano, ébrio de novidade e sedento de estudo.

De início, porém, fascinado pela paixão de observar, aproximou-se de uma baleia para quem toda a água do lago em que vivera não seria mais que diminuta ração; impressionado com o espetáculo, abeirou-se dela mais que devia e foi tragado com os elementos que lhe constituíam a primeira refeição diária.

Em apuros, o peixinho aflito orou ao Deus dos Peixes, rogando proteção no bojo do monstro e, não obstante as trevas em que pedia salvamento, sua prece foi ouvida, porque o valente cetáceo começou a soluçar e vomitou, restituindo-o às correntes marinhas.

O pequeno viajante, agradecido e feliz, procurou

companhias simpáticas e aprendeu a evitar os perigos e tentações.

Plenamente transformado em suas concepções do mundo, passou a reparar as infinitas riquezas da vida. Encontrou plantas luminosas, animais estranhos, estrelas móveis e flores diferentes no seio das águas. Sobretudo, descobriu a existência de muitos peixinhos, estudiosos e delgados tanto quanto ele, junto dos quais se sentia maravilhosamente feliz.

Vivia, agora, sorridente e calmo, no Palácio de Coral que elegera, com centenas de amigos, para residência ditosa, quando, ao se referir ao seu começo laborioso, veio a saber que somente no mar as criaturas aquáticas dispunham de mais sólida garantia, de vez que, quando o estio se fizesse mais arrasador, as águas de outra altitude continuaria a correr para o oceano.

O peixinho pensou, pensou... e sentindo imensa compaixão daqueles com quem convivera na infância, deliberou consagrar-se à obra do progresso e salvação deles.

Não seria justo regressar e anunciar-lhes a verdade? Não seria nobre ampará-los, prestando-lhes a tempo valiosas informações?

Não hesitou.

Fortalecido pela generosidade de irmãos benfeitores que com ele viviam no Palácio de Coral, empreendeu comprida viagem de volta.

Tornou ao rio, do rio dirigiu-se aos regatos e dos regatos se encaminhou para os canaizinhos que o conduziram ao primitivo lar.

Esbelto e satisfeito como sempre, pela vida de

estudo e serviço a que se devotava, varou a grade e procurou, ansiosamente, os velhos companheiros.

Estimulado pela proeza de amor que efetuava, supôs que o seu regresso causasse surpresa e entusiasmo gerais. Certo, a coletividade inteira lhe celebraria o feito, mas depressa verificou que ninguém se mexia.

Todos os peixes continuavam pesados e ociosos, repimpados nos mesmos ninhos lodacentos, protegidos por flores de lótus, de onde saíam apenas para disputar larvas, moscas ou minhocas desprezíveis.

Gritou que voltara a casa, mas não houve quem lhe prestasse atenção, porquanto ninguém ali, havia dado pela ausência dele.

Ridicularizado, procurou, então, o rei de guelras enormes e comunicou-lhe a reveladora aventura.

O soberano, algo entorpecido pela mania de grandeza, reuniu o povo e permitiu que o mensageiro se explicasse.

O benfeitor desprezado, valendo-se do ensejo, esclareceu, com ênfase, que havia outro mundo líquido, glorioso e sem fim. Aquele poço era uma insignificância que podia desaparecer, de momento para outro. Além do escoadouro próximo desdobravam-se outra vida e outra experiência. Lá fora, corriam regatos ornados de flores, rios caudalosos repletos de seres diferentes e, por fim, o mar, onde a vida aparece cada vez mais rica e mais surpreendente. Descreveu o serviço de tainhas e salmões, de trutas, esqualos. Deu notícias de peixe-lua, do peixe-coelho e do galudo-mar. Contou que vira o céu repleto de astros

sublimes e que descobrira árvores gigantescas, barcos imensos, cidades praieiras, monstros temíveis, jardins submersos, estrelas do oceano e ofereceu-se para conduzi-los ao Palácio de Coral, onde viveriam todos, prósperos e tranquilos. Finalmente os informou de que semelhante felicidade, porém, tinha igualmente um preço. Deveriam todos emagrecer, convenientemente, abstando-se de devorar tanta larva e tanto verme nas locas escuras e aprendendo a trabalhar e estudar tanto quanto era necessário à venturosa jornada.

Assim que terminou, gargalhadas estridentes coroaram-lhe a preleção.

Ninguém acreditou nele.

Alguns oradores tomaram a palavra e afirmaram, solenes, que o peixinho vermelho delirava, que outra vida além do poço era francamente impossível, que aquela história de riachos, rios e oceanos era mera fantasia de cérebro demente e alguns chegaram a declarar que falavam em nome do Deus dos Peixes, que trazia os olhos voltados para eles unicamente.

O soberano da comunidade, para melhor ironizar o peixinho, dirigiu-se em companhia dele até a grade de escoamento e, tentando, de longe, a travessia, exclamou, borbulhante:

– “Não vês que não me cabe aqui nem uma só de minhas barbatanas? Grande tolo! Vai-te daqui! Não nos perturbes o bem-estar... Nosso lago é o centro do Universo... Ninguém possui vida igual à nossa!...”

Expulso a golpes de sarcasmo, o peixinho realizou a viagem de retorno e instalou-se, em

definitivo, no Palácio de Coral, aguardando o tempo.

Depois de alguns anos, apareceu pavorosa e devastadora seca.

As águas desceram de nível. E o poço onde viviam os peixes pachorrentos e vaidosos esvaziou-se, compelindo a comunidade inteira a perecer, atolada na lama... ⁽⁴¹⁹⁾

Comparamos os médiuns Chico Xavier, Yvonne Pereira, Heigorina Cunha e vários outros que, nitidamente, já percebem a realidade do mundo espiritual, em suas “viagens” ao mundo dos Espíritos, como importante tarefa missionária de fazer luz nas trevas da ignorância, com a saga do peixinho vermelho que descobriu um mundo novo e foi, ridiculamente desacreditado e desqualificado.

Sejamos como o peixinho vermelho da história, que não se contentou com o conhecimento apenas transmitido e estanque. Foi muito além e adquirindo novos conhecimentos por vivenciar outras experiências, fora do lugar-comum da que todos estavam acostumados.

Provavelmente, não conseguiremos acabar com as dúvidas sobre o assunto em foco, razão pela qual recomendamos aos que ainda as possam ter, ler

todas as obras aqui mencionadas e o livro *Colônias Espirituais*, no qual a autora, Lúcia Maria Farias Loureiro de Souza ou, simplesmente, Lúcia Loureiro, apresenta uma profunda pesquisa sobre esse instigante assunto.

Reportamo-nos a essa fala de Arthur Conan Doyle, por oportuna: *“Nada constitui prova para aqueles que se acham tão cheios de preconceitos que não têm mais lugar para o raciocínio”*. ⁽⁴²⁰⁾.

Infelizmente, encontramos, no meio Espírita, alguns companheiros que se fazem de ortodoxos, baseados apenas em suas opiniões pessoais, criando polêmica sobre qualquer assunto que não condiz com a sua maneira de interpretar; a eles nada mais podemos dizer do que já foi dito por Léon Denis em ***Espíritos e Médiuns***:

[...] O Espiritismo, que se baseia na verdade, é imperecível, mas sua marcha pode se ver entorpecida pelos erros e faltas de seus próprios partidários, muito mais do que pela oposição e manejos de seus adversários. ⁽⁴²¹⁾

Referências bibliográficas

- ALEXANDER, E. **Mapa do Céu**. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.
- ALEXANDER, E. **Uma Prova do Céu**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.
- ARAÚJO, J. F. **Cidades Espirituais: Muitas Moradas**. Blumenau (SC): CEIL, 2014.
- BARBOSA, E. **No Mundo de Chico Xavier**. Araras (SP): IDE, 1992.
- BARKER, E. **Cartas de um Morto-vivo**. São Paulo: LAKE, 2011.
- BORGIA, A. **A Vida nos Mundos Invisíveis**. São Paulo: Pensamento, 1991.
- BOZZANO, E. **A Crise da Morte**. São Paulo: Maltese, 1991.
- BOZZANO, E. **O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas**. São Paulo: Instituto Lachâtre, 2019.
- BRADLEY, H. D. **Rumo às Estrelas**. São Paulo: Lake, 1999.
- BROWNE, S. **O Outro Lado da Vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- BRUNE, F. **Os Mortos nos Falam**. Sobradinho (DF): Edicel, 1991.
- CANUTTI, W. A. **Getúlio Vargas em Dois Mundos**. Capivari (SP): EME, 2011.
- CARNEIRO, O. N. **Colônia Espiritual Novo Amanhecer**. Bauru (SP): CEAC, 2021.
- CRISTIANO, E. **Aconteceu na Casa Espírita**. Campinas (SP): CEAK, 2003.

- CROSSAN, J. D. **O Jesus histórico: a Vida de um Camponês Judeu do Mediterrâneo**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- CUNHA, H. **Cidade no Além**. Araras (SP): IDE, 1989.
- DAMO, V. A. **Moradas Espirituais: Visitas a Vinte Colônias**. Distrito Federal: Auta de Souza, 2014.
- DENIS, L. **Depois da Morte**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DENIS, L. **Espíritos e Médiuns**. Rio de Janeiro: CELD, 2011.
- DENIS, L. **No Invisível**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DOYLE, A. C. **História do Espiritismo**. São Paulo: Pensamento, 1990.
- FIGUEIREDO, R. **O Testemunho dos Sábios**. Catanduva (SP): Boa Nova, 2014.
- FINDLAY, J. A. **No Limiar do Etéreo, ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada**. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- FRANCO, D. P. **No Limiar do Infinito**. Salvador: LEAL, 2000.
- FREIRE, G. T. **Ícaro Redimido: a Vida de Santos Dumont no Plano Espiritual**. Belo Horizonte: EDIAME, 2002.
- GENTILE, S. e ARANTES, H. M. C. (Org.) **Entrevistas - Francisco Cândido Xavier/Emmanuel**. Araras (SP): IDE, 1994.
- GLASER, A. **Alvorada Nova**. Matão (SP): O Clarim, 2000.
- GREAVES, H. **Além do Véu da Morte**. São Paulo: Pensamento, s/d.
- GUARANI, E. e PREZIA, B. **A Criação do Mundo**. São Paulo: Formato Editorial, 2011.
- GUGGENHEIM, B. e J. **Um Alô do Céu: Um Vasto Campo de Pesquisa, Comunicação Pós-morte, Confirma que a Vida e o Amor são Eternos**. São Paulo: Butterfly, 2008.

- INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA – IDE. **Anuário Espírita 1969** – Araras (SP), 1969.
- KARDEC, A. **A Gênese**. Rio de Janeiro: CELD, 2010.
- KARDEC, A. **Catálogo Racional: Obras Para se Fundar Uma Biblioteca Espírita**. São Paulo: Madras: USE, 2004.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo** (trad. Herculano Pires). Capivari (SP): EME, 2006.
- KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos - Primeira edição de 1857**. São Paulo: IPECE, 2004.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **Obras Póstumas**. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1858**. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1859**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1860**. Sobradinho (DF): Edicel, 2011.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1861**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1862**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1863** – PDF. Rio de Janeiro: FEB, 2004.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1863**. Araras (SP): IDE, 2000.

- KARDEC, A. **Revista Espírita 1864**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1865** – PDF. Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1865**. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1866**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1867**. Araras (SP): IDE, 1999.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1868**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1869**. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. **Revue Spirite 1865** – PDF. Paris: USFeF, 2004.
- LEONARD, G. O. **Minha Vida em Dois Mundos**. – PDF. São Paulo: Autores Espíritas Clássicos, 2016.
- LODGE, O. **Raymond: Uma Prova da Existência da Alma**. São Paulo: Lake, 2012.
- LONG, J. e PERRY, P. **Evidências da Vida Após a Morte**. São Paulo: Larousse, 2010.
- LORENZ, F. V. **Chamas de Ódio e a Luz do Puro Amor**. São Paulo: Pensamento, s/d
- LOUREIRO, L. **Colônias Espirituais**. São Paulo: Editora Mnêmio Túlio, 1995.
- MIRANDA, H. C. **Swedenborg, Uma Análise Crítica**. Rio de Janeiro: CELD, 2014.
- MONTGOMERY, R. **A Vida no Além-túmulo**. Rio de Janeiro: Record, 1971.
- MOODY JR, R. A. **Reflexões Sobre Vida Depois da Vida**. Rio de Janeiro: Nordica, 1987.
- MORAES, N. **Um Roqueiro no Além**. São Paulo: SpeedArt, 1998.

- NOBRE, M. ***Lições de Sabedoria: Chico Xavier nos 23 Anos da Folha Espírita***. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1997.
- OWEN, G. V. ***A Vida Além do Véu***. Rio de Janeiro: FEB, 1983.
- OWEN, R. D. ***Região em Litígio - Entre Este Mundo e o Outro***. Rio de Janeiro: FEB, 1982.
- PAIXÃO, W. G. ***Em Novos Horizontes***. Belo Horizonte, UEM, 2004.
- PEREIRA, Y. A. ***Devassando o Invisível***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- PEREIRA, Y. A. ***Memórias de Um Suicida***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- PIRES, J. H. ***O Espírito e o Tempo***. São Paulo: Edicel, 2003.
- PIRES, J. H. ***O Infinito e o Finito***. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraternal, 1983.
- PIRES, J. H. ***O Mistério do Bem e do Mal***. S. Bernardo do Campo (SP): Correio Fraternal, 1992.
- PIRES, J. H. ***Vampirismo***. São Paulo: Paideia, 1980.
- PRAAGH, J. V. ***Espíritos Entre Nós***. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.
- RANDALL, E. C. ***The Future of Man***. New York: Otto Ulbrich Company, 1908.
- RICHET, C. ***A Grande Esperança***. São Paulo: Lake, 1999.
- RULOF, J. ***Uma Olhada no Além***. Alkmaar, Holanda: Fundação Associação Espiritual – Científico “O Século de Cristo”, 2015.
- SANTOS JUNIOR, J. ***Mensagens de Além-túmulo***. Sacramento (MG): Ed. Esperança e Caridade e Colégio Allan Kardec, 2019.
- SCHUTEL, C. ***A Vida no Outro Mundo***. Matão (SP): O Clarim, 2011.

- SERRANO, A. **Os Que Voltaram Para Contar**. São Paulo: Planeta, 2017.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. **Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?**. Divinópolis (MG): Ethos Editora, 2019.
- SIMONETTI, R. **André Luiz - Refutações** in: *Revista Internacional de Espiritismo - RIE*. Matão (SP): O Clarim, mai/2014, p. 223.
- SINGH, S. S. **Visões do Mundo Espiritual**. (PDF), 2ª edição. A Voz do Vento (site), 2020.
- SWEDENBORG, E. **O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto**. Brasil: Edições das doutrinas celestes para a nova jerusalém, 2005.
- WICKLAND, C. A. **Trinta Anos Entre os Mortos**. Trad. Daniel S. Viveiros, 2016.
- XAVIER, F. C. **Ação e Reação**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- XAVIER, F. C. **Cartas de Uma Morta**. São Paulo: Lake, 1981.
- XAVIER, F. C. **Libertação**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- XAVIER, F. C. **Nosso Lar**. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

Periódico:

Anuário Espírita 1869. Araras (SP): IDE, 1869.

Revista Internacional de Espiritismo - RIE. Matão, SP: O Clarim, mai/2014.

Internet:

A Voz do Vento, *Sadhu Sundar Singh*, disponível em: <https://www.avozdovento.com/visoes-do-mundo-espiritual>. Acesso em: 04 fev. 2022.

Biografia de James Harvey Hyslop, disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/James_H._Hyslop. Acesso em: 08 mai. 2018.

Biografia Ernesto Bozzano, disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ernesto_Bozzano. Acesso em: 07 mai. 2018.

Dados biográficos Findlay: <http://www.answers.com/topic/j-arthur-findlay>. Acesso em: 08 mai. 2018.

FARIA, *Júpiter*, disponível em: <https://www.infoescola.com/sistema-solar/jupiter/>. Acesso em: 08 mai. 2018.

FEB (site), *A emancipação da alma*, link: <http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/M%C3%B3dulo-1-Tema-10-A-emancipa%C3%A7%C3%A3o-da-alma.pdf>, slide 4. Acesso em: 20 mai. 2018.

FEB (site), *Dados Biográficos de Yvonne A. Pereira para a Federação Espírita Brasileira*, disponível em: https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2019/12/Yvonne_do_Amaral.pdf. Acesso em: 05 ago. 2024.

FERNANDES, C. R. *Maria João de Deus e suas cartas*, disponível em: http://www.casadocaminhosc.com.br/_artigos/147-cartas-de-chico.html. Acesso em: 20 mai. 2018.

INTERNET ARCHIVES, *The Future of Man*, disponível em: https://archive.org/details/the-future-of-man_202404/page/n1/mode/2up. Acesso em: 05 ago. 2024.

KARDEC, A. site IPEAK – Instituto de Pesquisas Espíritas Allan Kardec. <http://www.edesp.eu/site/frases.php?idioma=1>. Acesso: em 31 dez. 2014.

MAIA, J. N. *Filosofia Espírita X*, disponível em: <http://www.olivrodosespiritoscomentado.com/fev20q1017c.html>. Acesso em: 13 dez. 2014.

MAIA, J. N. *Filosofia Espírita*, vol. V. disponível em: <http://www.olivrodosespiritoscomentado.com/fev5q224c.html>. Acesso em: 18 mai. 2018.

MULTIDIMENSIONAL MAN, *Do we dissolve into nothingness when que die?*, disponível em:
http://www.multidimensionalman.com/Multidimensional-Man/Astral_Travel_and_life_after_death.html. Acesso em: 20 mai. 2018.

PIRES, J. H. *No Limiar do Amanhã*, programa 92 de 1972, disponível na Internet pelo link
<https://www.youtube.com/watch?v=tYlWegj0GoA&feature=youtu.be>. Acesso em 13 dez. 2014.

Povos indígenas no Brasil:
<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/287>. Acesso em: 17. jan. 2015.

REVISTA GALILEU, *Tabuleiro Ouija*, disponível em:
https://s2.glbimg.com/bZ9qWMxbgst_aP9T9p_t0-3JiLc=/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2016/10/19/felinebird.jpg. Acesso em: 06 mar. 2024.

ROWE, E. S. *Friendship in death: in twenty letters from the dead to the living*, disponível em:
https://archive.org/details/bim_eighteenth-century_friendship-in-death-in-_rowe-elizabeth-singer_1760_0/page/n5/mode/2up. Acesso em: 11 nov. 2024.

Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo:
<http://www.museuindiavanuire.org.br/india-vanuire/os-kaingang>. Acesso em: 17 jan. 2015.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *O concurso de quantos médiuns será necessário para se ter o Controle Universal?*, disponível em:
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/988-o-concurso-de-quantos-mediuns-sera-necessario-para-se-ter-o-controle-universal>. Acesso em: 11 nov. 2022.

Site Sobrenatural:

http://www.sobrenatural.org/noticia/detalhar/1742/a_co_municacao_com_espiritos_e_o_vaticano/. Acesso em: 13 dez. 2014.

UFJF – UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, *Projeto concernente ao Espiritismo*, disponível em: <https://projetokardec.ufjf.br/item-pt/?id=229>. Acesso em: 10 abr. 2024.

VICTOR ZAMMIT, *Out-of-body experiencers all agree that we go to a real world*, disponível em: <http://www.victorzammit.com/archives/2018/April13th2018.htm>. Acesso em: 20 mai. 2018.

WALBROOK, L. *The of Case Lester Coltman*, arquivo PDF: <http://www.spiritwritings.com/CaseLesterColtman.pdf>, Acesso em: 17 jan. 2015.

WIKIPÉDIA, *Lavoisier*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Antoine_Lavoisier. Acesso em: 05 ago. 2024.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: uma alma feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A Reencarnação Tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem)*; 7)

Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso; 8) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 16) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 17) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 18) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 19) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 20) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 21) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 22) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 23) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 24) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 25) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 26) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 27) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 28) Haveria Fetos Sem Espírito?; e 29) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 Desencarnou em 17 de dezembro de 2017.
- 2 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 242.
- 3 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, Conclusão, p. 536-537.
- 4 FIGUEIREDO, *O testemunho dos sábios*, p. 194.
- 5 KARDEC, *Revista Espírita 1863* (FEB - PDF), p. 145-146.
- 6 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 88.
- 7 O sadhu é um hindu que dedica toda a sua vida à sua religião e abandona todos os prazeres mundanos. (A Voz do Vento, disponível em:
<https://www.avozdovento.com/visoes-do-mundo-espiritual>
- 8 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 27-28.
- 9 GUARANI e PREZIA, *A criação do mundo*, p. 58.
- 10 GUARANI e PREZIA, *A criação do mundo*, p. 58.
- 11 Site Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo:
<http://www.museuindiavanuire.org.br/india-vanuire/os-kaingang>
- 12 Site Povos Indígenas no Brasil:
<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/287>
- 13 ALEXANDER, *Mapa do céu*, p. 113.
- 14 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 195.
- 15 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 67.
- 16 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 66-67.
- 17 Link: <https://www.infoescola.com>
- 18 FARIA, *Júpiter*, disponível em:
<https://www.infoescola.com/sistema-solar/jupiter/>
- 19 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p.71.
- 20 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 108.
- 21 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 110, 112.
- 22 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 202-203.

- 23 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 204.
- 24 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 222.
- 25 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 223.
- 26 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 224.
- 27 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 227.
- 28 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 73.
- 29 PEREIRA, *Devassando o invisível*, p. 10-12.
- 30 Nota da transcrição: São essas reproduções de vidas humanas que os Instrutores Espirituais dão a ver aos médiuns, no Espaço, durante o sono letárgico, ou desdobramento, e dos quais se originam os romances mediúnicos, sempre tão atraentes. Vide capítulo VI.
- 31 Nota da transcrição: Dante Alighieri – Ilustre poeta e pensador italiano, nascido em 1265 e falecido em 1321, autor do poema épico “Divina Comédia”, considerado “uma das mais altas concepções do espírito humano”. Esse poema contém as ideias e a filosofia da Idade Média e se divide em três pontos: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso, e figura uma viagem do poeta ao Mundo Invisível. Pode-se acrescentar que essa obra imortal criou a poesia e a linguagem italianas.
- 32 PEREIRA, *Devassando o invisível*, p. 12-14.
- 33 Nota da transcrição: Certa vez, durante um transporte em corpo astral, tivemos ocasião de visitar, no Espaço, conduzida pelo Espírito de nossa mãe, uma tia falecida havia três anos, Sra. Ernestina Ferraz, de quem fomos muito amiga e de quem recebêramos, sempre, muitas provas de dedicação e ternura maternal, sobre a Terra. Recebeu-nos em “um meio imediato”, segundo as expressões de Bozzano, criado por ela própria, pois havia um salão de visitas idêntico ao de sua antiga residência terrena, com o velho piano de carvalho que fora seu (ou a sua reprodução fluídica), e que, presentemente, se encontra em nosso poder. Aberto, com a partitura no local devido, o piano fluídico era dedilhado por sua irmã caçula, Luísa, também já

falecida, a qual ela própria educara, inclusive ensinando-lhe música. Tal a realidade da criação que, talvez perturbada com a situação frisante, exclamamos, algo vexada:

- Oh, titia! O seu piano está necessitando de um reparo... está desafinado... mas prometo que o mandarei consertar...

E ela, prontamente:

- Não te incomodes, minha filha, com este meu piano... Presentemente, o piano, devidamente conservado, é mantido como recordação da boa amiga que tanto nos serviu.

34 PEREIRA, *Devassando o invisível*, p. 17-18.

35 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p. 22.

36 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p. 28.

37 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p. 30.

38 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p. 31.

39 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p. 34.

40 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p. 66.

41 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p. 67.

42 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p. 68.

43 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p. 68-69.

44 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p. 69.

45 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 40.

46 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 41.

47 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 122.

48 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 223.

49 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 370.

50 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 377.

51 KARDEC, *A Gênese*, p. 49.

52 KARDEC, *A Gênese*, p. 54.

- 53 UFJF - UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Projeto
concernente ao Espiritismo, disponível em:
<https://projetokardec.ufjf.br/item-pt/?id=229>
- 54 KARDEC, *A Gênese*, p. 30.
- 55 KARDEC, *A Gênese*, p. 31-32.
- 56 KARDEC, *A Gênese*, p. 57.
- 57 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 370-371.
- 58 KARDEC, *O Livro dos Espíritos - Primeira edição de 1857*, p. 55.
- 59 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 225.
- 60 KARDEC, *Revista Espírita 1863 - PDF*, p. 65.
- 61 KARDEC, *Revista Espírita 1863 - PDF*, p. 65.
- 62 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, 336-337.
- 63 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 373-374.
- 64 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 102.
- 65 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 530-531.
- 66 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 531.
- 67 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 71.
- 68 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 51-52.
- 69 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 245.
- 70 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, Edicel, p. 223.
- 71 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 178.
- 72 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 110.
- 73 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 201.
- 74 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 161-162.
- 75 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 109-110.
- 76 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 112.
- 77 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 180-182.

- 78 Vide perguntas 223 a 233 de *O Livro dos Espíritos*.
- 79 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 153.
- 80 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 208.
- 81 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 150.
- 82 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 185.
- 83 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 158-159.
- 84 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 192.
- 85 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 187.
- 86 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 28.
- 87 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 32.
- 88 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 33.
- 89 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 36.
- 90 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 37.
- 91 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 38.
- 92 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 105-106.
- 93 KARDEC, *A Gênese*, p. 251.
- 94 Nota da transcrição: Desta comunicação, cujo original é em alemão, extraímos os tópicos que interessam ao assunto de que nos ocupamos, suprimindo os de natureza exclusivamente familiar.
- 95 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 238-240.
- 96 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 232.
- 97 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 236.
- 98 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 311.
- 99 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 311.
- 100 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 313-314.
- 101 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 329.
- 102 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 344.
- 103 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 21.

- 104 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 360-361.
- 105 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, IDE, p. 160.
- 106 KARDEC, *Revue Spirite 1865*, USFeF – PDF, p. 160.
- 107 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, FEB – PDF, p. 219.
- 108 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 110.
- 109 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 205.
- 110 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 205.
- 111 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 234.
- 112 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 237-238.
- 113 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 238.
- 114 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 245.
- 115 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 125.
- 116 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 126.
- 117 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 126-127.
- 118 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 72.
- 119 KARDEC, *A Gênese*, p. 417.
- 120 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 72.
- 121 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 91.
- 122 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 73.
- 123 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 201.
- 124 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 204-205.
- 125 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 178-179.
- 126 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 344-345.
- 127 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 341-342.
- 128 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 345.
- 129 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 244.
- 130 N.T.: Ver-se-á mais adiante que, por veículo, o autor entende o corpo fluídico.

- 131 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 327-328.
- 132 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 328.
- 133 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 331.
- 134 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 102.
- 135 KARDEC, *A Gênese*, p. 300.
- 136 KARDEC, *A Gênese*, p. 305-306.
- 137 OWEN, R. *Região em litígio - entre este mundo e o outro*, p. 423.
- 138 OWEN, R. *Região em litígio - entre este mundo e o outro*, p. 427.
- 139 Essa obra nos foi indicada pelo amigo Luciano Grisolia Minozzo, atual Diretor Administrativo do CCDPE-ECM, link: https://archive.org/details/the-future-of-man_202404
- 140 RANDALL, *The Future of Man*, p. 211-217.
- 141 Biografia de James Harvey Hyslop, disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/James_H._Hyslop
- 142 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 7-8.
- 143 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 8.
- 144 LODGE, *Raymund: uma prova da existência da alma*, p. 114.
- 145 LODGE, *Raymund: uma prova da existência da alma*, p. 120-121.
- 146 LODGE, *Raymund: uma prova da existência da alma*, p. 124.
- 147 LODGE, *Raymund: uma prova da existência da alma*, p. 127.
- 148 LODGE, *Raymund: uma prova da existência da alma*, p. 139.
- 149 LODGE, *Raymund: uma prova da existência da alma*, p. 188-190.

- 150 DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 476-477.
- 151 DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 479-481.
- 152 DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 481.
- 153 Encontramos referência a várias datas: 1924, 1926, 1929 e 1930, a última é do biógrafo Gastone de Boni.
- 154 Biografia Ernesto Bozzano, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ernesto_Bozzano
- 155 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 5.
- 156 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 21.
- 157 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 22-23.
- 158 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 245.
- 159 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 246-247.
- 160 PEREIRA, *Devassando o invisível*, p. 16.
- 161 www.answers.com/topic/j-arthur-findlay
- 162 FINDLAY, *No limiar do etéreo, ou, Sobrevivência à morte cientificamente explicada*, p. 58.
- 163 FINDLAY, *No limiar do etéreo, ou, Sobrevivência à morte cientificamente explicada*, p. 127.
- 164 FINDLAY, *No limiar do etéreo, ou, Sobrevivência à morte cientificamente explicada*, p. 128-130.
- 165 FINDLAY, *No limiar do etéreo, ou, Sobrevivência à morte cientificamente explicada*, p. 131.
- 166 FINDLAY, *No limiar do etéreo, ou, Sobrevivência à morte cientificamente explicada*, 137,140-141.
- 167 Na orelha do livro.
- 168 SCHUTEL, *A vida no outro mundo*, p. 61.
- 169 SCHUTEL, *A vida no outro mundo*, p. 63-64.
- 170 SCHUTEL, *A vida no outro mundo*, p. 66-67.
- 171 SCHUTEL, *A vida no outro mundo*, p. 67-68.
- 172 SCHUTEL, *A vida no outro mundo*, p. 84-86.

- 173 SCHUTEL, *A vida no outro mundo*, p. 87-88.
- 174 SCHUTEL, *A vida no outro mundo*, p. 91-94 – *passim*.
- 175 SCHUTEL, *A vida no outro mundo*, p. 95.
- 176 http://www.sobrenatural.org/noticia/detalhar/1742/a_comunicacao_com_espiritos_e_o_vaticano/
- 177 BRUNE, *Os mortos nos falam*, p. 127.
- 178 Nota transcrição: Alberto Pauchard, op. cit. p. 284.
- 179 BRUNE, *Os mortos nos falam*, p. 154-168.
- 180 BRUNE, *Os mortos nos falam*, p. 193-194.
- 181 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, contracapa.
- 182 PIRES, *O Espírito e o tempo*, p. 194.
- 183 PIRES, *O Espírito e o tempo*, p. 209.
- 184 PIRES, *O mistério do bem e do mal*, p. 72-74.
- 185 XAVIER, *Ação e reação*, p. 58.
- 186 XAVIER, *Ação e reação*, p. 256.
- 187 PIRES, *O infinito e o finito*, p. 98-100.
- 188 PIRES, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tYlWegi0GoA&feature=youtu.be>, acesso em dez/2014.
- 189 SIMONETTI, *André Luiz – refutações* in: Revista Internacional de Espiritismo, p. 223.
- 190 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 40.
- 191 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 41.
- 192 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 41.
- 193 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 43.
- 194 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 45.
- 195 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 45.
- 196 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 49.
- 197 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 51-52.

- 198 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 54.
- 199 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 61.
- 200 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 64.
- 201 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 86.
- 202 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 89.
- 203 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 103.
- 204 BARKER, *Cartas de um morto-vivo*, p. 124-125.
- 205 SCHUTEL, *A vida no outro mundo*, p. 102-104.
- 206 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 99-100.
- 207 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 109.
- 208 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 112-113.
- 209 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 115.
- 210 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 138-139.
- 211 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 144-145.
- 212 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 283-285.
- 213 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 308.
- 214 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 320.
- 215 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 340-341.
- 216 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 383.
- 217 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 387-390.
- 218 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 427.
- 219 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 428-429.
- 220 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 445.
- 221 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 479-481.
- 222 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 495-498.
- 223 WICKLAND, *Trinta anos entre os mortos*, p. 502.
- 224 BRADLEY, *Rumo às Estrelas*, p. 249-250.
- 225 BRADLEY, *Rumo às Estrelas*, p. 270-272.

- 226 BRADLEY, *Rumo às Estrelas*, p. 273.
- 227 REVISTA GALILEU, *Tabuleiro Ouija*, disponível em: https://s2.glbimg.com/bZ9qWMxbgst_aP9T9p_t0-3JiLc=/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2016/10/19/felinebird.jpg
- 228 BRADLEY, *Rumo às Estrelas*, p. 225.
- 229 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte I, p. 52.
- 230 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte I, p. 53-54.
- 231 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte I, p. 57.
- 232 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte I, p. 58-59.
- 233 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte I, p. 141.
- 234 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte I, p. 167.
- 235 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte II, p. 336.
- 236 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte II, p. 353-354.
- 237 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte II, p. 357.
- 238 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte III, p. 527-528.
- 239 RULOF, *Uma olhada no Além*, Parte III, p. 556-557.
- 240 XAVIER, *Cartas de uma morta*, p. 22.
- 241 XAVIER, *Cartas de uma morta*, p. 28.
- 242 LORENZ, *Chamas de ódio e a luz do puro amor*. p. 179.
- 243 LORENZ, *Chamas de ódio e a luz do puro amor*. p. 180.
- 244 LORENZ, *Chamas de ódio e a luz do puro amor*. p. 178.
- 245 SANTOS JÚNIOR, *Mensagens de além-túmulo*, p. 46-47.
- 246 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 15.
- 247 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 16.
- 248 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 17.
- 249 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 18.
- 250 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 20.
- 251 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 20.

- 252 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 28.
- 253 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 28.
- 254 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 31.
- 255 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 37.
- 256 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 45.
- 257 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 46.
- 258 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 78.
- 259 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 79.
- 260 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 87
- 261 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 102.
- 262 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 105.
- 263 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 109.
- 264 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 117.
- 265 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 117
- 266 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 117.
- 267 BORGIA, *A vida nos mundos invisíveis*, p. 120.
- 268 GREAVES, *Além do véu da morte*, p. 82-84.
- 269 GREAVES, *Além do véu da morte*, p. 95-97.
- 270 MONTGOMERY, *A Vida no Além-túmulo*, p. 25.
- 271 MONTGOMERY, *A Vida no Além-túmulo*, p. 40-41.
- 272 MONTGOMERY, *A Vida no Além-túmulo*, p. 44-45.
- 273 MONTGOMERY, *A Vida no Além-túmulo*, p. 48-49.
- 274 MONTGOMERY, *A Vida no Além-túmulo*, p. 65.
- 275 MONTGOMERY, *A Vida no Além-túmulo*, p. 66-67.
- 276 MONTGOMERY, *A Vida no Além-túmulo*, p. 69-70.
- 277 MONTGOMERY, *A Vida no Além-túmulo*, p. 140-141.
- 278 FRANCO, *No limiar do infinito*, p. 97-102.

- 279 MAIA, disponível em
<http://www.olivrodosespiritoscomentado.com/fev20q1017c.html> acesso dez/2014.
- 280 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 22
- 281 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 13.
- 282 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 188.
- 283 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 17.
- 284 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 17.
- 285 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 19.
- 286 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 20.
- 287 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 56-57.
- 288 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 57,
- 289 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 59.
- 290 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 59-60.
- 291 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 65.
- 292 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 65.
- 293 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 66.
- 294 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 73.
- 295 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 75.
- 296 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 112.
- 297 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 123.
- 298 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 150.
- 299 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 156.
- 300 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 158.
- 301 GLASER, *Alvorada Nova*, p. 188-189.
- 302 CRISTIANO, *Aconteceu na Casa Espírita*, p. 1.
- 303 FIGUEIREDO, *O testemunho dos sábios*, p. 415-424,
passim.
- 304 ARAÚJO, *Cidades espirituais: muitas moradas*, p. 10.

- 305 ARAÚJO, *Cidades espirituais: muitas moradas*, p. 17.
- 306 ARAÚJO, *Cidades espirituais: muitas moradas*, p. 19.
- 307 ARAÚJO, *Cidades espirituais: muitas moradas*, p. 23.
- 308 ARAÚJO, *Cidades espirituais: muitas moradas*, p. 61.
- 309 ARAÚJO, *Cidades espirituais: muitas moradas*, p. 71.
- 310 ARAÚJO, *Cidades espirituais: muitas moradas*, p. 73.
- 311 ARAÚJO, *Cidades espirituais: muitas moradas*, p. 71.
- 312 KARDEC, *O Livro dos Médiuns.*, p. 230.
- 313 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 327-331 e KARDEC, *Catálogo Racional: Obras Para se Fundar Uma Biblioteca Espírita*, p. 40.
- 314 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 297-298; KARDEC, *Catálogo Racional: Obras Para se Fundar Uma Biblioteca Espírita*, p. 40 e DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 36.
- 315 PEREIRA, *Recordações da Mediunidade*, p. 23 (tb 29, 55, 128, 129, 163 e 165).
- 316 OWEN, *A Vida Além do Véu*, p. 164 (for levado a ver as regiões que descrevia mediunicamente)
- 317 DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 68.
- 318 CUNHA, *Cidade no Além*, p. 25, (desdobrou-se até Nosso Lar)
- 319 DAMO, *Moradas Espirituais: Visitas a Vinte Colônias*, p. 18 (visitas oníricas);
- 320 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 13. (visões).
- 321 PRAAGH, *Espíritos Entre Nós*, p. 9.
- 322 BROWNE, *O Outro Lado da Vida*, p. 10.
- 323 BOZZANO, *O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas*, p. 58.
- 324 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 51 (sonambulismo atento).
- 325 LEONARD, *Minha vida em dois mundos*, p. 11.

- 326 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 324-326.
- 327 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 336-337.
- 328 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 116.
- 329 N.T.: Quando Bozzano desencarnou, em 1945, ele não conhecia as obras psicografadas sobre o assunto, pelos médiuns Francisco Cândido Xavier, no Brasil, e Anthony Borgia, na Inglaterra. (N.T.)
- 330 BOZZANO, *O Espiritismo e as manifestações psíquicas*, p. 69-71.
- 331 ROWE, *Friendship in death: in twenty letters from the dead to the living*, disponível em:
https://archive.org/details/bim_eighteenth-century_friendship-in-death-in-rowe-elizabeth-singer_1760_0/page/n5/mode/2up
- 332 ROWE, *Friendship in Death: in Twenty Letters from the Dead to the Living*, p. 25.
- 333 ROWE, *Friendship in Death: in Twenty Letters from the Dead to the Living*, p. 30.
- 334 ROWE, *Friendship in Death: in Twenty Letters from the Dead to the Living*, p. 33.
- 335 ROWE, *Friendship in Death: in Twenty Letters from the Dead to the Living*, p. 35.
- 336 ROWE, *Friendship in Death: in Twenty Letters from the Dead to the Living*, p. 192.
- 337 DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 38.
- 338 N.T.: Que haja uma infinita variedade e nunca alguma coisa é a mesma que outra (n. 7326, 9002). Que nos céus, também, haja uma variedade infinita (n. 684, 690, 3744, 5598, 7236). Que as variedades nos céus sejam variedades do bem (n. 3744, 4005, 7236, 7833, 7836, 9002). Que, por isso, todas as sociedades nos céus e cada um dos anjos nas sociedades se distinguem uns dos outros (n. 690, 3241, 3519, 3804, 3986, 4067, 4149, 4263, 7236, 7833, 7836). Mas que, ainda assim, todos fazem um pelo amor ao SENHOR (n. 457, 3986).

- 339 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 21.
- 340 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 28-29.
- 341 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 51.
- 342 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 89.
- 343 N.T.: Que todos no céu íntimo estejam na inocência e, por isso, apareçam nus (n. 154, 165, 297, 2736, 3887, 8375, 9960). Que a inocência seja representada no céu pela nudez (n. 165, 8375, 9960). Que os inocentes e castos não tenham pudor da nudez, porque não têm escândalo (n. 165, 213, 8375).
- 344 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 91-92.
- 345 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 94.
- 346 N.T.: Que todo homem e toda sociedade, assim, a pátria e a igreja e, num sentido universal, o reino do SENHOR, sejam o próximo; e que fazer bem pelas pelo amor do bem segundo a qualidade de seu estado seja amar o próximo, assim, que o bem deles, que também é o bem comum, que deve ser considerado, seja o próximo (n. 6818-6824, 8123). Que também o bem civil, que é o justo, seja o próximo (n. 2915, 4730, 8120-8123). Dai, que a caridade para com o próximo se estenda a todas e cada uma das coisas da vida do homem e que amar o próximo seja amar o bem e fazer o bem pelo amor do bem e do vero, como também o justo pelo amor do justo, em toda função e toda obra (n. 2417, 8121-8124).
- 347 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 108.
- 348 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 223-224.

- 349 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 225-226.
- 350 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 231.
- 351 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 264-266.
- 352 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 268-269.
- 353 N.T.: Que se façam vastações na outra a vida, isto é, que os que vão do mundo para lá sejam vastados (n. 698, 7122, 7474, 9763). Que os probos sejam vastados quanto aos falsos e os maus quanto aos veros (n. 7474, 7541, 7542). Que nos probos também se façam vastações, para que sejam despojados das coisas terrestres e mundanas que contraíram quando viveram no mundo (n. 7186, 9763) e para que os males e falsos sejam removidos e, assim, haja onde influir os bens e veros do céu provenientes do SENHOR e haja a faculdade de recebê-los (n. 7122, 9330). Que não possam ser elevados ao céu antes de tais coisas serem removidas, porque elas impedem e não concordam com as celestes (n. 6928, 7122, 7186, 7541, 7542, 9763). Que assim sejam também preparados os que devem ser elevados ao céu (n. 4728, 7090). Que seja perigoso vir ao céu antes de se estar preparado (n. 537, 538). Do estado de iluminação e de alegria daqueles que saem da vastação e são elevados ao céu e de sua recepção ali (n. 2699, 2701, 2704). Que a região onde se fazem essas vastações se chame terra inferior (n. 4728, 7090). Que essa região esteja sob as plantas dos pés, cercada pelos infernos; sua qualidade é descrita (n. 4940-4951, 7090), Pela experiência (n. 699). Quais são os infernos que infestam e vastam mais do que os outros (n. 7317, 7502, 7545). Que aqueles que tinham infestado e vastado os bons, em seguida os temem, fogem deles e os têm em aversão (n. 7768). Que as essas infestações e vastações se fazem de diversos modos, segundo a aderência dos males e falsos e que persistam segundo a

qualidade e quantidade deles (n. 1106-1113). Que alguns queiram de boa vontade ser vastados (n. 1107). Que alguns sejam vastados por temores (n. 4942). Alguns pelas infestações de seus males, que praticaram no mundo e pelos seus falsos, que pensaram no mundo, donde têm ansiedades e dores de consciência (n. 1106). Alguns, pelo cativoiro espiritual, que é a ignorância e a interceptação do vero conjunta ao desejo de saber os veros (n. 1109, 2694). Alguns, durante o sono; outros durante o estado médio entre a vigília e o sono (sobre isso, n.1108). Os que puseram mérito nas obras, esses aparecem a si mesmos como se a racharem lenha (n. 1110). Outros de outros modos, com muita variedade (n. 699).

- 354 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 279-281.
- 355 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 320.
- 356 PIRES, *O Espírito e o tempo*, p. 103.
- 357 PIRES, *O Espírito e o tempo*, p. 105.
- 358 MIRANDA, *Swedenborg, uma análise crítica*, p. 76-77.
- 359 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 298-299.
- 360 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 294-295.
- 361 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 296.
- 362 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 297-298.
- 363 KARDEC, *Catálogo Racional: Obras Para se Fundar Uma Biblioteca Espírita*, p. 40.
- 364 DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 68.
- 365 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 55-56.
- 366 LEONARD, *Minha Vida em Dois Mundos*, p. 21-22.
- 367 LEONARD, *Minha Vida em Dois Mundos*, p. 102.
- 368 LEONARD, *Minha Vida em Dois Mundos*, p. 106-107.
- 369 LEONARD, *Minha Vida em Dois Mundos*, p. 110-111.

- 370 BARBOSA, *No mundo de Chico Xavier*, p. 106-107.
- 371 Anuário Espírita 1969 – *Entrevista de Francisco Cândido Xavier* (ao repórter Saulo Gomes), em 14.05.1968, p. 88; GENTILE e ARANTES, *Entrevistas*, 9 – A cidade “Nosso Lar”, p. 23-24.
- 372 NOBRE, *Lições de Sabedoria: Chico Xavier nos 23 Anos da Folha Espírita*, p. 228.
- 373 FEB (site), *Dados Biográficos de Yvonne A. Pereira para a Federação Espírita Brasileira*, disponível em: https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2019/12/Yvonne_do_Amaral.pdf
- 374 PEREIRA, *Memórias de um suicida*, p. 9.
- 375 CUNHA, *Cidade no além*, p. 25-26.
- 376 DAMO, *Moradas espirituais: visitas a vinte Colônias*, p. 17-18.
- 377 DAMO, *Moradas espirituais: visitas a vinte Colônias*, p. 19-22.
- 378 SINGH, *Visões do mundo espiritual*, p. 13.
- 379 SINGH, *Visões do mundo espiritual*, p. 27.
- 380 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 160.
- 381 SINGH, *Visões do mundo espiritual*, p. 52-53.
- 382 SINGH, *Visões do mundo espiritual*, p. 53-54.
- 383 SINGH, *Visões do mundo espiritual*, p. 57.
- 384 SINGH, *Visões do mundo espiritual*, p. 66.
- 385 PRAAGH, *Espíritos entre nós*, p. 61-71.
- 386 BROWNE, *O outro lado da vida*, p. 24-25.
- 387 BROWNE, *O outro lado da vida*, p. 221-224.
- 388 FEB, *A emancipação da alma*, link: <http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/M%C3%B3dulo-1-Tema-10-A-emancipa%C3%A7%C3%A3o-da-alma.pdf>, slide 4.

- 389 MOODY JR, *Reflexões sobre vida depois da vida*, p. 27-28.
- 390 MOODY JR, *Reflexões sobre vida depois da vida*, p. 30.
- 391 GUGGENHEIM, *Um alô do Céu: um vasto campo de pesquisa, comunicação pós-morte, confirma que a vida e o amor são eternos*, p. 318-320.
- 392 LONG e PERRY, *Evidências da vida após a morte*, p. 22.
- 393 SERRANO, *Os que voltaram para contar*, p. 33-34.
- 394 ALEXANDER, *Uma prova do céu*, p. 35-38.
- 395 ALEXANDER, *Uma prova do céu*, p. 44-45.
- 396 ALEXANDER, *Uma prova do céu*, p. 47.
- 397 ALEXANDER, *Uma prova do céu*, p. 15-16.
- 398 ALEXANDER, *Mapa do céu*, p. 69.
- 399 ALEXANDER, *Mapa do céu*, p. 110.
- 400 Link: <http://www.victorzammit.com/>
- 401 Out-of-body experience = experiência fora do corpo
- 402 MULTIDIMENSIONAL MAN, *Do we dissolve into nothingness when que die?*, disponível em:
http://www.multidimensionalman.com/Multidimensional-Man/Astral_Travel_and_life_after_death.html
- 403 VICTOR ZAMMIT, *Out-of-body experiencers all agree that we go to a real word*, disponível em:
<http://www.victorzammit.com/archives/2018/April13th2018.htm>
- 404 Antoine-Laurent de Lavoisier (Paris, 26 de agosto de 1743 – Paris, 8 de maio de 1794) foi um nobre e químico francês fundamental para a revolução química no século XVIII, além de ter grande influência na história da química e na história da biologia. Ele é considerado na literatura popular como o “pai da química moderna”. Foi eleito membro da Royal Society em 1788. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Antoine_Lavoisier)
- 405 RICHET, *A grande esperança*, p. 78.

- 406 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 18.
- 407 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 70.
- 408 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 184-186.
- 409 MAIA, *Filosofia Espírita - Vol. V*. disponível em:
<http://www.olivrodosespiritoscomentado.com/fev5q224c.html>
- 410 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 283.
- 411 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 301.
- 412 SILVA NETO SOBRINHO, *O concurso de quantos médiuns será necessário para se ter o Controle Universal?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/o-concurso-de-quantos-mediuns-sera-necessario-para-se-ter-o-controle-universal>
- 413 CROSSAN, *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*, p. 32.
- 414 KARDEC, *O Evangelho segundo o Espiritismo* (trad. Herculano Pires), p. 18-26.
- 415 FERNANDES, *Maria João de Deus e suas cartas*, disponível em:
http://www.casadocaminhosc.com.br/_artigos/147-cartas-de-chico.html
- 416 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 176-177.
- 417 Biografia Ernesto Bozzano, disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ernesto_Bozzano
- 418 PEREIRA, *Devassando o invisível*, p. 32-35.
- 419 XAVIER, *Libertação*, p.7-11.
- 420 DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 392.
- 421 DENIS, *Espíritos e médiuns*, p. 98.